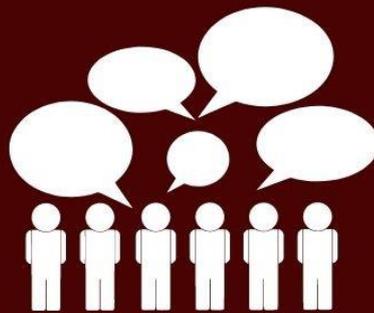


Andréa Thees
(Organizadora)



COLETÂNEA DE PESQUISAS DE OPINIÃO

Desenvolvidas por Graduandos de
Licenciatura em Pedagogia da UNIRIO

Volume II - 2021



Andréa Thees
(Organizadora)

**COLETÂNEA DE PESQUISAS DE OPINIÃO DESENVOLVIDAS POR
GRADUANDOS DA LICENCIATURA EM PEDAGOGIA DA UNIRIO**

Editora UNIRIO
Rio de Janeiro
2022

ORGANIZADORA | Andréa Thees

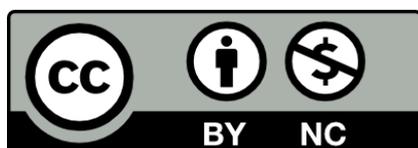
COLABORADORAS | Amanda Soares e Ana Clara Ventura

REVISÃO | Pedro Henrique Nascimento

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO | Gabriel Klajman Messer

CAPA | Ana Clara Ventura

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Esta coletânea está sob os direitos da Creative Commons 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Coletânea de pesquisas de opinião [livro eletrônico] : desenvolvidas por graduandos da Licenciatura em Pedagogia da UNIRIO / organização Andréa Thees. -- Rio de Janeiro, RJ : UNIRIO, 2022. -- (Estatística, Sociedade e Educação ; 2)
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-86694-07-9

1. Ensino superior 2. Estatística - Métodos
3. Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião (NEPSO)
4. Opinião pública - Pesquisas 5. Pedagogia
6. Professores - Formação I. Thees, Andréa.
II. Série.

22-104147

CDD-370.723

Índices para catálogo sistemático:

1. Pesquisa de opinião : Educação 370.723

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Apresentação

O segundo volume da Coletânea de Pesquisas de Opinião foi elaborado dando continuidade ao primeiro volume e à proposta de divulgação dos trabalhos realizados pelos discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, que a cada período vem mostrando uma maior variedade e abrangência de temas.

No primeiro volume, foram publicados os relatórios finais produzidos pelos grupos em 2020. Neste volume, os trabalhos de 2021 foram igualmente reunidos em capítulos e organizados em duas partes, sendo a primeira parte com as pesquisas de opinião finalizadas no primeiro semestre e a segunda parte, para o material produzido no segundo semestre, como feito no volume anterior.

O referencial teórico-metodológico utilizado nas pesquisas desta coletânea se baseia nas publicações do Programa Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião - NEPSO, que visa incentivar professores e estudantes a realizar projetos de pesquisas educativas de opinião. O programa NEPSO proporciona uma metodologia que envolve os participantes, criando oportunidades de compreender aspectos importantes da realidade e do contexto investigados. A escolha do tema e a elaboração do projeto, que pode ter caráter interdisciplinar, se baseia na ideia de que a pesquisa de opinião pode ter alto valor pedagógico.

Em 2021, após um período de adaptação ao novo normal, que ocorreu ao longo de 2020, a maioria dos discentes inscritos na disciplina obrigatória de Estatística Aplicada à Educação - EAE, pareceu ter conseguido se estruturar nos aspectos emocionais, financeiros e tecnológicos. Isto ficou evidente a partir de uma maior participação nas aulas síncronas, que tiveram um incremento razoável no número de discentes online, inclusive com a inscrição de alunos cursando períodos diferentes daquele em que a disciplina é oficialmente ofertada, ou seja, no 4º período.

Essa maior interação resultou na escolha de temas mais bem estruturados para a realização das pesquisas de opinião, o que acarretou análises e recomendações mais críticas e aprofundadas. Além disso, houve redução no número de alunos por grupo, que ficou limitado à quatro integrantes e permitiu aumentar, assim, o engajamento de todos na execução das etapas da pesquisa.

Acreditamos que a leitura dos capítulos que compõem esse volume, bem como do volume anterior, pode evidenciar a abrangência e o potencial inovador do uso da pesquisa de opinião como ferramenta que pode contribuir para múltiplos objetivos educacionais. Esperamos que os futuros professores, atualmente em processo de formação inicial, possam aplicar os conhecimentos por hora adquiridos em suas salas de aula.

Andréa Thees (Organizadora e ministrante da disciplina EAE)

Ana Clara Ventura (Monitora de EAE e graduanda em Pedagogia)

Amanda Soares (Monitora de EAE e Pedagogia)

Prefácio

Caro leitor,

O livro que você está começando a ler traz trabalhos de estudantes de Licenciatura em Pedagogia que vivenciaram a experiência pedagógica de realizar projetos de pesquisas abraçando o desafio proposto na disciplina Estatística Aplicada à Educação. O resultado evidencia a importância do conhecimento estatístico na pesquisa em Educação. Aplicar na vida real o que se estuda no âmbito acadêmico é um grande desafio e deveria ser uma prática nos cursos de formação profissional. Articular teoria e prática deveria ser uma experiência cotidiana no processo de ensino e aprendizagem. Não deve ter sido uma tarefa fácil, mas os relatos mostram como os conteúdos de Estatística estudados podem ajudar a planejar e a realizar um projeto de pesquisa, além de poderem ser aprimorados e sistematizados quando vividos na prática. Coletar os dados, criticá-los, organizá-los, fazer inferências sobre os resultados encontrados e publicá-los para leitores como você. A conexão entre os diferentes olhares e vivências culturais de quem pesquisa e aprende com os sujeitos das populações estudadas, a seleção das amostras, o estabelecimento de variáveis a serem investigadas e a análise crítica dos dados coletados valorizam os trabalhos publicados. Particularmente, na primeira parte desse livro, pode-se observar uma tendência na necessidade de se registrar as angústias, preocupações e a vida durante o período de pandemia e do isolamento imposto pela Covid-19. Vocês conhecerão as inferências e análises feitas por futuros pedagogos aos dados coletados por eles mesmos: informações que mostram a realidade de pais tentando mediar o tempo de filhos usando a telinha e de professores e estudantes tentando a familiarização com as câmeras durante o ensino remoto. Mostram ainda tratamento de dados sobre a utilização de jogos virtuais, inclusão digital e alguns impactos da pandemia na docência, no ensino e na aprendizagem. Temas mais variados estão disponibilizados na segunda parte desse livro. Todos eles, entretanto, mostram aspectos etnomatemáticos ao trazerem, para reflexões críticas, dados estatísticos colhidos da realidade e da variada sociedade do Rio de Janeiro. Mesmo sendo dados colhidos de uma amostra pequena do universo em estudo, têm sua representatividade e podem ajudar você leitor a fazer uma leitura do que pensam, sentem, vivem e fazem diferentes grupos sociais que habitam alguns bairros de algumas cidades do nosso país.

Boa leitura!

Ana Maria Carneiro Abrahão

Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática - EDMAT/UNIRIO

Coordenadora de Estatística na Licenciatura em Pedagogia a Distância – LIPEAD/UNIRIO

Sumário

Parte I: 1º semestre

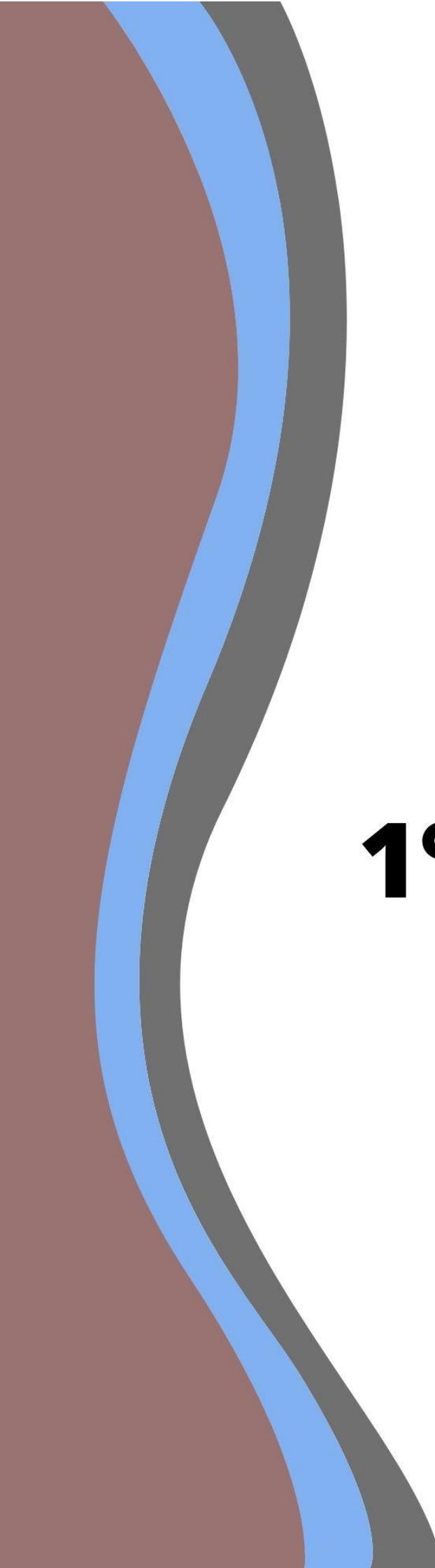
A MEDIAÇÃO DOS PAIS/RESPONSÁVEIS NO CONSUMO DE TELAS DOS SEUS FILHOS NA PANDEMIA (<i>Ana Carolina Matias da Silva Santos, Ana Carolina Abdala da Silva e Esther Campos de Oliveira Fonseca</i>)	10
ALIMENTAÇÃO E PANDEMIA (<i>Emmyli Soares, Gabrielle Severino, Larissa Lopes e Nayara Araujo</i>).....	21
DESCONFORTOS PARA O USO DO MICROFONE E DA CÂMERA NO FORMATO REMOTO EMERGENCIAL (<i>Aline Carla Azevedo Matos Santos, Gregory Rodrigues da Silva, Isabelle Dias Portella e Luís Philippe Ramos de Araújo Silva</i>).....	27
ESTUDANTES EM SITUAÇÃO DE PRÉ-VESTIBULAR DURANTE A PANDEMIA (<i>Cléo Seabra, Keila Alvarenga, Vicente Araújo e Vitória Moreira</i>)	37
ESTUDAR REMOTAMENTE É MELHOR PARA QUEM MORA LONGE? (<i>Aline Souza de Alvarenga, Amanda Barrozo Guimarães, Brenda Marques dos Santos, Laís Conceição dos Santos e Lucia Maia Marinho</i>).....	49
FERRAMENTAS E METODOLOGIAS DE ENSINO NO CONTEXTO DAS AULAS REMOTAS (<i>Andressa Andrade, João Montaleone, Natalie Bueno e Paulo Henrique Ferreira</i>)	69
IMPACTO CAUSADO PELOS JOGOS VIRTUAIS NOS JOVENS E SEU RELACIONAMENTO COM A LITERATURA (<i>Bruno Bernardo Maciel e Lucas de Carvalho Sayão</i>)	81
IMPACTOS DA PROPOSTA DE DEMOLIÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL DOUTOR CÍCERO PENNA E A NECESSIDADE DE IMPLEMENTAÇÃO DA PESQUISA DE OPINIÃO COMO RECURSO CIDADÃO (<i>Cristiane Alexandre Da Silva, Joana Dias Pereira Tibau Motta, Márcia Cristina De Aguiar Damas e, Mônica Soraya A. R. Teixeira Ervilha</i>).....	90
O IMPACTO DA INTERNET NA INFÂNCIA: O QUE AS CRIANÇAS CONSOMEM NAS REDES SOCIAIS? (<i>Carolina Ribeiro de Sousa, Isabele Barbosa Teixeira e Lorrane Alves Barreto da Silva</i>).....	100
O INCENTIVO AO HÁBITO DA LEITURA PARA CRIANÇAS ENTRE 03 ANOS E 12 ANOS (<i>Marianna Botti Motta Ramos, Patrícia Andrade Fernandes e Rosane de Brito Rocha</i>)..	113
OS IMPACTOS DA PANDEMIA NA QUALIDADE DE VIDA DO CORPO DOCENTE NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (<i>Ana Beatriz Souto Pedro, Ismael Alves Pereira Filho, Manuela Asevedo Dos Santos Inacio e Mariana Gonçalves Lima</i>)	120

PESQUISA DE OPINIÃO SOBRE O AUXÍLIO DE INCLUSÃO DIGITAL (MODALIDADE SIM CARD) (<i>Giulia Simões da Costa</i>)	139
RELACIONAMENTOS ENTRE A JUVENTUDE: UMA PERSPECTIVA PARA ALÉM DA MONOGAMIA (<i>Ingrid Peixoto, Jaqueline Lopes e João Vitor Jardim</i>)	147
TEMPO: O RELACIONAMENTO ENTRE UNIVERSIDADE E ATIVIDADE FÍSICA EM TEMPOS DE PANDEMIA (<i>Ayend Hammad, Larissa Araujo, Maria Eduarda Marsal e Raphaella Motta</i>)	155

Parte II: 2º semestre

ACESSO À CULTURA E LAZER NO RIO DE JANEIRO (<i>Ana Beatriz Salles Santana Barros, Herika Marques Barcelos Lima, Larissa Beatriz Ribeiro Torres, Nicole Costa Papa Mangia</i>)	167
ACESSO À LITERATURA (<i>Jefferson de Oliveira Soares, Kellen Dias</i>).....	175
ADULTIZAÇÃO PRECOCE: A INFÂNCIA SENDO ROUBADA (<i>Ana Clara Aguiar, Gabriela Rosa, Isabela Martinho, Luisa de Valois, Marina Rezende</i>)	184
BULLYING NOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO (<i>Camilla Silva, Kaio Jorge, Maria Eduarda de Oliveira e Victória Vaz</i>)	197
EDUCAÇÃO ESPECIAL: O QUE A LEI DIZ SOBRE ESSE TEMA NAS ESCOLAS E O QUE AS ESCOLAS REALMENTE FAZEM? (<i>Ester Vazquez, Julia Felizardo, Marcelle Silva, Pedro Almeida</i>).....	206
EDUCAÇÃO INCLUSIVA (<i>Alice Desouza Araujo Soares, Lorena Azevedo Terto dos Santos, Sabrina Gomes Gonçalves, Victória Viana Vivarini da Silva</i>).....	219
ESTUDANTES DE PEDAGOGIA E O MERCADO DE TRABALHO (<i>Gilmar Paulino dos Santos Bosco, Giulia Dantas Henriques Santiago, Jaciany Ferreira Honório</i>)	234
EVASÃO UNIVERSITÁRIA (<i>Beatriz Marinho Gomes Da Costa, Danilo Santana Gomes, Marcelly Pereira Brandão, Roberta de Aquino Sandre Pereira Matos</i>)	243
EXPECTATIVAS PARA O RETORNO DAS ATIVIDADES PRESENCIAIS NA UNIRIO (<i>Ana Paula Martins dos Santos, Laryssa Moulin Oliveira, Rafaela Bernardino Oliveira, Rosemary Ramos Gonçalves</i>).....	248

INADIMPLÊNCIA FINANCEIRA (<i>Aline Xavier, Anna Victória, Laura Fernanda e Mariluze Sobrinho</i>)	265
LEITORES BRASILEIROS NA ATUALIDADE (<i>Ana Paula Dias, Larissa Rodrigues da Silva, Maria Alice Almeida, Renata Evelyn Moraes</i>)	273
USO DO PRONOME NEUTRO (<i>Beatriz Passos Guimarães Uzêda, Isabelle Santos Costa Sgarbi Goulart, Maria Beatriz Martinez Figueiredo, Maria Felícia Tavares Lopes</i>)	285



Parte I: 1° Semestre



A MEDIAÇÃO DOS PAIS/RESPONSÁVEIS NO CONSUMO DE TELAS DOS SEUS FILHOS NA PANDEMIA

*Ana Carolina Matias da Silva Santos,
Ana Carolina Abdala da Silva e
Esther Campos de Oliveira Fonseca*

Introdução

Vivendo no contextual de mundo contemporâneo em que as imagens estão circulando com cada vez mais intensidade e velocidade, e que somos mais confrontados a viver imersos em telas, observamos que nas últimas décadas, as crianças estão aprendendo cada vez mais cedo com os desenhos animados, vídeos, etc. (FERNANDES, 2010, p.14). Desse modo, tal afirmativa ampliou-se ainda mais no atual contexto mundial causado pela COVID-19, em que recebemos um grande fluxo de novas informações através das telas. Mediante a essas informações, nossa pesquisa buscou entender e descobrir como ocorrem as mediações dos pais/responsáveis com as crianças em relação ao consumo de telas nesse cenário de pandemia. Essa reflexão busca justamente entender que nessa complexidade e imbricamento de ambientes culturais, as redes sociais se afirmam como um espaço no qual os saberes são construídos e compartilhados entre as crianças pelas redes transnacionais e internacionais (MARTÍN-BARBERO, 2009). Entretanto, quem poderia imaginar que iríamos nos deparar com uma pandemia em escala mundial mudando nossas rotinas e estudos presenciais para um formato online agora nomeado como ensino remoto? Por exemplo, poderíamos imaginar a possibilidade de aumento do uso do YouTube Kids e TikTok entre as crianças na pandemia? Afinal, como afirma a célebre frase Freiriana: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire,1989, p.9).

Atrelando a construção da cultura com as imagens que narramos no mundo, pesquisar sobre infância e mídia nos dias atuais em contexto de pandemia é entender como ocorrem esses consumos pelas crianças. É preciso olhar mais detalhadamente para os conjuntos de interações que elas realizam ao longo da pesquisa do que para os seus conteúdos (MARTIN-BARBERO, 2009). Canclini (2010) afirma, por exemplo, que o consumo é uma prática cultural que serve para que as pessoas sejam diferentes umas das outras, mas que também ao mesmo tempo elas consigam organizar suas opiniões nesse grande fluxo de redes culturais em que vivem. Trazendo para o contexto da infância, é como se criança passasse a integrar uma rede do seu interesse tornando-se membro daquele grupo específico. É nesse emaranhado de informações que a criança é tomada por suas especificidades sociais, seja raça, etnia, gênero, classe, escolaridade, etc. O conjunto das múltiplas experiências produzidas por essas condições, resulta em uma pluralidade de infâncias levando em consideração a cultura e período histórico em que a criança vive, razão pela qual esse período da vida não deve ser compreendido como natural, mas como uma construção social (ARIÉS, 1978).

Justificativa

De uma hora para outra, pais e responsáveis foram pegos de surpresa por uma pandemia em escala mundial que muda suas vidas pelas próximas décadas e, conseqüentemente, na dinâmica familiar entre dividir atenção aos seus filhos, trabalhar no famoso “home office” e outros diversos estrangeirismos e novos significados que foram adotados. Quais modelos de mediação são usados pelos pais / responsáveis? Existe uma diversidade considerável de terminologias que se referem à mediação, como: monitoramento, qualidade de comunicação, Mediação restritiva, Mediação autoritária, autoritativa e estilo Laissez-faire, mediação ativa, supervisão, entre outros. Alguns desses monitoramentos vieram com a facilidade advinda da tecnologia e das formas de entretenimento através das redes sociais como por exemplo o YouTube. O YouTube¹ foi criado em 2005, nos Estados Unidos. De acordo com o site CanalTech, a plataforma de stream possui atualmente mais de 1 bilhão de usuários em 88 países que assistem um bilhão de horas de vídeos por dia. De acordo com a empresa, a missão do YouTube é dar a todos uma voz e revelar o mundo. Já o Youtube Kids, lançado em fevereiro de 2015, só chegou ao Brasil em junho de 2016, é um serviço voltado para crianças e finalmente chega por aqui com versões para iOS e Android. A ideia é oferecer uma ferramenta restrita na qual vídeos impróprios para crianças serão filtrados. Além disso, um dos focos da nova ferramenta também é dar mais controle para os responsáveis, que podem conferir exatamente aquilo que seus filhos estão vendo em um tablet ou smartphone. Com o foco nas crianças, a sua interface possui mais cores e é significativamente diferente do aplicativo convencional da plataforma de vídeos tradicional.

A partir dessas afirmativas sobre o streaming do YouTube, pensamos em Infância desde o século XX até os dias atuais, quando ela se torna um sujeito de direitos protegidos, por leis, éticas mediante os aumentos significativos dos usos de telas para estudo ou lazer. Quando falamos em infância, não podemos nos referir a esta etapa da vida de forma simples e abstrata, mas sim como um conjunto de fatores que corrobora determinadas posições em que incluem a família, a escola, pai, mãe, entre outros que colaboram para que haja determinados modos de pensar e viver a infância.” (Ariés, 1978, p.113). Além desse exemplo, em que fatores e sujeitos externos ajudam a construir esse cenário para criança, principalmente com as mídias, diversos campos como por exemplo o da Cultura Visual inserem-se lentamente nos debates do consumo de telas das crianças, já² que pensamos na infância como um período de construção do mundo. Afinal, as crianças estão crescendo cada vez mais imersas em um monte de telas. As investigações ajudam a compreender que, ao interpelar as crianças por meio de produções culturais, os dispositivos midiáticos permitem que elas se percebam no cenário social e, assim, vão construindo suas visões de mundo. Pode-se concluir que a criança passa a se tornar sujeito ativo e participante nas tomadas de decisões sobre o que quer ver ou ouvir, ampliando as possibilidades de criarem novas histórias, desenhos, brincadeiras, músicas, etc. Mas, como tratar desse consumo de forma consciente

¹ Essas e outras informações sobre o YouTube podem ser consultadas através do link disponível em: <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/press/>. Acesso no dia 24.Ago.2021

² Tivemos acesso a várias pesquisas sobre crianças e mídia desde as mais antigas até algumas atuais (FERNANDES, 2012; DALETHESE, 2020; GIRARDELLO, HOFFMANN e VITORINO, 2021)

sem que prejudique as zonas de desenvolvimento e aprendizagem da criança? Abaixo, temos um exemplo da mediação consciente segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) com crianças de 0 a 10 anos.

LONGE DAS TELAS

Saiba qual o limite de uso das tecnologias da informática por crianças e adolescentes



Até 2 anos

- Não manipular qualquer aparelho de tecnologia de informática
- Os pais devem incentivar a criança a brincar, inclusive ao ar livre
- Não usar telas como "babá"
- Não usar telas como brinquedo



2 a 5 anos

- 1 hora diária, sempre com supervisão de adulto



6 a 10 anos

- 1 hora diária
- Não deixar aparelhos no quarto da criança
- Permitir uso em locais aos quais os pais tenham acesso



A partir dos 10 anos

- Até 2 horas diárias
- Estabelecer regras de uso a partir do diálogo



Para todas as idades

- Não usar telas por pelo menos 1 hora antes de dormir
- Não usar telas durante as refeições
- Orientar sobre os riscos de conversas com desconhecidos
- Ensinar a não compartilhar informações pessoais e fotos
- Promover educação digital

Fonte: Betinha Cordeiro Fernandes, membro do comitê de adolescência da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP)

Folha Arte

É importante ressaltar que não estamos negando o caráter biológico que a infância possui, que de fato é um tempo em que a criança está crescendo – aprende a falar, troca a dentição, engatinha para andar, correr, e constrói sua visão de mundo. A questão trazida nessas linhas de pesquisa inicial reside no fato desses processos serem avaliados e geridos de formas distintas em diferentes culturas e classes sociais. Isso demonstra um caráter social, cultural que faz parte da construção da infância. Nesse contexto, a criança também começa a consumir mídia desde pequena. Como os pais ou responsáveis podem controlar esse consumo de maneira que a criança seja independente? A escolha do tema ocorreu mediante a todas as integrantes atuarem na área de Educação em um contexto de pandemia com ensino híbrido ou 100% online, no qual as crianças estão cada vez mais imersas nas telas, em especial no YouTube e TikTok (Revista Confira, 2020).

Objetivos

Nós visamos descobrir, de maneira inicial, as formas de mediações que os pais exercem sobre seus filhos com as telas e a consciência das crianças e dos pais frente ao consumo desses recursos. Este projeto tenta dialogar com a experiência de uma das integrantes que é professora de inglês e bolsista de Iniciação Científica que estuda as reflexões sobre as visualidades dos desenhos animados veiculados em inglês na Plataforma YouTube Kids. O objetivo de sua pesquisa é entender como ocorre o consumo dos desenhos animados (em

inglês) pelas crianças no YouTube percebendo as relações e percepções das crianças com as imagens no seu cotidiano. Como parte dessas reflexões, um dos recortes da pesquisa é a percepção do papel dos pais como mediadores dessas relações das infâncias com um dos conteúdos da mídia aqui representados pelos desenhos animados. Trata-se do consumo da criança e o contexto em que ocorre. Além disso, como todas são graduandas de Pedagogia, buscamos analisar como os pais/responsáveis interferem nas escolhas dos seus filhos em relação ao consumo das telas, filhos esses em que nós professores, auxiliares, diretores precisamos lidar na escola?

Procedimentos Metodológicos

Utilizamos uma metodologia de pesquisa de opinião, seguindo o método sugerido pelo projeto Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião NEPSO.

População, Amostra e Técnica de Amostragem

Definimos como público-alvo os pais, responsáveis ou qualquer adulto que tenha convivência com crianças de até 10 anos que se deparam com o ensino remoto na pandemia (aulas em casa durante o expediente, tendo que conciliar trabalho, atenção aos filhos e mediação do consumo de telas). A amostra ficou restrita somente aos pais e responsáveis. Optamos por uma técnica de amostragem mais simples que abrangeu os pais e responsáveis de um modo geral no Rio de Janeiro, nas escolas em que as autoras deste trabalho atuam como estagiárias. A técnica utilizada para coleta de dados será através de questionário online com 9 questões de maneira que não seja cansativo para os participantes.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

Devido às condições que ainda enfrentamos mediante a espera das duas doses da vacinação, distanciamento social e disponibilidade, a coleta de dados foi realizada à distância através do Google Formulário. O endereço eletrônico do formulário foi disponibilizado através das Mídias Sociais (WhatsApp, Facebook e Instagram) com foco nos grupos das Escolas em que as integrantes trabalham e que poderiam indicar o link para que as pessoas votassem. O questionário ficou disponível do dia 06 a 26 de agosto de 2021 e obtivemos 50 respostas.

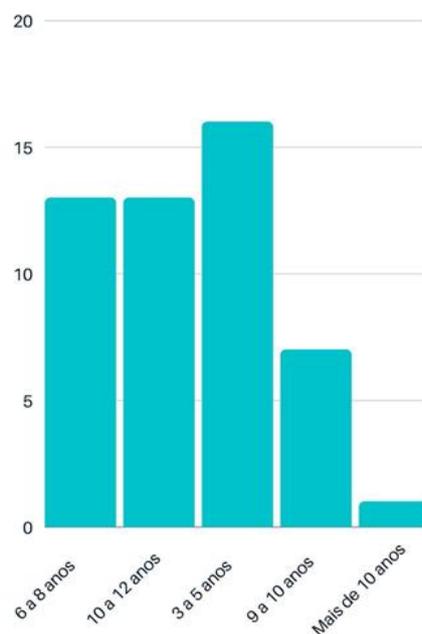
Apresentação e Análise dos Dados

Para a realização da nossa pesquisa, obtivemos cerca de 50 respostas pelo formulário com pais e responsáveis por crianças. Fizemos perguntas mais gerais como a forma de mediação, se os pais são presentes na realização das atividades escolares em casa com seus filhos, até os aplicativos mais consumidos, seguindo com o referencial teórico encontrado. Por exemplo, os 2 aplicativos mais usados nos anos de 2020 e 2021 são o YouTube e o TikTok, segundo a revista Use Mobile³.

³ Lista dos Aplicativos mais baixados no mundo em 2020 e 2021. Acesso em: <https://usemobile.com.br/aplicativos-mais-baixados/>.

Delimitamos a idade das crianças entre 3 e 10 anos. Consideramos que a amostra coletada foi representativa por termos de equilíbrio nas respostas por faixa etária, observando que cerca de 16 respostas foram de crianças menores, de 3 a 5 anos:

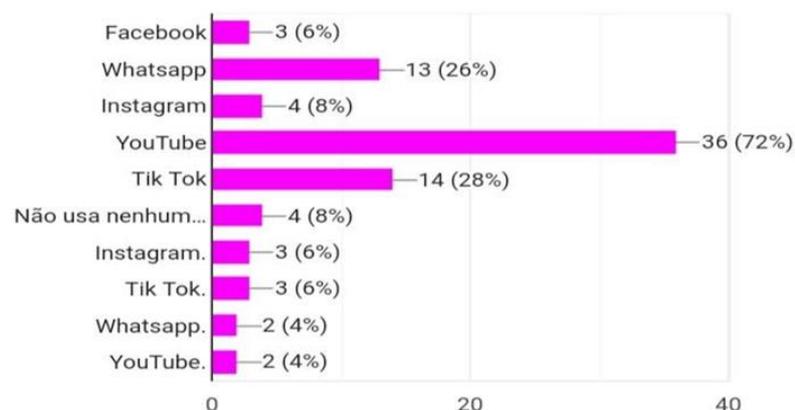
1- QUAL A IDADE DA CRIANÇA QUE VOCÊ É RESPONSÁVEL?



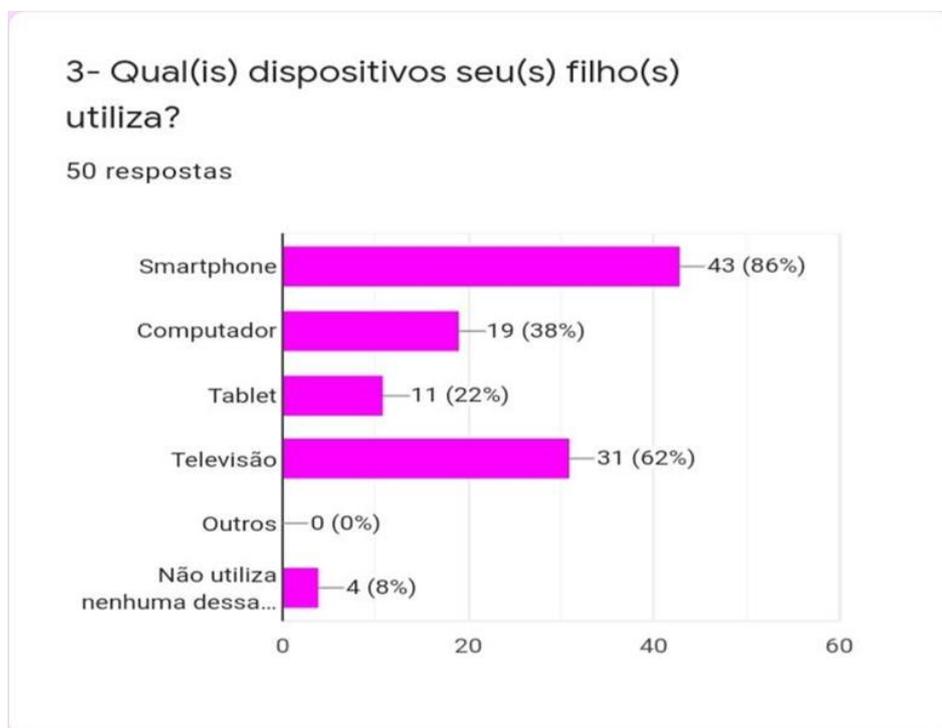
Mesmo com a variedade nas faixas de idade das crianças mais novas até as de 12 anos, o YouTube ainda continua sendo a rede social mais utilizada, obtendo 36 respostas dos pais e responsáveis que responderam o formulário, e o TikTok em 2º lugar com 14 respostas.

2- Qual(is) redes sociais seu(s) filho(s) mais usa?

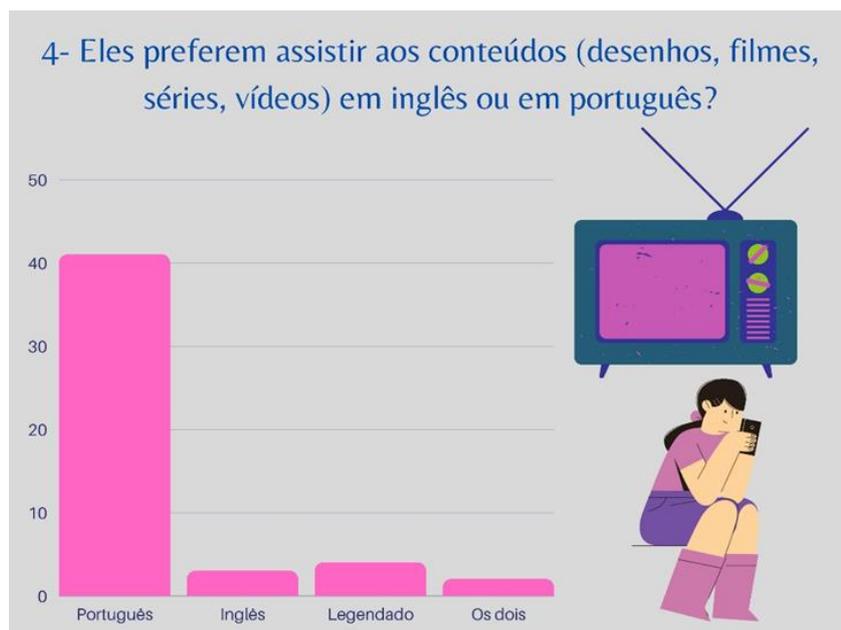
50 respostas



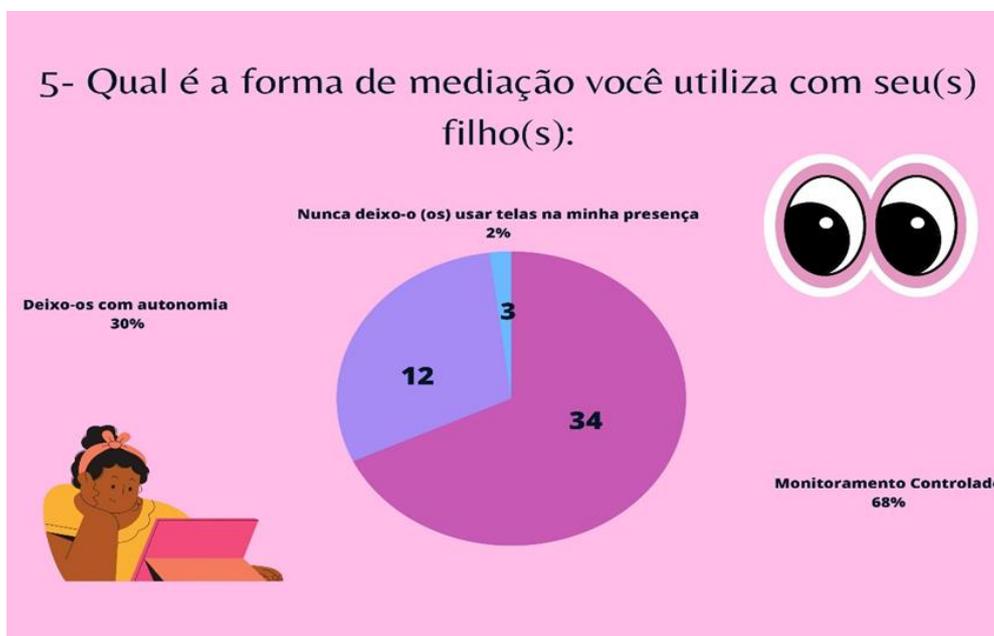
Quando pensamos no estudo das mídias na infância, automaticamente autores como David Buckingham (2006) nos auxiliam abordando informações como, crianças na contemporaneidade descobrem que o aparato tecnológico mais utilizado entre as crianças a partir do século XX é a televisão. Entretanto, da última década até os dias atuais em contexto de pandemia, observamos neste formulário que o Smartphone foi o mais votado na hora das crianças acessarem as telas. A TV se manteve em 2º lugar, e o Computador em 3º lugar:



Chegando-se à uma percepção de que a globalização das imagens pode, talvez, caminhar lado a lado com a globalização da língua estrangeira nessa difusão visual cotidiana, e com a ascensão do ensino bilíngue no Brasil por diversos estudiosos como (Wright, 1986 e White 2006) e essa pergunta visou descobrir se as crianças possuem hábitos de assistir desenhos, filmes e outros conteúdos em inglês. Para surpresa do grupo, 41 respostas foram que o(s) filho(s) assistia conteúdos em português. O inglês ainda é elitizado e menos acessível dependendo da classe social em que essa família se encontra?

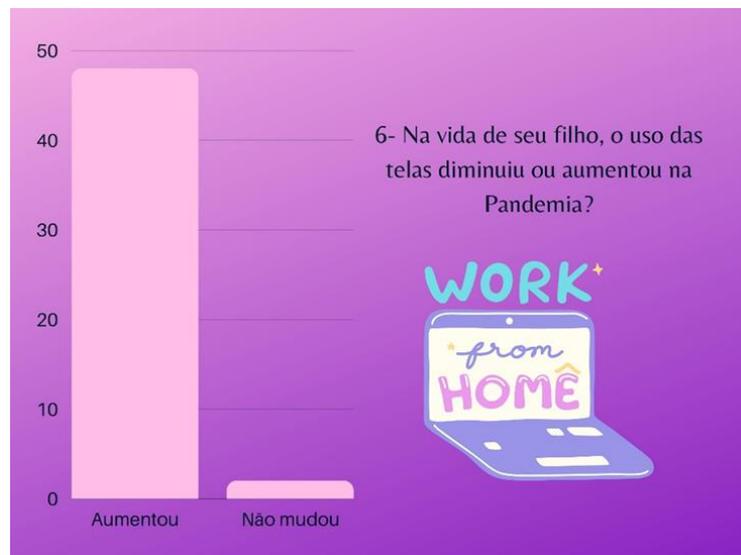


Baseando-se nas referências bibliográficas que têm como enfoque trazer várias formas de mediação dos pais com seus filhos, escolhemos 3 principais na hora de avaliar o quão atentos estão os pais durante essa pandemia. Notamos que 34 respostas foram para supervisão monitorada, enquanto apenas uma pessoa respondeu não deixar seu filho consumir telas em sua presença, contrapondo que, cada vez mais, tem se tornado impossível pais e responsáveis não inserirem as telas, de alguma forma, na vida de seus filhos.



A pergunta mais esperada e ao mesmo tempo assustadora, dadas as circunstâncias da Pandemia, mostrou que 48 pessoas afirmaram que o uso das telas aumentou na pandemia.

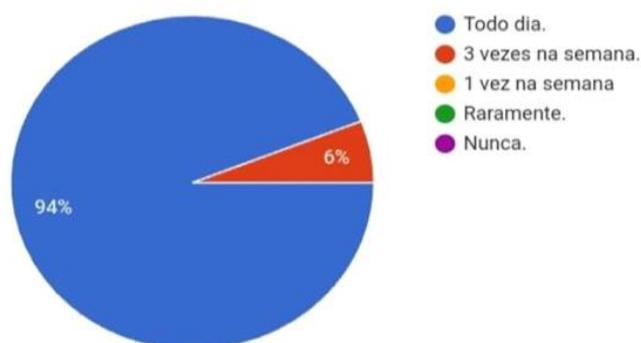
Não obtivemos nenhuma resposta de diminuição desse uso. Estaríamos nós diante de uma nova realidade quase 100% online na vida das futuras gerações? O quão conectadas são as crianças?



Apesar de 5 opções para informar a frequência em que essas crianças consomem telas, 94% dos respondentes afirmaram que seu(s) filho(s) faz uso de aparatos tecnológicos todos os dias. Nenhum respondeu usar uma vez na semana ou que nunca tenham hábito de deixar seu filho consumir nada sobre tecnologia. Colocar em questão essas ideias, no entanto, não é negar as mudanças significativas que realmente têm ocorrido em nossas concepções da infância e na realidade das vidas cotidianas delas com o uso exacerbado das tecnologias. Também não estamos sugerindo que as mídias sejam de algum modo estranhas ou prejudiciais. Simplesmente culpar ou festejar as mídias é superestimar seu poder e subestimar as diversas maneiras como as crianças criam seus próprios significados e prazeres.

7- Com que frequência seu(s) filho(s) costuma usar as telas?

50 respostas

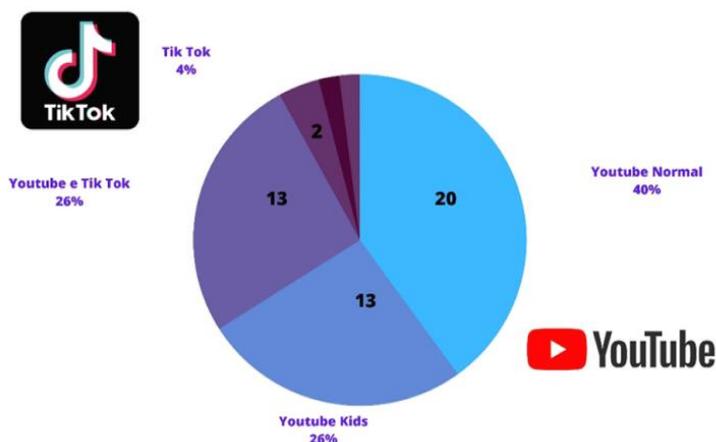


A pergunta mais curiosa desse questionário definitivamente foi a nº 8, por abrir outro recorte: a supervisão dos pais e responsáveis sobre as atividades escolares dos seus filhos. Será que todos os pais possuem acesso ao que seu(s) filho(s) está aprendendo? Como facilitar esse processo e ampliar a comunicação entre pais e filhos através do espaço escolar? Apenas 6 das 50 pessoas responderam não fazer as atividades escolares com seus filhos (deixamos a pergunta aberta sem especificar se é atividade escolar em sala ou para casa visto em que estamos em um contexto de ensino remoto/híbrido):



Baseado em reportagens e outras pesquisas de opinião em que nos debruçamos a estudar, já que falamos sobretudo de vídeos, filmes, séries e desenhos animados com crianças, a pergunta nº 9 focou em descobrir qual aplicativo atualmente é mais utilizado: YouTube ou TikTok, ambos ou nenhum dos dois. 20 respostas foram para o YouTube, enquanto apenas 13 respostas para o YouTube Kids, mostrando que o Kids é menos acessível pelo processo burocrático e termos de responsabilidade para assinar a plataforma, fazendo com que os pais e responsáveis ainda tenham uma supervisão dobrada. Apenas uma resposta afirmou usar outras redes sociais (que também não foram especificadas nessa pergunta), mais uma vez comprovando a popularidade do YouTube no ano de 2021:

9- O seu filho utiliza mais:



Conclusão

Como dito anteriormente, a técnica de amostragem utilizada neste trabalho foi simples e com perguntas mais gerais sobre mediação dos pais e responsáveis no consumo de telas das crianças. Apesar da amostra ter sido restrita, sabemos que a tarefa de ser pai e mãe, sobretudo a maternidade não é fácil em tempos de pandemia. A maneira como a família atua nesse processo mediador e facilitador de informações aos seus filhos é muito complexa, desafiadora e precisa passar por um filtro até que chegue o conteúdo ao seu filho. A internet não é considerada ruim, mas sim um meio de comunicação e interação social que deve ser mediada e negociada com os filhos, descobrindo em quais grupos eles estão inseridos e que tipo de conteúdo estão consumindo. Nessa pesquisa, comprovamos cada vez mais de perto o grande aumento de tempo em frente as telas, que o YouTube entre crianças de até 10 anos ainda continua sendo o aplicativo mais usado por entreter crianças com vídeos, músicas e desenhos mais acessíveis. Esse campo da infância e consumo das mídias têm muito a ser estudado com mais desdobramentos, como por exemplo, para pesquisa da aluna, descobrir as condições socioeconômicas, quantas crianças residem no ambiente, a escolha de uma região do Brasil em relação à outra e no que isso pode influenciar, quais fatores externos além da dinâmica familiar e social pode afetar o desenvolvimento e aprendizagem da criança. A partir desses respondentes, pretendemos seguir para a escolha de um responsável por faixa etária para uma conversa online.

Referências

- ARIÈS, P. A descoberta da Infância. In: _____. História Social da criança e da família. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.
- BUCKINGHAM, David. Crescer na Era das Mídias: após a morte da infância. Tradução de Gilka Girardello e Isabel Orofino. Florianópolis. 2006. Título original: After the death of childhood: growing up in the age of eletronic media. Trabalho não publicado. Buckingham Crescer na era das mídias inteiro.doc. 1 arquivo (760 Kb). Word 2003.
- CANCLINI, Nestor Garcia. O Consumo Serve Para Pensar. In: Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2010, p. 61-73
- DALETHESE, Thamyres. Se inscreve no meu canal: relações entre as crianças e o youtube. Rio de Janeiro, 2017. IN: HOFFMANN, Adriana; TESCH, Rosane e GNISCI, Vanessa. Comunicação, audiovisual e educação: narrativas de pesquisa. Salvador; EDUFBA, 2020.
- FERNANDES, Adriana H. Imagem, criação e diálogo: reflexões sobre o processo de produção narrativa das crianças. Educação On-Line (PUCRJ), v. 6, p. 1-16, 2010.
- GIRARDELLO, G. et al. Pesquisas com infância e mídias: desafios atuais e inspirações. Cad. CEDES [online]. 2021, vol. 41, no. 113, pp. 1-3.
- MAIDEL, S.; VIEIRA, M. L. (2015). Mediação parental do uso da internet pelas crianças. Psicologia em Revista, 21(2), 293-313

MARTIN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

WHITE, L. Second language acquisition and universal grammar. Cambridge: Cambridge, 2003.

WRIGHT, A. Visual materials for the language teacher. Harlow: Longman, 1986.



ALIMENTAÇÃO E PANDEMIA

*Emmyli Soares, Gabrielle Severino,
Larissa Lopes e Nayara Araujo*

Introdução

Em março de 2020, todos fomos surpreendidos por uma quarentena que se deu por conta de um vírus altamente perigoso e contagioso. O que seriam 15 dias de isolamento, se tornaram meses e atualmente já dura quase um ano e meio. Durante esse período, o cenário só piorou, o número de infectados e mortos aumentou dia após dia e a crise se tornou cada vez mais apavorante para todos.

Se antes muitos tinham uma rotina em que passavam a maior parte do dia fora de casa, seja no trabalho, escola ou faculdade, agora obrigatoriamente estavam em casa 24h por dia, já que esse se tornou o único espaço seguro para se estar.

Com essa mudança brusca na realidade de todos, a questão da alimentação, de acordo com jornais e entrevistas, foi afetada diretamente. Não só por mudança na rotina, mas também por conta de ansiedade. Com isso, buscamos escolher um tema que se liga totalmente à saúde, baseando a nossa pesquisa acerca dos hábitos alimentares durante esse período.

Nos questionamos se os hábitos alimentares se tornaram mais saudáveis por conta de maior quantidade de tempo que se passou a ter para cozinhar, ou se, pelo contrário, o fato de ter tanto tempo livre desencadeou uma rotina alimentar mais desequilibrada e o maior consumo de fast food ou comida de delivery.

Uma mudança brusca na rotina alimentar é capaz de afetar rapidamente a saúde, positiva ou negativamente. O maior consumo de frutas, legumes, saladas, grelhados, fibras e alimentos pouco processados são grande fonte de fornecimento de vitaminas, minerais, proteínas e outras substâncias que mantêm o bom funcionamento do corpo. Já o consumo de alimentos processados, fritos, industrializados, com altos teores de açúcares e conservantes, prejudicam o funcionamento do corpo e ocasionam doenças.

Justificativa

Fizemos uma pesquisa quantitativa acerca desse tema, pois acreditamos que o período de isolamento social ocasionou muitas mudanças em nossas vidas e tivemos que readaptar nossa rotina em diversas esferas.

A alimentação é algo fundamental para a vitalidade de todas as espécies e está diretamente ligada à saúde. Portanto escolhemos esse tópico por nos despertar a curiosidade de saber se,

após tanto tempo isolados em casa, houve alguma mudança na rotina alimentar, seja ela positiva ou negativa.

Objetivos

Analisar se houve mudanças nos hábitos alimentares da população durante esse cenário que estamos vivendo e identificar se esse momento teve alguma influência sobre a questão da alimentação.

Procedimentos Metodológicos

Realizamos uma pesquisa quantitativa onde os entrevistados responderam às perguntas que foram feitas de forma clara e objetiva, da forma que o Manual NEPSO (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2002) orienta a fazer. Optamos por essa forma de pesquisa, pois assim teríamos uma melhor base para a análise dos dados obtidos. Porém, em algumas perguntas, deixamos uma caixinha onde o entrevistado poderia, caso achasse necessário, explicitar sua opinião.

População

Nossa pesquisa teve como público-alvo pessoas adultas, residentes do estado do Rio de Janeiro.

Amostra e Técnica de Amostragem

Sobre a amostra, nós nos baseamos após a coleta de respostas dos questionários, porém todos os respondentes apresentaram características comuns. Ou seja, residentes do estado do Rio de Janeiro, possuíam idade entre 20 e 59 anos e que cumpriram o isolamento.

A técnica de amostragem utilizada em nossa pesquisa foi a amostragem aleatória simples, onde o indivíduo é escolhido ao acaso e todos possuem a mesma probabilidade de serem incluídos no estudo.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

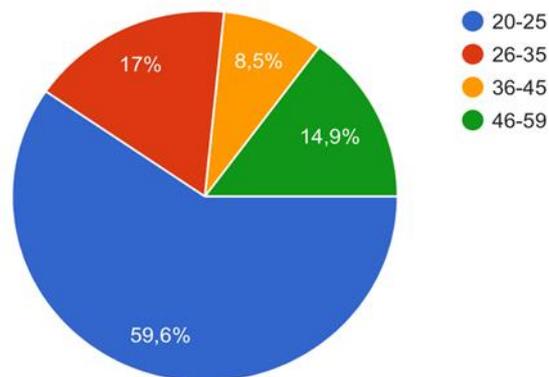
Utilizamos como instrumento para a coleta de dados um questionário online feito através do Google Formulário, ele foi compartilhado nas redes sociais dos membros do grupo (Facebook, Instagram e WhatsApp). O formulário ficou disponível pelo período de 14 dias, do dia 06/08/2021 ao dia 20/08/2021. De início, esperávamos que aproximadamente 40 pessoas participassem da pesquisa, no entanto, tivemos 47 participantes. Através desse número de participantes, foi possível realizar uma amostra representativa de uma parte do nosso público-alvo.

Apresentação e Análise dos Dados

Analizando a pesquisa após sua conclusão, podemos afirmar que apesar da idade dos participantes ser de 20 a 59 anos, tivemos como maioria de respondentes um público bem jovem, que se encontra na faixa etária de 20 a 25 anos e representou 59,6% do público.

Qual a sua idade?

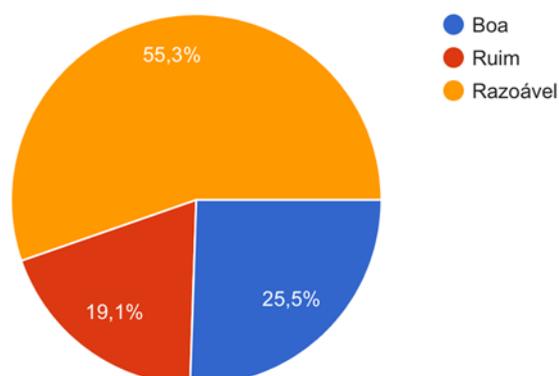
47 respostas



Em relação ao tipo de alimentação, notamos que mais de 50% consideram ter uma alimentação razoável, e outro restante se divide 25,5% boa e 19,1% ruim. Assim, a maior parte indicou possuir uma alimentação equilibrada.

Você considera sua alimentação boa, ruim ou razoável?

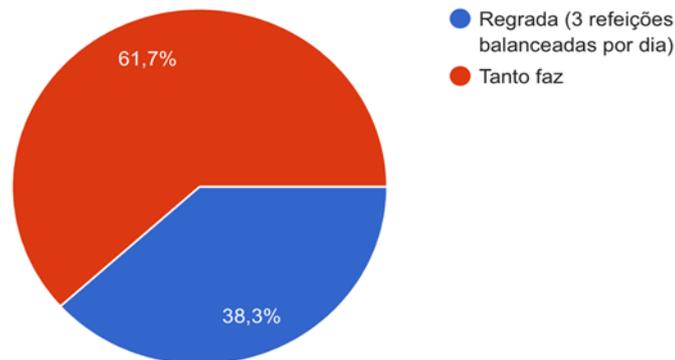
47 respostas



Sobre a alimentação antes do isolamento, grande parcela dos pesquisados (61,7%) informou não ter controle sobre sua alimentação, não seguir dietas e 38,3% responderam que comiam de forma balanceada.

Antes do isolamento você seguia uma linha mais regrada ou tanto faz?

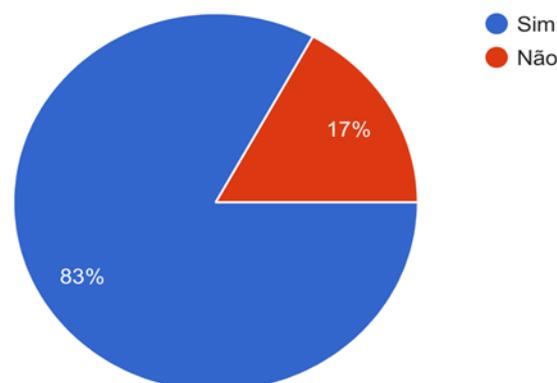
47 respostas



Chegamos ao ponto gerador de nossa pesquisa: saber se a alimentação no isolamento sofreu ou não alguma mudança. Como é possível ver abaixo, 83% dos respondentes afirmam que sim, os hábitos alimentares durante a pandemia sofreram algum tipo de alteração, e apenas 17% afirmam que não identificou mudança em seus hábitos alimentares.

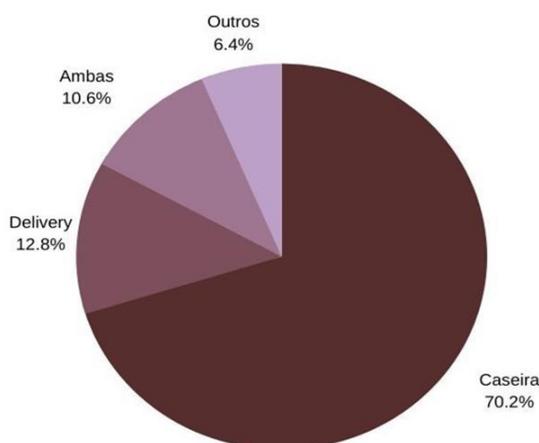
Com a pandemia a sua alimentação mudou?

47 respostas



Lemos relatos sobre o que levou a tal mudança, e analisamos que os principais motivos foram ansiedade, maior tempo em casa e poder fazer a própria comida e a mudança repentina da rotina. Os respondentes que afirmaram ter mudado a alimentação para melhor, justificaram que esta mudança estava relacionada à vontade de viver de forma mais saudável.

Pergunta: Como você está consumindo as refeições? 47 respostas

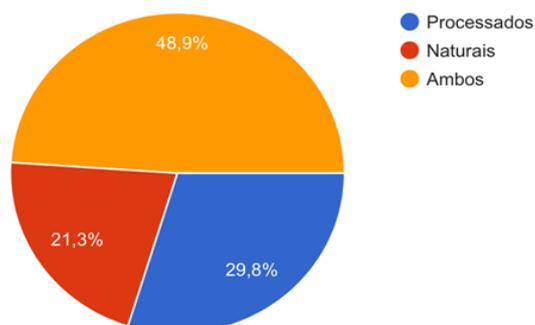


Essa pergunta obteve várias respostas, pois além das opções 'delivery' e 'caseira', deixamos em aberto uma opção 'outros' no qual cada pessoa poderia adicionar sua forma de alimentação, porém a maioria correspondia a uma única resposta dita de maneiras diferentes, então montamos um novo gráfico para sintetizar essas informações. Portanto, 70,2% estão fazendo sua própria comida, por conta do tempo maior em casa, 12,8% usam delivery, 10,6% fazem uso das duas coisas, revezando.

Sobre o aumento no consumo de determinados alimentos, 48,9% relataram que o consumo de alimentos processados e naturais aumentou de forma equilibrada, pois verificamos que 29,8% dos respondentes estão comendo mais processados e 21,3% estão investindo mais em alimentos naturais.

No seu dia-a-dia, você percebeu um aumento no consumo de quais alimentos?

47 respostas



Conclusão e recomendações

A partir da nossa pesquisa, foi possível observar que a pandemia teve bastante influência nos hábitos alimentares da população, causando um maior número de mudanças negativas do que positivas. Com base nos dados coletados, como era esperado em nossa amostra, todos os participantes eram residentes do estado do Rio de Janeiro e a faixa etária mais presente na pesquisa foi de 20 a 25 anos.

Grande parte do público mostrou que suas alimentações antes da pandemia eram razoáveis, porém, com a pandemia houve algumas modificações. Os dois maiores motivos que os levaram a ter uma alimentação ruim durante o isolamento foram a readaptação à nova rotina e o desencadeamento da ansiedade, um dos assuntos mais comentados durante esse tempo.

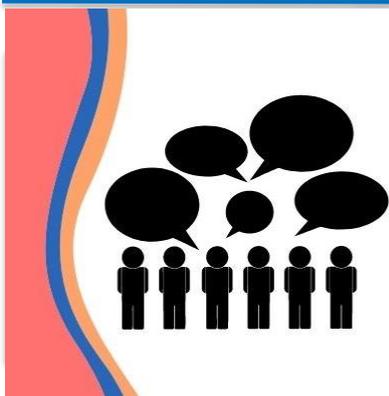
Com essa conclusão podemos notar como ainda falta algum tipo de orientação ou maior foco informativo sobre a importância de uma boa alimentação durante esse período. Passamos por tempos difíceis, mas devemos sempre estar atentos ao mais importante não só nesse momento como em todos que é a saúde e o autocuidado com a manutenção do corpo.

A partir dos resultados da pesquisa, cada um de nós pode individualmente repensar os próprios hábitos alimentares e de maneira micro, tentar de alguma maneira enxergar e ajudar também quem está próximo de nós, seja dentro de nossa casa, ou amigos que sabemos que estão tendo dificuldade em achar um equilíbrio com a alimentação. E assim quanto mais pessoas conscientes, mais uma ajuda outra. Claro que não somos capazes de mudar o mundo, mas podemos começar tentando ajudar pelo menos 47 pessoas, como uma forma de retribuição as 47 pessoas que nos ajudaram a compor esse trabalho.

Referências

SOUZA, Kellcia Rezende; KERBAUY, Maria Teresa Miceli. Abordagem quanti-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação. Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 31, n. 61, p. 21-44, jan./abr. 2017.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor. 2 ed. São Paulo: Global, 2002.



DESCONFORTOS PARA O USO DO MICROFONE E DA CÂMERA NO FORMATO REMOTO EMERGENCIAL

*Aline Carla Azevedo Matos Santos,
Gregory Rodrigues da Silva, Isabelle Dias Portella e
Luís Philippe Ramos de Araújo Silva*

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo pesquisar quais são as causas motivadoras para o desconforto que os alunos sentem no uso da câmera, demandado pelo ensino remoto emergencial adotado no período da pandemia da Covid-19.

Observa-se que, durante as aulas, a maioria dos alunos não liga as câmeras, e pouco participam por áudio, interagindo na maior parte do tempo através do chat dos aplicativos de reunião on-line.

A falta de retorno por parte dos alunos, por vezes é vista como falta de respeito, interesse ou empatia. No entanto, há outras questões, como será demonstrado a seguir, que impedem ou dificultam a participação ativa do aluno como, por exemplo, privacidade, exposição, falta de ambiente adequado, acesso à internet e autoestima.

Essa ausência suscita dúvidas com relação à sua presença e aprendizagem, levando os professores a questionarem-se em diversos momentos se estão sozinhos em sala de aula, se a aula foi produtiva ou se o conteúdo foi efetivamente comunicado. Contudo, esta foi a forma encontrada para que fosse possível o retorno às atividades docentes. Se haverá efetiva aprendizagem, somente a volta ao presencial mostrará.

Assim, tendo em vista o contexto da pandemia da Covid-19 e a adoção do formato emergencial remoto, pretende-se investigar e analisar os fatores que contribuem para o desconforto que muitos alunos sentem em ligar a câmera e o microfone e participar ativamente das aulas, como ocorre no formato presencial.

Justificativa

Com o acontecimento da pandemia COVID-19, desde março de 2020, em obediência ao Decreto 46.970 de 13 de março de 2020, que dispõe acerca das medidas temporárias de prevenção ao contágio e de enfrentamento à propagação do vírus da Covid-19, o Estado adotou as medidas sanitárias previstas pela Organização Mundial de Saúde, aderindo ao distanciamento social, uma vez que esta era a única forma de evitar a disseminação do vírus, cujos efeitos e formas de combate eram desconhecidos.

Desta forma, a fim de se evitar danos maiores à educação, já que não havia previsão de vacinação capaz de erradicar o vírus, por conseguinte, de quando os estudantes poderiam retornar às atividades presenciais, as universidades, bem como, as demais instituições de ensino passaram a ministrar suas aulas on-line.

As universidades públicas denominaram este modelo como remoto emergencial, tendo em vista seu caráter não planejado sem a estrutura de Educação à Distância. Trata-se de uma medida de emergência, estabelecida pela Portaria 343 de 17 de março de 2020, utilizada para remediar os danos causados pela impossibilidade da realização das aulas presenciais. Esse termo é utilizado para o ensino em situações de catástrofe ou em tempos de guerra.

Ocorre que o novo formato, devido ao distanciamento físico, tende a ser mais impessoal no que tange às trocas. Por outro lado, em razão da impossibilidade do acesso às salas de aula e ambientes específicos para eventos, o espaço utilizado para aulas, reuniões, palestras, tornou-se a própria casa, o local de trabalho, o meio de transporte, ou seja, ambientes frequentados pelos alunos que escapam da sala de aula e que ao ligar a câmera ou microfone, passam a ser compartilhados com os demais.

Além disso, em muitos casos, esses espaços são coletivos, com ruídos e movimentações que dificultam a concentração que é mais fácil de ser obtida em sala de aula.

Outro fator em questão é que o uso da câmera também faz com que o participante veja a si mesmo e coloque sua imagem à exposição, o que nem sempre é feito com naturalidade. A questão da aceitação de sua imagem, sua voz, ou do comentário alheio nem sempre é trabalhada de forma natural.

Diante dos fatos citados, questiona-se quais os principais motivos que fazem com que os alunos não liguem suas câmeras e microfones e os efeitos produzidos em alunos e professores. Esta falta de interação ocasiona efeitos de ordem psicológica? Há efeitos com relação à aprendizagem? Quais são?

A partir destes resultados, espera-se colaborar para atenuar o desconforto apresentado e estimular uma maior participação dos alunos no ambiente virtual.

Objetivos

Criamos hipóteses para entender melhor os principais motivos que levam os alunos a não participarem ativamente das aulas por meio da utilização dos recursos de áudio e vídeo. A partir dos resultados obtidos, esperamos contribuir para atenuar o desconforto e uma participação mais ativa dos estudantes inseridos nesse formato.

Procedimentos Metodológicos

Nossa pesquisa teve abordagem quantitativa, segundo o Manual NEPSO (Lima, 2010) e coletamos informações através de um questionário com perguntas objetivas.

População

Fizemos nossa pesquisa com a população composta por alunos do Curso de Pedagogia da UNIRIO que estejam cursando disciplinas do 4º ao 6º período do noturno.

Em média ingressam 30 a 35 alunos por período no curso de Pedagogia tanto no noturno quanto no vespertino.

Como nosso foco estava na análise dos alunos da Pedagogia do turno da noite, estamos utilizando o total aproximado de 100 alunos. Portanto, analisamos 20% desse total para comprovar nossas hipóteses, o que resultou em respostas de 20 alunos.

Amostra e Técnica de Amostragem

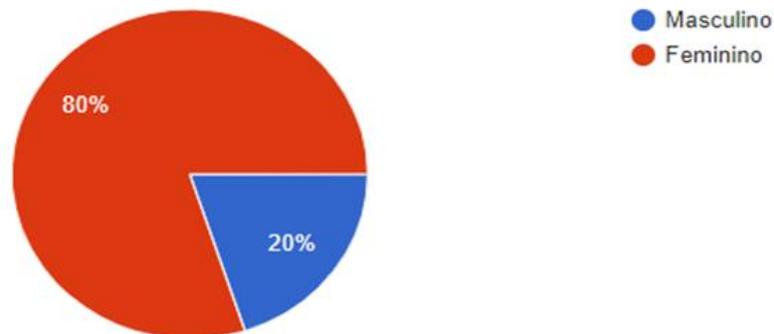
Nossa amostra era não probabilística, pois não sabemos quem são todos os indivíduos que entrevistamos. Analisamos 20% do total de mais ou menos 100 alunos matriculados entre o 4º e 6º Período da Pedagogia (UNIRIO) para comprovar nossas hipóteses, o que resulta em 20 alunos.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

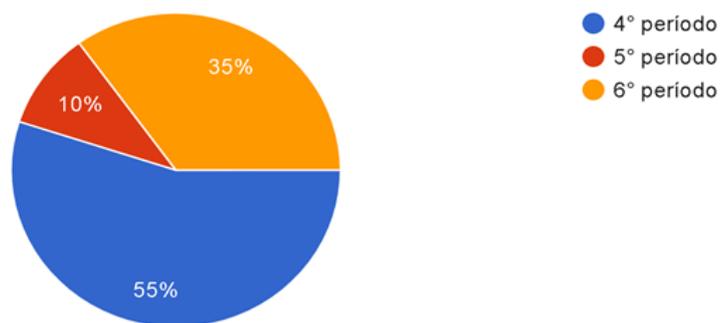
Nosso instrumento foi um formulário produzido através da plataforma Google Forms, que foram auto aplicados e compartilhados através das redes sociais (Instagram, Facebook e WhatsApp).

Apresentação e Análise dos Dados

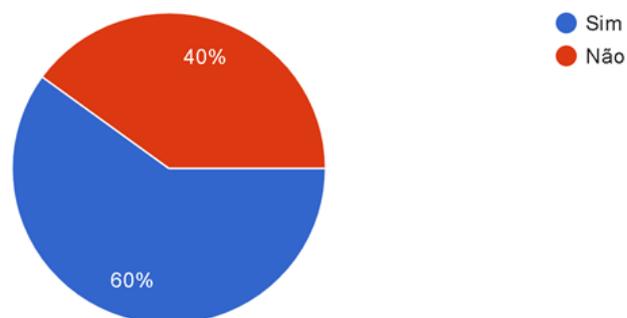
Confirmou-se o que já era esperado, que as perguntas fossem respondidas em sua maioria pelo público feminino, vez que o curso de Pedagogia é composto majoritariamente por mulheres.



Verificou-se ainda que a maior parte dos universitários do curso de Pedagogia possui até 25 anos de idade, o que indica que são em sua maioria jovens recém-saídos do Ensino Médio.



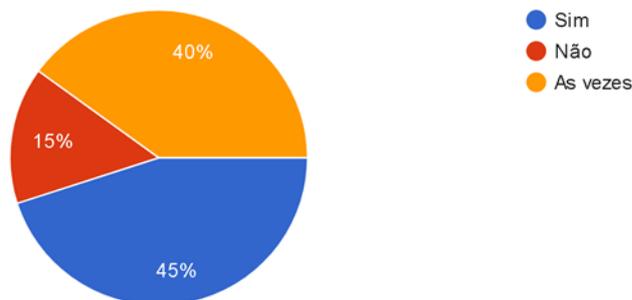
A maioria possui um lugar reservado para assistir às aulas. Temos como hipóteses que com essa opção os alunos tenham a tendência de se sentirem mais confortáveis para assistirem às aulas com o microfone e/ou câmera ligados.



Em relação à privacidade, observamos que os alunos poderiam se sentir inibidos a captar ruídos desconfortáveis eventualmente viessem a ser capturados pelo microfone durante as atividades remotas, tanto no sentido de atrapalhar o fluxo da aula quanto em relação a expor a vida familiar/privada.

6- Você se sente confortável para usar o microfone quando ruídos externos não te atrapalham?

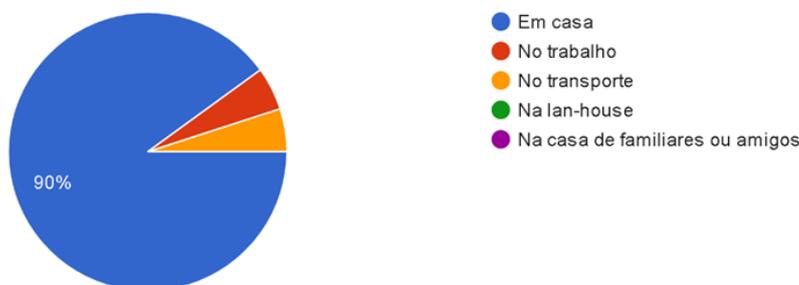
20 respostas



Com o intuito de compreender o verdadeiro motivo da possível inibição causada pelo microfone ou por outros fatores durante as aulas, inserimos essa questão para constatar que existem outras fontes de incômodo que não estão relacionadas ao ambiente no qual os alunos assistem às aulas. Há questões que vão além daquelas relacionadas ao ambiente em que os alunos assistem às aulas, em que devemos considerar as personalidades dos universitários.

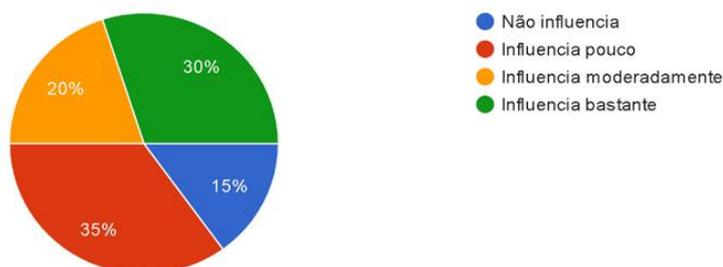
7- Em qual local você costuma assistir às aulas remotas?

20 respostas



8- Como isso influencia na sua participação?

20 respostas



Entendemos que como a maior parte dos alunos assiste às aulas de casa, o próprio ambiente familiar acaba sendo fonte de incômodos apesar de não estar na rua. Apesar do iminente conforto de estar em casa, acabamos por constatar que ainda sim existem desafios.

Os gráficos abaixo representam as respostas dos alunos, sendo a barra azul escuro relativa à quantidade de mulheres que responderam “sim”, a laranja representa as mulheres que responderam “não”, a cinza as mulheres que se intimidam às vezes, e a amarela representa as mulheres que se intimidam um pouco. As barras azul claro e verde referem-se, respectivamente, às respostas positivas e negativas dadas pelos homens.

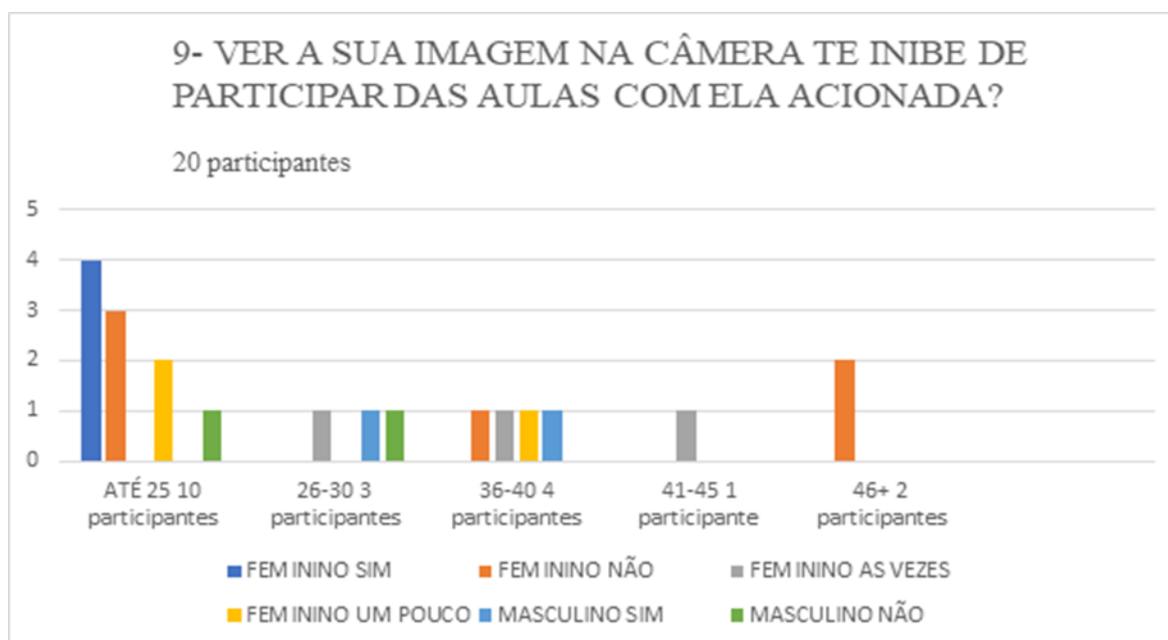
As barras foram dispostas separadamente por grupos de idade dos entrevistados: jovens até 25 anos, alunos com idade entre 26 e 30 anos, entre 36 e 40, entre 41 e 45, e por fim alunos com idade superior a 46 anos.

No gráfico seguinte, observa-se que entre o público com idade até 25 anos (10 participantes), um aluno respondeu que ver a imagem na câmera não o inibe, duas alunas disseram que apenas um pouco, três alunas disseram que não se sentem inibidas e quatro disseram que sentiam-se inibidas.

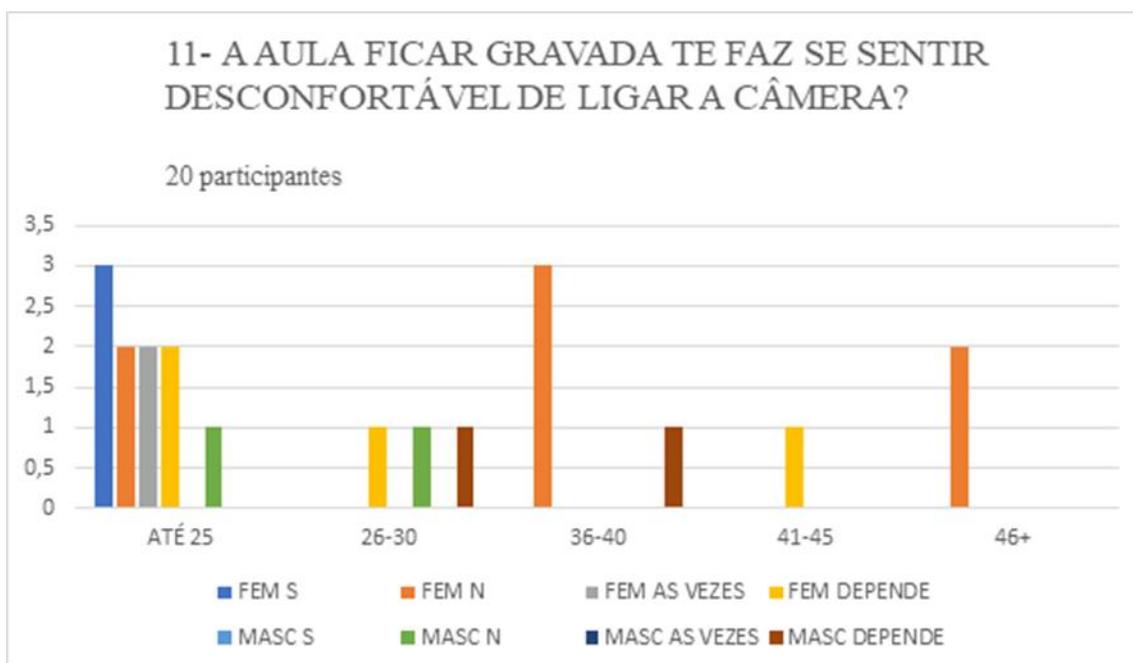
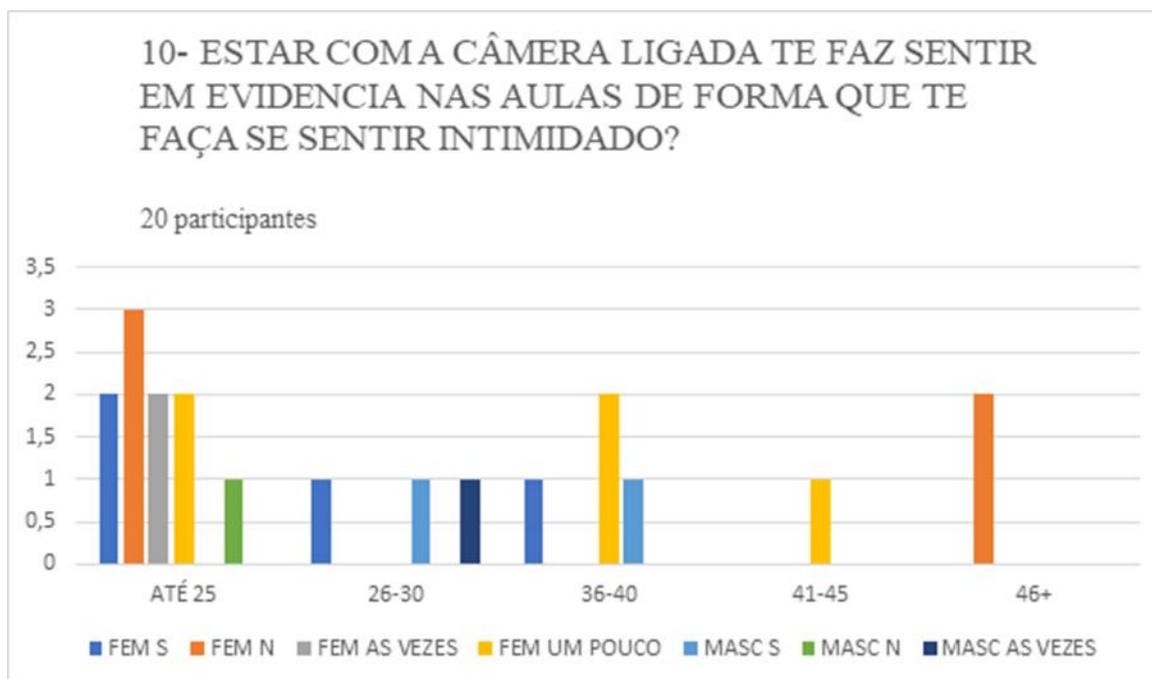
Do público com idade entre 26 e 30 anos (três participantes no total), uma aluna disse que se intimida às vezes, outra disse que se sente intimidada e um aluno disse que não se intimida.

Dentre os alunos com idade entre 36 e 40 anos (quatro participantes), uma aluna respondeu que não, outra às vezes, outra um pouco e um aluno respondeu que sim.

Relativo às faixas etárias entre 41 e 45, e superior a 46, o gráfico aponta que uma aluna se sente intimidada às vezes, e a outra não se sente.



Os gráficos seguintes representam as respostas divididas por idade e gênero para diferentes perguntas.



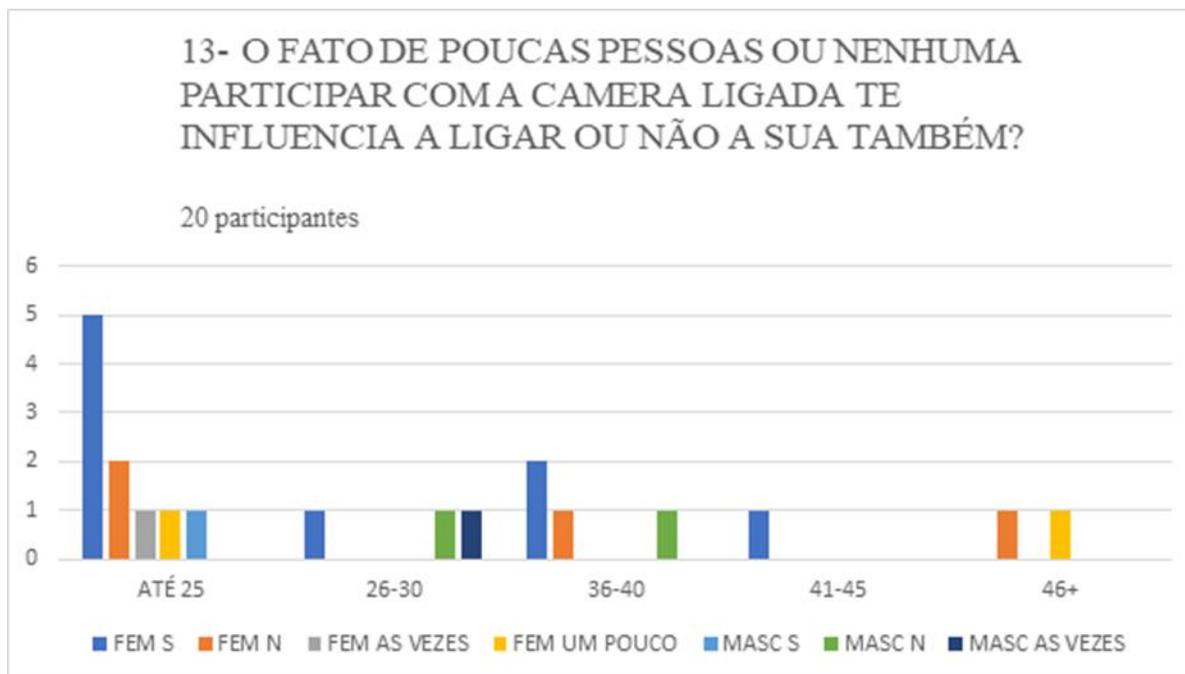
Neste caso, com uma grande dispersão das respostas, entendemos que há uma percepção bastante variada em relação ao uso da câmera. As informações relativas ao uso da câmera, por si só, não apresentam dados conclusivos que podem apontar para alguma tendência, portanto, precisamos cruzar alguns dados como idade e gênero para analisar essas informações. Com essa análise detalhada, percebemos que quanto menor a idade, maior a probabilidade do público feminino ser inibido pela câmera. Também deduzimos que independente de idade, muitos se sentem em evidência com a câmera ligada.

Quando perguntados sobre o formato emergencial remoto de forma geral e se sentiam algum desconforto com isso, as respostas foram variadas:

- *“Não tenho.”*
- *“Estou achando bom, pois o tempo de locomoção que eu usaria no presencial uso para as leituras.”*
- *“Está sendo bom, é melhor do que não ter aula nenhuma.”*
- *“Não abro a câmera pois assisto às aulas na cama de pijama. É onde me sinto mais confortável para ver as aulas.”*
- *“Não me sinto confortável em lugar a câmera.”*
- *“O maior incômodo é quando a internet não é suficiente e a conexão cai e assim perco a explicação do professor(a).”*
- *“Péssimo. Não me adaptei.”*
- *“Sim. Acho que alguns professores exigem em demasia, trabalhos exaustivos, quando na realidade em casa muitas vezes, é mais difícil a conclusão das atividades por fatores externos. Como filhos, família e falta de privacidade.”*
- *“Não me identifiquei. Achei confuso demais, muita informação pra pouca produtividade. Me sinto desconectada da sala, alunos e professores. É mais difícil se concentrar, os aplicativos dão "bug", os estímulos externos são maiores e mais fortes tirando o foco de qualquer pessoa. É como se o esforço fosse redobrado.”*
- *“Para mim o desconforto é a necessidade de ao ter que apresentar trabalhos e afins que são obrigatórios (mesmo sendo errado) de forma online e ter que ligar a câmera e o som. Dessa forma eu estou a mercê de fatores externos (principalmente da internet) e que conseqüentemente não tenho nenhum controle.”*
- *“Estou odiando. Quero de volta o presencial.”*
- *“Acho necessário pois a pandemia durou muito tempo e acredito que ficaria muito corrido quando tudo voltasse ao normal porém é (claramente) muito impessoal e perde a vivência de uma faculdade, de ter contato com outras pessoas e dividir espaço com o mesmo intuito.”*
- *“Não é o ideal, mas é o necessário para que a graduação continue nessa situação pandêmica. O mais desconfortável é estar nas telas, a imagem ter que aparecer nas câmeras e a participação precisar ser com microfone, muitas vezes você não gostaria de estar tão em evidência ou não aparecer, é bem diferente da sala de aula presencial.”*
- *“Não estou gostando. Sinto uma desorganização nos horários, nos cronogramas e dificuldade de interagir com professores e colegas.”*
- *“Está sendo melhor do que esperava. O que me incomoda é que alguns professores não seguem as regras estabelecidas pelo calendário emergencial.”*
- *“É necessário, mas prefiro presencial, pois em casa há muito movimento e barulho, e todos me chamam até durante as aulas. Apesar disso, ligaria mais a câmera se outras pessoas ligassem também.”*
- *“Não gosto. Prefiro presencial.”*
- *“Apenas a falta de foco.”*
- *“O que mais me incomoda é a exposição excessiva às telas.”*
- *“A dificuldade de me relacionar entre os próprios alunos.”*

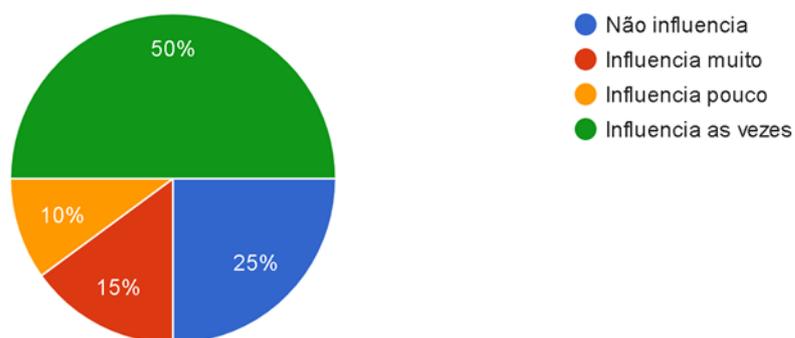
Apesar de muitos alunos rejeitarem o modo remoto, alguns estão gostando pois otimizaram o tempo que usariam o transporte para estudar. Porém, a grande maioria apresentou bons argumentos contra o ensino remoto, como a falta de foco e de contato com os colegas e a exposição às telas.

A maior parte entendeu que o uso de WiFi ou 4G às vezes influencia, variando a utilização da câmera de acordo com a qualidade da internet.



14- A sua conexão de Internet ao participar das aulas ser Wi-Fi ou 4G influencia em ligar a câmera?

20 respostas



Conclusão

Os fatores externos influenciam bastante, mas não são determinantes. Entendemos que um bom ambiente externo diminui as inibições, no entanto, não é fator determinante, tendo em vista que até no melhor dos cenários como assistir aula em casa e sem ruídos ou perturbações externas, os alunos ainda podem sentir desconforto para ligar a câmera e o microfone.

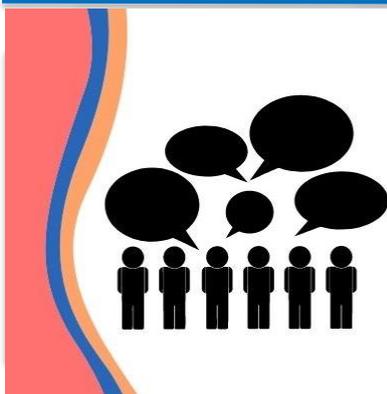
Pensamos que, portanto, o principal fator a ser observado é a personalidade de cada aluno. Podemos, a partir dessa pesquisa, entender que conforto para participar das aulas remotas está relacionado tanto ao ambiente quanto a questões pessoais dos alunos e que, portanto, é importante investir, na medida do possível, em condições que, em aula, deixem os alunos mais confortáveis uma vez que o ambiente em que este se encontra é, muitas vezes, improvável de ser melhorado.

Em resumo, pensamos que uma aula dinâmica, convidativa, descontraída e focada na interação e acolhimento dos alunos pode ser um bom investimento para transformar a experiência remota de muitos alunos.

Precisamos desenvolver ferramentas que ajudem os alunos a se sentirem mais confortáveis para participarem ativamente das aulas.

Referências

LIMA, Ana Lúcia D'Império (et al.). Nossa escola pesquisa sua opinião Manual do Professor. 3ª.ed. São Paulo: Global, 2010



ESTUDANTES EM SITUAÇÃO DE PRÉ-VESTIBULAR DURANTE A PANDEMIA

*Cléo Seabra, Keila Alvarenga,
Vicente Araújo e Vitória Moreira*

Introdução

O cenário da pandemia foi responsável por diversas alterações na organização e no planejamento escolar dos jovens. Nós, antes de ingressarmos na graduação, passamos pela fase pré-vestibular, e conseqüentemente pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) – que é a prova mais importante para que os estudantes tenham a possibilidade de ingressar numa universidade pública (ou privada, no caso de programas como o PROUNI e o FIES) – vivemos esse período conturbado como vestibulandos, porém, em uma situação mais estável.

No entanto, a partir do primeiro semestre do ano de 2020, os jovens, os professores e outros agentes que dão funcionalidade à escola e ao sistema educacional foram forçados a readaptar-se às medidas de proteção contra o Coronavírus. Logo, os jovens que, além de sofrerem a costumeira pressão para serem aprovados em uma universidade, tiveram que reorganizar-se e replanejar-se para que conseguissem atingir os objetivos escolares.

Através dessa reflexão, é possível perceber que, segundo Zago (2006, p. 230), entre a decisão de prestar o vestibular e o momento de inscrição nos exames nacionais, há um longo caminho a ser percorrido, acompanhado de um grande investimento pessoal, independentemente dos resultados escolares anteriores. Além disso, essa readaptação perpassou também pelos desafios trazidos pelas metodologias tecnológicas. “A exclusão socioeconômica desencadeia a exclusão digital, ao mesmo tempo que a exclusão digital aprofunda a exclusão socioeconômica” (ALMEIDA et al. 2005), logo, percebe-se o impacto direto desse cenário na educação.

Justificativa

O grupo foi motivado a escolher o tema pelo interesse comum dos integrantes em observar e compreender os efeitos da pandemia sobre a organização e apreensão dos estudos na fase pré-vestibular, que é fundamental para a realização dos exames anuais que permitem o ingresso desses vestibulandos nas universidades públicas ou privadas, através de determinados programas governamentais.

Objetivos

Através dos resultados quantitativos obtidos com a pesquisa, identificar as deficiências nos processos de ensino-aprendizagem dos vestibulandos em cenário de pandemia; e qualitativamente, analisar relações entre essas deficiências (ou efeitos) e as possíveis realidades que foram alcançadas pela pesquisa.

Procedimentos Metodológicos

Os procedimentos metodológicos perpassaram pelo desenvolvimento de perguntas que permitissem que nós tivéssemos acesso ao ponto de vista dos vestibulandos sobre os tipos de dificuldades encontradas durante esse período de preparo para a vida acadêmica – e ao índice de satisfação e/ou insatisfação quanto às alterações sofridas – ao rendimento geral desses jovens quanto à aprendizagem dos conteúdos exigidos pelos exames de ensino médio, e também, à análise geral de planejamento e organização dos estudos, seja em cursinhos ou preparatórios comunitários ou privados, seja na própria escola.

Para que pudéssemos ter acesso a esses pontos de vista, optou-se por uma pesquisa quantitativa, para que fosse possível apontar e analisar dados em gráficos, e então, concluir sob uma perspectiva qualitativa. Um dos pontos importantíssimos para a formulação do questionário foi a elaboração de perguntas cujo vocabulário fosse claro, objetivo e, que conseguisse alcançar os requerimentos dos públicos alcançados, visto que, a pesquisa foi destinada não só aos jovens, mas ao grupo de pessoas que estivessem tentando o vestibular para conseguirem ingresso em universidades públicas e/ou privadas, conforme o NEPSO (p. 67, 2010) “ao pensar nos diferentes grupos de entrevistados e tentar prever suas possíveis opiniões sobre os temas da pesquisa, pode-se enriquecer muito a definição de hipóteses”; e também de perguntas, em sua maioria, fechadas, já que o objetivo maior era a análise quantitativa, seguindo as propostas de elaboração de perguntas também do NEPSO (p. 71, 2010) “Assim, muitas vezes vale a pena gastar mais tempo na preparação do questionário elaborando alternativas fechadas do que deixar a resposta livre e ter enormes dificuldades para interpretá-las.”

População

Total de 80 jovens na faixa etária entre 16 e 20 anos, que estivessem cursando o Ensino Médio (os três anos, principalmente, o último ano pré-vestibular) em escolas públicas ou particulares.

Amostra e Técnica de Amostragem

Tivemos 22 jovens (população apresentada) respondendo ao questionário e garantindo, assim, a representatividade da amostra, com resultados precisos para a análise geral. Captamos e apontamos os resultados de forma aleatória, anônima ou não; e estipulamos um prazo de 7 dias para que houvesse a conclusão do formulário da amostra supracitada.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

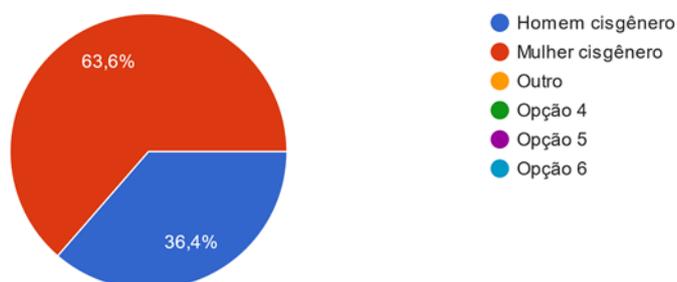
Formulário desenvolvido, e cujos resultados foram contados e mostrados em gráficos pela plataforma do Google (Google Forms).

O formulário foi divulgado em redes sociais como WhatsApp, Instagram, Facebook, e outros, de modo a alcançar não só conhecidos, mas, jovens que tivessem o interesse de responder as questões, e assim, apontar sua experiência como vestibulando; em grupos acadêmicos de conhecimento dos membros do grupo; para pessoas do ciclo relacional de cada membro do grupo, desde que estivessem circunscritas no público-alvo.

Apresentação e Análise dos Dados

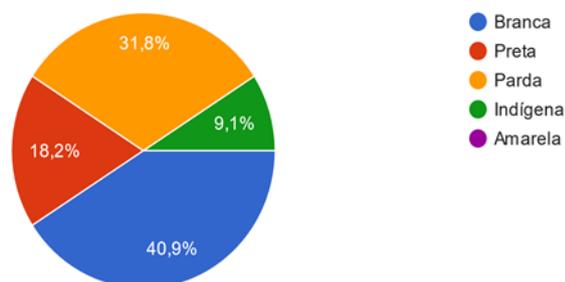
Quanto à identificação de gênero na pesquisa, quantificamos que a maioria das respostas foram de declarantes como “mulher cisgênero”, e em seguida, declarantes como “homem cisgênero”, conforme o gráfico abaixo:

Você é
22 respostas



Na pergunta “Como você se considera?”, foram encontradas respostas variadas, praticamente, em todas as opções apresentadas (exceto a opção “Amarela”) em nosso projeto de pesquisa, sendo a mais respondida, a opção “Branca” (40,9%), conforme a análise do gráfico abaixo:

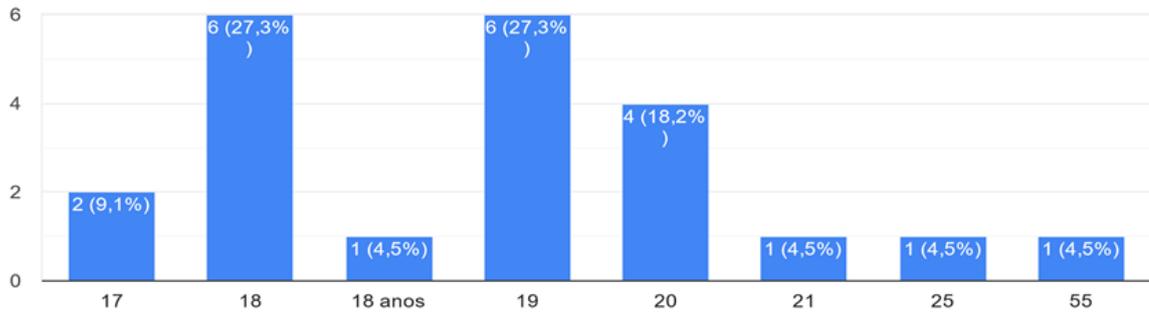
Como você se considera?
22 respostas



Quanto à idade dos participantes que responderam ao questionário, foi possível notar que a faixa de idade que mais apareceu nas respostas foi a faixa entre 18 e 20 anos. Importante destacar também que, nessa análise, um participante declarou ter 55 anos.

Quantos anos você tem?

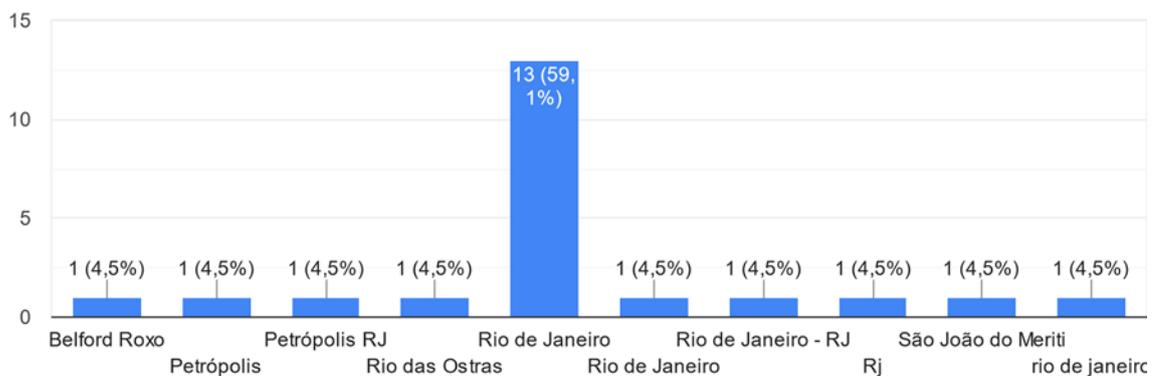
22 respostas



Na pergunta sobre a “Qual cidade você mora?” a maior parte das respostas analisadas (17 das 22 pessoas) foram “Rio de Janeiro”. Outras respostas coletadas compreenderam cidades como Petrópolis, Rio das Ostras, Belford Roxo e São João de Meriti, como mostra o gráfico abaixo:

Qual cidade você mora?

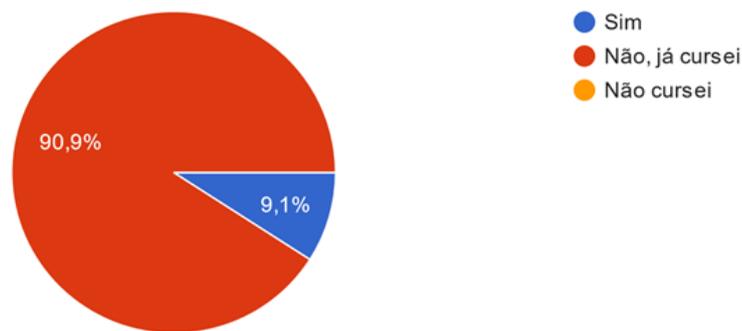
22 respostas



Sobre o curso do Ensino Médio, apenas duas pessoas responderam que estavam cursando enquanto responderam ao questionário, em comparação às outras vinte respostas da pesquisa, foram de amostras que compreenderam participantes que já tinham cursado (e finalizado) o Ensino Médio.

Está cursando o ensino médio?

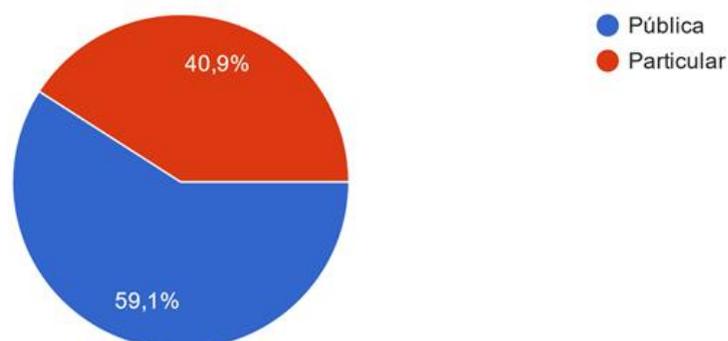
22 respostas



Avaliando o resultado em relação ao tipo de instituição (pública ou privada) onde os participantes da pesquisa estudaram durante o Ensino Médio, foi possível notar que houve um equilíbrio nas respostas, porém se obteve mais marcações na opção "Pública" conforme o gráfico a seguir:

Você fez/faz seu ensino médio numa instituição

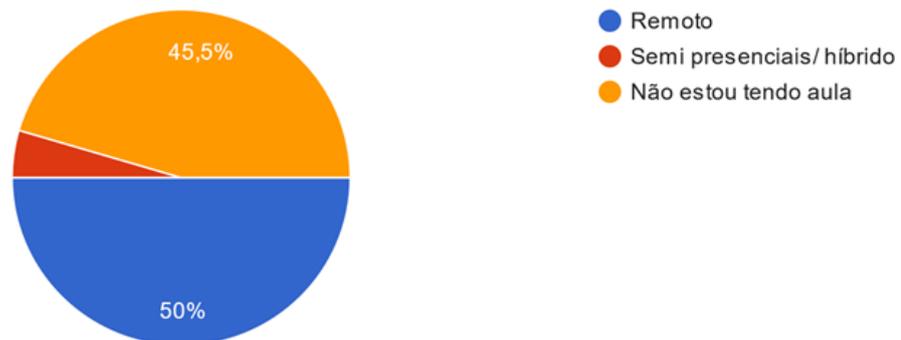
22 respostas



Em relação à análise do cenário de ensino nos formatos: remoto, semipresencial e/ ou híbrido, ou quanto à ausência de aulas, a opção pelo “ensino remoto” obteve o maior número de marcações pelos participantes, entretanto esteve nivelada à opção de “não ter aulas”, como pode-se ver no gráfico abaixo:

Em qual formato está acontecendo suas aulas?

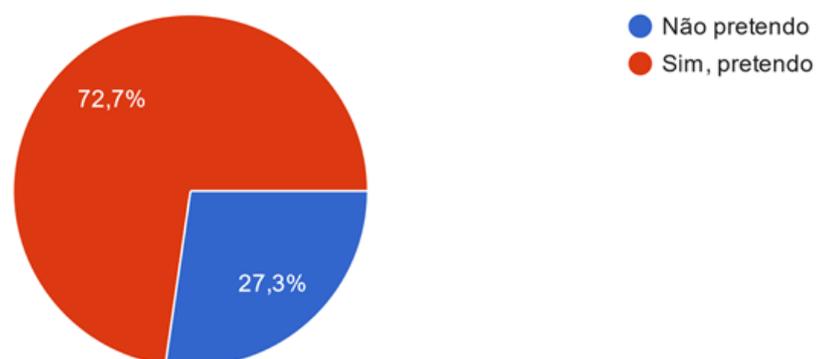
22 respostas



Ao questionar a pretensão do participante, de fazer vestibular, a maior parte de nossa amostra respondeu que pretendia:

Pretende fazer vestibular?

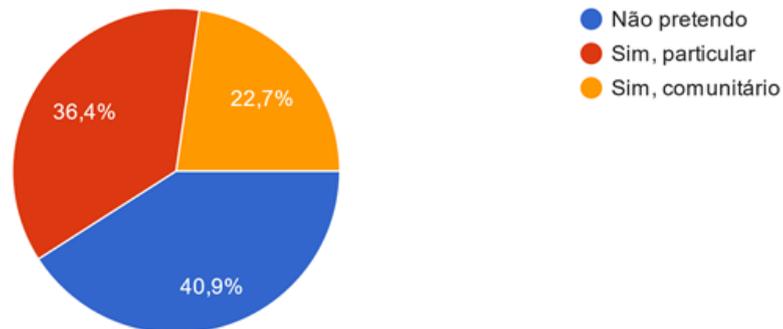
22 respostas



Sobre a pergunta “Você faz curso pré-vestibular? Se sim, particular ou comunitário?”, obteve-se um quantitativo de respostas bem parecidas, entretanto a maioria respondeu que não pretendia fazer.

Você faz curso pré Vestibular? Se sim, particular ou comunitário?

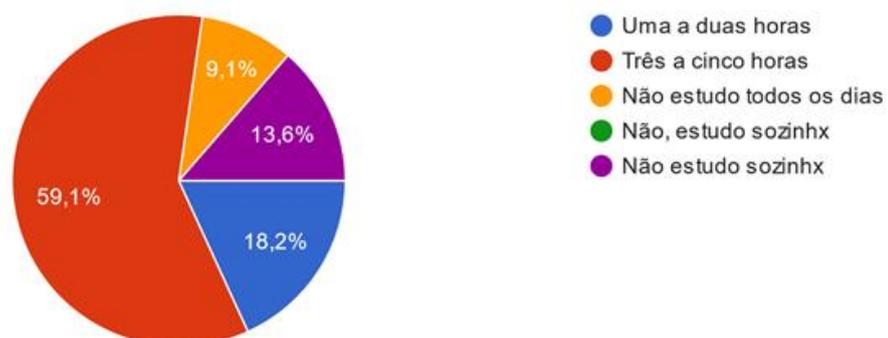
22 respostas



Foi perguntado também quanto tempo de aula os participantes costumam ter por dia, a maioria respondeu que estudam de três a cinco horas por dia, enquanto 18% (dezoito por cento) declarou estudar de uma a duas horas por dia.

Quanto tempo de aula você tem por dia?

22 respostas



Quanto ao cenário de acesso à internet, 80% (oitenta por cento) da amostra respondeu que sim, porém, divide com outras pessoas da mesma casa, enquanto outra parte possui acesso à internet individual, como mostra o próximo gráfico:

Você possui acesso à internet na sua casa?

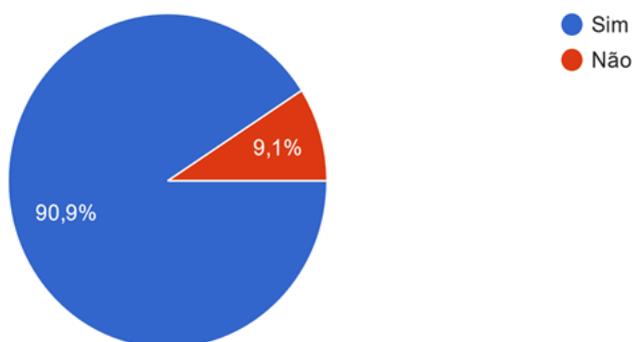
22 respostas



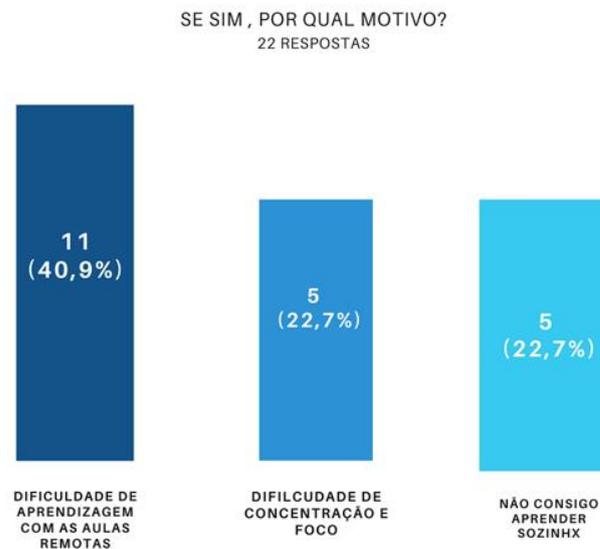
Quanto às dificuldades e os efeitos da pandemia sobre o rendimento nos estudos, pode-se analisar, através da leitura do gráfico, que as respostas são quase unânimes para "Sim":

Na sua opinião, os ensinamentos durante a pandemia prejudicaram seus rendimentos nos estudos?

22 respostas



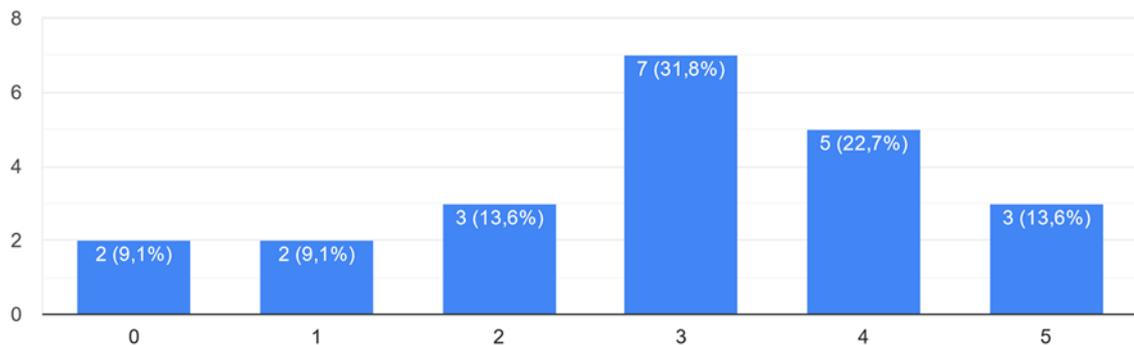
Como justificativa das respostas afirmativas, a maioria respondeu que enfrenta problemas de concentração, enquanto outros não conseguem estudar sem o auxílio de um professor.



Para dar uma nota de zero a cinco quanto à possibilidade do ambiente domiciliar ser propício para estudos ou não, apenas 3 (três) pessoas deram cinco, o que seria um ambiente ideal para os estudos.

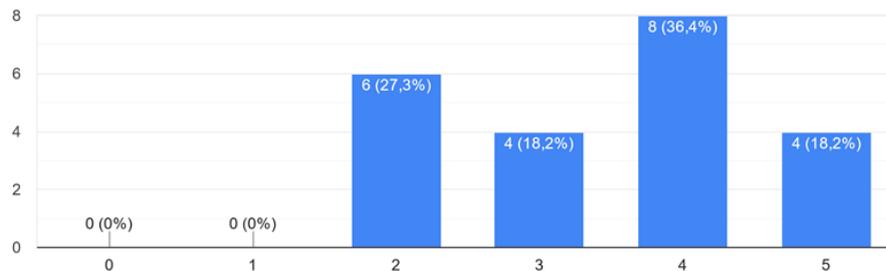
De 0 a 5 você considera sua casa um ambiente propício para estudo?

22 respostas



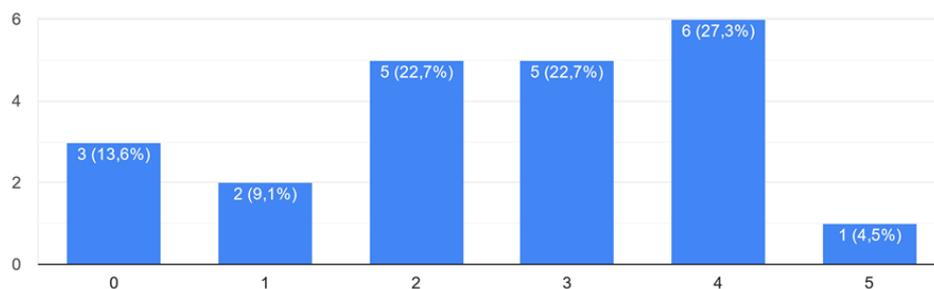
Sobre a questão de qualificar a funcionalidade da internet numa escala de zero a cinco, a maioria das respostas foram quatro, enquanto apenas 3 (três) participantes marcaram cinco.

De 0 a 5 como você considera a qualidade da sua internet?
22 respostas



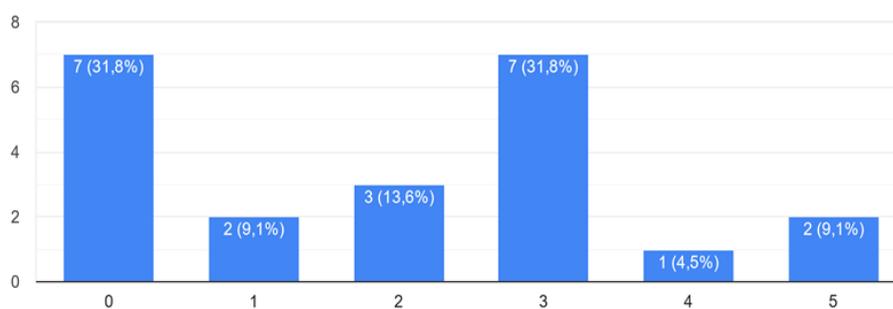
Na pergunta "De 0 a 5, como você considera seu planejamento de estudo?" De zero a cinco, a nota quatro obteve maior número de marcações.

De 0 a 5 como você considera seu planejamento de estudo?
22 respostas



Foi pedido também para os participantes, que classificassem a adaptação ao ensino remoto numa escala de zero a cinco, observamos um empate com a opção "zero" e a opção "três".

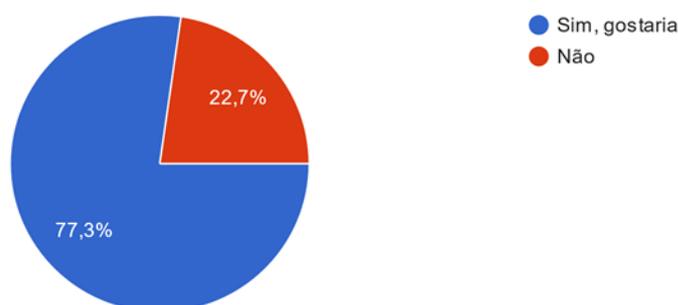
De 0 a 5 como você classifica sua adaptação ao ensino remoto?
22 respostas



Ao final, foi perguntado aos participantes se eles gostariam de receber o resultado da pesquisa para o e-mail informado no formulário, a maioria optou por receber, enquanto alguns optaram por não receber.

Caso tenha se interessado na pesquisa, gostaria de receber o resultado dessa pesquisa?(o resultado será enviado para o email informado acima)

22 respostas



A nossa pesquisa objetivou compreender o modo que os alunos – que pretendem realizar o vestibular – estão se preparando neste momento de pandemia, e identificar as deficiências de ensino-aprendizagem durante esse período. A partir da análise dos gráficos e tabelas das respostas obtidas, o grupo evidencia inicialmente que: A maioria (90,9%) dos estudantes entrevistados(as) já concluíram o Ensino Médio, e mais da metade (59,1%) foram em instituições da rede pública. E dos entrevistados(as), um percentual de 72,7% pretende fazer vestibular e 59,1% declararam fazer curso pré-vestibular.

Considerando os dados iniciais acima, é possível analisar ainda mais precisamente a realidade de cada entrevistado. Dentro da nossa pesquisa foi constatado que 45,5% dos entrevistados não estão tendo aula em nenhum formato, e os outros 54,5% estão tendo aula remotamente ou semipresencial. E quando perguntados quanto tempo de aula possuem por dia obtivemos respostas bem variadas, mas a maioria (59,1%) respondeu “três a cinco horas”.

Analisando mais profundamente as condições de estudo no atual cenário dos entrevistados, constata-se que 81,8% dos alunos possuem acesso a internet dividido com outras pessoas e apenas 18,2% possuem acesso individual, e quando questionados sobre a qualidade da internet de 0 a 5, apenas 18,2% dos respondentes classificaram como “5”, que seria a ideal. Com esses dados podemos constatar que a maioria dos alunos, durante a pandemia, está sendo prejudicada por não possuir condições ideais de internet em um cenário em que ela se faz essencial.

Quando questionados sobre o ambiente de estudo, planejamento e adaptação ao ensino remoto obtivemos que: de 0 a 5 os alunos que julgaram seus planejamentos de estudo como “5” (o ideal) foram apenas 4,5% dos entrevistados; quanto ao ambiente de estudo 13,6% dizem ter um ambiente propício; a maioria dos entrevistados (31,8%) classifica sua adaptação ao ensino remoto de 0 a 5 como “0”. É notável que a grande maioria dos estudantes entrevistados não se consideram integralmente aptos para as necessidades que o estudo durante a pandemia necessita.

Tendo em vista as análises feitas acima, conclui-se que na atual conjuntura as condições que os alunos entrevistados se encontram estão longe de serem as essenciais para um bom desempenho na realização do vestibular. As atuais circunstâncias deste ano de 2021 pandêmico, tanto agravou problemas já antes encontrados como a falta de atenção e concentração, (ambos problemas citados pelos alunos entrevistados na pesquisa) quanto trouxe também novas problemáticas para os alunos como a falta de um ambiente propício e a necessidade do acesso à Internet.

Conclusão e recomendações

É possível concluir com o projeto de pesquisa aplicado, que o grupo conseguiu atingir os objetivos de compreender tais efeitos da pandemia sobre o planejamento de estudos do estudante em fase de pré-vestibular, analisando, em quase unanimidade, efeitos negativos sobre esse período de ensino-aprendizado entre professores e alunos, e principalmente, sobre a organização dos alunos com seus estudos individuais.

O grupo recomenda um maior incentivo na criação e divulgação de mais pré-vestibulares comunitários, visando buscar ao aluno que não obtém recursos financeiros o desejo de ter tal planejamento em um momento determinante de sua vida acadêmica.

Outra iniciativa que deveria acontecer mais vezes seria a de estudantes que obtiveram êxito no vestibular poderiam procurar em redes sociais, aplicativos ou instituições de ensino pessoas que necessitam de material de estudo e fizessem tal doação.

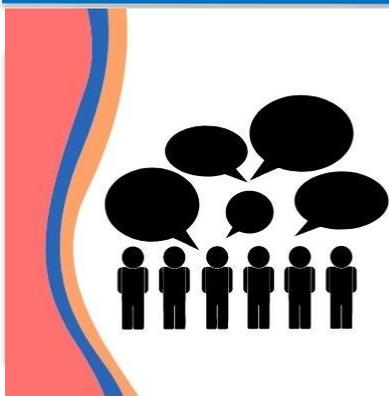
Como recomendação final, pensamos muito na ideia de como a escola e o professor podem ajudar de acordo com o tema proposto. Rodas de conversa, debates a respeito do futuro acadêmico, palestras com ex-alunos são de extrema importância para o aluno desenvolver melhor seu planejamento ainda mais com as adversidades que pode enfrentar no período da pandemia.

Referências

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião: Manual do Professor (NEPSO)/ 3ª edição. São Paulo: Editora Global, p. 102, 2010. Disponível em: <http://www.nepso.net/download/478>. Acesso: 25 de jul, 2021.

SILVA, Caio; SILVA, Glayce; ALMEIDA, Matheus. Dificuldade de acesso à educação no período de pandemia: A experiência do pré-vestibular social Dr. Luiz Gama. Revista Encontros com a Filosofia. Rio de Janeiro. Ano 8, n. 12, dez, 2020.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. Revista Brasileira de Educação, v. 11, nº 32, p. 226-237, maio/ago, 2006.



ESTUDAR REMOTAMENTE É MELHOR PARA QUEM MORA LONGE?

*Aline Souza de Alvarenga, Amanda Barrozo Guimarães,
Brenda Marques dos Santos, Laís Conceição dos Santos e
Lucia Maia Marinho*

Introdução

As dificuldades enfrentadas por algumas pessoas que residem distante do local em que estudam são inúmeras e resultam em um mau rendimento e abandono do curso. A falta de segurança e condições dos transportes públicos, alto custo financeiro e distância da sua residência são fatores que influenciam no rendimento do estudante universitário que, além da dificuldade de locomoção, possui a necessidade de trabalhar para arcar com o custo do transporte. Muitos estudantes fazem a escolha do curso de acordo com a localidade em que residem, influenciados pela distância, precariedade, insegurança e alto custo das passagens dos transportes públicos. As universidades públicas possuem bolsas de auxílio aos estudantes com hipossuficiência financeira, auxílio de equipamento eletrônico e internet para os alunos no ensino remoto, mas ainda está longe de resolver todos os problemas. De acordo com Dias e Da Costa (2016), as Instituições de Ensino Superior – IES brasileiras pecam em ações que ofereçam uma estrutura de apoio que incentive a permanência e desenvolvimento do aluno no ensino superior, criando condições para que esse aluno diminua o deslocamento e tenha mais tempo para se dedicar aos estudos.

A pandemia da Covid-19 alterou a vida desses estudantes, dada a necessidade do ensino remoto, e alunos que enfrentavam dificuldades diárias de deslocamento agora se deparam com um novo modelo de ensino. O ensino remoto para alguns estudantes se mostrou um desafio por diversos fatores, tais como: má qualidade ou a falta de internet, a precariedade do aparelho eletrônico ou a falta dele, o horário das aulas que batem com o horário de trabalho de alguns, as condições e espaço adequado para o aluno assistir às aulas, visto que muitas famílias também fazem uso de um único aparelho eletrônico na casa ou espaço. De acordo com o IBGE (2019), o número de casas com acesso à internet aumentou em 2019, porém o número de domicílios que não possuíam o serviço era de 12,6 milhões. O celular ainda é o meio mais utilizado para acessar a internet no Brasil.

O ensino presencial e o ensino remoto apresentam algumas dificuldades para o estudante universitário, e entender como esse indivíduo encara essa nova realidade se faz necessário diante desses fatores que dificultam a sua formação.

Justificativa

A ausência de um planejamento urbano adequado resulta em um forte desequilíbrio da distribuição da oferta de funções urbanas. Isso torna a uma parcela expressiva da população quase obrigatória a realização de longos e demorados deslocamentos para a realização de quaisquer atividades. (FIRJAN, 2016, p. 1)

No Rio de Janeiro existem quatro universidades federais localizadas em diferentes pontos, assim, já percebemos que existem poucas escolhas para quem deseja cursar uma universidade federal. Para além, essas faculdades estão localizadas em pontos que acabam sendo de difícil acesso para uma grande parte do público dessas instituições, o que pode ocasionar em uma desistência e abandono na continuação dos estudos por parte da população que enfrenta obstáculos por conta do deslocamento.

Nas grandes cidades hoje, é fácil identificar territórios diferenciados: ali é o bairro das mansões e palacetes, acolá o centro de negócios, adiante o bairro boêmio onde rola a vida noturna, mais à frente o distrito industrial, ou ainda o bairro proletário. Assim quando alguém, referindo-se ao Rio de Janeiro, fala em Zona Sul ou Baixada Fluminense, sabemos que se trata de dois Rios de Janeiro bastante diferentes (ROLNIK, 1994, p. 40 apud OLIVEIRA, 2013)

Querer estudar na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro acaba se tornando um grande desafio para os estudantes que residem na Baixada Fluminense e em outras zonas do Rio de Janeiro, visto que o deslocamento para a Zona Sul é repleto de desafios. Longas viagens, baldeações, altos custos, sobrecarga, falta de empatia por parte de alguns professores que não entendem essa realidade, são alguns desses desafios. Alunos que enfrentam mais de 2h ou 3h de trânsito, ficando à mercê de um mau funcionamento de transportes públicos, que muitas vezes dificulta a chegada na faculdade e de tarifas absurdas desses transportes, visto que o deslocamento é feito por dois ou mais transportes, na ida e na volta. O passe livre universitário apesar de ser uma ajuda, falha na questão de limitar o uso apenas no Município do Rio de Janeiro.

Pensar no ensino remoto também é pensar em um contexto em que as despesas aumentaram, gastos com alimentação por estar em casa, com contas domésticas aumentando, principalmente a energia. Além dos gastos mais diretos, como ter que custear aparelhos eletrônicos para ter acesso às aulas, ter que custear internet, pois nem todos conseguiram o auxílio da UNIRIO. Com a casa se transformando em sala de aula, há a necessidade de um ambiente favorável aos estudos, mas estar em casa é também estar sujeito a diversos acontecimentos: barulhos, crianças, companheiros, limpeza, comida.

Eu convivo com seis pessoas dentro de casa, então não é um ambiente escolar, sabe? É muito barulho, tem criança (...) e a quarentena também mexe muito com a cabeça. Eu, por exemplo, só saio para trabalhar, então é uma rotina que fica muito pesada psicologicamente (NOBRE, 2021)

Estava sendo muito cansativo para a gente porque, pelo menos antes, quando não estávamos nessa pandemia, a gente tinha a possibilidade de ter as aulas, mas quando acabava, a gente tinha uma interação, a gente podia distrair a nossa cabeça, conversar (NOBRE, 2021)

E é a partir dessas questões que a nossa pesquisa procura saber se estudar remotamente é melhor para quem mora longe e quais são as justificativas que permeiam esse questionamento, levando em conta o contexto do ensino presencial e do ensino remoto.

Objetivos

O objetivo desta pesquisa é entender o que os alunos que moram longe da Urca (fora da Zona Sul) sentem sobre o ensino remoto, em comparação à sua vivência no ensino presencial para o qual eles se inscreveram no Sisu. Através das perguntas propostas, analisamos se o fato de não ter que se deslocar diariamente para a UNIRIO neste momento remoto e passar por todos os perrengues e gastos que envolvem o ensino presencial melhorou a experiência universitária, e caso contrário entender o porquê de não ter melhorado.

Procedimentos Metodológicos

Realizamos uma pesquisa por amostra, onde analisamos uma parcela da nossa população e extrapolamos o resultado para representar o grupo estudado como um todo. Nossa pesquisa foi realizada através de um questionário quantitativo, com perguntas fechadas e abertas, escritas de forma simples e objetiva, e divulgado virtualmente para o nosso público-alvo, com os resultados e conclusões divulgados posteriormente para quem tiver interesse.

Segundo o Manual NEPSO (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2002), uma pesquisa quantitativa, como já diz o nome, questiona o público em busca de dados numéricos para validar as respostas. Idealizamos uma pesquisa com os estudantes da UNIRIO em períodos e cursos diferentes e com afazeres pessoais distintos, a fim de avaliar a quantos estudantes o ensino remoto fez bem e a quantos não favoreceu.

População

Nossa população, de maneira mais abrangente, trata-se de alunos da UNIRIO dos cursos de modalidades presenciais dos campi Pasteur e Voluntários da Pátria.

Amostra e Técnica de Amostragem

Dentro dos alunos da UNIRIO desses dois campi, criamos um critério para identificar a nossa amostra. Para participar da pesquisa o estudante da UNIRIO precisava necessariamente estar matriculado em um curso de modalidade presencial, e ter cursado pelo menos um período presencial e um período remoto. Cada aluno representa a unidade amostral, ou seja, o menor elemento da nossa população pesquisada. Quisemos analisar esse contraste de realidades da vivência presencial com a vivência remota.

Nosso tipo de amostra trata-se de uma amostra não probabilística, na qual não temos controle estatístico de representação, não se tem ao certo o número de pessoas que irão responder por não conhecermos a totalidade da nossa população, assim não podendo garantir o cálculo da margem de erro (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2002). Nossa técnica para coleta da nossa amostra foi a seleção de forma acidental, onde escolhemos os locais com maior probabilidade de presença do nosso público-alvo, visando assim maximizar o número de respondentes para garantir uma maior precisão nos resultados. Mantivemos o

questionário aberto às respostas por cerca de 2 a 3 semanas e após seu fechamento analisar todas as respostas obtidas.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

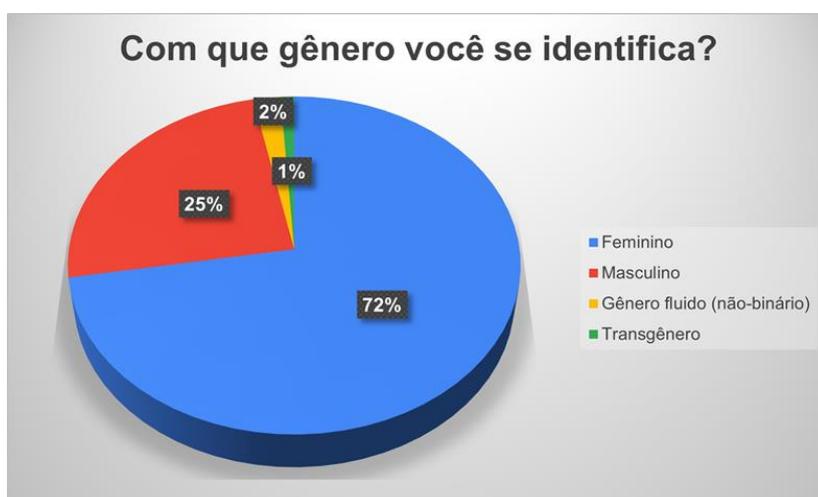
Para a análise da pesquisa, utilizamos um questionário virtual feito na plataforma Google Forms e definimos uma estratégia que considera aspectos quantitativos na coleta de dados, através de identificação, sistematização, análise das diretrizes, estratégias e instrumentos relacionados com o deslocamento de alunos universitários residentes em locais remotos, visando entender como o ensino à distância melhorou e/ou piorou a vida desses sujeitos.

Dividimos o questionário em 4 seções, que totalizam 18 perguntas. Primeiramente identificamos o perfil desse estudante através da coleta de dados básicos como gênero, faixa etária, local de residência e curso. Depois, começamos a expor a problemática estudada através de perguntas mais gerais para conhecer a perspectiva e dificuldade do entrevistado em relação ao ensino presencial e na terceira seção essas mesmas perspectivas e dificuldades em relação ao ensino remoto. Por fim, trouxemos as perguntas mais específicas que são o que de fato queremos saber: perguntamos qual dos sistemas, remoto ou presencial, foi melhor para cada estudante, e se o fato de não ter que se deslocar presencialmente à UNIRIO foi de grande vantagem aos estudantes que residem longe do seu campus. Nosso foco foi trazer esse embate de modalidades de ensino para entender a opinião dos estudantes quanto à ausência de necessidade de deslocamento físico.

A estratégia de aplicação do nosso instrumento (questionário feito no Google Forms) e coleta de dados foi feita de forma 100% virtual por conta da pandemia da COVID-19, que nos impede de estar presencialmente na UNIRIO de forma totalmente segura. Divulgamos o endereço eletrônico para o nosso formulário através do Facebook e WhatsApp, em grupos que englobam alunos dos mais diversos cursos da UNIRIO.

Apresentação e Análise dos Dados

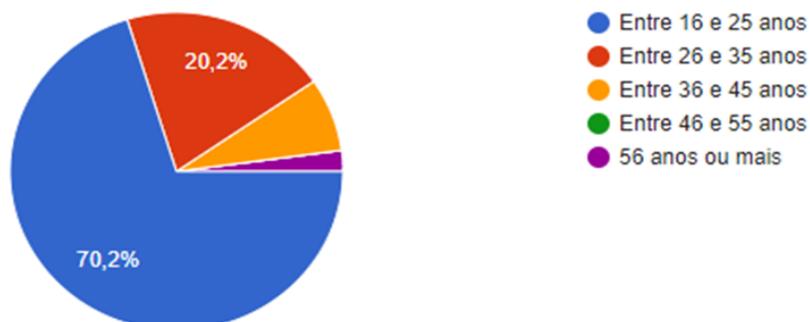
Em nosso questionário, 94 alunos da UNIRIO deram as suas opiniões, dentre os quais 68 (72%) eram mulheres, 23 (25%) eram homens. Duas pessoas identificaram como gênero fluido (não-binário) (2%) e uma se identificou como transgênero (1%).



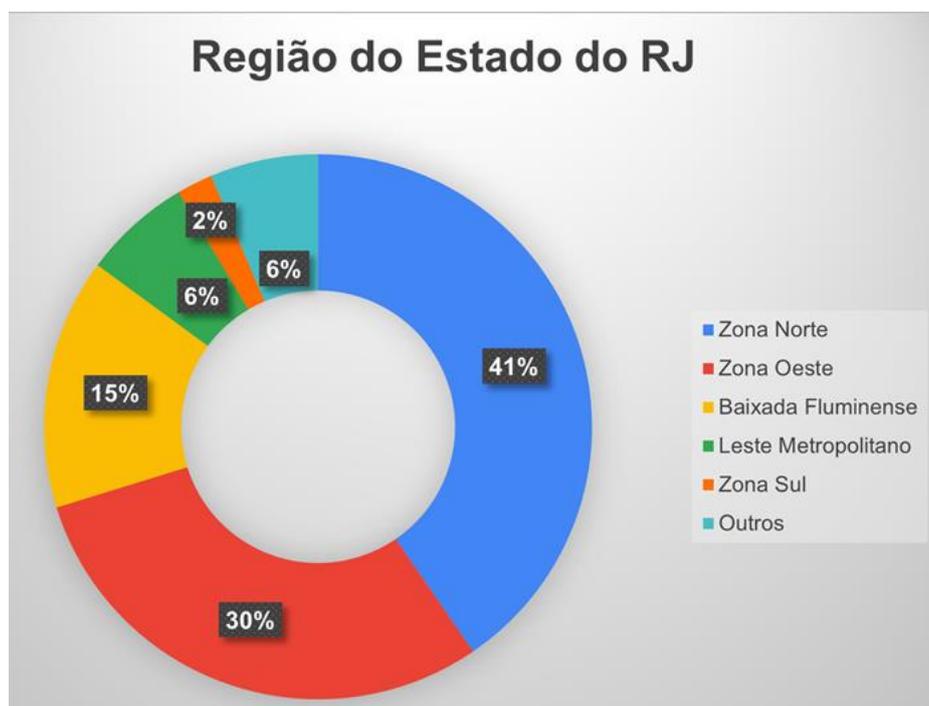
Em relação à faixa etária, a maioria dos respondentes tem entre 16 e 25 anos (66 respondentes 70%). 19 alunos (20%) têm entre 26 e 35 anos, sete (7%) têm entre 36 e 45 anos e dois (2%) tem 56 anos ou mais. Nenhum respondente tinha entre 46 e 55 anos.

Qual a sua faixa etária?

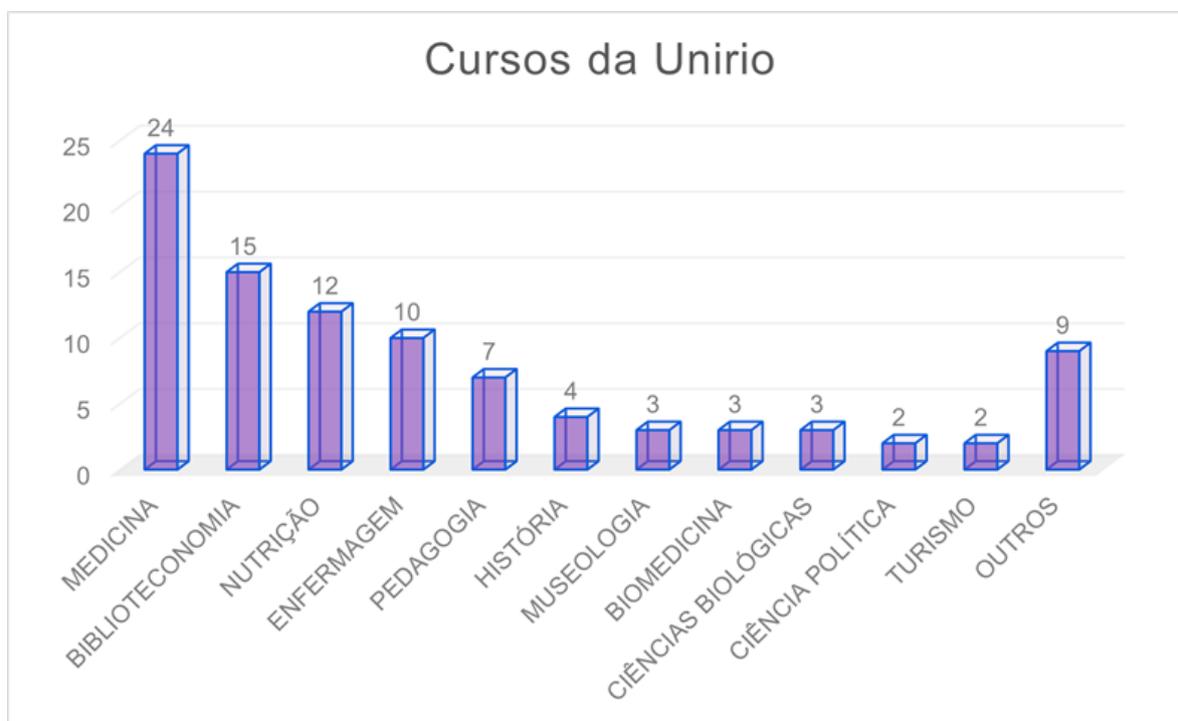
94 respostas



Pessoas do Rio de Janeiro todo participaram da nossa pesquisa, tanto alunos do município do RJ quanto de fora dele. Para uma melhor visualização, separamos por regiões. A maioria dos alunos (38 pessoas 41%) mora na Zona Norte, com destaque para os bairros do Cachambi, Tijuca, Ilha do Governador e Irajá, com 3 alunos morando em cada um destes bairros. Em segundo lugar vem a Zona Oeste com 28 alunos (30%), com mais alunos de Campo Grande (9) e de Jacarepaguá (8). 14 alunos (15%) moram na Baixada Fluminense, sendo o bairro de Nova Iguaçu aquele que aparece mais, com 8 respondentes. Seis pessoas (6%) moram no Leste Metropolitano, sendo três de Niterói, dois de São Gonçalo e um de Maricá. Dois alunos da Zona Sul (2%) moram em Botafogo. Alunos de demais regiões compõem 6% da pesquisa.



Quando perguntados sobre seu curso, obtivemos respostas de 17 cursos diferentes. 24 alunos (26%) cursam Medicina, 15 (16%) são da Biblioteconomia, 12 (13%) são da Nutrição, 10 (11%) da Enfermagem, sete (7%) da Pedagogia, quatro (4%) de História, três (3%) de Museologia, três (3%) de Biomedicina, três (3%) de Ciências Biológicas, dois (2%) de Ciência Política, dois (2%) de Turismo e os demais cursos com apenas um respondente compõem nove alunos (10%). Resolvemos abordar apenas o curso, sem discriminação por turno, visto que nem todos informaram qual o turno em que cursam. E em relação ao campus, mais de 95% cursam na Urca, a presença de alunos do campus Voluntários da Pátria foi mínima, então os campi da Urca foram os locais mais privilegiados nas respostas. O fato de termos conseguido uma diversidade tão grande de cursos mostra que nossa estratégia de aplicação do formulário funcionou, divulgamos em locais onde de fato havia a presença da nossa amostra.



Em nosso questionário deixamos também um espaço para que os interessados deixassem seu endereço de e-mail para futuramente receber os resultados desta pesquisa. 61 dos 94 respondentes mostraram interesse em conhecer os resultados.

Entrando na parte do questionário onde fazemos perguntas a respeito do ensino presencial, questionamos quantos períodos presenciais cada aluno já cursou. 37 alunos (39%) cursaram entre 1 e 3, 33 (35%) entre 4 e 6, 17 (18%) entre 7 e 9 e sete (8%) cursaram 10 ou mais.



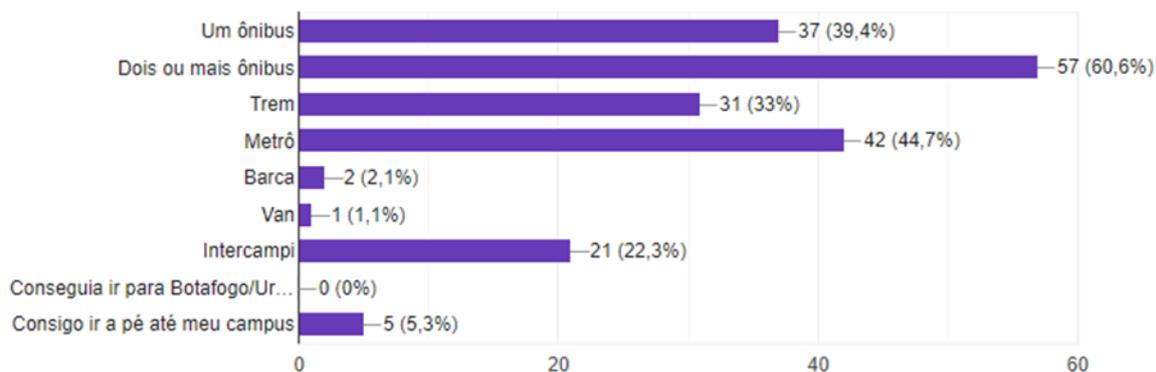
Ao perguntarmos sobre a motivação para a escolha do campus e do curso, deixamos o a possibilidade de marcar mais de uma alternativa. 63 pessoas (67%) não escolheram o campus, entraram pela nota de corte do SISU; 28 pessoas (29%) escolheram a UNIRIO mesmo com a distância por saber que o curso oferecido era bom; 12 pessoas (12%) escolheram pela disponibilidade de horário do curso (matutino/vespertino/noturno); 5 pessoas (5%) escolheram pela proximidade com a residência; 4 pessoas (4%) pela proximidade com o metrô e 3 pessoas (3%) pelo ônibus intercampi com o objetivo de economizar a passagem. Percebemos de forma expressiva que as pessoas não escolhem o campus, entram na faculdade por conta da nota de corte do SISU e esse fenômeno explica a grande quantidade de pessoas que residem longe da faculdade. Mas logo atrás uma boa quantidade de pessoas escolhe a UNIRIO mesmo com a distância, por saberem que o curso é bom e isso explica a persistência e determinação dos estudantes em enfrentar as adversidades, muitas vezes que poderiam ser evitadas ou melhoradas, para continuar no curso.



Nossa próxima pergunta consistia em descobrir quais as combinações de meios de transporte que nossos respondentes utilizavam para estar presencialmente na UNIRIO. Nós deixamos várias opções em aberto para que os alunos marcassem conforme a sua realidade. A opção que nenhum aluno respondeu é que conseguia ir até Botafogo/Urca de carro.

Quantos e quais meios de transporte você utilizava para chegar à UNIRIO? Fique à vontade para marcar mais de uma alternativa

94 respostas



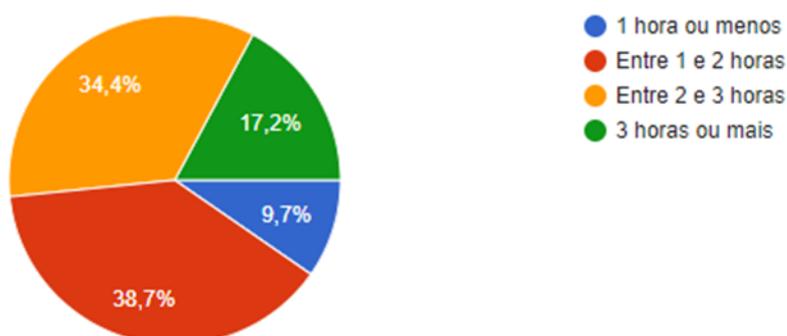
Após o fechamento do questionário, utilizamos uma ferramenta de contagem do Excel para calcular qual a combinação de meios de transporte era a mais utilizada. Chegamos a conclusão que 17 alunos (18%) utilizam dois ou mais ônibus, 11 alunos (12%) utilizam dois ou mais ônibus e o metrô, 10 alunos (11%) utilizam um ônibus e um metrô. 6 alunos (6%) utilizam dois ou mais ônibus e um trem enquanto outros 6 alunos (6%) precisavam pegar dois ou mais ônibus, trem e metrô. 5 alunos (5%) pegavam apenas um ônibus, 5 alunos (5%) pegavam dois ou mais ônibus, trem, metrô e intercampi. 4 alunos (4%) pegavam dois ou mais ônibus. Outras combinações de transporte somaram 24% (22 alunos). Percebemos que uma minoria utiliza o transporte gratuito oferecido pela UNIRIO que é o intercampi, até mesmo os alunos que pegavam o trem em minoria usufruíam do transporte, que tem como ponto de saída o campus ao lado da Central do Brasil, o Instituto Biomédico da UNIRIO. Os horários nem sempre favorecem, porém ele pega uma rota mais rápida que o 107, a outra opção paga de ônibus que deixa na Urca saindo da Central do Brasil, que é o ponto final do trem vindo de qualquer ramal e o mais próximo da Urca. Isso pode ser proveniente também da desinformação de muitos alunos a respeito do direito que possuem de usar esse ônibus para se deslocarem com mais eficiência.

Meios de transporte	
Dois ou mais ônibus	18%
Dois ou mais ônibus e metrô	12%
Um ônibus e metrô	11%
Um ônibus e trem	9%
Dois ou mais ônibus e trem	6%
Dois ou mais ônibus, trem e metrô	6%
Um ônibus	5%
Dois ou mais ônibus, trem, metrô e intercambi	5%
Dois ou mais ônibus e intercambi	4%
Outras combinações de transporte	24%

Perguntamos a quantidade média de horas gastas para poder chegar à UNIRIO e obtivemos como respostas que 9 pessoas (10%) gastam entre 1h ou menos para chegar, 36 pessoas (38%) gastam entre 1 e 2 horas, 33 pessoas (35%) gastam entre 2 e 3 horas, 16 pessoas (17%) gastam entre 3 horas ou mais. Uma das justificativas para a realização o nosso trabalho era a quantidade expressiva de horas gastas na ida e na volta para a faculdade, tendo que enfrentar engarrafamentos, paralisação temporária de transportes, mau funcionamento dos mesmos, entre outras situações e percebemos que a maior parte dos respondentes gastam entre 1 e 3 horas dentro do transporte.

Qual o tempo médio que você gastava dentro de transporte público para estar dentro na Unirio?

94 respostas



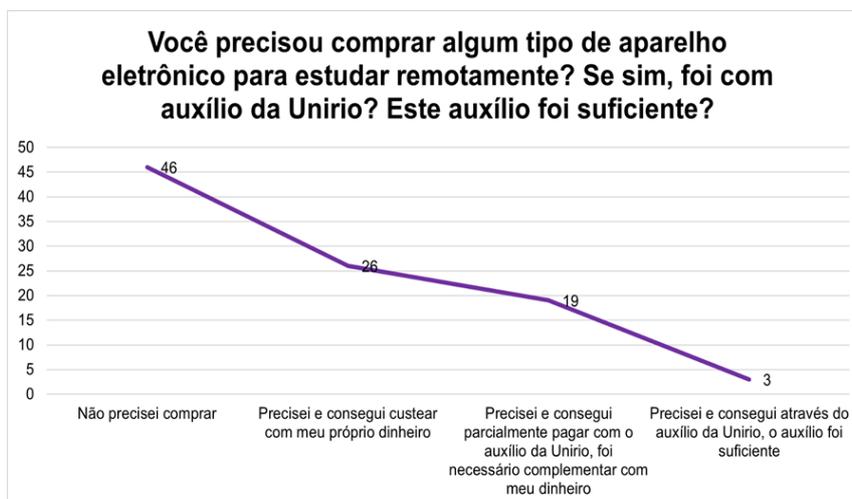
A distância entre a universidade e a casa dos alunos, além dos custos de um estudo presencial, muitas vezes geram diversas situações que dificultam a locomoção e permanência deles. Perguntamos algumas situações que as pessoas pudessem ter passado no ensino presencial e 61 alunos (65%) já perderam a aula por conta do trânsito e da demora dos ônibus para a Urca/Botafogo; 32 alunos (34%) não conseguiam se manter presencialmente sem auxílio/passe/Intercampi; 28 alunos (30%) já pensaram em trancar o curso por conta do cansaço de ter que estudar e trabalhar; 21 alunos (22%) já faltaram aulas por falta de dinheiro para alimentação/passagem e materiais da faculdade; 17 alunos (18%) eram prejudicados quando o bandeirão não estava funcionando e 22 alunos (23%) não passaram por nenhuma das situações sugeridas. A grande porcentagem de estudantes que já perderam aulas por conta do trânsito mostra a dificuldade de acesso a um local tão distante e de difícil acesso como a Urca, o que só reforça a importância de termos um transporte próprio da universidade, o intercampi, que já trace rotas que cheguem mais rápido aos campi, especialmente ao da Urca que abarca a maioria dos cursos presenciais da UNIRIO. Mais de 30% não conseguiriam se manter sem as políticas de auxílio estudantil como a Bolsa de Incentivo Acadêmico (BIA), o Passe Universitário e o Intercampi. Outra estrutura fundamental para o estudo presencial se encontra no bandeirão, que precisa estar sempre funcionando e oferecendo comida de qualidade aos estudantes a preço acessível, garantindo a permanência daqueles que precisam vir de longe e não conseguem se alimentar em casa.



Entrando na parte do questionário onde fazemos perguntas a respeito do ensino remoto, questionamos quantos períodos remotos cada aluno já cursou. 5 alunos (5%) cursaram 1, 27 (29%) cursaram 2 e 62 (66%) estão desde o início de forma remota, cursando o terceiro período no momento. Pensando que o ensino remoto era algo completamente novo para os alunos, foi necessária uma grande adaptação, e nesse sentido é fundamental a rede de apoio aos alunos para que todos sejam possibilitados a participar das aulas e compreenderem o conteúdo para uma absorção dos ensinamentos e um bom aproveitamento no ensino.



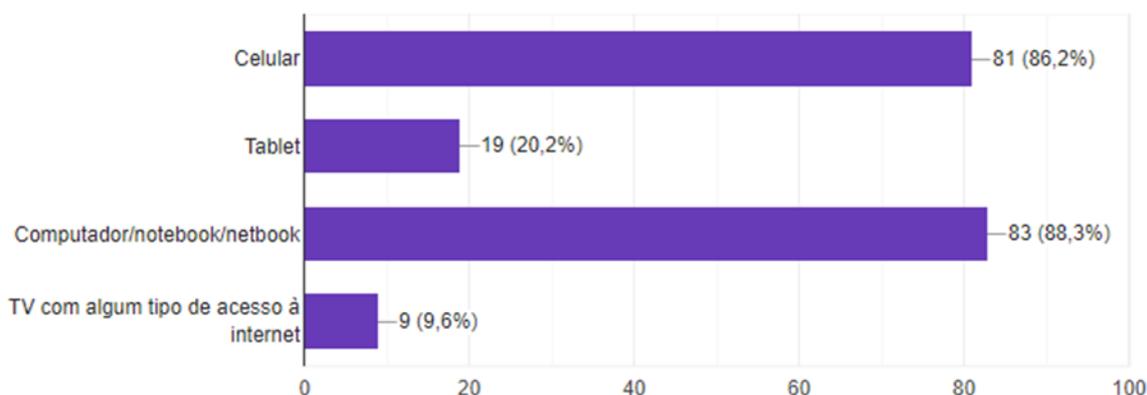
Pensando no contexto de um ensino remoto onde é necessária a utilização de aparelhos eletrônicos e no contexto pandêmico onde o desemprego tomou conta do país e o dinheiro na casa dos brasileiros fez cada vez mais falta, perguntamos se houve a necessidade da compra de aparelhos para estudar e se isso foi custeado pelo auxílio da UNIRIO ou com recursos próprios. 46 pessoas (49%) não precisaram comprar nenhum tipo de aparelho, 26 (28%) precisaram e conseguiram custear com o próprio dinheiro, 19 (20%) precisaram e conseguiram pagar uma parte com o auxílio da UNIRIO e outra parte com o próprio dinheiro e 3 (3%) precisaram e conseguiram comprar apenas com o auxílio da UNIRIO. É importante ressaltar que o auxílio para compra de aparelhos é de extrema importância e permite os alunos a dar continuidade da melhor forma possível em seus estudos.



Ao perguntar sobre os aparelhos utilizados pelos estudantes para a realização do ensino remoto, deixando em aberto para que marcassem todas as opções que condissessem com sua realidade. 83 (88%) utilizam computador/notebook, 81 (86%) utilizam o celular, 19 (20%) utilizam tablet e 9 (10%) utilizam TV com acesso à internet para o acesso. O uso da tecnologia se tornou algo mais do que essencial, sem ela se torna impossível dar continuidade aos estudos de forma remota. A maior parte dos estudantes utilizam o computador/notebook, o que é excelente pois consideramos o melhor aparelho para utilização nas aulas. Logo após vem o celular, que é um aparelho mais barato e comum a todos só que não traz com conforto tão expressivo como o computador para a interação nas aulas, o tamanho reduzido o teclado em tela são algumas coisas que com certeza dificulta a vida do estudante.

De quais aparelhos você tem possibilidade de acessar as aulas remotas e os materiais indicados para as disciplinas? Fique à vontade para marcar mais de uma alternativa

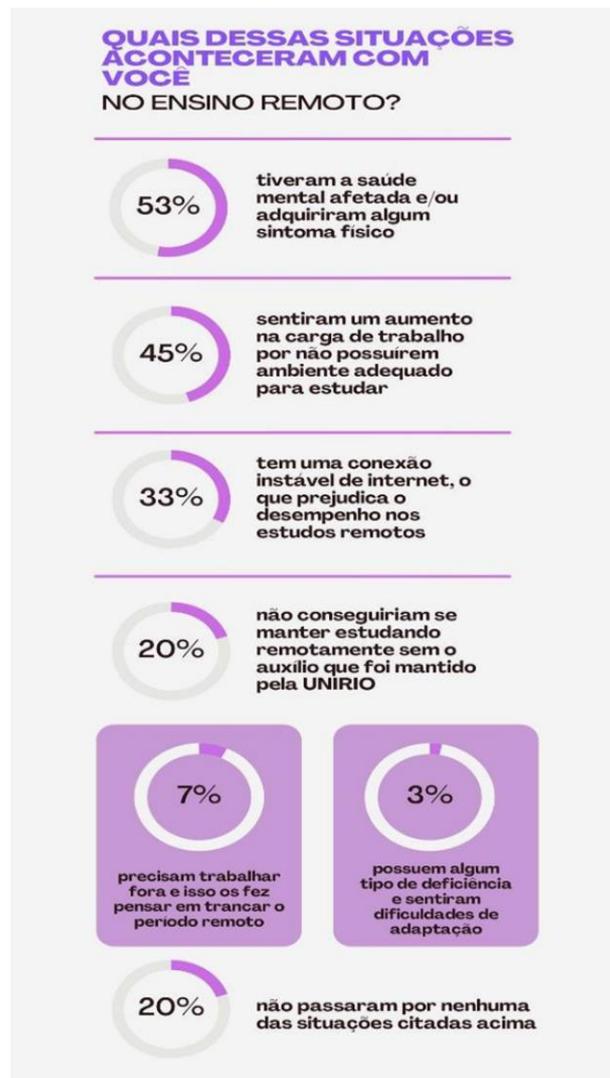
94 respostas



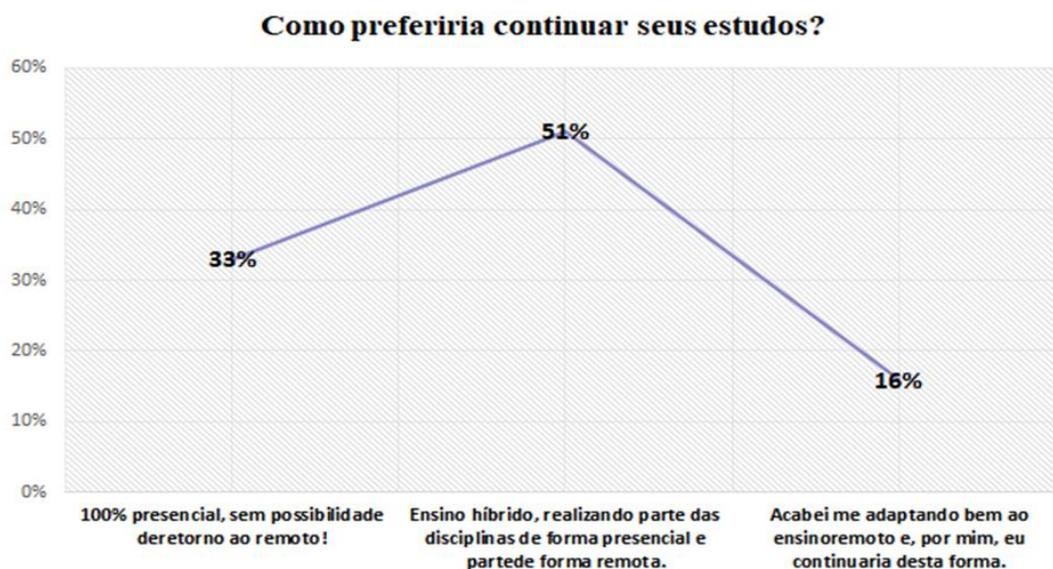
Realizamos uma análise pelo Excel das combinações de aparelhos que os estudantes possuem e depois convertemos para a tabela abaixo que identifica que grande parte dos estudantes utilizam dois ou mais aparelhos para o acesso às aulas, permitindo aos alunos assistir às aulas de qualquer lugar, trazendo mais flexibilidade ao seu estudo remoto.

Celular, Computador/notebook/netbook	56	60%
Computador/notebook/netbook	9	10%
Celular, Tablet, Computador/notebook/netbook	8	9%
Celular, Computador/notebook/netbook, TV com algum tipo de acesso à internet	7	7%
Celular, tablet	5	5%
Celular	3	3%
Tablet	3	3%
Celular, Computador/notebook/netbook, TV com algum tipo de acesso à internet	2	2%
Tablet, Computador/notebook/netbook	1	1%

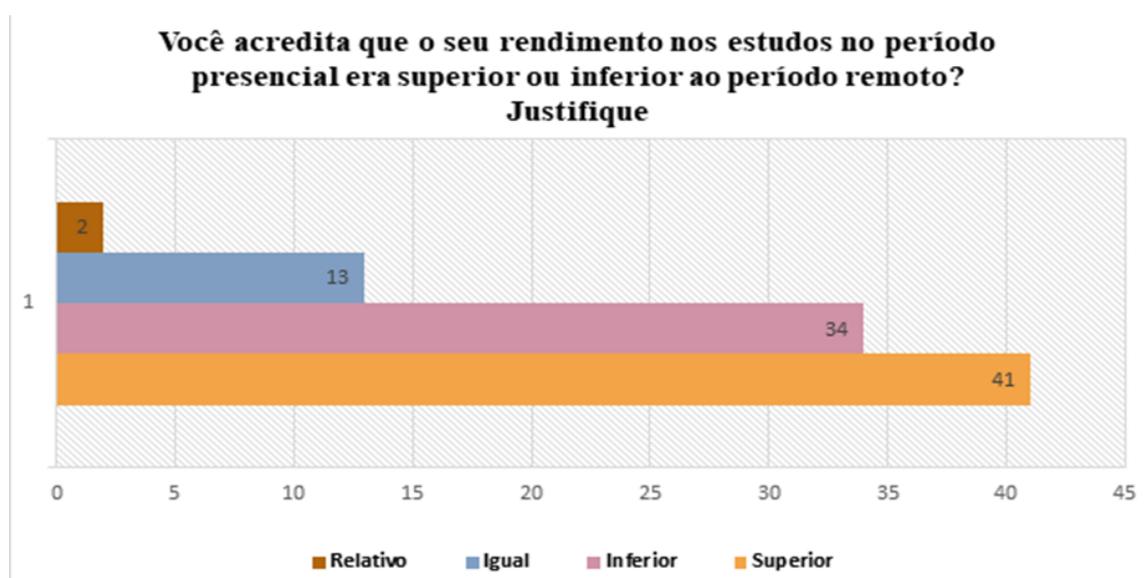
Querendo entender como é a realidade dos estudantes no ensino remoto, perguntamos sobre situações específicas ocorridas com cada um e deixamos a possibilidade de marcar mais de uma alternativa. 50 pessoas (53%) relataram problemas com a saúde mental e/ou que adquiriram algum sintoma físico por conta do ensino remoto, 42 pessoas (45%) sentiram um aumento de carga de trabalho por não possuírem um ambiente adequado de estudos, 31 pessoas (33%) têm uma conexão de internet instável e isso atrapalha o desempenho nos estudos, 19 pessoas (20%) não conseguiriam se manter estudando remotamente sem o auxílio recebido da UNIRIO, 7 pessoas (7%) precisaram trabalhar fora e pensaram na possibilidade de trancar o período remoto, 3 pessoas (3%) possuem algum tipo de deficiência e sentiram dificuldade de adaptação e 19 pessoas (20%) não passaram por nenhuma das situações listadas. Com isso, percebemos a expressiva quantidade de pessoas que tiveram a saúde mental afetada durante a pandemia e com o ensino remoto, isso também pode ser explicado pela segunda situação mais comum, o aumento de carga de trabalho e local não adequado para os estudos. A saúde mental foi/é um tema muito importante desde o início da pandemia do novo coronavírus em 2020. Estar em isolamento, assistir adoecimentos e falecimentos, enfrentar diversas dificuldades, tudo isso afetou a saúde mental de diversos brasileiros e isso não foi diferente com os estudantes remotos da UNIRIO.



Pensando nas diferentes experiências vivenciadas no ensino presencial e no ensino remoto, questionamos sobre a possibilidade de continuar os estudos após uma total liberação do modelo presencial em segurança absoluta. 48 pessoas (51%) gostariam de um ensino híbrido, 31 pessoas (33%) gostariam de voltar integralmente para o presencial, sem a possibilidade de um ensino remoto novamente e 15 pessoas (16%) continuariam no ensino remoto, pois se adaptaram e gostaram desse modelo.



Com o objetivo de justificar a escolha anterior, resolvemos entender através de uma pergunta aberta sobre a comparação do rendimento dos alunos no ensino presencial e remoto. A partir das respostas recebidas fizemos um balanceamento onde 41 pessoas (44%) possuíam um rendimento superior enquanto estudavam no ensino presencial, 34 pessoas (36%) possuíam um rendimento inferior no ensino presencial, 13 pessoas (14%) possuem um rendimento igual nos dois modelos de ensino e 2 pessoas (2%) não apresentaram uma opinião formada, pois viram vantagens e desvantagens em ambas as modalidades de ensino. 4 pessoas (4%) responderam à pergunta de forma incorreta e não conseguimos aproveitar a resposta.



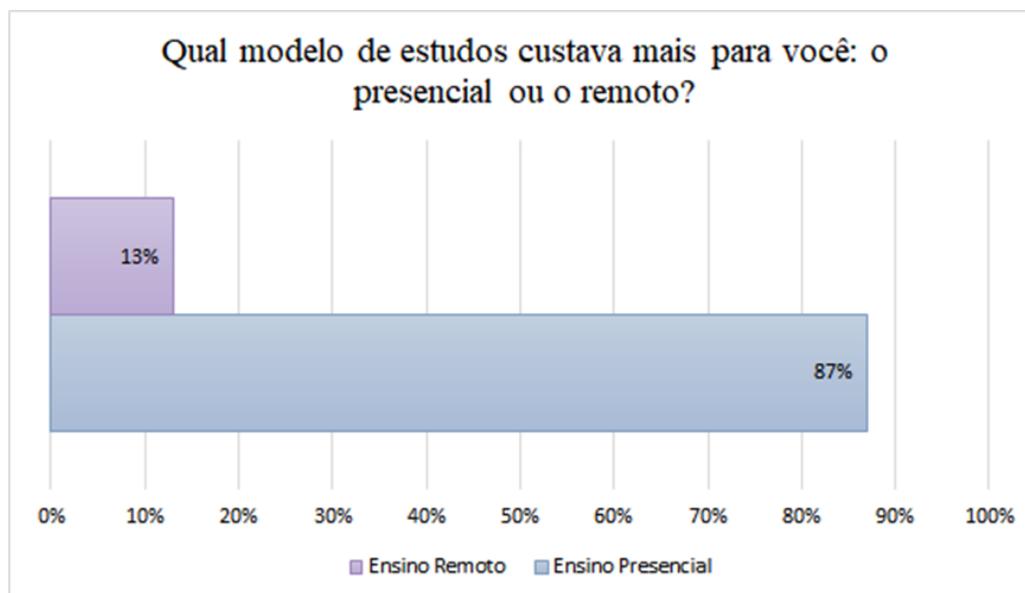
Após esse balanceamento, selecionamos algumas das justificativas dos respondentes onde as ideias centrais que mais se repetiam para justificar o rendimento, sendo essas: transporte, horários, saúde mental, qualidade de aula e sobrecarga de trabalhos.

Você acredita que o seu rendimento nos estudos no período presencial era superior ou inferior ao período remoto? Justifique

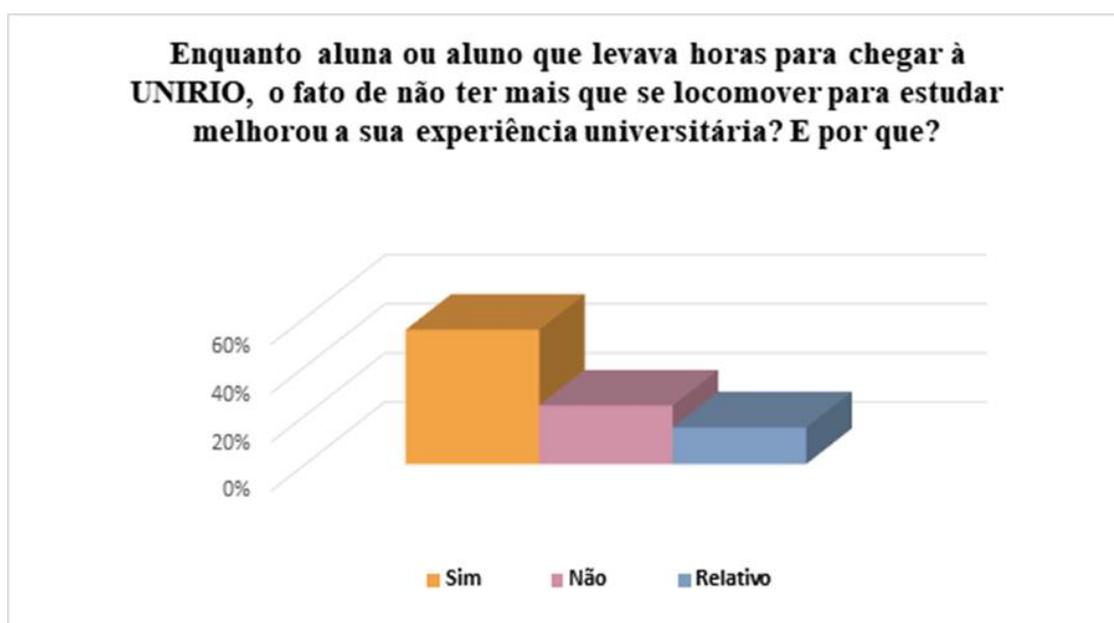
- *“Sem dúvidas era inferior. Precisava acordar muito cedo para chegar na aula às 8h e isso era extremamente cansativo. Fora que na parte da tarde precisava fazer estágio e isso demandava mais tempo de locomoção e ao final do dia não tinha muito tempo para estudar e fazer as leituras do curso. Já com o ensino remoto, o tempo que utilizava indo e vindo da universidade, consigo ler e produzir bem mais do que no presencial.”*
- *“Ambos. Inferior quando penso na qualidade do tempo e no seu uso para o estudo assim que o distanciamento social começou e todas as esferas estavam praticando o mesmo. Superior agora que meu trabalho retornou e eu preciso ter aula no ônibus pois o trajeto é longo. Se eu estivesse com aula presencial, pouparia tempo e teria mais qualidade de vida.”*
- *“Superior, o modelo online de ensino não é o adequado para mim como indivíduo. Tenho dificuldade de foco, não consigo me concentrar ou estudar da mesma forma, e os modelos de avaliações online têm se mostrado mais difíceis para mim. Não sinto que estou aprendendo, apesar de minhas notas se mostrarem boas e deu entregar os trabalhos nos prazos estipulados.”*
- *“Superior. A Enfermagem necessita MUITO de aulas presenciais para compreender corretamente sinais e sintomas, para aprender técnicas corretamente (como a ausculta e o manejo da seringa para coleta ou aplicação). No ensino remoto eu sinto que não aprendi nada e isso me preocupa pois acredito que serei um profissional incompetente se as coisas continuarem assim”.*
- *“Inferior, estava o tempo todo cansado, fatigado, com ausência de sono, alimentação inadequada e ir a UNIRIO, não ter onde comer, não ter banheiro decente para usar ou local para descansar. Chegar de manhã (8h) e, muitas vezes ter que ficar até às 22:20 por conta do intercâmbio. A UNIRIO é um ambiente hostil tanto dentro da sala de aula quanto fora dela, já cheguei a sofrer perseguição dentro da universidade, relatar a coordenação e nada ser feito, por conta dessas diversas experiências tenho crises de pânico e ansiedade apenas ao adentrar em seus portões, o ensino remoto foi um propulsor para eu não desistir do curso, mesmo com as dificuldades do ensino remoto e mesmo cumprindo jornada dupla de trabalho e estudo. Vale ressaltar, sou vegetariano, o bandeirão não dispõe de comida digna e que sustente nosso corpo, mesmo gastando rios de dinheiro colocando carnes todos os dias no cardápio (convenhamos, carne sempre foi um alimento caro e não muito nutritivo, só é cultural).”*

Um fator que influencia muito a entrada e permanência dos estudantes na faculdade é a questão dos gastos. Pensando nos custos para se manter no ensino presencial (passagem, alimentação, materiais, etc.) e também nos custos para se manter no ensino remoto (aparelho eletrônico, internet, alimentação, contas domésticas), questionamos qual o modelo

de ensino que mais demandou gastos aos estudantes. 82 pessoas (87%) afirmam que o ensino presencial é mais custoso e 12 pessoas (13%) afirmam que o ensino remoto é o que mais demanda gastos.



A dificuldade de locomoção e os gastos com transporte público ainda são fatores que influenciam diretamente no rendimento e qualidade dos estudos para os alunos da UNIRIO. Por esse motivo, resolvemos entender através de uma pergunta aberta se o rendimento e a qualidade dos estudos melhoraram para os alunos, pelo fato de não necessitar passar horas dentro de um transporte público para conseguir chegar à faculdade. A partir das respostas recebidas fizemos um balanço, no qual 55 pessoas (59%) afirmam ter melhorado, 24 pessoas (26%) acham que não houve melhora, 15 pessoas (15%) viram vantagens e desvantagens em ambas as modalidades de ensino.

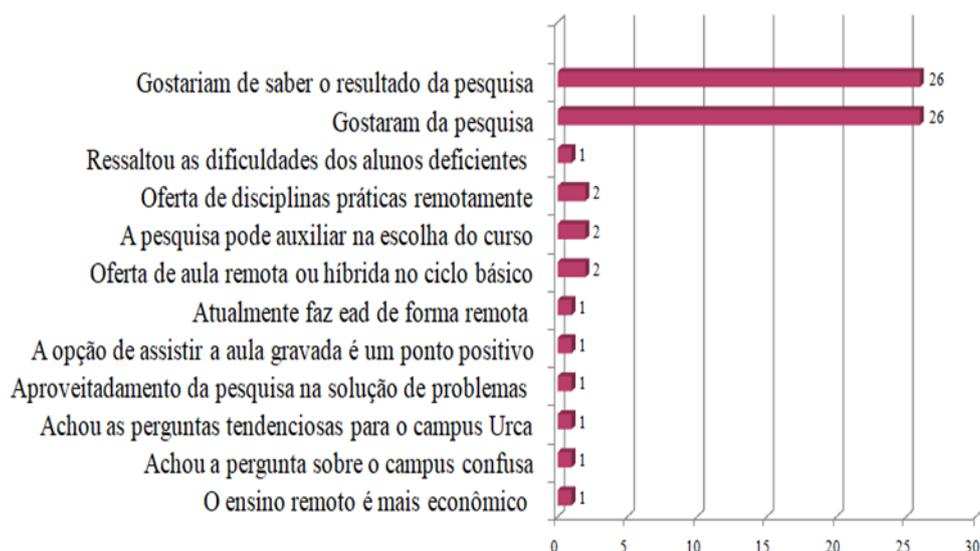


Após a separação desses dados, selecionamos algumas das justificativas dos respondentes onde as ideias centrais que mais se repetiam para justificar a melhora ou não da experiência universitária, foram: passagem, deslocamento, questões de saúde e qualidade das aulas.

Enquanto aluna ou aluno que levava horas para chegar à UNIRIO, o fato de não ter mais que se locomover para estudar melhorou a sua experiência universitária? E por que?

- *“Não diria que melhorou, mas ajudou de alguma forma pois eu passava 1h30 num metrô e ônibus lotados para ir para faculdade ou voltar para casa e isso era mais cansativo que a própria aula, fora que desenvolvi transtornos mentais e passar muito tempo para chegar na faculdade me causava várias crises. Fora que também não gasto mais com dinheiro da passagem, mas apesar disso tudo, sinto um vazio no ensino remoto.”*
- *“De certa forma melhorou porque agora eu não preciso mais passar 2h30 indo e 2h30 voltando da faculdade, posso utilizar esse período para estudar mais. Por outro lado, não me incomodava de levar mais tempo para chegar em casa, pois não é um ambiente confortável, então eu levava mais tempo, mas usufruía mais das bibliotecas e focava mais nos estudos que atualmente. Hoje eu me sinto ainda mais cansado que antes.”*
- *“Não melhorou. Com as regras trabalhistas de retorno, e as regras municipais de retorno das aulas, preciso do retorno das aulas para dar conta financeiramente do transporte público (eu usava o BU Universitário pra complementar o transporte e hoje pago do meu bolso), dar conta financeiramente dos meus custos discentes (pago uma internet mais cara e uma luz mais cara depois do home office) e para ter mais qualidade de vida como tempo de estudo e lazer, uma vez que tinha a biblioteca e os terminais de computadores, wi-fi e até a orla da praia vermelha.”*
- *“Não, porque os professores disponibilizam uma melhor aula no ensino presencial”*
- *“Essa pergunta para o curso de medicina é bem vaga, pq para a formação médica se faz necessário a parte prática. Então, acho que não devo responder como melhor experiência, mas facilitou bastante nas disciplinas que fazem parte do currículo, mas não tem carga horária prática.”*

Ao final da pesquisa, pedimos que os respondentes comentassem a respeito do que acharam da pesquisa, pontos positivos, negativos e alternativas para melhorar o acesso dos estudantes, tanto no ensino presencial quanto no remoto. Dentre os 26 que comentaram, todos acharam a pesquisa interessante e gostariam de receber o resultado. Assim como visto anteriormente, os respondentes identificaram alguns pontos em comum, por exemplo, dificuldades de locomoção, o alto custo para se manter na universidade, a demanda de tempo entre a sua residência e o campus, a dificuldade enfrentada pelo aluno que necessita trabalhar e estudar, e alguns novos aspectos, como a dificuldade dos alunos deficientes, insegurança nos transportes e a possibilidade do aluno que trabalha assistir à aula gravada.



Conclusão

O mundo mudou radicalmente por conta da pandemia, e com isso o ambiente universitário precisou de diversas alterações para que pudesse se encaixar nessa nova realidade. Se estudar numa universidade federal já era um enorme desafio, nesses novos tempos tudo se torna ainda mais desafiador.

Ao fazer a escolha por uma universidade para se iniciar uma graduação, vários pontos precisam ser analisados, como meio de transporte, tempo de locomoção, custo de permanência e qualidade do curso. O apoio ao aluno por parte da instituição escolhida é essencial para que a vida acadêmica se torne mais leve e a permanência seja garantida.

Nossa hipótese antes de iniciar a pesquisa era de que, mesmo com o fator locomoção retirado momentaneamente, ainda sim o ensino remoto traz diversos desafios que não se faziam presentes no presencial, o que faria com que a maioria dos alunos desejassem voltar de forma 100% presencial assim que fosse possível. Porém, os dados mostraram que mais da metade dos respondentes (51%) gostariam de um retorno de forma híbrida, com parte das disciplinas e atividades aplicadas de forma presencial e a outra parte de forma remota. Muitos viram vantagem nas horas a mais de leitura e estudos proporcionadas pela ausência da necessidade de estar de 2ª a 6ª na Urca. A modalidade remota trouxe uma nova experiência para quem só conhecia o presencial e o ensino híbrido mescla as duas formas, trazendo vantagens de cada modelo e unindo o melhor de cada um, proporcionando uma educação de qualidade e mais fácil acesso. Um outro fator que pode ter contribuído para que tantos tenham optado pela opção híbrida é que 87% dos respondentes disseram que estudar presencialmente era mais custoso do que remotamente, então a opção híbrida também seria uma forma de balancear os custos de estudo com a qualidade da aprendizagem.

Fizemos perguntas a respeito de situações desfavoráveis que os alunos poderiam ter vivenciado no ensino presencial e vimos que a locomoção, alimentação e auxílio permanência são os grandes desafios de muitos alunos, além do desgaste de conciliar trabalho e estudos.

É fundamental o bom funcionamento do intercâmbio e do banheiro diariamente, além da manutenção dos auxílios de incentivo acadêmico e do passe universitário.

Nesse momento remoto, o que mais se destacou foi a grande porcentagem de alunos que sentiram sua saúde física e mental afetada por conta dos estudos remotos. A ausência de separação entre casa e estudos foi algo amplamente sentido pelos estudantes, visto que muitos não possuem local adequado para os estudos, residem com a família ou estão trabalhando remotamente.

A pandemia trouxe alguns pontos relevantes para se pensar o ensino presencial e remoto, as dificuldades que os estudantes universitários enfrentam diariamente e como algumas políticas públicas são necessárias para auxiliar esse aluno. As dificuldades foram evidenciadas em ambas as modalidades, o que nos leva a repensar a forma que o ensino é feito e como pode ser melhorado. Analisar o perfil do estudante que reside distante da universidade nos levou a compreender outras dificuldades que são enfrentadas por eles antes mesmo da escolha do curso.

O ensino não será o mesmo após a pandemia e algumas mudanças são necessárias para que a qualidade da educação que é oferecida ao aluno universitário seja a melhor possível, uma vez que o perfil do estudante mudou e as demandas sociais e econômicas estão cada vez maiores.

Concluímos que a distância e o tempo gasto pelo aluno para se locomover até a universidade é o ponto mais relevante, embora outros se destaquem, muitos optaram pelo ensino híbrido para a solução desse problema.

Referências

BRASIL, Cristina. Sobem para 82,7% percentual de domicílios com internet, diz IBGE. Agência Brasil, Rio de Janeiro, 14 de abr. de 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-04/sobe-para-827-percentual-de-domicilios-com-internet-diz-ibge>. Acesso em: 22 jul. 2021.

DIAS, Sonia Maria Barbosa; DA COSTA, Silvio Luiz. A permanência no ensino superior e as estratégias institucionais de enfrentamento da evasão. *Jornal de Políticas Educacionais*, [S.l.], v. 9, n. 17/18, maio 2016. ISSN 1981-1969. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/jpe/article/view/38650>. Acesso em: 22 jul. 2021. <http://dx.doi.org/10.5380/jpe.v9i17/18.38650>.

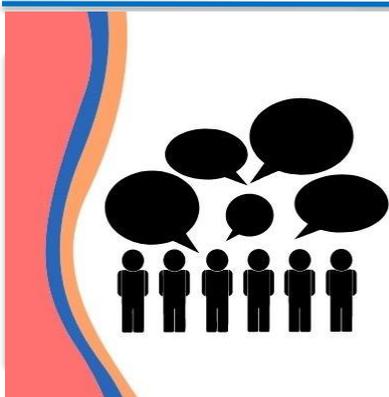
FIRJAN. Quanto custa o deslocamento casa-trabalho-casa no estado do Rio de Janeiro? Publicações Sistema Firjan Ambiente de Negócios. Agosto, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). PNAD contínua TIC 2019: internet chega a 82,7% dos domicílios do país. PNAD TIC, 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30521-pnad-continua-tic-2019-internet-chega-a-82-7-dos-domicilios-do-pais>.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor. 2 ed. São Paulo: Global, 2002.

NOBRE, Maria. A vida universitária é mais difícil à distância: 'uma rotina que fica pesada psicologicamente'. O DIA. Maio, 2021. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2021/05/6145280-a-vida-universitaria-e-mais-dificil-a-distancia-uma-rotina-que-fica-pesada-psicologicamente.html>.

OLIVEIRA, Patrícia Matias. Mobilidade e territorialidade: o movimento pendular intrametropolitano do Rio de Janeiro. SEURB. Agosto, 2013. Disponível em: http://www.fecilcam.br/anais/ii_seurb/documentos/o-urbano-em-suas-difentes-escalas/oliveira-patricia-matias.pdf.



FERRAMENTAS E METODOLOGIAS DE ENSINO NO CONTEXTO DAS AULAS REMOTAS

*Andressa Andrade, João Montaleone,
Natalie Bueno e Paulo Henrique Ferreira*

Introdução

Usualmente, temos como recurso metodológico no ensino presencial a utilização de aulas expositivas, nas quais o docente expõe sua visão e realiza uma análise crítica de um tema que geralmente foi abordado em um ou mais textos por um ou vários autores. Em contraponto a essa metodologia, que denominamos tradicional, temos uma abordagem mais dinâmica que se vale dos princípios do construtivismo e estabelece uma interação entre educador, estudantes e conteúdos, possibilitando a criação de um conhecimento conjunto, capaz de relacionar-se com as realidades de cada indivíduo. Assim, o educador exerce o papel de mediador na interação entre o educando e o conteúdo, tornando o processo de aprendizagem mais dinâmico e orgânico. Cabe ao educador interagir com seus estudantes, buscando identificar suas trajetórias pessoais, e consequentemente permitindo-lhes manifestar seus próprios conteúdos prévios e suas contribuições de vida diante dos assuntos a serem estudados (AGENDA PÚBLICA, 2011).

Seguindo esse raciocínio, consideramos que o modelo tradicional de ensino é pautado em uma proposta que dá menos atenção às interações e às formas de se relacionar como um todo, que submete o educando a uma aprendizagem limitada e padronizada, orientada pelo simples ato de denominar e definir as coisas, mas consequentemente, acaba por abandonar as relações e interações de cada indivíduo consigo mesmo, deste com os outros e dele com as coisas; um processo que naturalmente iria compor uma teia de relações, estabelecida através desse entrelaçar do sentir com o pensar (MATURANA e REZEPEKA, 2002).

Com a pandemia, a dinâmica entre professores e alunos sofreu mudanças e suas relações passaram a ser mediadas pela tecnologia e por novas ferramentas de auxílio ao ensino. Nesse período emergencial, o método de ensino tradicional, com aulas expositivas e avaliação ao final do período parece não ser suficiente para garantir que os alunos aprendam os conteúdos, transmitidos remotamente, o que pode levar à grande possibilidade de dispersão. Por outro lado, enquanto há um desejo dos alunos por mais interação com os docentes e uma receptividade às novas ferramentas, isso não se traduz em total aceitação dessas “novidades” e ainda causam estranhamento em alguns discentes. Além disso, atividades que eram geralmente bem recebidas pelos discentes nas aulas presenciais, passam a sofrer resistência nesse novo formato de aulas remotas. Assim, tentar fazer um breve retrato de quais metodologias e ferramentas de ensino dialogam melhor com os alunos nas aulas remotas e perceber quais são as dificuldades enfrentadas pelos estudantes em termos de metodologias durante o ensino emergencial se configura no cerne de nossa pesquisa.

Justificativa

Apesar da existência de diversas vertentes na educação como a construtivista, que convida o educando a contribuir ativamente no seu próprio processo de aprendizagem ainda hoje prevalece o modelo tradicional, com as aulas expositivas e pouco espaço para construção do conhecimento através de uma dialética entre docentes e discentes. Na nossa realidade como estudantes, observamos que, muitas vezes, as aulas meramente expositivas sem uma participação mais ativa dos estudantes, servem para atender tão somente a avaliação da disciplina, com a pontuação suficiente para se “passar na matéria”. Porém, sem haver uma garantia de que os conteúdos passados foram plenamente compreendidos, dialogados e sintetizados pelos estudantes.

O ensino remoto, porém, ressaltou outras questões, sendo a mais central o fato de que uma possível dialética entre docente e discentes ficou prejudicada com o distanciamento físico e as já conhecidas dificuldades de conexão tecnológica onde muitos estudantes, por exemplo, não têm equipamentos adequados para o acesso remoto, se valendo apenas de um celular para assistir às aulas. Há ainda a questão da dificuldade ou impossibilidade ao acesso à conexão com a internet. O relacionamento virtual “forçado” pela epidemia também gerou estresse nos docentes, que não foram treinados para manusear programas e aplicativos. É preciso também considerar que muitos se ressentem de dar aula para estudantes que, em grande maioria, mantêm suas câmeras fechadas e participam muito pouco das aulas.

A dialética entre docente e discente, que já poderia ser considerada um desafio durante as aulas presenciais, sofre ainda mais com o ensino remoto. Diante disto, consideramos que essa temática ganha ainda mais relevância.

Objetivos

O objetivo principal desta pesquisa é identificar quais abordagens metodológicas e quais ferramentas, na visão do grupo a quem ela se direciona, seriam as mais adequadas e bem aceitas, considerando o comportamento dos estudantes durante as aulas remotas. Para tanto, precisamos identificar as abordagens metodológicas utilizadas nas aulas, especialmente neste período de ensino remoto, sem, no entanto, nos atermos a uma definição “perfeita” da metodologia “A” ou “B”, mas basicamente identificando se determinadas abordagens e ferramentas são adequadas ou não para o processo de aprendizagem e se os estudantes se adaptaram ou não a elas.

Procedimentos Metodológicos

Realizaremos uma pesquisa por amostragem, que busca identificar a visão que os alunos dos diferentes cursos da UNIRIO têm sobre as metodologias das aulas, considerando inclusive os impactos do ensino remoto nessa relação, a partir do comportamento dos discentes nas aulas durante o período de pandemia. Levantamos através do questionário que contemplou perguntas fechadas e abertas qual é a opinião dos alunos sobre as abordagens metodológicas e ferramentas utilizadas, e quais, ao ver desse grupo, parece-lhes mais adequada sob a visão dos discentes do ensino remoto. O manual NEPSO (Nossa Escola Pesquisa sua Opinião), do

Instituto Paulo Montenegro, foi essencial para nos orientar na construção da pesquisa e desenvolvimento do relatório final.

População

parágrafo

Amostra e Técnica de Amostragem

A pesquisa foi direcionada aos alunos dos diferentes cursos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. O grupo de alunos da UNIRIO no Facebook reúne 13,9 mil membros – que congrega estudantes de diferentes cursos da universidade e o de Pedagogia nesta rede social possui 3,9 mil membros. Obtivemos 39 respondentes, o que corresponde a 0,28% da população-alvo. Apesar de esse ser um número baixo para representar a amostra, consideramos ser uma amostra representativa, por ser aleatória, uma vez que não havia previsibilidade de que os participantes iriam responder da mesma forma.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

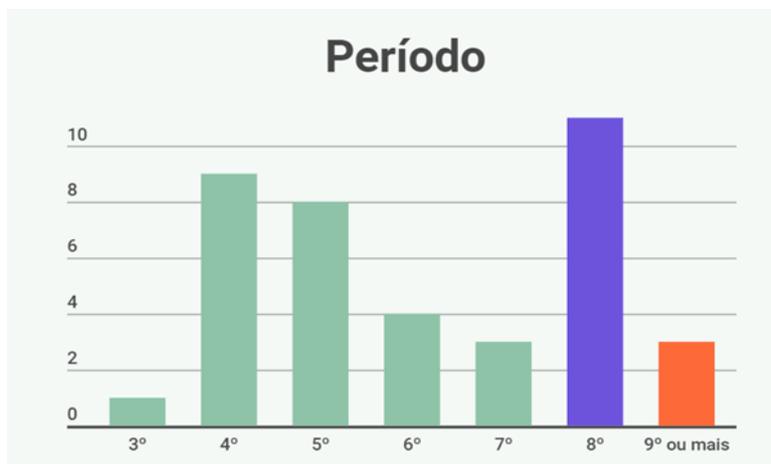
O instrumento de coleta de dados foi um questionário on-line, criado no Google Formulários. O endereço eletrônico do formulário foi compartilhado em grupos do Facebook e WhatsApp. Devido às condições de isolamento social, a coleta de dados foi feita inteiramente à distância.

Nosso questionário se constitui na combinação pesquisa qualitativa e quantitativa. Qualitativa por conter perguntas abertas na qual os entrevistados tiveram a oportunidade de recorrer à subjetividade para falarem livremente sobre alguns temas abordados no questionário. Dessa forma pudemos coletar as impressões, pontos de vista e opiniões dos respondentes. Por outro lado, a quantitativa coletou opiniões através de um questionário com perguntas objetivas, fechadas no qual pudemos traduzir os dados obtidos em números e/ou porcentagens para obter respostas conclusivas sobre diferentes situações.

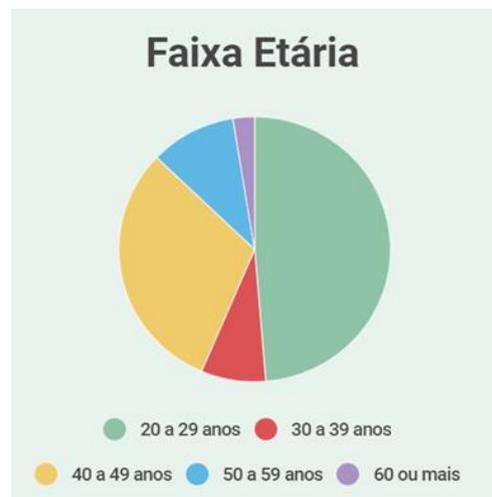
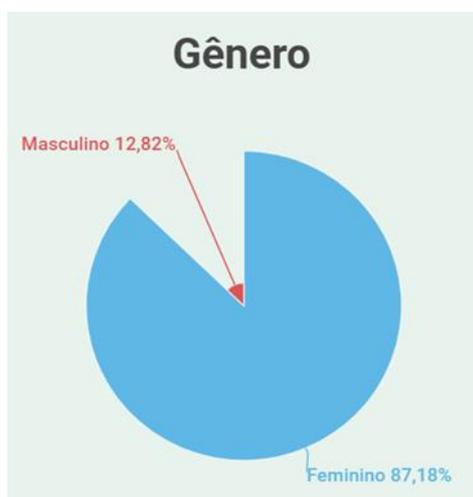
O questionário foi divulgado on-line na página do Facebook de Estudantes da UNIRIO (<https://www.facebook.com/groups/estudantes.unirio>) e na página Pedagogia UNIRIO (<https://www.facebook.com/groups/uniriopedagogia>). Além disso, foi postado em diversos grupos de WhatsApp de estudantes do curso de Pedagogia. O questionário ficou disponível para respostas de 6 a 18 de agosto. Neste período, fizemos repostagens e reforços em contatos com colegas por WhatsApp.

Apresentação e Análise dos Dados

A primeira parte da pesquisa consistiu em identificar os entrevistados. Foi possível coletar 39 respostas válidas, sendo 38 do curso de Pedagogia e apenas 1 do curso de Enfermagem. Foram entrevistados alunos do 3º ao 9º (ou mais) período, tendo maior participação de alunos dos 4º e 5º períodos (17 alunos) e 8º período, com 11 alunos. Apenas um dos alunos entrevistados não participou de nenhum período presencial na UNIRIO.



Quanto ao gênero, 87% dos entrevistados se identificam com o gênero feminino e apenas 13% com o gênero masculino. Com relação às faixas etárias, 19 respondentes têm entre 20 e 29 anos; 3 respondentes, entre 30 e 39 anos; 12 respondentes, entre 40 e 49 anos; quatro respondentes, entre 50 e 59 anos; e apenas um respondente tem acima de 60 anos.



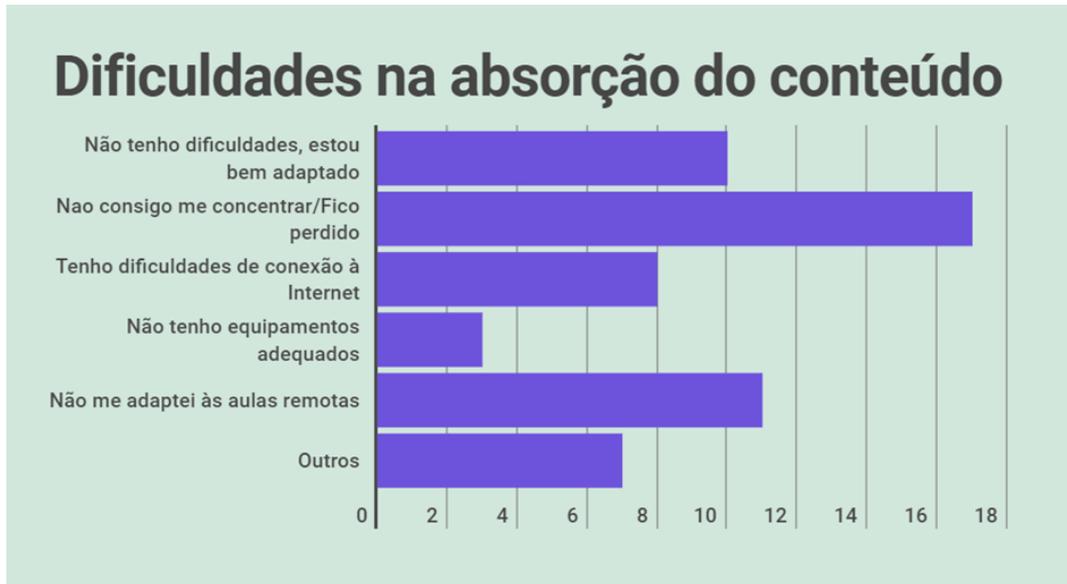
A segunda parte da pesquisa buscou identificar as dificuldades enfrentadas pelos alunos ao se adaptarem às novas ferramentas usadas durante o ensino remoto e a absorção do conteúdo. Chamou a atenção o fato de que 62% dos alunos afirmaram não ter tido problema para se adaptar às ferramentas, contra 38% que afirmam ter tido dificuldade. Essa porcentagem surpreende se levarmos em conta as dificuldades de inclusão digital e manejo de ferramentas tecnológicas apresentadas no início do período remoto.

Os professores Marcielio Alves dos Santos e Jefferson Flora Santos de Araújo (2021, p. 3), em seu artigo *Uso das Ferramentas Pedagógicas e Tecnológicas no Contexto das Aulas Remotas*, afirmam que:

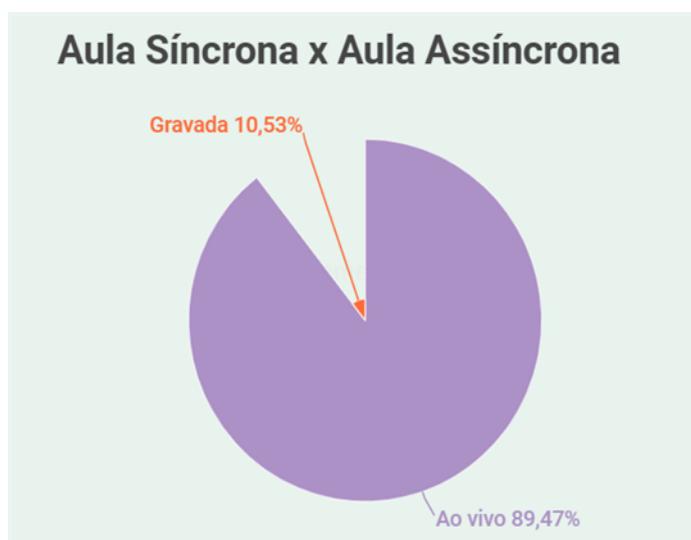
Apesar de evidenciarmos a importância das TIC, quando bem utilizadas para o desenvolvimento de habilidades e competências durante o ensino remoto, percebemos problemas relacionados ao seu uso tanto com professores quanto com alunos. Corroborando com essa ideia, Ferreira e Ciganda (2014) relatam que além de problemas relacionados ao processo de formação desses educadores, muitos professores e alunos sofrem com dificuldades básicas para uso das tecnologias, como o acesso à internet precário ou inexistente e a falta de aparelho smartphone ou computador.

Essa percepção de falta de dificuldade para se adaptar às novas ferramentas usadas durante o ensino remoto pode se dar pelo fato de tanto alunos quanto professores já estarem mais adaptados e não sentirem mais tantas adversidades ao lidar com o ensino remoto. Com relação às pessoas que tiveram dificuldades, 13% indicaram como o maior obstáculo justamente a falta de intimidade com alguns recursos tecnológicos, apontando que levou algum tempo para se habituarem ao uso desses. Outros 13% dos entrevistados indicaram como dificuldade a organização dos horários, havendo certa confusão com o fato de haver aulas síncronas e assíncronas. Apenas 6% apontaram a falta de interação com os docentes como maior dificuldade, uma delas citando dificuldades em acompanhar os informes pelo Google Classroom. Por fim, outros 6% citaram dificuldades técnicas para assistir às aulas síncronas, apontando questões como a instabilidade na conexão, falha no microfone e falha no equipamento. Sendo que uma delas complementou a resposta indicando a dificuldade de manter o foco na aula com distrações em sua residência.

Quanto às dificuldades na absorção do conteúdo, 47% alegam não conseguir se concentrar e se sentem perdidos na aula. Por outro lado, 25,6% afirmam não ter dificuldades e estarem bem adaptados. Alguns possuem dificuldade com relação à conexão de internet (20,5%) e ausência de equipamento adequado para assistir às aulas (7%). Foram relatadas também dificuldades como cansaço físico e mental por excesso de exposição a telas, excesso de textos, trabalho em grupo e barulho em casa. Esses são fatores que dificultam a boa assimilação do conteúdo passado pelos professores.

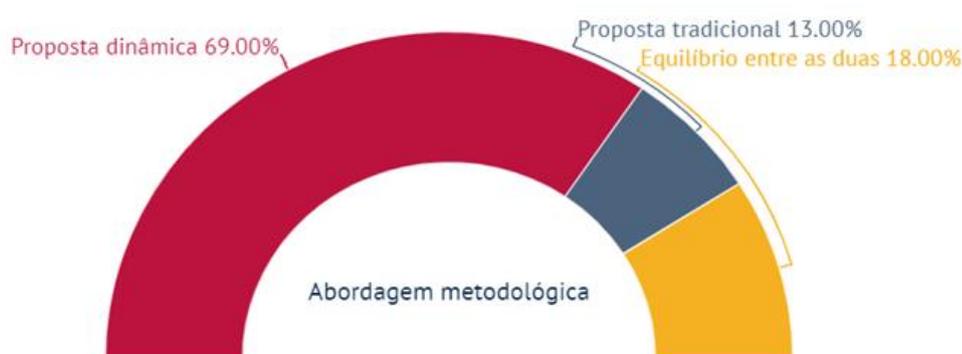


Em um terceiro momento, analisamos questões relacionadas às aulas remotas síncronas e assíncronas. Quase 90% dos entrevistados preferem assistir às aulas de forma síncrona, participando ativamente (ou não) via chat ou microfone. Quanto às aulas assíncronas, 48,7% as utilizam para fazer as tarefas indicadas nas disciplinas e 43,6% preferem descansar ou usar o tempo para realizar tarefas domésticas ou atividades referentes à sua atividade profissional. Os 7,7% restantes variam entre as duas opções.



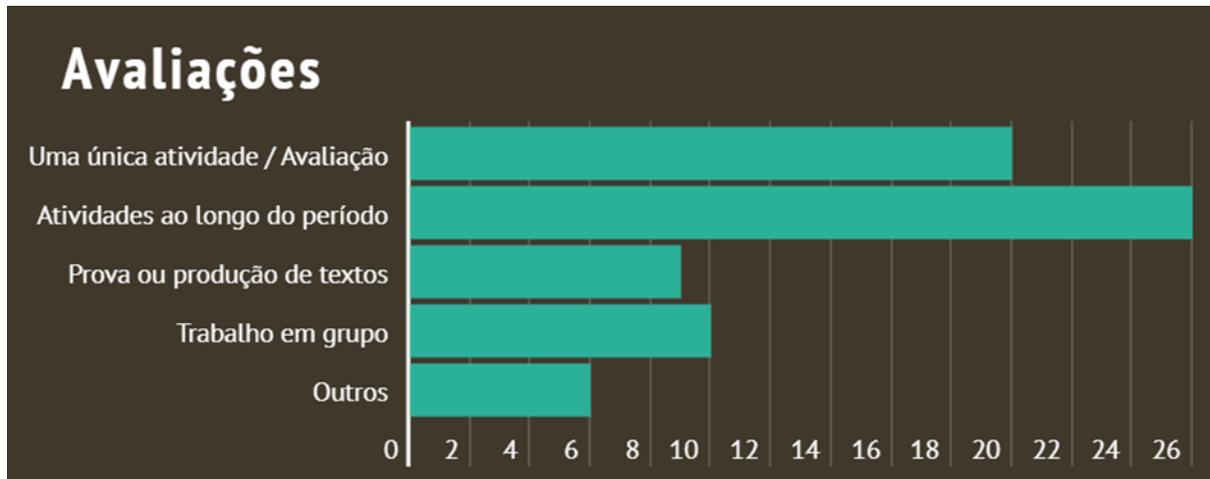
Complementarmente, fizemos perguntas sobre a preferência dos alunos pelo método de ensino durante o ensino remoto. Ao perguntarmos qual forma de aprendizado os estudantes consideravam mais adequados, 69% (27 participantes), responderam que preferem uma proposta de aula mais dinâmica, com interação entre discentes e docentes, pesquisa de temáticas e realização de debates e de atividades integrativas. Em compensação, apenas 12,8% (cinco participantes) responderam que preferem, nas aulas remotas, uma proposta de aula mais tradicional, com aulas expositivas, nas quais os conteúdos são transmitidos pelos professores. Essa resposta dialoga com outra questão, na qual perguntamos se as abordagens de ensino no período remoto diferem metodologicamente da do ensino presencial: 87,2% (34 participantes) responderam que sim. É interessante entender que essa percepção na mudança metodológica parece ter agrado a boa parte dos entrevistados.

Metodologia adequada ao período remoto:



Em um quarto momento, analisamos a preferência com relação às avaliações no ensino remoto e a satisfação quanto às ferramentas e metodologias, assim como se os estudantes identificaram alguma vantagem nesse período de ensino remoto. Sobre as avaliações, obtivemos resultados bastante diversos, pois a questão permitia a escolha de mais de um item, além da complementação da resposta com o item “outros”. Por isso a somatória dos percentuais ultrapassa os 100%. Para 66% dos entrevistados, o modelo de avaliação “atividades executadas ao longo do período com pesquisa, leituras de texto” seria o ideal. Para 51%, o modelo de avaliação com “uma única atividade entregue no final do período com base nas aulas dadas pelos professores e leituras de texto” também seria válido para o processo de avaliação. Dez pessoas (25%) consideram tanto trabalhos em grupo, como seminários perfeitamente válidos. E um grupo minoritário (23%) indicou “provas e produção de texto individual a ser entregue no final do período” como uma forma adequada de avaliação. Outros 15% dos alunos apontaram um ou mais dos itens acima descritos, e complementando suas respostas chamando a atenção para questões como dificuldades na obrigatoriedade do trabalho em grupo, quando alguns colegas não produzem e sobrecarregam os outros, assim como quando existe uma demanda semanal de produção e entrega de trabalhos, causando sobrecarga aos estudantes. Apenas 2% indicaram que a avaliação deveria ser um processo “construído ao longo do período”, sendo que uma delas

complementou apontando ser favorável a uma “diversidade de trabalhos individuais e em última hipótese, em grupo”. Uma pessoa indicou ser desconfortável realizar a leitura de textos acadêmicos e debatê-los sem possuir qualquer conhecimento prévio do mesmo, o que nos indicaria um “abismo” entre o docente e o discente. No caso, aparentemente o docente não realizou um diagnóstico para verificar o conhecimento prévio daquele grupo. Algo muito recorrente e que será explorado mais adiante nas considerações finais.

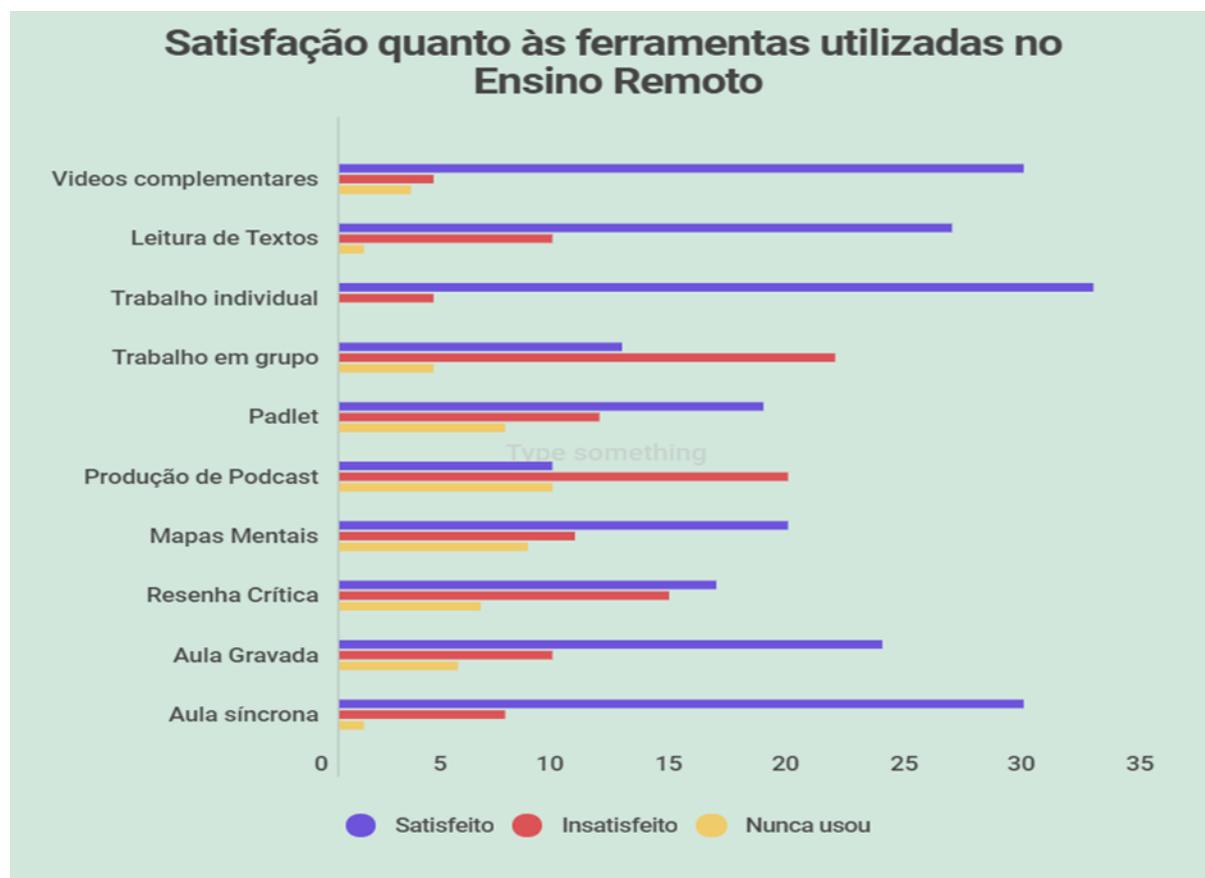


Sobre as ferramentas, analisamos a satisfação dos alunos em relação às seguintes técnicas: aulas síncronas (ao vivo), aulas assíncronas (gravadas), resenha crítica, mapas mentais, produção de podcast, uso da ferramenta Padlet, trabalho em grupo, trabalho individual, leitura de texto e vídeos complementares. Usamos a seguinte escala de avaliação: nunca utilizei, não gosto, indiferente, gosto e gosto muito. Para análise usamos a somatória das respostas “gosto” e “gosto muito” para indicar aprovação e satisfação, e a somatória das respostas “não gosto” e “indiferente” para assinalar desinteresse, desaprovação ou insatisfação. Veja no anexo 2 a tabela completa.

A pesquisa mostrou que produção de podcast e trabalho em grupo são as metodologias menos interessantes ou desaprovadas pelos alunos. Dos alunos entrevistados, 48,7% não gosta ou é indiferente à produção de podcast, tendo apenas 25,7% de aprovação e 25,6% ainda não usaram esse recurso. Quanto aos trabalhos em grupo, esse aparece mais uma vez como a prática menos empolgante para os alunos: 53,9% dos entrevistados alegam não gostar ou ser indiferentes aos trabalhos em grupo. Interessante perceber aqui, que há um certo conflito entre os desejos dos alunos por integração entre discentes e docentes e, ao mesmo tempo, uma certa resistência dos entrevistados em realizar trabalhos em grupo.

A prática de trabalho individual, vídeos complementares e aulas síncronas são os queridinhos dos alunos. Com 89,7%, o trabalho individual se mostrou ser o método mais aceito pelos entrevistados, sendo que 38,5% afirmam gostar e 51,2% afirmam gostar muito da técnica. Em seguida, vem vídeos complementares e aulas síncronas com 82% e 79,5% de aprovação, respectivamente. A leitura de texto também parece ser muito bem aceita pelos alunos, tendo aprovação de 74,4%.

Outras técnicas como aulas gravadas (64,1% de aprovação), mapas mentais (53,8% de aprovação), uso do Padlet (51,3% de aprovação) e resenha crítica (46,2% de aprovação) também se saíram bem avaliados pelos alunos, sendo a resenha crítica a com menor avaliação entre essas técnicas.



Quando indagamos aos entrevistados se eles percebiam alguma vantagem no período remoto para seu aprendizado, 56% responderam que sim e 44% indicaram que não. Desse universo de 56%, 8 pessoas indicaram a questão de evitar o deslocamento para universidade como a maior vantagem desse período remoto, não apenas pelo ganho de tempo, como pela economia de dinheiro. Ainda nesse sentido, 4 pessoas citaram como vantagem a flexibilidade de horários que lhes permite realizar outras atividades ou se organizar conforme sua disponibilidade. Sendo que uma delas especificou como vantagem a possibilidade de participar de um grupo de pesquisas acadêmicas. Já 3 pessoas apontaram como vantagem do ensino remoto, poder continuar os estudos, sendo que uma apontou a possibilidade de recuperar disciplinas atrasadas, o que acreditamos ser fruto da possibilidade de cursar mais de uma disciplina agregada em um único seminário. Outras 2 pessoas indicaram o uso de recursos tecnológicos como a maior vantagem desse período remoto, “novos aprendizados”, “expandindo horizontes” e vivenciando a utilização da “tecnologia aliada à educação”. E uma pessoa indicou que apesar de o ensino remoto estar “aquém” do presencial, “a maioria dos professores dá uma atenção especial”, “com um olhar diferenciado”. Uma pessoa citou a possibilidade de “consultar as fontes durante a exposição de conteúdos”. Uma pessoa citou

também como vantagem a possibilidade de haver “convidados em temas interessantes (no presencial é difícil)” além da possibilidade de cursar “disciplinas correlatas em seminários”. Por fim, uma pessoa indicou que “o ensino remoto se tornou uma necessidade”, mas que para tanto seria necessário refletir sobre como “melhorar a aprendizagem nesses tempos de ensino remoto”.



Na última etapa do nosso questionário, solicitamos que os estudantes sugerissem melhorias para esse período de ensino remoto. Dos 39 respondentes, 21 sugestões foram recebidas, dentre as quais 28% destacaram a carga excessiva de trabalhos. Quanto a isso, os respondentes queixaram-se da quantidade de tarefas com prazo, do número demasiado de atividades, bem como dos muitos textos acadêmicos de alta complexidade cuja leitura é exigida pelo cronograma das disciplinas. "Chega-se a supor que cada professor concebe a sua disciplina como a única a ser estudada pelo aluno naquele período", foi a queixa de um dos respondentes, gerando "falta de objetividade e baixo rendimento". Outra pessoa respondeu que "o volume de informação é muito vasto para cada disciplina" e sugeriu que os professores se atentassem para "a utilização de um mesmo material para diversas disciplinas" quando na elaboração das bibliografias. Ainda sobre a carga excessiva de trabalho, uma pessoa reivindicou "uma quantidade de trabalho coerente e humanamente possível de fazer". 23,8% das pessoas sugeriram a utilização de recursos audiovisuais, como filmes, vídeos e curtas, além dos textos já comumente indicados, aumentando a forma de apresentar o conteúdo e as chances de apreendê-lo. Outras 5 respostas continham sugestões sobre organização para benefício de docentes e discentes. Uma pessoa sugeriu que "ter um monitor para cada disciplina" ajudaria na organização. Já duas pessoas sugeriram que os professores organizem melhor o Classroom. Uma pessoa sugeriu que o material fosse "disponibilizado com antecedência". E uma pessoa ressaltou a importância de "ter cronogramas completos das disciplinas para poder organizar melhor os estudos". Quanto ao acompanhamento pedagógico, recebemos duas sugestões: uma pessoa pediu "explicação dos textos, não deixando à livre interpretação de quem ainda está aprendendo" e uma pessoa sugeriu "oficinas para alunos com esclarecimentos, orientações". Por fim, obtivemos 5 comentários sobre o diálogo entre professores e estudantes, onde 3 pessoas sugeriram que os professores

precisam ouvir mais os alunos, sendo que uma pessoa escreveu o benefício dessa prática: "a aula costuma ser mais interessante". Um dos respondentes sugeriu a necessidade de os professores serem "mais maleáveis". E outra pessoa sugeriu mais investimento na comunicação, pois, segundo ela, "algumas vezes chega a ser quase impossível se comunicar com certos professores".

Conclusão e recomendações

O debate sobre metodologias no ensino é permanente. Quando a pandemia sobreveio, fomos forçados a nos adaptar a um modelo de ensino remoto absolutamente improvisado, e novas demandas ainda desconhecidas surgiram ou foram potencializadas. Na presente pesquisa, que buscou uma amostragem dos estudantes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, e, por afinidade, acabou englobando mais especificamente os estudantes da Licenciatura em Pedagogia, acabamos por identificar demandas muito similares. Um leitor desavisado poderia imaginar que nossa pesquisa acabou por induzir essas respostas semelhantes. No entanto não foi isso o observado pois, em boa parte das questões, havia um campo para complementação das respostas, e justamente nesse campo subjetivo foi possível observar impressões similares, que dialogavam e até se complementam. Como exemplo, quando analisamos a questão que indagava aos estudantes quais seriam as vantagens do ensino remoto, foi apontada a questão de evitar o deslocamento até a Universidade como o principal ganho nessa modalidade. Ao mesmo passo, quando questionamos os estudantes sobre as principais dificuldades, ficou clara a presença de uma questão que não se refere apenas à modalidade remota, mas algo observado também presencialmente, que é a falta de uma avaliação diagnóstica por parte dos docentes que indique os conhecimentos prévios de cada novo grupo de estudantes a iniciar uma disciplina. Essa relevante questão, somada às dificuldades de acesso e adaptação ao modelo de ensino não presencial são enfatizadas pelas sugestões recebidas ao final do questionário.

Portanto, apesar da boa receptividade e certa rapidez dos docentes na adaptação ao formato de aula remota, o que inclui boa aceitação de novas ferramentas oferecidas na interação entre docentes e discentes, as aulas remotas, que surgiram de maneira emergencial, sem um planejamento prévio, trouxeram algumas questões que pedem um maior amadurecimento e sistematização na constituição de uma metodologia de ensino que envolva os alunos. Assim, sugerimos: Uma introdução do conteúdo da disciplina pelo docente, que considere o fato de que os alunos ainda não dominam aquele conhecimento, antes de passar textos e trabalhos para que eles desenvolvam ao longo do período letivo;

- Formulário para definir quais dinâmicas são mais interessantes para os alunos daquela turma;
- Exercícios que avaliem a apreensão desses conteúdos ao longo da disciplina considerando, sempre, o perfil da turma: se trabalhos em grupo podem funcionar para algumas delas, em outras, o professor pode recorrer a outros métodos. O importante seria, numa primeira aula, entender a dinâmica dos alunos e perceber como o conteúdo poderia ser trabalhado com eles. Tudo isso considerando, inclusive, acesso a ferramentas digitais e tecnologias;

- O diálogo entre discentes e docentes também é importante para definir o volume de trabalhos a serem feitos e textos para serem lidos.

Todas as sugestões acima podem ser definidas na primeira aula da disciplina, em que cada docente, a partir da conversa com os alunos, poderia definir a dinâmica de suas aulas. Esse diálogo tende a romper o padrão dos métodos tradicionais de ensino, mais impositivos, e abrir porta para trocas bastante ricas e produtivas entre discentes e docentes.

Chamar os alunos para participar da construção das aulas é essencial para que sejam evitadas algumas situações que consideramos particularmente preocupantes: a dificuldade de concentração e de apreensão do conteúdo. Percebe-se que o estranhamento às aulas remotas não se deve às dificuldades de adaptação às ferramentas tecnológicas, mas, sim, à sensação de “perda” dos alunos, que, assim como os professores, lutam para se adaptar a um formato de aula criado em caráter emergencial.

Referências

AGENDA PÚBLICA (Brasil). Instrumental para a Formação de Educadores do Projeto Juventude e Trabalho. São Paulo, n. 001, 2011.

MATURANA, H.; REZEPEKA, N. S. Formação humana e capacitação. Petrópolis: Vozes, 2002.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor. 2 ed. São Paulo: Global, 2002.

SANTOS, Marcelio Alves dos; ARAÚJO, Jefferson Flora Santos de. Uso das ferramentas pedagógicas e tecnológicas no contexto das aulas remotas. Revista Educação Pública, v. 21, nº 17, 11 de maio de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/17/uso-das-ferramentas-pedagogicas-e-tecnologicas-no-contexto-das-aulas-remotas>. Acesso em 24 de agosto de 2021.



IMPACTO CAUSADO PELOS JOGOS VIRTUAIS NOS JOVENS E SEU RELACIONAMENTO COM A LITERATURA

Bruno Bernardo Maciel e Lucas de Carvalho Sayão

Introdução

O tema escolhido para a elaboração deste projeto de pesquisa procurou entrelaçar dois tópicos importantes e presentes na vida de jovens e adultos da era digital: educação e jogos virtuais.

Uma das principais fontes de entretenimento atual, os jogos eletrônicos criaram um vasto mercado altamente lucrativo que envolve desde venda física de games e consoles às micro transações dentro de jogos online.

No levantamento feito pelo banco de investimentos Drake Star Partners, descobriu-se que o primeiro semestre de 2021 já movimentou US\$ 60 bilhões para indústria dos games, o que é quase o dobro do valor arrecadado em 2020.

[...]Mesmo que a situação econômica brasileira não seja tão favorável para os gamers, de acordo com uma pesquisa feita pela NewZoo em 2020, o Brasil é líder de lucratividade no mercado de games na América Latina, ocupando a 13ª posição no ranking mundial. (TUDOCELULAR.COM, 2021)

Dentre os diferentes jogos online disponíveis atualmente, um dos que mais se destaca é o League of Legends (LoL), que de acordo com a própria desenvolvedora em declaração ao G1, apresentou em setembro de 2019 um pico diário de 8 milhões de jogadores simultâneos, podendo ser considerado o jogo de computador mais jogado do mundo.

O número com certeza impressiona, ainda mais considerando que se trata de um game de 10 anos, criado por uma desenvolvedora que não havia lançado nada antes. Somado a competições que chegam a dar US\$ 1 milhão em prêmio para o vencedor, forma um cenário difícil de ignorar. (G1, 2019)

Existe um grande esforço por parte das desenvolvedoras dos jogos em criar uma imersão cada vez mais profunda nos jogadores, com personagens com diversas características e personalidades, ambientes fantásticos e bem-produzidos, enredos instigantes e vários outros pontos.

Justificativa

Por se tratar de uma atividade focada no lazer, os jogos eletrônicos são encarados somente para fins recreativos, excluindo qualquer possibilidade de aprendizado que possa ser gerado através dele, sendo considerado “perda de tempo” por grande parte da sociedade, principalmente no âmbito familiar.

Uma situação muito comum na vida de adolescentes e jovens, o tempo gasto com jogos virtuais é visto como empecilho no aprendizado, levando à restrição ou até banimento em certos núcleos familiares.

Objetivos

O objetivo geral proposto para essa pesquisa é comprovar se os jogos virtuais incentivam a leitura do seu universo, que é composto de quadrinhos, mangás e textos narrativos para desmistificar a concepção de obstrução no aprendizado e falta de interesse na leitura.

Um ponto importante a ser fomentado é o estímulo do debate sobre os pontos positivos dos jogos na vida dos jovens e de que maneira instigar a leitura por meio deles, como também encorajar pessoas fora da esfera a conhecer mais sobre esses universos.

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa possui uma base quantitativa, visto que foi usado um questionário para a apuração dos dados da população selecionada.

As pesquisas quantitativas são mais adequadas para apurar opiniões e atitudes explícitas e conscientes dos entrevistados, pois utilizam instrumentos padronizados (questionários). São utilizadas quando se sabe exatamente o que deve ser perguntado para atingir os objetivos da pesquisa. Permitem que se realizem projeções para a população representada. Elas testam, de forma precisa, as hipóteses levantadas para a pesquisa e fornecem índices que podem ser comparados com outros. (NEPSO, 2002)

População

A população selecionada para o levantamento de dados através do questionário foi pessoas que possuem alguma relação com os jogos League of Legends (LoL) e Genshin Impact (GI).

Amostra e Técnica de Amostragem

A amostra deste projeto trata de todos os indivíduos participantes de comunidades dentro das redes sociais Facebook e WhatsApp relacionadas aos dois jogos já citados que responderam à pesquisa. Se tratou de uma amostra não probabilística intencional, visto que não possuímos informações sobre os respondentes da pesquisa que foi realizada de forma anônima, mas de um grupo específico, nesse caso de jogadores casuais ou não dos jogos LoL e GI que possuem acesso às comunidades dentro das redes sociais Facebook e WhatsApp.

Assim, a amostra não probabilística é aquela em que a coleta é baseada em critérios definidos previamente, em que nem todos o universo tem a mesma chance de ser entrevistado, mas que no final o trabalho de campo o resultado seja representativo e passível de extrapolação. (DIAS, 2018)

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

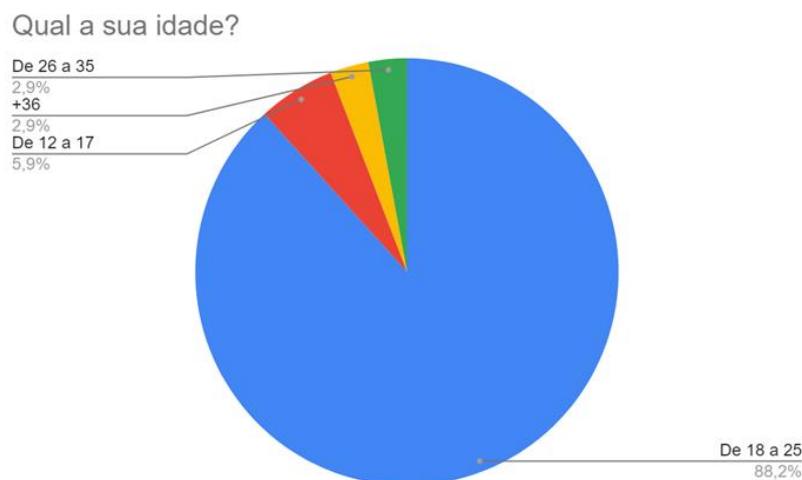
O instrumento utilizado para a coleta de dados da amostra selecionada foi um formulário feito através do Google Forms, onde foi estruturado em 3 (três) partes. A primeira apenas para a introdução contendo a explicação do questionário, sua justificativa e o período em que estaria disponível para resposta. A segunda parte foi referente aos dados pessoais do respondente para traçar seu perfil, contendo duas perguntas: qual gênero se identifica e a idade, ambas com alternativas de escolha única. A terceira e última parte foi referente à relação com os jogos virtuais, contendo 7 perguntas (alternativas, caixa de seleção ou escala) para estabelecer se o respondente é ou não jogador de LoL e GI, se já entrou em contato com o universo de histórias desses jogos e o quanto se sente incentivado a ler.

Por fim, duas caixas de textos opcionais para comentários sobre o tema da pesquisa e inserir o e-mail para, ao final da pesquisa, receber o relatório contendo a análise dos dados coletados.

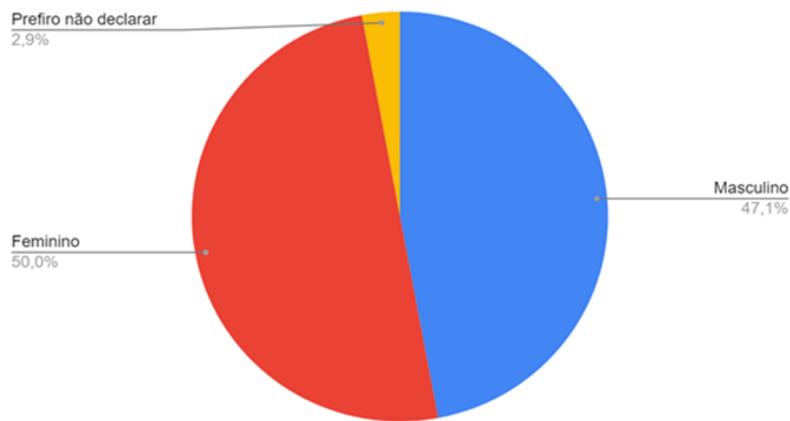
O questionário foi divulgado através de um link de acesso em diferentes grupos de jogadores de LoL e Genshin Impact nas plataformas sociais WhatsApp e Facebook.

Apresentação e Análise dos Dados

A pesquisa conseguiu levantar um total de 38 respostas. Num primeiro momento, para caracterizar o grupo pesquisado, foi perguntada a idade e o gênero com o qual se identifica.

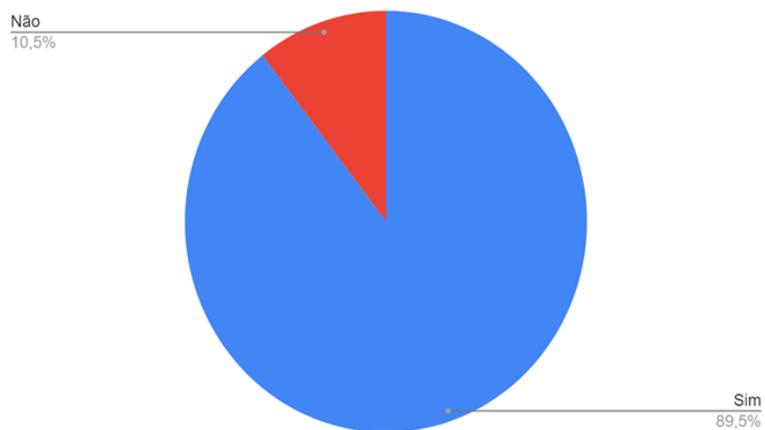


Com qual gênero você se identifica?

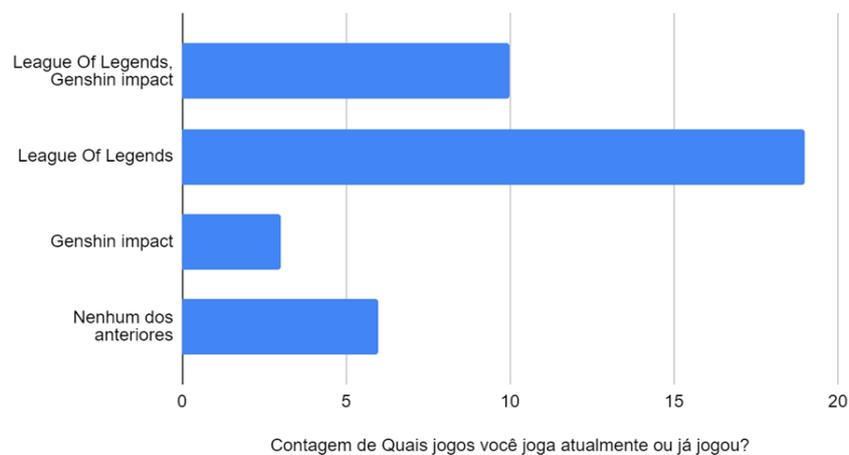


A pesquisa levou em consideração tanto os jogadores de LoL e Genshin Impact quanto os não-jogadores, por isso foi perguntado se já jogou algum desses.

É jogador de algum tipo de jogo virtual?



Quais jogos você joga atualmente ou já jogou?

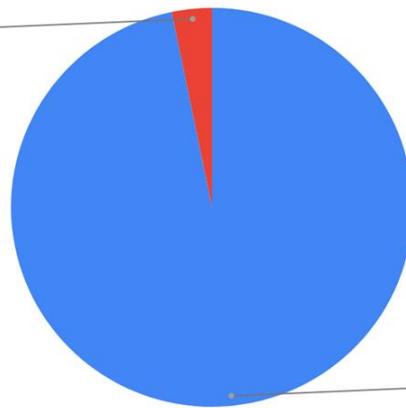


Logo em seguida, foi perguntado se possuem conhecimento sobre a existência do universo literário de algum desses dois jogos e se já entrou em contato com eles, para uma melhor análise foi dividida as respostas entre os jogadores e ou não jogadores de LoL e Genshin.

Levando em consideração os jogadores de pelo menos um desses dois jogos (31 respostas), 3,2% não sabiam da existência da história que o jogo possui, enquanto 96,8% conheciam. Sobre se entrou em contato com algum texto narrativo, 85,7% responderam que sim, 14,3% que não.

Possui conhecimento sobre algum universo de histórias narradas por um jogo?

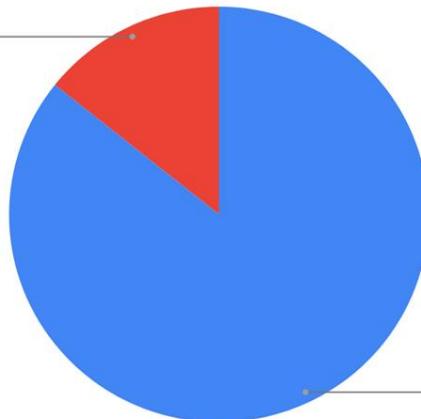
Não
3,2%



Sim
96,8%

Você já entrou em contato com alguma dessas histórias? (Quadrinhos, Mangás ou Textos narrativos)

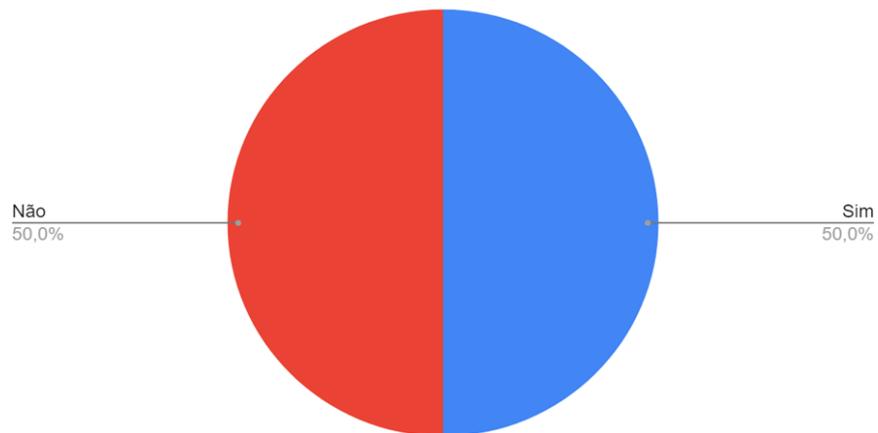
Não
14,3%



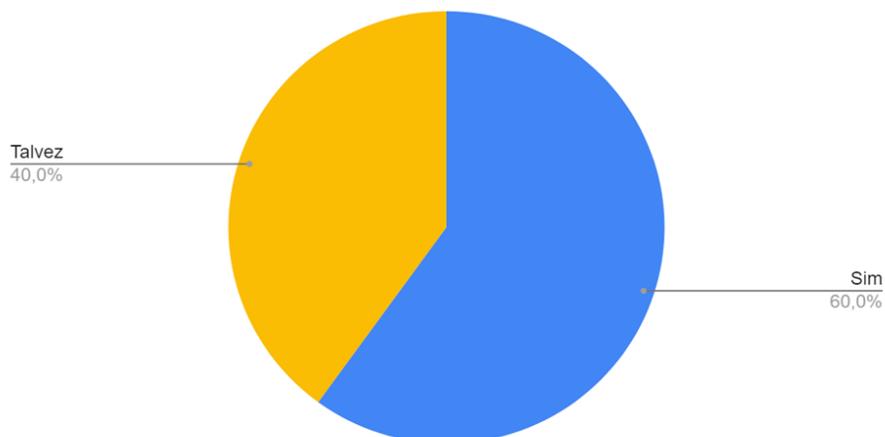
Sim
85,7%

Entre os não jogadores dos jogos apresentados (6 respostas), 50% sabiam da existência das histórias contadas enquanto outros 50% não conheciam, quando perguntados se já tinham entrado em contato com alguma dessas histórias, 60% entraram em contato e 40% não souberam responder.

Possui conhecimento sobre algum universo de histórias narradas por um jogo?



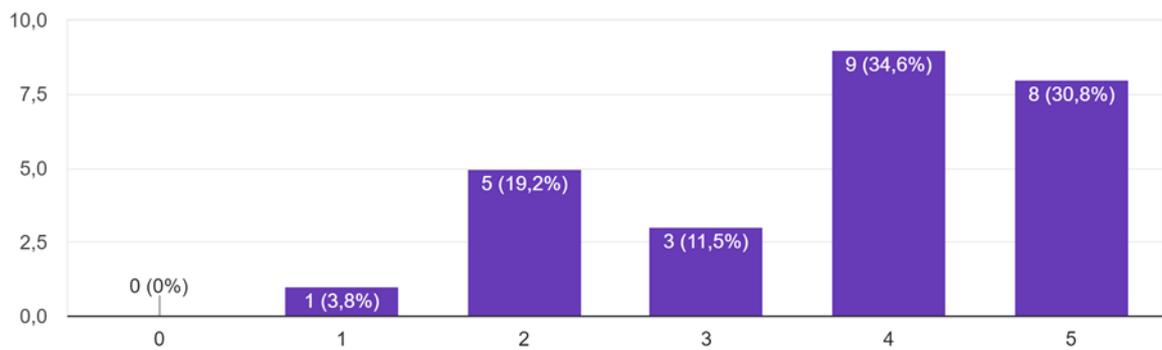
Você já entrou em contato com alguma dessas histórias? (Quadrinhos, Mangás ou Textos narrativos)



Foram apresentadas duas perguntas sobre o incentivo à leitura dos jogos: numa escala de 0 até 5 o quanto elas se sentem incentivadas a ler sobre a história desses jogos e o quanto os jogos incentivam essa leitura, 26 pessoas responderam conforme demonstram os gráficos abaixo.

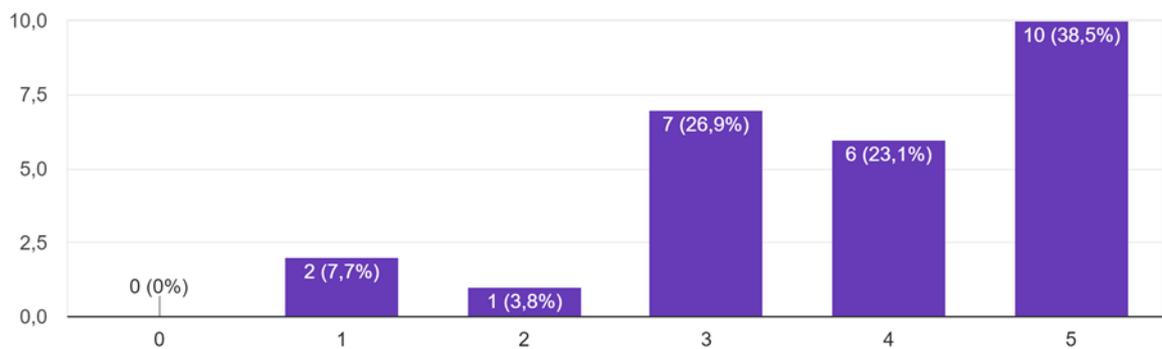
O quanto você se considera incentivado pelo jogo a ler sobre seu universo?

26 respostas



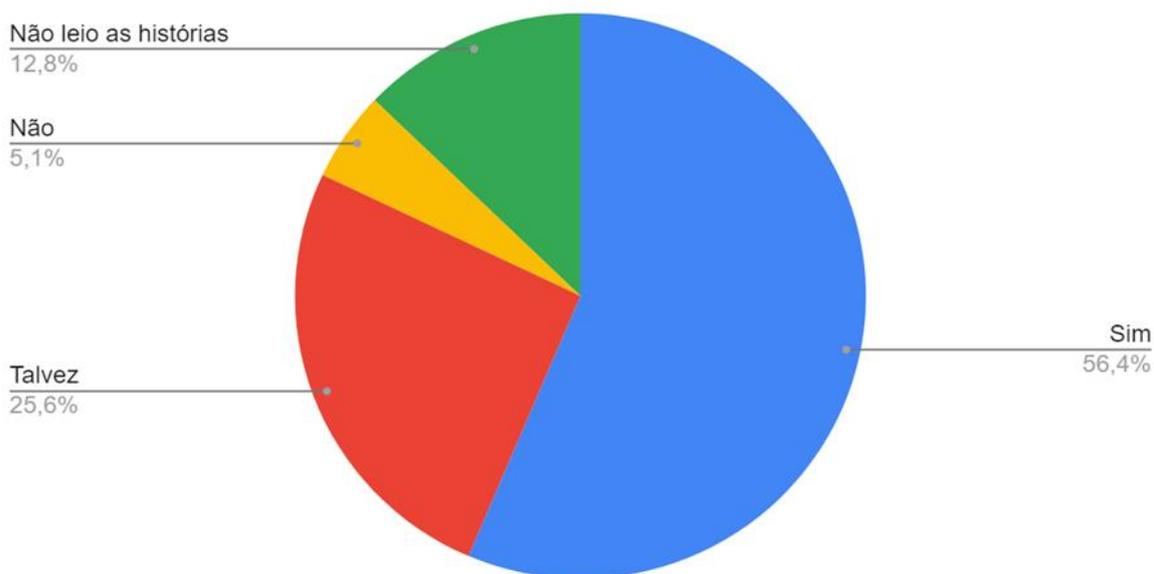
O quanto você considera que os jogos virtuais incentivam a leitura?

26 respostas



Por fim, para enriquecer mais as respostas, foi perguntado se recomendaria as histórias que foram lidas para outras pessoas, 56,4% das pessoas respondeu que sim, 5,1% responderam que não, 25,6% responderam que talvez e 12,8% não leem as histórias.

Você recomenda a(s) história(s) que leu sobre o jogo outras pessoas?



Conclusão

Ao nos depararmos com os dados levantados, grande parte dos jogadores em algum momento já entraram em contato com o universo literário sobre os jogos estudados, como também se sentem incentivados a ler mais sobre, mostrando o aumento no consumo de leitura.

A pesquisa mostra que não possui fundamento a demonização dos jogos online com a prerrogativa de que eles prejudicam a leitura dos jovens, visto o incentivo que eles promovem.

Um ponto importante a ser destacado é que a grande maioria dos jogadores desses jogos são jovens, mas que existem diferentes faixas etárias que integram a comunidade.

Ao final do questionário foi aberto uma caixa de mensagem para deixar um comentário livremente, alguns deles chamaram a atenção:

- *“A minha experiência com estes dois jogos é na versão mobile. Sei que há uma lore dentro deles para tornar mais coeso e interessante o universo em que se passa mas, principalmente por jogar no mobile, não possuo tanto interesse assim em buscar saber*

bastante dela justamente por minha plataforma visar uma maior agilidade na gameplay, mas sei que jogos com lol, wow, genshin e outros populares têm uma história bem criativa e até livros físicos para os fãs.”

Este é um ponto muito interessante a ser levado em consideração: não são todos os jogos que possuem a intenção de incentivar a leitura em seus jogadores, varia muito de gênero e plataforma na qual ele é acessado, como foi relatado por um dos respondentes.

- *“A meu ver, o meio dos games tem total capacidade de influenciar o jovem a se integrar de alguma forma no universo literário, assim como qualquer outro meio que porventura instigue a curiosidade de alguém. Se algo interessa a essa pessoa, ela provavelmente irá querer buscar saber mais sobre, consequentemente fomentando o hábito da leitura.”*
- *“Inserção cultural a leitura ou narrativa igual a ideia do jogo e integração social ou psicológica são algumas das ofertas que os autores do jogo querem para o jogador (ao fazer a obra, além de dinheiro)”.*

Caso esteja interessado em adentrar ao universo, recomendamos acessar o site oficial da desenvolvedora, pois lá se encontra todo o acervo relacionado ao jogo, como por exemplo https://universe.leagueoflegends.com/pt_BR/ e <https://genshin.mihoyo.com/pt/manga>.

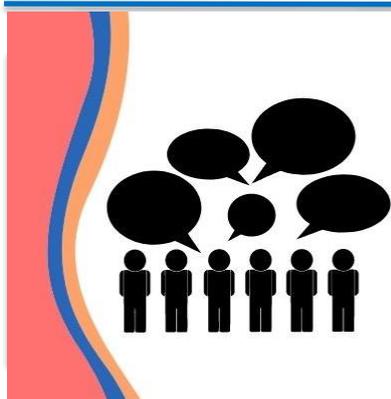
Referências

DIAS, Matheus. 9 tipos de amostragem probabilística e não-probabilística. OPUS: Consultoria & Pesquisa. 18 dez. 2018. Disponível em: <https://www.opuspesquisa.com/blog/tecnicas/amostragem/>. Acesso em: 26 ago 2021.

G1. 'League of Legends' ganha respeito, evolui e acelera; veja mudanças nos 10 anos do game. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/games/noticia/2019/10/21/league-of-legends-ganha-respeito-evolui-e-acelera-veja-mudancas-nos-10-anos-do-game.ghtml>. Acesso em: 26 ago de 2021.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor. 2 ed. São Paulo: Global, 2002.

TUDOCELULAR.COM. Mercado de games já foi mais lucrativo no 1º semestre de 2021 do que em todo o ano de 2020. Disponível em: <https://www.tudocelular.com/mercado/noticias/n176680/mercado-games-arrecadou-mais-2021-2020.html>. Acesso em: 26 ago 2021.



IMPACTOS DA PROPOSTA DE DEMOLIÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL DOUTOR CÍCERO PENNA E A NECESSIDADE DE IMPLEMENTAÇÃO DA PESQUISA DE OPINIÃO COMO RECURSO CIDADÃO

Cristiane Alexandre Da Silva, Joana Dias Pereira Tibau Motta, Márcia Cristina De Aguiar Damas e Mônica Soraya A. R. Teixeira Ervilha

Introdução

A partir da tentativa de demolição de uma escola pública, Projeto de lei complementar Nº 16/2021, em 30 de abril de 2021, que concederia legalmente a Prefeitura do Rio de Janeiro a vender para a especulação imobiliária, o terreno no qual a Escola Municipal Doutor Cícero Penna, localizada na Avenida Atlântica, nº 1976, um dos endereços mais bem localizados e cobiçados da zona sul do município do Rio de Janeiro, promovido pela especulação imobiliária, utilizamos a pesquisa para levantamento da opinião de seus maiores atingidos.

A Escola Municipal Doutor Cícero Penna, de acordo com o blog do advogado e memorialista, Daniel Sampaio, da revista eletrônica Veja Rio, é um palacete datado do ano de 1912 e pertenceu ao médico Cícero Penna que, ao constatar o crescente interesse de familiares em seu patrimônio, resolveu doar boa parte de seus imóveis à União, mas nesse caso específico, do casarão, estipulou uma cláusula condicionante de uso obrigatório para fins educacionais.

Esta não foi a primeira tentativa de especulação do palacete, pois em 1960, no governo Carlos Lacerda, demoliram o casarão original para substituir pela construção atual. A perda da contextualização histórica foi inestimável, mas, a partir de disputa judicial, houve a manutenção da cláusula estipulada por Cícero Penna e preservada a instituição escolar.

Nesta nova investida frustrada da prefeitura do Rio de Janeiro, com o argumento de “fazer caixa” para sanar dívidas do governo antecessor, não consideraram todas as vertentes prejudiciais à comunidade do entorno que se beneficia da instituição, em sua maioria moradores da comunidade da Ladeira do Tabajaras.

Justificativa

Na perspectiva da mudança de localização do prédio de uma escola pública, que envolve funcionários da escola, professores, alunos e seus responsáveis, buscamos observar se no decorrer desse processo, em algum momento foram ouvidos ou se participaram de forma

ativa, ou não, das diretrizes orientadas pelo proponente, a Prefeitura do Município do Rio de Janeiro.

Considerando que alunos e responsáveis seriam os mais afetados nesta possível modificação de endereço, observando que tal mudança incidiria diretamente no processo de aprendizagem e rotina escolar de alunos e responsáveis. Ressaltamos também a pesquisa de opinião como ferramenta de participação no processo democrático e inclusão de todos os sujeitos na busca de solução adequada a fim de mitigar seus prejuízos aos alunos, responsáveis e funcionários da instituição escolar.

Por considerar que a pesquisa de opinião é de grande relevância para saber qual a decisão seria mais adequada, caso a escola fosse demolida, quais medidas poderiam ter sido adotadas para amenizar os prejuízos de tais decisões? E como estes sujeitos se sentem sem serem ouvidos, considerando que esta decisão incidiria diretamente em suas rotinas e práticas escolares?

Objetivos

Apesar da Lei 9274/21 que certificou a escola como patrimônio imaterial, portanto não podendo ser vendido ou demolido, buscamos por meio de questionário, entender como os responsáveis, e conseqüentemente os alunos, se sentiriam em relação a uma decisão que impactaria suas rotinas escolares e práticas educativas, sem haver consulta prévia ao longo desse processo.

Procedimentos Metodológicos

Realizamos uma pesquisa por amostragem, seguindo orientações do manual NEPSO – Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião: Manual do Professor, uma ação do IPOBE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, pela educação, organizado pelo Instituto Paulo Montenegro com publicação no ano de 2010, com responsáveis de alunos do 5º ano do ensino fundamental I da Escola Municipal Doutor Cícero Penna, para saber se foram consultados sobre a mudança de escola e a partir destes verificamos como os alunos reagiriam a essa possível transferência de escola e seus impactos nos rendimentos escolares.

A pesquisa realizada foi do tipo quantitativa e o questionário aplicado foi elaborado com perguntas fechadas, claras e objetivas. O público foi previamente definido e as análises e conclusões serão apresentados posteriormente.

População

Definiremos como público-alvo desta pesquisa os responsáveis pelos alunos da Escola Municipal Doutor Cícero Penna.

Amostra e Técnica de Amostragem

Os responsáveis pelos alunos do quinto ano do ensino fundamental I da Escola Municipal Doutor Cícero Penna. Dentro do grupo de responsáveis pelos alunos, escolhemos o subgrupo de responsáveis exclusivamente por alunos do 5º ano do ensino fundamental I, trabalhando

com o tipo de amostra não probabilística e solicitando a resposta de todo o grupo de responsáveis, totalizando aproximadamente 108 alunos.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

O instrumento utilizado para coleta de dados, devido ao momento de excepcionalidade pandêmica e as orientações de isolamento social pela OMS Organização Mundial de Saúde, será o Google Forms Formulário Google (questionário online). A estratégia aplicada será de agrupamento dos responsáveis pertencentes ao núcleo pesquisado em grupo de WhatsApp para explicação da pesquisa, solução de eventuais dúvidas e envio do formulário para preenchimento.

Apresentação e Análise dos Dados

Tentaremos reproduzir fidedignamente as informações coletadas na nossa pesquisa, respondida por aproximadamente 50 responsáveis de alunos do 5º ano do ensino fundamental I, e estabelecer as diretrizes de cada questão, analisando-as através da proposta inicial que é a importância da pesquisa e os impactos dos resultados sem a participação cidadã.

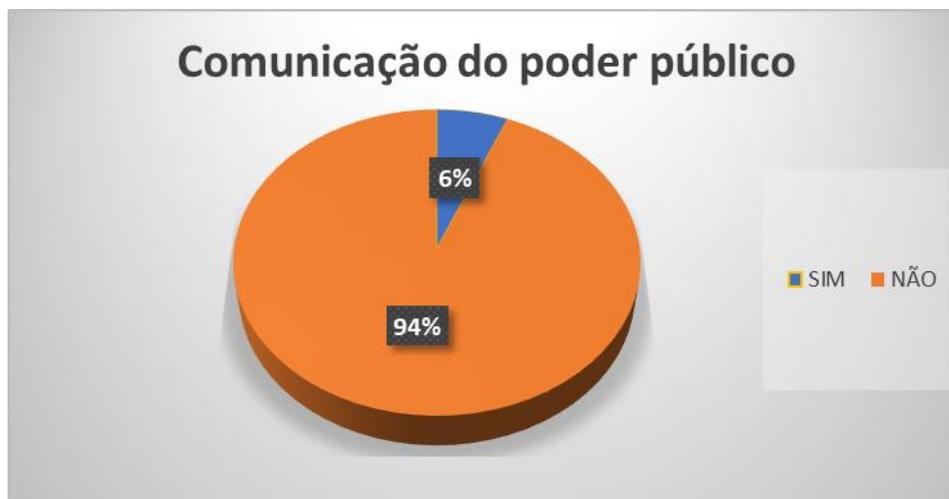
Não houve, como comprovado por 100% dos entrevistados, consulta aos responsáveis, evidenciando que a proposta de demolição foi arbitrária e parcial, negligenciando a opinião da comunidade atendida pela instituição de ensino.

Assim como comprovado pela abordagem aos responsáveis, os alunos – maiores interessados, também não foram consultados, tendo 100% de respostas negativas. E, levando em consideração a idade dos alunos do 5º ano do ensino fundamental I, percebemos que a abordagem do tema juntamente com o fomento ao assunto trouxe reflexão e plantou a semente da cidadania nas mentes aguçadas dos pequenos.

A maioria dos respondentes nos trouxe a informação de que a direção da escola foi responsável pela disseminação da proposta da Prefeitura, levando-nos a considerar o empenho dela na luta pela participação da comunidade escolar no destino da instituição.



O poder público, em sua tentativa de alinhar negociações em detrimento de informar a comunidade, tomou conhecimento do poder da mobilização e teve que voltar atrás na proposta de demolição da instituição escolar.



Ao não apresentar aos envolvidos a proposta de demolição e, muito menos, quaisquer alternativas em relação a realocação dos estudantes, causou indignação e mobilizou a direção, pais, responsáveis e alunos a lutar dignamente pelos seus direitos.



Os respondentes se organizaram e se mostraram indignados em relação às alterações decorrentes da mudança de perspectiva em relação a escola, rotina e política pedagógica.

Verificamos que os responsáveis conjuntamente à direção da escola se mostraram bastante preocupados com os rumos da aprendizagem a partir da possível troca de ambiente, de professores e, provavelmente, de bairro que sofreriam os alunos.

Com 100% de concordância na questão proposta pelo nosso questionário podemos constatar que a mobilização fomentada pela direção da escola surtiu efeito e abriu os horizontes da comunidade para a utilização de suas vozes na luta pelos seus direitos.

Conclusão e recomendações

De acordo com o nosso levantamento, os responsáveis, os alunos e a comunidade do entorno da Escola Municipal Doutor Cícero Penna não foram avisados ou consultados a respeito das decisões tomadas pela prefeitura do Rio de Janeiro em relação ao imóvel.

A mobilização se deu através da direção da instituição que fomentou toda movimentação, levantamento de dados, compartilhamento de conteúdo histórico e, principalmente, despertar da consciência cidadã na comunidade. Diante da ciência de seus direitos e embasados legalmente, a comunidade agiu e se fez ouvir em relação às medidas arbitrárias de proposta de demolição de um patrimônio doado com fins estritamente educacionais.

Ao formarmos o grupo de pesquisa, composto por responsáveis pelos alunos do 5º ano do ensino fundamental I, e explicitarmos as diretrizes de nossa proposta, suscitamos ainda a importância de todo esse processo de pesquisa de opinião, ou ausência dele, para estabelecermos quantitativamente a opinião da comunidade em relação a temas de suma importância para garantia de bem-estar e direitos plenos.

Inúmeros estudos apontam os problemas gerados a partir da mudança brusca de ambientação escolar bem como de proposta didática, partindo do princípio da mudança de instituição, professores e companheiros de classe para crianças de 9 a 11 anos. Além das relações de proximidade com as residências pois a maioria dos alunos da escola municipal são moradores da comunidade Tabajara, que fica a menos de 1km da instituição e levando em consideração que muitas pessoas da comunidade, e do entorno, se conhecem, esse trajeto é facilitado, existe solidariedade em grupos de responsáveis para encaminhar os menores para escola e a proposta de mudança explicitou inúmeros problemas, além da troca simples de escola.

A partir da reunião, no grupo de WhatsApp, para finalização do processo de aplicação da pesquisa, onde comentamos com o grupo respondente os resultados quantitativos, percebemos o interesse crescente em dialogar e contribuir no debate a respeito do tema em si mas, também, fomentando a discussão sobre outros temas recorrentes no cotidiano das comunidades e das classes menos favorecidas.

Dialogando sob a perspectiva pedagógica acreditamos ser plausível que, diante de resultados expressivos suscitados pela pesquisa, se invista na continuidade de levar o assunto cidadania aos alunos e familiares. Aproveitando o interesse no tema bem como o sucesso dessa mobilização.

Esta pesquisa nos fez refletir sobre a possibilidade de continuidade e aprofundamento no assunto pesquisa de opinião, relativizando o engajamento da comunidade e, principalmente, dos alunos que estabelecerem um novo olhar em seus direitos, se enxergando sob a ótica de protagonistas dessa “vitória”.

Proporemos uma breve reflexão sobre três pontos analisados neste trabalho que são a cidadania, a mobilização da sociedade e a pesquisa de opinião em torno do bem comum, público. E apontaremos possíveis estratégias que possam auxiliar na implementação da cidadania em questão, no âmbito da educação.

De acordo com a Grécia Antiga, a cidadania estabelecia os direitos que os indivíduos tinham na cidade. Todos eram iguais perante a lei e também poderiam colaborar, opinar com o destino da sociedade. Porém vale lembrar que somente homens livres e proprietários de terra eram beneficiados com esse direito. Segundo o minidicionário de Caldas Aulete (2011, p. 182), “cidadania é a condição de cidadão, com seus direitos e obrigações de acordo com a cidadania brasileira”. No entanto, guardada as devidas proporções, em alguns momentos a definição grega converge com as atitudes contemporâneas no sentido que individualmente os cidadãos de inferior poder econômico e, portanto, de uma parcela mais vulnerável da sociedade, os mais afetados com a possível demolição da escola pública, não foram ouvidos nem sequer consultados.

A cidadania de Grécia Antiga estabelecia os direitos dos indivíduos que viviam nas cidades. Os indivíduos/cidadãos eram iguais perante as leis, e considerados aptos para colaborar com os rumos da sociedade. Todos os cidadãos participavam diretamente das deliberações políticas do governo da polis*. Desta forma, a cidadania grega se fundamentava nos Direitos Políticos. Nem todos os Homens poderiam ser cidadãos, havia restrições que reduzia a um pequeno número o privilégio, que, praticamente, era concebido para os proprietários de terras – homens livres para os negócios públicos. Eram excluídos as mulheres, escravos, crianças, velhos, comerciantes, artesãos e estrangeiros. (PORTAL EDUCAÇÃO, 2020)

Nesse momento a mobilização social é de profunda importância no cenário analisado neste relatório. Recorrendo novamente ao minidicionário de Caldas Aulete, (2011, p. 592) o verbo mobilizar, “é conclamar, chamar à ação (pessoas, grupos, instituições e etc.)”. Com a união da direção da escola, os funcionários, os responsáveis, a sociedade e com o auxílio dos meios de comunicação e mídias sociais, os interessados na venda do terreno foram obrigados a voltar atrás e desistir do plano. E mais, com tal repercussão do caso e pressão da sociedade, fizeram com que os políticos que são eleitos para representar os direitos e auxiliar na cidadania do povo decidiram:

Em votação nessa quarta-feira, 12 de maio, a Assembleias Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ) aprovou por unanimidade o projeto de lei que previa o tombamento histórico da Escola Municipal Doutor Cícero Penna, tradicional instituição de ensino localizada na esquina da Avenida Atlântica com a Rua República do Peru, no Posto 3 de Copacabana. (SAMPAIO, 2021).

A pesquisa de opinião, quando implementada no processo da cidadania, evidencia a vontade e as necessidades da sociedade. Se torna uma ferramenta poderosa de mitigar a desigualdade e promover o exercício de cidadania, dos direitos e bem como se posicionar e pleitear algo e deveres a serem cumpridos por parte dos cidadãos perante a sociedade. Como veremos a seguir a partir do NEPSO:

Ampliar a cidadania é um dos objetivos centrais que devem orientar o trabalho pedagógico. Tal objetivo requer o desenvolvimento de competências e habilidades que permitam entender a sociedade em que

vivemos. Entender essa sociedade não como um cenário estático, mas como uma produção dinâmica da humanidade – reconstruída em processo contínuo por todos os indivíduos e grupos humanos. Desenvolver a cidadania é capacitar-se, entre outras habilidades, a avaliar o sentido do mundo em que se vive, os processos sociais e seu próprio papel nesses processos. (NEPSO, 2010, p. 17)

Evidenciamos por meio da pesquisa de opinião que a iniciativa da direção da escola em informar aos responsáveis da venda do terreno e a mobilização social realizada a partir dessa união, na opinião dos respondentes, foi o que impediu que o processo de venda continuasse. E apontamos como possíveis caminhos para uma cidadania e inferimos por meio das respostas do questionário aplicado, que a referida escola, havia feito esse trabalho de exercício da cidadania, através do PPP Projeto Político Pedagógico de realizar ações e projetos que promovem e garantam a participação na vida social e política formando alunos e posteriormente uma sociedade crítica e autônoma. E junto a isso a formação dos educadores e bem como às leis que amparam essas questões formam um conjunto de estratégias que tentam amenizar as desigualdades e a injustiça social.

A escola necessita preparar o aluno para o mundo, instrumentalizando-os por meio da compreensão dos conteúdos científicos e de sua socialização. A escola que defendemos deverá cumprir sua missão de formar alunos conscientes e capazes de intervir na realidade, a educação para a cidadania deve estar inserida nas disciplinas e ser assumida pelos educadores, o professor deve ser o mediador dos aspectos inerentes ao processo pedagógico, buscando meios que influenciem na qualidade da prática pedagógica, refletindo sobre o currículo e visando que a sua prática pedagógica contribua para a construção de ambientes educativos em valores éticos, promovendo sempre a democracia e a justiça social. (AGNES, 2013, p. 7)

Referências

- AGNES, Cláudia. Cidadania no contexto escolar: Alguns elementos para a reflexão. 2013. 19f. Artigo – Trabalho desenvolvido para o programa de desenvolvimento educacional PDE/2013 – 2014 do Estado do Paraná. http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unioeste_ped_artigo_claudia_agnes.pdf. Acesso em: 25 ago. 2021.
- AULETE, Caldas. Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa. Organizador: Paulo Geizer. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- BRASIL, Lei complementar n.º 16, de 30 de abril de 2021. Desafeta, autoriza a alienação e define critérios de uso, parcelamento e edificação para as áreas municipais ou de órgãos públicos municipais que menciona e dá outras providências. Diário Oficial Eletrônico do Município do Rio de Janeiro. RJ, p. 27 a 48. Disponível em: <http://aplicnt.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/scpro2124.nsf/ab87ae0e15e7d45032586c50065365e?OpenDocument>. Acesso em: 03.09.2021
- BRASIL, Lei nº 9274, de 14 de maio de 2021. Escola Municipal Cícero Penna, no Rio de Janeiro, foi tombada como patrimônio histórico e cultural do estado. Disponível em: <http://www.alerj.rj.gov.br/Visualizar/Noticia/50564>. Acesso em: 06 de set. 2021

Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião: manual do professor /. 3. ed. São Paulo: Editora Global, 2010. 102 p. Disponível em: <http://www.nepso.net/download/478>. Acesso em: 19 jul. 2021.

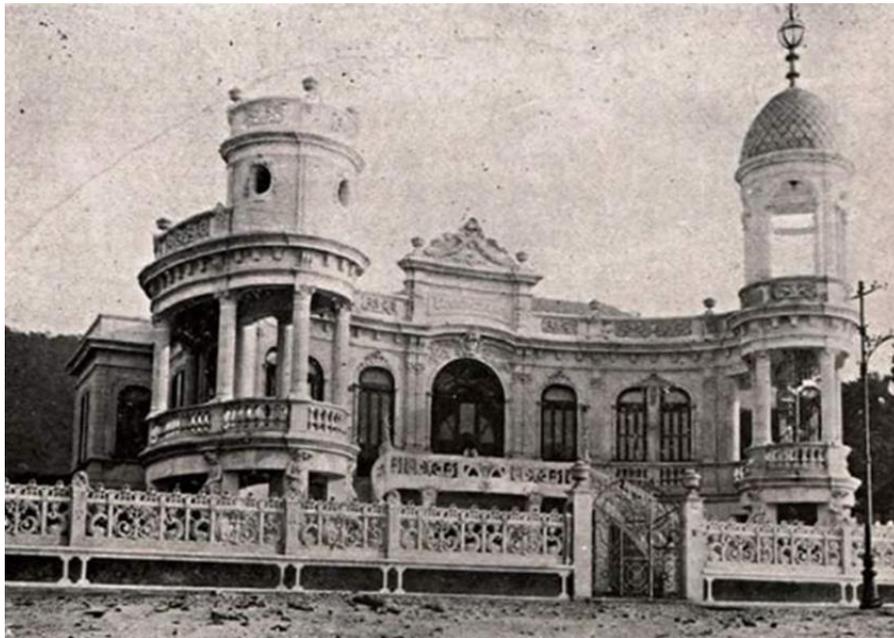
Portal Educação. Disponível em: <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/cidadania-na-grecia-ocoracao-da-invencao-politica/18798>. Acesso em: 25 ago. 2021.

Revista Digital Veja Rio. Disponível em:

<https://vejario.abril.com.br/blog/daniel-sampaio/tombamento-escola-municipal-copacabana/>. Acesso em: 03 ago. 2021.

Sampaio, Daniel. Escola Municipal de Copacabana é tombada pela ALERJ e não será demolida. Revista digital Veja Rio. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/blog/daniel-sampaio/tombamento-escola-municipal-copacabana/>. Acesso em: 03 ago. 2021.

Anexos



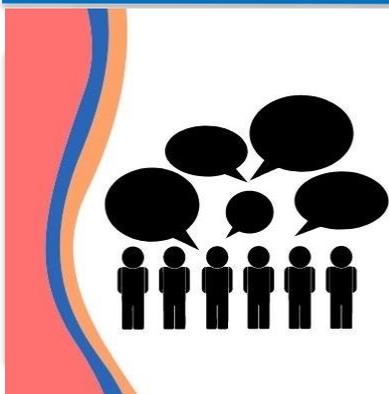
O Palacete Ciceotama, construído em 1912, serviu de residência para o Dr. Cícero Penna, que doou o imóvel em testamento à Prefeitura – Facebook "Rio Casas & Prédios Antigos"/Reprodução. Leia mais em: <https://vejario.abril.com.br/blog/daniel-sampaio/tombamento-escola-municipal-copacabana/>.



A E. M. Dr. Cícero Penna, no início da década de 1960, já descaracterizada – foto de Benício M. de Oliveira pertencente a Ana Oliveira/Arquivo pessoal. Leia mais em: <https://vejario.abril.com.br/blog/daniel-sampaio/tombamento-escola-municipal-copacabana/>.



A Escola Municipal Dr. Cícero Penna, na Avenida Atlântica, em 2015 Google Street View / Google Maps. Leia mais em: <https://vejario.abril.com.br/blog/daniel-sampaio/tombamento-escola-municipal-copacabana/>.



O IMPACTO DA INTERNET NA INFÂNCIA: O QUE AS CRIANÇAS CONSOMEM NAS REDES SOCIAIS?

*Carolina Ribeiro de Sousa, Isabele Barbosa Teixeira e
Lorrane Alves Barreto da Silva*

Introdução

Atualmente, se vê cada vez mais crianças e adolescentes utilizando a internet de modo excessivo e, durante a pandemia da Covid-19, se percebeu um aumento ainda maior nesse número. Provavelmente pelo fato de estarem distanciadas uma das outras e as redes sociais serem uma forma de interagir com o mundo e com as demais pessoas, sejam amigos ou pessoas próximas; além de os manterem “conectados” com os assuntos em alta entre os conteúdos que eles gostam e consomem, como música, influenciadores digitais, danças que viralizam, etc.

De acordo com a pesquisa TIC Kids Online Brasil 2019 (CETIC.BR, 2020), 89% da população entre 9 e 17 anos é usuária da internet, cerca de 24 milhões de crianças e adolescentes. Desse total, 82% declararam usar e ter perfil em redes sociais. É importante ressaltar que essa pesquisa se deu em um contexto pré-pandemia, então é possível que esse cenário tenha sofrido mudanças.

Sabemos da relevância da Internet para as crianças, pois além de ser um importante veículo de acesso à informação, também permite que elas se expressem e socializem. Entretanto, ao se exporem estão sujeitas a situações desagradáveis, fazendo com que a saúde mental das crianças também seja uma preocupação. Por isso, é preciso que pais e responsáveis fiquem atentos aos problemas/perigos escondidos por trás de jogos ou bate papos com pessoas que nunca viram; e nesses casos é importante observar e supervisionar sem tirar a liberdade delas.

Nesse sentido, pretendemos mapear em que rede social as crianças estão mais presentes, como se dá esse acesso, preferência de conteúdo, se costumam postar, e se há supervisão ou controle dos responsáveis. Além de observar como esse uso se relaciona com a Educação.

Justificativa

Escolhemos esse tema pois nos chamou atenção a quantidade de crianças e adolescentes presentes nas redes sociais, muito logados (conectados); uma geração totalmente tecnológica. Existem diversos tipos de redes sociais e muitos conteúdos vistos e produzidos por esse público. Além disso, por convivemos com algumas crianças e adolescentes, ficamos com alguns questionamentos e trouxemos para o formulário. É importante estarmos atentos ao que elas consomem e produzem nessas redes; se estão cientes dos perigos que estão na Internet, qual a postura tomada quando acontece alguma situação inesperada e se a

tecnologia também é vista como algo que facilita a educação, para ajudar em alguma matéria ou alguma curiosidade sobre determinado assunto.

Acreditamos que a Internet pode ser bastante utilizada para o desenvolvimento educacional das crianças, basta ter organização e moderação ao se conectar, que assim irão tirar muito proveito das tecnologias. Ainda mais que as escolas, por conta da pandemia, precisam que seus alunos estejam conectados, fazendo com que aprendam a utilizar algumas ferramentas e, muitas das vezes, até ensinem aos professores. Foi a partir desses questionamentos que a pesquisa foi realizada, com um olhar de percepção dos atos nas redes sociais e preocupação com algumas situações que ocorrem no ambiente virtual.

Objetivos

Verificar através dessa pesquisa o que as crianças estão acompanhando e produzindo nas redes sociais, e através dos dados obtidos, verificar se estão de acordo com a faixa etária, e como podemos aliar essas redes com a sala de aula; e como os pais lidam com tamanha conectividade.

Procedimentos Metodológicos

Realizamos uma pesquisa quantitativa, segundo o conceito do Manual NEPSO (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2002), com público-alvo definido, utilizando um questionário com perguntas fechadas e abertas. No total, nosso formulário recebeu respostas de 25 crianças.

População

Alunos de dois colégios particulares, e outras crianças dentro da faixa etária de 8 a 13 anos.

Amostra e Técnica de Amostragem

Selecionamos duas classes: 3º e 7º ano do ensino fundamental, uma em cada colégio e para seguirmos a mesma faixa etária dos alunos dos colégios particulares; colocamos para responderem nas redes sociais crianças de 8 a 13 anos. Sendo assim a amostra ficou:

- Alunos do 3º ano do ensino fundamental 14 crianças (16%)
- Alunos do 7º ano do ensino fundamental 27 crianças (28%)
- Crianças com a mesma faixa etária (8 a 13 anos), que responderam o formulário compartilhado em redes sociais 14 crianças (56%)

Não houve uma pré-seleção de candidatos, enviamos o formulário através de redes sociais para preenchimento da pesquisa até uma data limite.

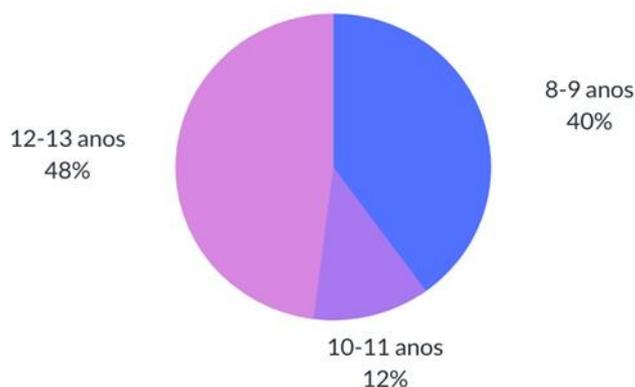
Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

Através de um formulário no Google Forms, que foi repassado ao grupo de responsáveis dos alunos das turmas selecionadas e também compartilhados em algumas redes sociais.

Apresentação e Análise dos Dados

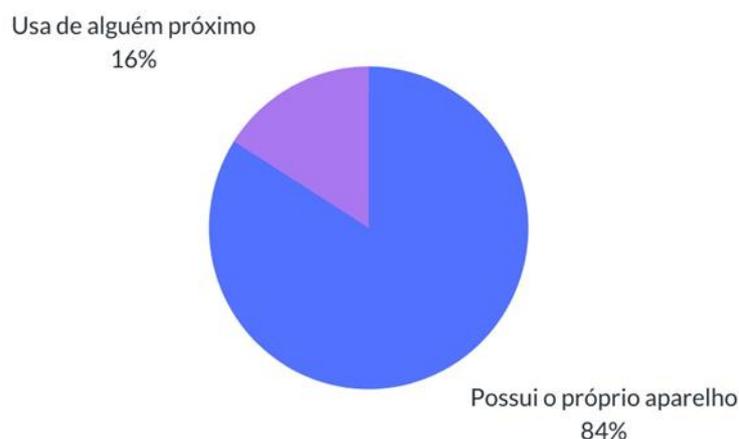
Ao longo da nossa pesquisa foram entrevistadas vinte e cinco crianças. A seguir, temos a representação dos gráficos sobre os dados coletados, e comentários sobre as questões representadas por eles.

FAIXA ETÁRIA



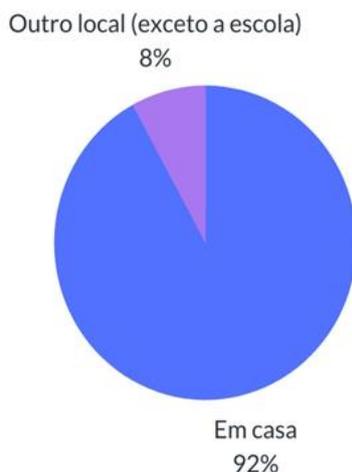
Conforme observamos no primeiro gráfico, em relação à faixa etária escolhida pelo grupo, a maior participação na pesquisa foi de crianças entre 12 e 13 anos, e a menor entre crianças de 10 a 11 anos.

POSSUI APARELHO ELETRÔNICO OU USA DE ALGUÉM PRÓXIMO?



Observamos que do total de entrevistados, 84% (21) já possuem seu próprio equipamento eletrônico e apenas 16% (4) usam o de alguém próximo. Percebemos então, que esse resultado é motivado pela faixa etária mais expressiva da nossa amostra, entre 12 e 13 anos. Por terem seu próprio aparelho, provavelmente a maioria das crianças participantes na pesquisa tem uma certa privacidade no uso das redes sociais.

ONDE ACESSA A INTERNET COM MAIS FREQUÊNCIA?



Considerando que vivemos em uma época em que crianças têm dificuldade de locomoção, por conta do covid-19 e do isolamento, o percentual pode ser afetado em decorrência desse cenário. Observamos que em casa é o lugar onde as crianças mais acessam a internet, sendo essa a respostas de 92% (23) dos entrevistados. Nos chama atenção que nesses tempos de ensino híbrido e cada vez mais aliado à tecnologia, nenhuma criança tenha escolhido o acesso da internet na escola.

QUANDO ACESSA A INTERNET?



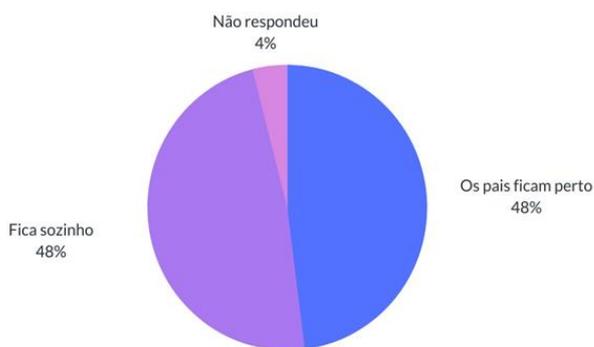
Nessa questão, 87,5 % (21) das crianças afirmam acessar a internet todos os dias, sendo assim a maioria tem internet em seus lares, acompanhando o resultado da pergunta anterior. Seguido de 8,3% (2) que responderam que acessam somente durante a semana e 4,2% (1) que respondeu somente aos finais de semana.

QUANTO TEMPO EM MÉDIA FICA NAS REDES SOCIAIS?

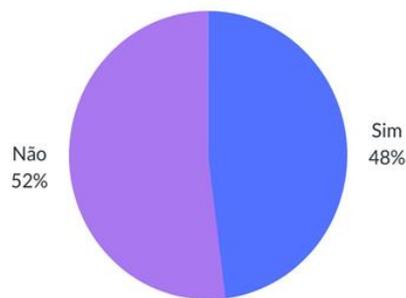


Ao questionar o tempo de conexão, somente 4% dos entrevistados (1) respondeu que fica em média menos de uma hora por dia em redes sociais, o que nos remete ao início do trabalho, em que falamos sobre as crianças estarem cada vez mais conectadas e ativas nas redes sociais. Isso também pode indicar que alguns pais controlam mais o uso da internet de seus filhos do que outros.

OS PAIS FICAM PERTO QUANDO MEXE NO CELULAR OU FICA SOZINHO?

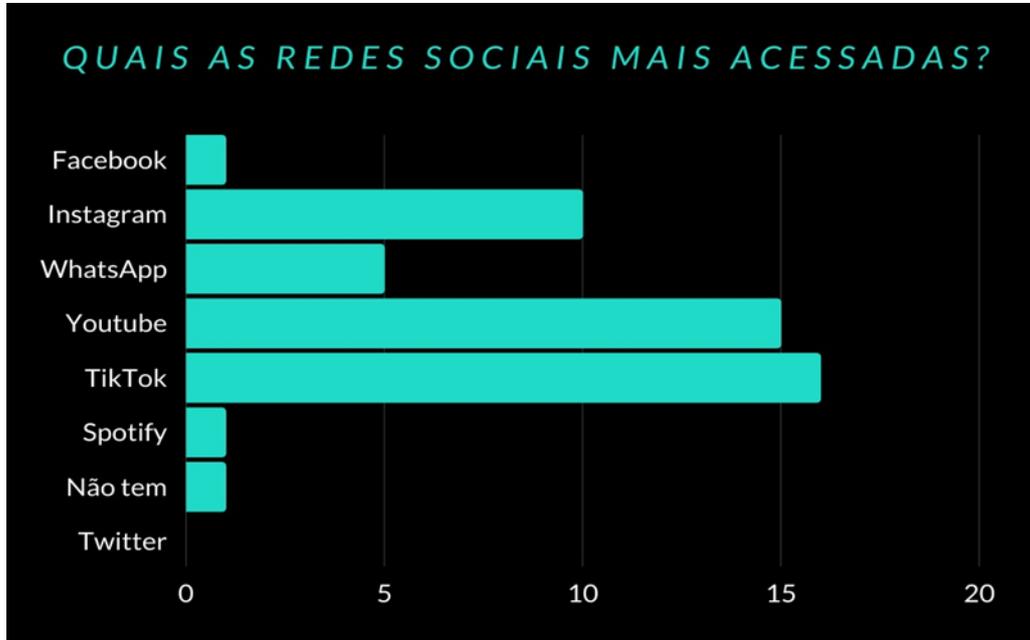


ELES VERIFICAM SUAS REDES SOCIAIS?



Essas duas questões se complementam. Na primeira pergunta tivemos 24 respostas, e houve um empate. Essa questão da supervisão dos responsáveis é muito debatida, e é muito importante que os pais estejam atentos ao que as crianças veem e produzem nas redes sociais. A princípio, imaginamos que o percentual de pais que ficam perto seria superior, mas não foi o que encontramos.

Esse resultado se reflete na segunda pergunta, mesmo que a diferença tenha sido de apenas um entrevistado, vemos que muitos pais não acompanham o que os filhos fazem nas redes sociais. Acreditamos que é necessário sim um acompanhamento do uso da internet pelos responsáveis, de forma a evitar que os filhos corram riscos, além observar o comportamento e o que eles fazem e consomem nas redes sociais.

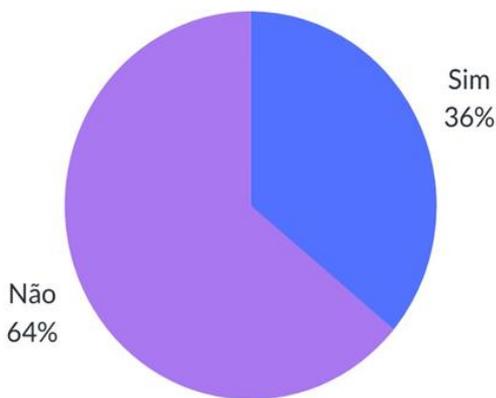


Na análise dessas duas perguntas, notamos que a rede social TikTok foi a que mais se destacou na pesquisa, e realmente quando entramos no aplicativo vemos bastante conteúdo produzido

por crianças. Essa rede social tem estado em alta, principalmente nos dois últimos anos. Em seguida, vemos o Youtube, famosa plataforma de vídeos. As duas redes mais citadas têm muito apelo visual e fazem muito sucesso entre as crianças.

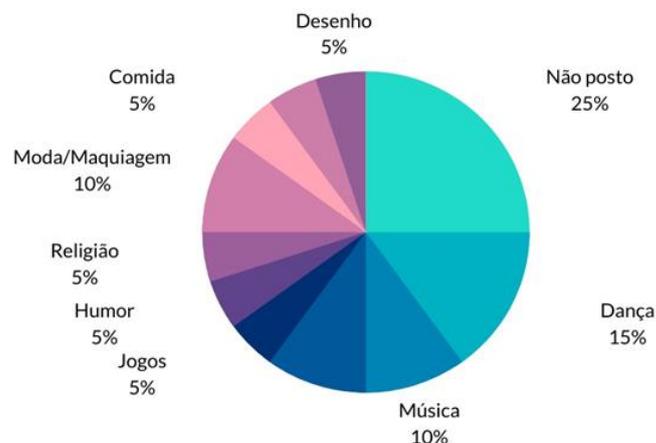
Ao analisarmos essas duas plataformas, percebemos que a procura é muito maior para o entretenimento, como foi citado no gráfico; as crianças procuram cada vez mais algo que façam se entreter nas redes sociais. Só que nessas duas plataformas é possível encontrar vídeos tanto de entretenimento quanto conteúdos relacionados à educação. Além das famosas dancinhas que viralizam, muitos professores e alunos utilizam essas redes para postarem sobre as matérias de forma descontraída, despertando interesse e incentivando o estudo, além de tirar eventuais dúvidas. Dessa forma, as crianças se divertem e também aprendem.

COSTUMA POSTAR NAS REDES SOCIAIS?



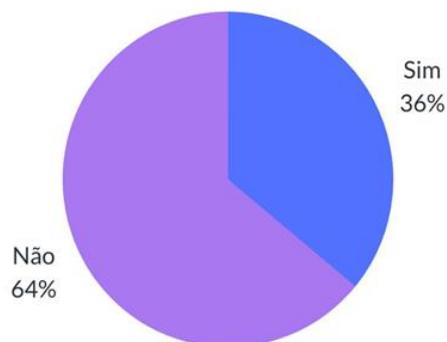
Apesar da maioria ter respondido que não tem o hábito de postar, vemos que quando produzem conteúdo, a maioria posta fotos (12%) e vídeos (10%), o que acompanha as redes sociais mais usadas, como TikTok, Youtube e Instagram.

SE POSTA VÍDEOS, ELES SÃO SOBRE O QUÊ?



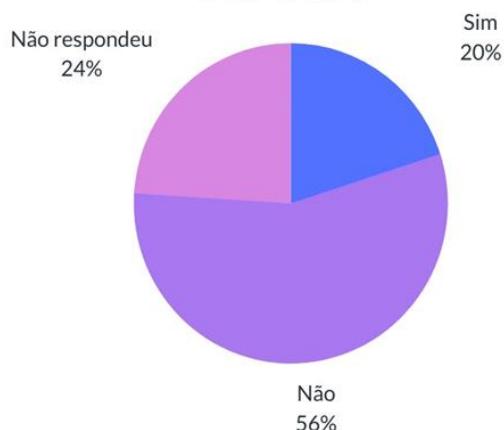
Essa foi uma pergunta aberta, então tivemos respostas muito variadas, mostrando a diversidade de assuntos que as crianças acompanham nas redes sociais. 5% não responderam, chamamos atenção para a postagem de vídeos de imitação de alguns passos de dança se sobressaindo sobre os demais assuntos, provavelmente influenciada pelos virais do TikTok.

VIU OU PASSOU POR ALGUMA COISA QUE CHATEOU/OFENDEU OU NÃO GOSTOU?



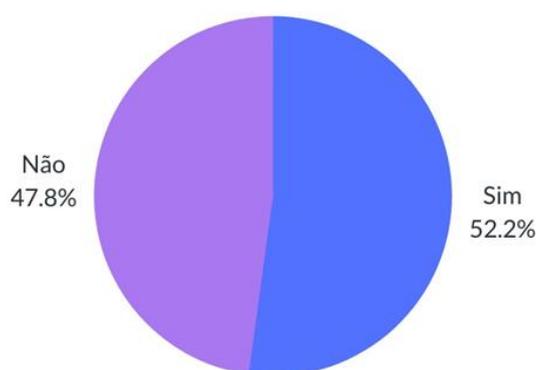
Essa foi uma pergunta muito importante para a pesquisa, pois mostra se as crianças estão atentas aos perigos das redes sociais. Aqui temos 36% de entrevistados que já passaram ou viram alguma situação desagradável e 64% que não vivenciaram.

PROCUROU AJUDA OU, CONVERSOU COM ALGUÉM DEPOIS?

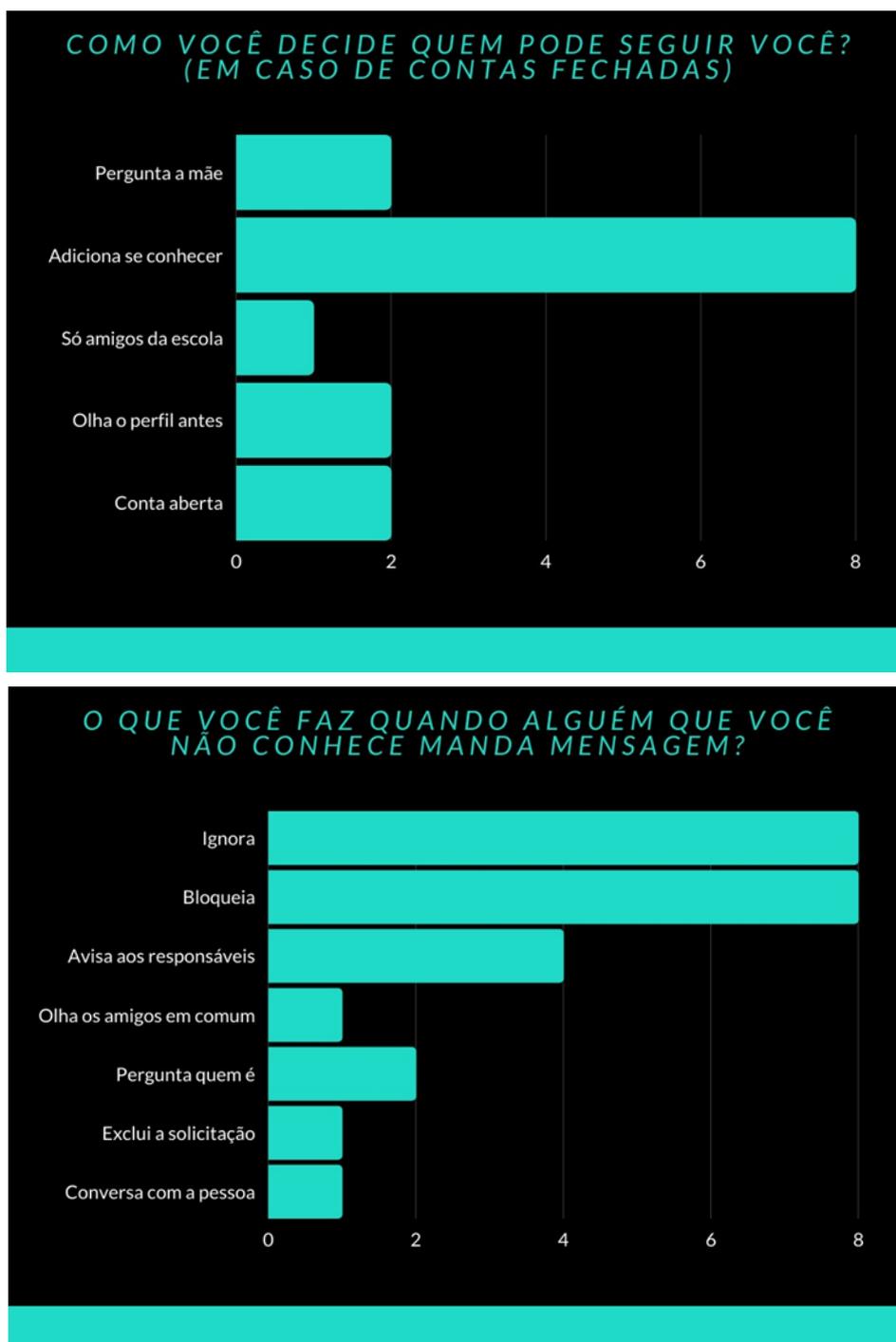


Como a maioria das crianças da pergunta anterior respondeu que não passou por nenhuma situação que incomodou ou chateou, então imaginamos que elas possam ter optado por não precisar avisar a alguém ou nem responderam à pergunta. As que responderam que procuraram alguém para conversar nos deixaram bastante satisfeitas ao saber que elas têm pessoas de confiança para dividir os problemas ou situações difíceis e que podem oferecer ajuda e suporte. Aos que realmente responderam “não”, mas passaram por alguma situação complicada, ficamos preocupadas e deixamos um alerta para que conversem sobre com os responsáveis ou alguém da confiança delas.

CONHECE SEUS SEGUIDORES?

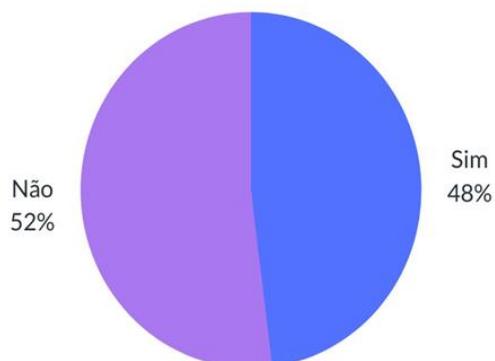


Nessa pergunta, também tivemos respostas bem divididas. Mesmo sabendo que elas têm consciência de que devem evitar contato com pessoas desconhecidas, 47.8% dos entrevistados disseram não conhecer seus seguidores. Isso pode fazer com que elas fiquem vulneráveis às situações desagradáveis.



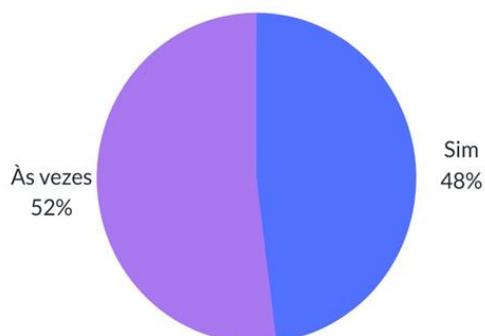
Nessas duas questões, percebemos a consciência delas sobre quem pode ou não as seguir nas redes sociais, como consultar os pais antes ou só aceitar quem conhece. E também as atitudes frente às solicitações de pessoas desconhecidas, a maioria das respostas sinaliza uma recusa desse tipo de mensagem.

ACHA QUE AS REDES SOCIAIS TE ATRAPALHAM NOS ESTUDOS?



Essa é uma questão essencial, pois mostra que a internet pode ser tanto uma facilitadora para as crianças que sabem dividir o tempo de estudo com o tempo de lazer, quanto atrapalhar quem não consegue conciliar. Apesar de encontrarmos muitos conteúdos educativos na internet, as redes sociais podem acabar sendo uma distração, prejudicando o desenvolvimento educacional e afetando o desempenho escolar.

UTILIZA A INTERNET COMO FONTE DE PESQUISA OU ESTUDO?



A última pergunta do questionário mostra que 48% dos entrevistados (12 crianças) utilizam a internet e as redes sociais como fonte de estudo, e é muito bom ver que as crianças também buscam conhecimento através de aplicativos que, em tese, seriam somente para lazer. Contudo, 52% (13 crianças) responderam que usam às vezes, diferença de apenas uma pessoa, mesmo que não utilizem tanto sabemos que, provavelmente, assim que surgir alguma dúvida ou tiverem que fazer uma pesquisa irão utilizar a internet como fonte de pesquisa. No geral, todas as crianças utilizam a tecnologia ao seu favor na hora do estudo.

Conclusão

Pelos dados analisados, concluímos que as crianças da faixa etária selecionada por essa pesquisa passam bastante tempo usando as redes sociais, sendo o TikTok e o Youtube os mais usados por elas, trazendo de alguma forma lazer e entretenimento. Uma das nossas principais questões era saber se as crianças acham que as redes sociais atrapalham os estudos, descobrimos que muitas acreditam que sim, mesmo que analisando o total a maioria tenha dito que não.

Acreditamos que o uso das redes sociais em excesso pode trazer alguns problemas à vida estudantil, como a falta de atenção e a não priorização dos estudos, o que acaba influenciando no desempenho escolar. Nessa pesquisa, quisemos ressaltar a utilização das redes sociais a favor da educação, encarando as redes sociais como uma aliada nos estudos e práticas envolvendo tecnologias.

Como trata a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que incentiva a modernização dos desenvolvimentos educacionais e práticas de ensino para a formação das competências e aptidões necessárias para o século 21. Duas das dez competências gerais identificadas pela BNCC, no que se refere à educação básica, estão relacionadas ao uso de tecnologia.

Competência 4: “Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.” (Brasil, 2018)

Competência 5: “Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva”. (Brasil, 2018)

Assim, compreendemos que as crianças cada vez tem mais facilidade e familiaridade com as tecnologias. São muitas as possibilidades no que se refere ao aprendizado. A visita online a museus pode ser uma proposta de conhecer tanto museus brasileiros quanto estrangeiros, a incorporação de elementos das redes sociais mais em alta nas aulas, trabalhos e dinâmicas.

Um exemplo de sucesso é a influenciadora digital Débora Aladim, que através de suas redes sociais traz vídeos rápidos, conectando fatos históricos com eventos e filmes conhecidos, fornecendo explicações dinâmicas e de fácil entendimento sobre curiosidades históricas. Dessa forma, acreditamos que devemos nos adaptar frente às constantes mudanças do mundo, e incentivar que as crianças façam uso da tecnologia e das redes sociais da melhor forma possível, seja para o lazer ou estudo.

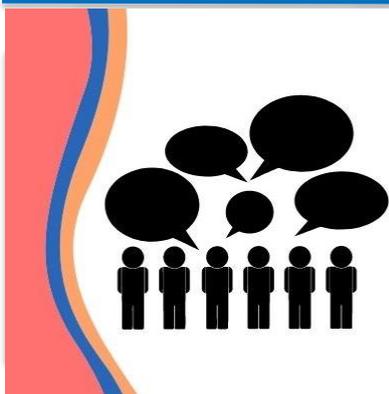
Referências

BRASIL. Ministério da educação. Base Nacional Comum Curricular. 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.

Acesso em: 27 de agosto de 2021.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor. 3º ed. São Paulo: Editora Global, 2010. Disponível em: <https://classroom.google.com/w/MzUwODA0MjU3Nm5/t/all>. Acesso em: 24 de julho de 2021.

CETIC.BR. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil. TIC Kids Online Brasil, 2019. Disponível em <http://cetic.br/pt/arguivos/kidsonline/2019/criancas>. Acesso em 23 de julho de 2021.



O INCENTIVO AO HÁBITO DA LEITURA PARA CRIANÇAS ENTRE 03 ANOS E 12 ANOS

*Marianna Botti Motta Ramos, Patrícia Andrade
Fernandes e Rosane de Brito Rocha*

Introdução

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, afirmou Paulo Freire na obra intitulada *A Importância do Ato de Ler* (1988), isso pois, antes mesmo da criança aprender a decifrar os códigos das palavras elas aprendem a ler o mundo a sua volta, e por que não incluir a este mundo maravilhoso de novas descobertas o mundo dos livros infantis?!

Segundo dados do instituto Pro-Livro (2020), a principal motivação para ler entre crianças de 5 a 10 e 11 a 13 é o gosto da leitura, e os maiores influenciadores são professores e pais e responsáveis (IBIDEM), tal influência tem resultados significativos no desenvolvimento cognitivo das crianças, além de criar laços entre os pais e a criança que serão levados para o resto da vida. Segundo o Blog da Leiturinha alguns do benefício de a família ler juntamente com a criança são:

- Fortalece a conexão com quem lê para a criança (pais, familiares ou cuidadores);
- Desenvolve a atenção, a concentração, o vocabulário, a memória e o raciocínio;
- Estimula a curiosidade, a imaginação, a criatividade;
- Ajuda a criança a perceber e a lidar com sentimentos e emoções;
- Auxilia no desenvolvimento da empatia (capacidade de colocar-se no lugar do outro);
- Minimiza problemas comportamentais, como agressividade;
- Desenvolve a linguagem oral. (Blog da leiturinha, 2018)

Apesar de tantos benefícios o incentivo à leitura para crianças ainda é uma prática tímida entre os responsáveis, talvez seja por falta de tempo ou por não terem sido incentivados quando crianças ou até mesmo o preço dos livros infantis que dificultam o acesso de maneira democrática, sendo para alguns um artigo de luxo não acessível as classes mais baixas que lutam para sobreviver.

Tendo em vista tais informações, o presente trabalho vem com o intuito de analisar a questão do acesso a livros infantis, a quantidade de livros que os responsáveis possuem disponível as crianças e seu hábito de incentivá-los lendo juntamente com a criança.

Justificativa

Cada vez menos vemos crianças desfrutando um livro em seu momento de lazer. A leitura é muitas vezes vista como obrigação ou algo maçante para os pequenos, limitando-se apenas no ambiente escolar. Nossa pesquisa, tem o intuito de ressaltar a importância do contato com

os livros desde a infância, incentivar a leitura como um hábito para que, em momentos de lazer também esteja presente no crescimento das crianças.

Objetivos

A presente pesquisa tem como objetivo analisar o incentivo da leitura na infância levando em consideração a influência dos pais e educadores nessa fase tão importante na formação do ser social, pensado em seus benefícios ao incluir os pequenos futuros leitores ao mundo da arte literária, o acesso a livros infantis e seu consumo por parte dos responsáveis tendo em vista o fato de que é necessário incentivar o contínuo hábito de leitura para um melhor desenvolvimento educacional e pessoal da criança e a forma que ela enxerga o mundo e suas subjetividades.

Procedimentos Metodológicos

A presente pesquisa é de natureza quantitativa (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2002), onde iremos trabalhar com perguntas abertas e analisar os dados, criando hipóteses sobre o tema problema. A pesquisa teve como instrumento de coleta de dados um questionário na plataforma digital Google Formulários, com 12 perguntas. O formulário será divulgado em grupos de amigos e familiares e nas mídias sociais (Facebook, Instagram e Twitter).

População

Pais e responsáveis por crianças em idade de 03 a 12 anos.

Amostra e Técnica de Amostragem

A amostra será de cunho voluntário e se dará por meio de coleta de dados de pessoas aleatórias, segundo o Manual NEPSO (Instituto Paulo Montenegro, 2002), presentes em grupos de pais e responsáveis nas mídias sociais.

Para a coleta de dados, foi gerado um formulário Google com perguntas simples, na grande maioria de respostas fechadas, apenas uma pergunta aberta dando espaço aos respondentes de expressarem suas interpretações individuais e pessoais. O link do formulário foi enviado nas redes sociais (WhatsApp, Facebook, Instagram e Telegram), tendo em vista uma quantidade mínima de 30 respostas, como base para análise.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário na plataforma digital Google Formulários, com 12 perguntas. O formulário foi divulgado em grupos de amigos e familiares e nas mídias sociais (WhatsApp, Facebook, Instagram e Telegram), durante o período de 10/08/2021 à 28/08/2021.

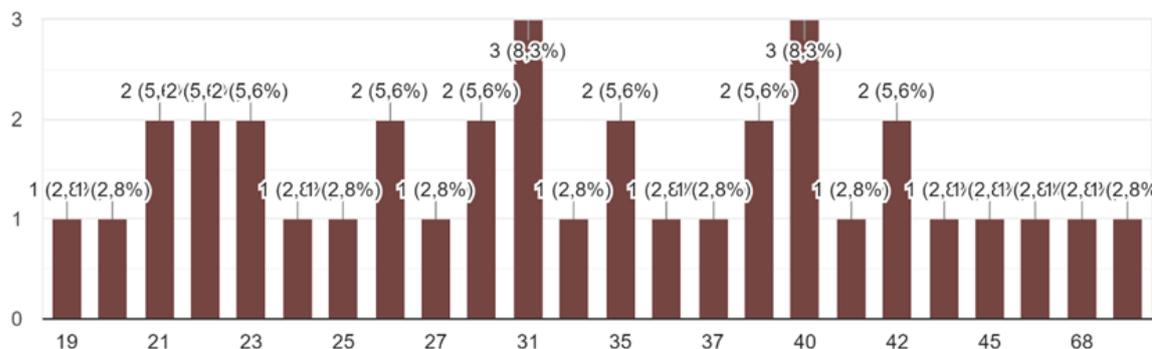
Apresentação e Análise dos Dados

A nossa amostra colheu 36 respostas de pais e responsáveis. Analisemos abaixo as questões do formulário por meio de gráficos.

Como mostra o gráfico abaixo, a idade dos entrevistados varia de 19 a 73. A maioria dos responsáveis tem 31 e 40 anos, apesar de encontrarmos uma variedade de faixas etárias.

Idade do responsável pelo preenchimento do formulário.

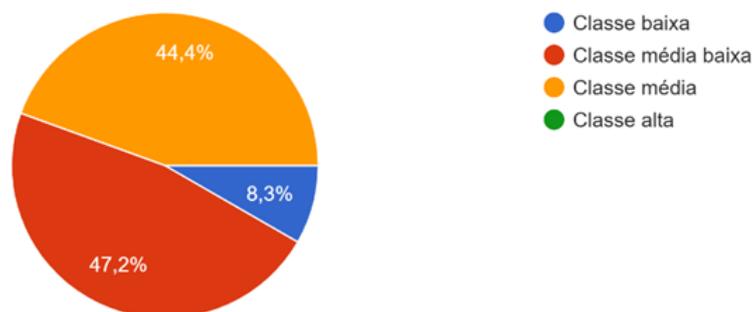
36 respostas



Observa-se que a grande maioria da amostra se considera entre a classe média e classe média baixa, sendo uma pequena parte classe baixa. Não houve respostas de pessoas da classe alta.

Você se considera...

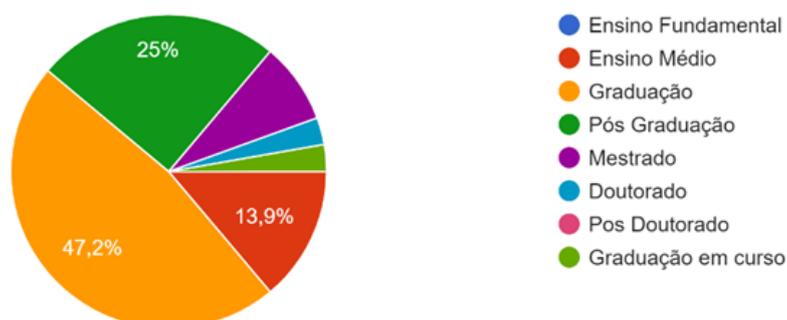
36 respostas



O gráfico abaixo retrata a escolaridade dos pais e responsáveis, sendo 47,2% deles graduados, 25% com pós-graduação e 13,9% com ensino médio. Empatados com 2,8% estão pessoas com doutorado e graduação em curso. Além disso, foi registrado também 8,3% com mestrado.

Sua escolaridade

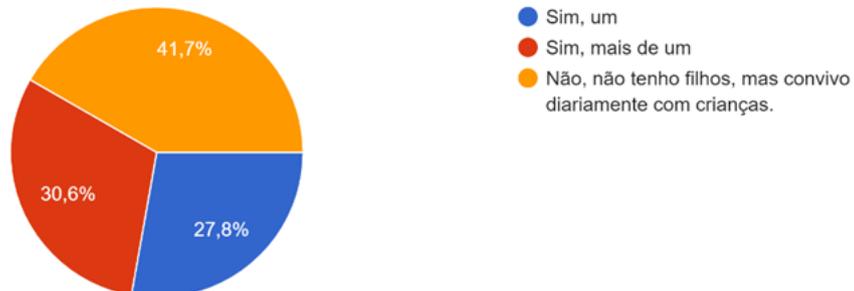
36 respostas



A maioria da amostra (41,7%) diz não ter filhos, porém tem em sua rotina a presença de crianças. Dos que possuem filhos, 30,6% têm mais de um e 27,8% apenas um filho.

Tem filhos? Quantos?

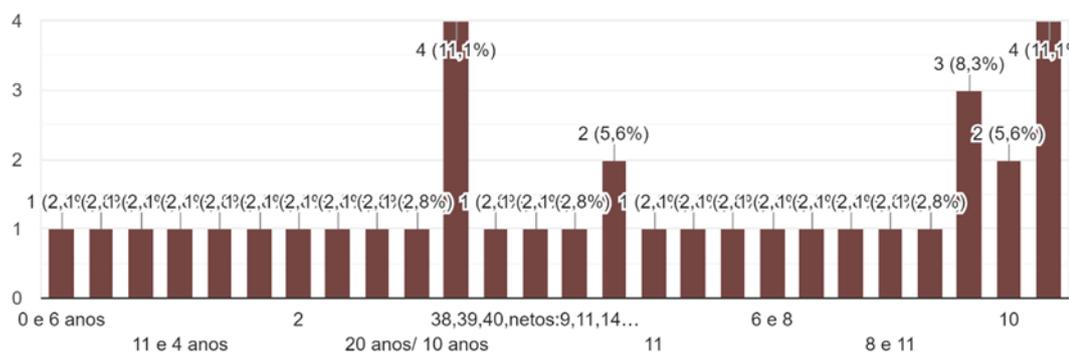
36 respostas



A idade das crianças está entre 0 e 12, com 11,1% delas tendo 3 e 12 anos, 8,3% 9 anos e 5,6% com 2 anos.

Idade do(s) Filhos(s)/ criança(s).

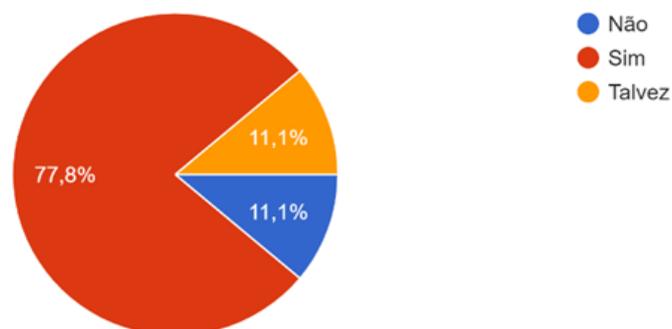
36 respostas



De acordo com as respostas, nota-se que a maioria dos pais e responsáveis têm acesso fácil a livros infantis. Porém, há a presença de 11,1% que não possuem acesso fácil a esses livros.

Você tem acesso fácil a livros infantis?

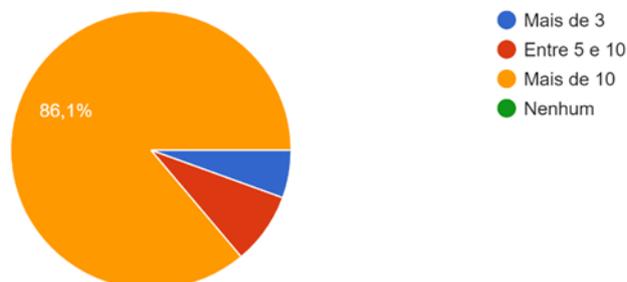
36 respostas



Ao serem questionados sobre a quantidade de livros em casa, 86,1% responderam que tem mais de 10 unidades e 8,3% entre 5 e 10. Percebe-se que da amostra total, nenhum pai ou responsável registrou não possuir nenhum livro em casa.

Quantos livros em média tem na casa?

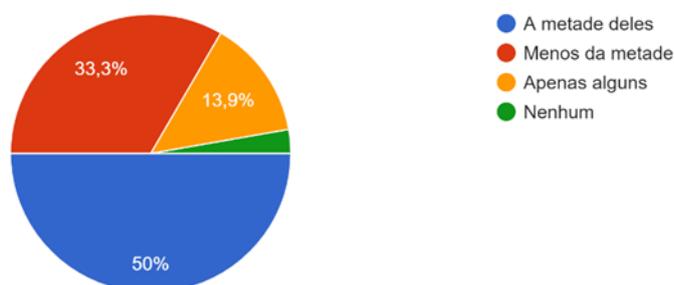
36 respostas



A pesquisa procurou saber quantos destes livros são destinadas as crianças e os resultados mostram que 50% dos entrevistados dizem que a metade dos livros presentes em casa são para crianças, enquanto 2,8% deles diz não possuir livros infantis.

Quantos desses livros são destinados a criança?

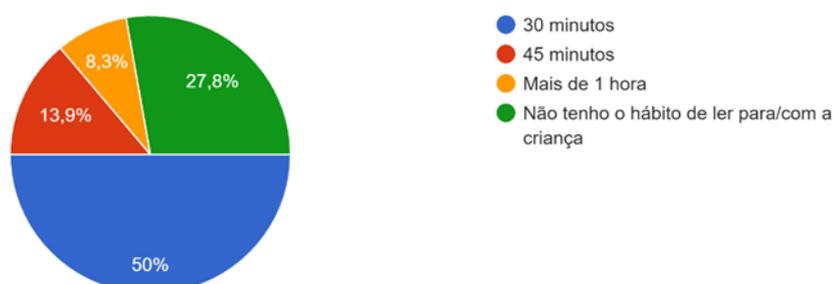
36 respostas



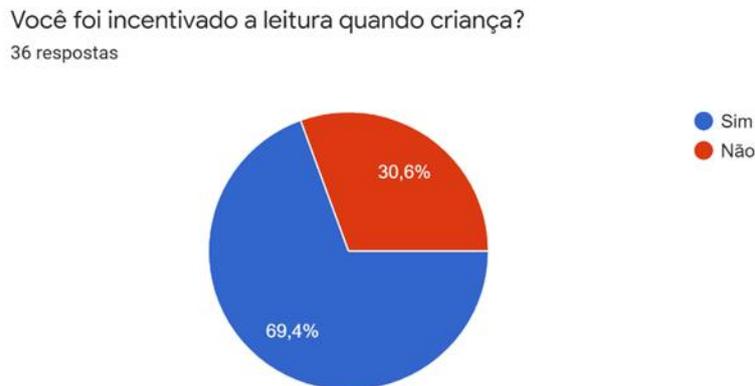
No que diz respeito ao tempo dedicado a leitura para/com as crianças, metade respondeu 30 minutos, 13,9% 45 minutos e 8,3% mais de 1 hora. Ademais, 27,8% dos entrevistados registraram não ter o hábito de ler com as crianças.

Quanto tempo vocês dedicam a leitura juntamente com a criança?

36 respostas



De acordo com a pesquisa, do total da amostra, 25 pessoas (cerca de 70%) foram incentivadas ao hábito de ler quando eram crianças. Enquanto isso, 30,6% delas diz não ter tido o mesmo incentivo.



Na penúltima questão do formulário, levantamos a questão sobre se o responsável considerava o incentivo à leitura importante, e as respostas foram unânimes. Todos responderam que sim, sendo que destes, 10 (dez) não possuem o hábito de ler juntamente com a criança, apenas 1 (um) não possui livros infantis em casa e 11 (onze) dos responsáveis não foram incentivados a leitura quando criança.

Ao fim do formulário, foi solicitado que os responsáveis justificassem o porquê eles consideram o incentivo à leitura tão importante, as palavras mais usadas foram:

- 12 (2%) “leitura”
- 9 (2%) “criatividade”
- 8 (2%) “porque”
- 8 (2%) “ajuda”
- 7 (1%) “imaginação”
- 6 (1%) “conhecimento”

Conclusão e recomendações

Apesar de todos os responsáveis considerarem o incentivo à leitura importante, nem todos fazem da leitura uma prática cotidiana, sendo que 11% deles confessam ter difícil acesso aos livros infantis, isso reforça a necessidade de políticas públicas que incentivem a prática da leitura, principalmente as classes mais baixas.

Em alguns filmes, séries e livros, é possível ver a transformação que a leitura pode causar na vida de uma criança, como por exemplo, Anne With An E, ressaltando que

Ao ser motivado à leitura, o sujeito torna-se insaciável e curioso e busca interação com tudo e todos a fim de reter a maior quantidade possível de informações, conhecimentos e experiências. O importante é perceber que, quanto mais a leitura estiver fazendo parte do cotidiano de cada um, mais haverá leitores realmente conscientes do que é para que leem (Projeto comunitário, p.9)

Concluimos que o mundo da literatura infantil ainda tem um longo caminho pela frente para alcançar um maior número de pequenos leitores. E, para que isso aconteça, pais e responsáveis também precisam de incentivos, já que mesmo sabendo dessa importância, nem todos conseguem aplicar na prática a teoria. De preferência, os livros escolhidos devem despertar o interesse do adulto e da criança quando a leitura for direcionada a ela – e deve-se desassociar a atividade da leitura a uma obrigação, tornando o momento divertido e leve. Além disso, a apresentação de diferentes gêneros literários é fundamental, pois ao escolher o que será lido, há um maior envolvimento com a leitura. Entendemos que nem todos os pais e responsáveis conseguem incluir na rotina do dia a dia a atividade de leitura em conjunto, mas, ainda assim, reforçamos a importância de incentivar as crianças a lerem, mesmo que a caminho da escola, antes de dormir ou durante o final de semana.

Referências

Desconhecido. Autor. Descubra os benefícios da leitura na infância. dez 6, 2018. Blog da Leiturinha. Disponível em: <https://leiturinha.com.br/blog/beneficios-da-leitura/>. Acesso em: 20/08/2021

FREIRE, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam / Paulo Freire. –São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf. Acessado em 02/07/

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor. 2 ed. São Paulo: Global, 2002.

PROJETO COMUNITÁRIO. Incentivo à leitura. Caderno temático 8. Disponível em: <https://www.pucpr.br/wp-content/uploads/2019/07/caderno08.pdf>.

Retratos da leitura no Brasil. Instituto Pro-Livros. 11 de setembro de 2020. 5ª Edição. Disponível em: [https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a_edicao Retratos da Leitura- IPL dez2020-compactado.pdf](https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a_edicao_Retratos_da_Leitura- IPL dez2020-compactado.pdf). Acessado em: 22/08/2021



OS IMPACTOS DA PANDEMIA NA QUALIDADE DE VIDA DO CORPO DOCENTE NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

*Ana Beatriz Souto Pedro, Ismael Alves Pereira Filho,
Manuela Asevedo Dos Santos Inacio e Mariana Gonçalves Lima*

Introdução

Desde o fim de 2019, o cenário global vem sendo alterado drasticamente devido ao alastramento do vírus Covid-19. No Brasil e no mundo foi necessária a implantação de medidas de restrição e controle urgentes para a garantia da saúde e vida da população. Como exemplo, podemos citar as medidas de isolamento social e quarentena e os cuidados relacionados à limpeza e higiene tanto no âmbito individual e coletivo. Os meios de transporte e locais de grande circulação redobram os cuidados com a sanitização adequada dos espaços e materiais de uso coletivo.

Os altos índices de infecções, principalmente nos primeiros meses da pandemia, geraram impactos na rede de saúde pública. Diante da falta de leitos e estrutura, o Sistema Único de Saúde (SUS) colapsou e passou a não conseguir atender todos os casos de Covid-19, deixando milhares de brasileiros sem o atendimento necessário para o tratamento da doença. Segundo o Observatório Covid-19, desenvolvido pela Fundação Fio Cruz, esse foi “o maior colapso sanitário e hospitalar da história do Brasil” (FIOCRUZ, 2021). A pandemia provocou não somente uma crise sanitária, mas também econômica. Recentemente, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística divulgou que as consequências da pandemia contribuíram para a maior marca de pessoas desempregadas desde o ano de 2012 no país. (IBGE, 2021)

Em meio a esse cenário caótico, o sistema educacional também foi afetado. A Lei 13.979/20 (BRASIL, 2020), que dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública, não considerou os professores como profissionais essenciais. Tal medida gerou não somente a imediata suspensão de suas funções presenciais, mas também anunciou um novo desafio: o ensino remoto.

Considerando toda a instabilidade do cenário brasileiro no enfrentamento do Covid-19 e as mudanças instauradas no modelo de ensino, esta pesquisa teve como objetivo analisar os impactos da pandemia na qualidade de vida dos profissionais de educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO.

Justificativa

A revista (NOVA ESCOLA, 2020) realizou em 2020 uma pesquisa direcionada aos profissionais de educação de todo o Brasil, a fim de compreender os impactos da pandemia na vida dos professores. Dentre os dados levantados pelos profissionais, o “estresse, medo de contaminação, insegurança em relação ao futuro, aumento no tempo de preparo das aulas e de dedicação aos alunos e sensação de não conseguir dar conta de todas as demandas domésticas, familiares e profissionais” (NOVA ESCOLA, 2020, p.14) aparecem como principais problemas da rotina pandêmica.

Além dos desafios listados acima, o docente também precisa lidar diariamente com a pressão de toda a sociedade para o retorno às atividades presenciais, eventualmente sem os protocolos necessários para garantir a não contaminação dos profissionais da educação.

Entretanto, existe um debate maior focado nas consequências do novo ensino remoto para a vida dos alunos, sem a consideração devida aos impactos para os docentes, que partilham do mesmo cansaço físico e mental. Percebendo este quadro, e buscando contribuir para ampliar o debate tendo como foco a educação superior, esta pesquisa analisou os impactos do modelo de ensino realizado de forma emergencial na qualidade de vida dos docentes universitários.

Objetivos

O objetivo da pesquisa foi apresentar os impactos da pandemia na qualidade de vida do corpo docente da UNIRIO de forma a apontar possíveis alterações na saúde física e/ou mental deles.

Procedimentos Metodológicos

Foi realizada uma pesquisa quantitativa através da aplicação de um questionário com o total de treze perguntas. As perguntas foram elaboradas de maneira clara e objetiva a fim de garantir um fácil entendimento pelos participantes e definir suas características e obter suas impressões a respeito do tema da pesquisa e informações complementares. Como base metodológica, utilizamos as orientações do Manual Nepso (NEPSO, 2021).

População

A população escolhida como público-alvo dessa pesquisa foi o corpo docente da UNIRIO.

Amostra e Técnica de Amostragem

A pesquisa não obteve o alcance esperado e recebeu apenas a participação de dez docentes, que representam 1,2 % do corpo docente. Devido à forma de distribuição, alcançamos os docentes da UNIRIO de forma aleatória, porém partindo da Escola de Educação para os demais institutos

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

O instrumento escolhido para a coleta de dados foi um questionário online criado a partir da plataforma do Google Forms. O envio do formulário foi realizado via WhatsApp tanto para grupos quanto individualmente para alguns professores e pela rede social Facebook, através do grupo da Escola de Educação da UNIRIO, do grupo UNIRIO, a fim de atingir o maior número de professores. Um e-mail foi enviado para a ADUNIRIO, mas não tivemos retorno. A Escola de Educação também se colocou à disposição para divulgar internamente a pesquisa, porém não houve espaço hábil para a coleta de novos formulários.

Tendo em vista o baixo número de respostas, tivemos que alterar um pouco nossa estratégia estendendo o prazo de coleta e retirando a restrição apenas a e-mails da comunidade UNIRIO. Recorremos também à importante ajuda da professora Andrea que nos auxiliou a divulgar o questionário. Com essas ações conseguimos dobrar o número de respostas nos últimos dias da coleta. Embora, mesmo assim, ainda não tenhamos chegado a números altos de respondentes, já passou a haver maior diversidade nas respostas a ponto de ser possível uma análise mais rica.

Apresentação e Análise dos Dados

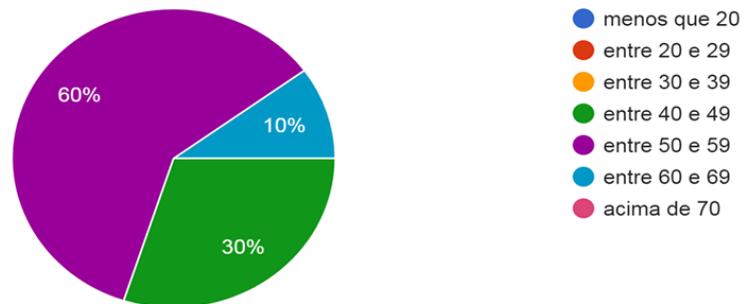
Obtivemos respostas de 10 docentes da UNIRIO, 8 do Instituto de Pedagogia e 2 do Instituto de Matemática. Devido ao número de respostas aquém das nossas expectativas, iremos retornar aos respondentes que solicitaram, os resultados, porém sem qualquer perspectiva de tomada de ação de continuidade ou publicidade de alerta e conscientização baseados nas conclusões da pesquisa, como havíamos planejado.

Vale ressaltar que no trabalho de análise dos dados, tivemos que ajustar uma resposta quanto ao vínculo com o Instituto de Matemática pois, uma vez que a resposta era aberta para outros institutos diferentes da Pedagogia, surgiu uma resposta “escola de matemática”, que precisou ser colocada no padrão das demais, que eram “Matemática”. Outro ajuste feito foi o de classificar as respostas à questão sobre o nível de ensino (graduação, mestrado e doutorado), incluindo categorias mistas para entender melhor o conjunto das respostas interpretando, assim, os conjuntos agregados.

Segue, portanto, o estudo com caráter exclusivo de uma avaliação estatística:

Qual é a sua faixa etária?

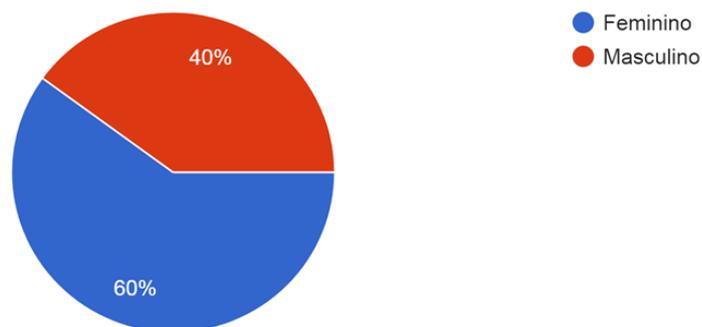
10 respostas



A maioria dos docentes está na faixa etária entre 50 e 59 anos, seguido da faixa entre 40 e 49 anos, o que nos leva a concluir que 90% dos docentes da pesquisa têm entre 40 e 59 anos.

Com qual gênero você se identifica?

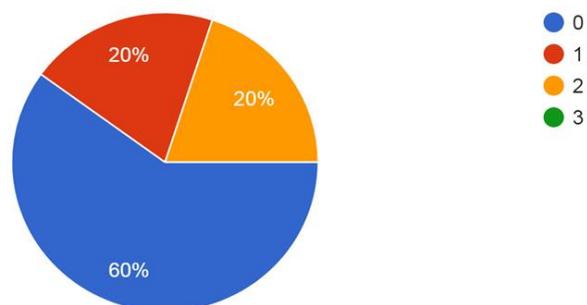
10 respostas



A maioria dos docentes, 60% do gênero feminino, enquanto os demais 40% são do gênero masculino.

Quantos filhos em idade escolar?

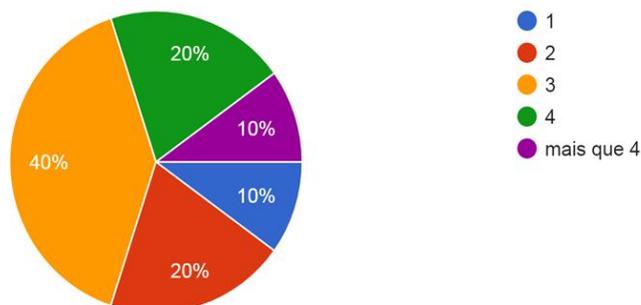
10 respostas



Dos docentes que responderam, 60% não têm filhos em idade escolar, os demais dividem-se igualmente entre ter 1 e ter 2 filhos em idade escolar.

Quantas pessoas moram na sua casa?

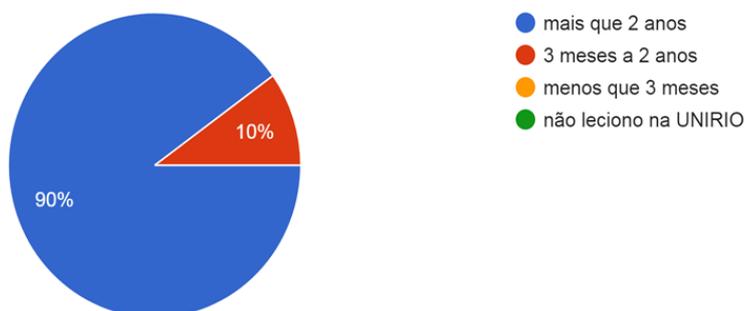
10 respostas



Com relação ao número de coabitantes na casa do docente há uma maior distribuição onde encontramos a maioria, 40% com três coabitantes, as faixas com 2 e 4 coabitantes com 20% cada uma e as faixas de 1 coabitante e mais de 4 coabitantes com 10% dos pesquisados.

Há quanto tempo é docente da UNIRIO?

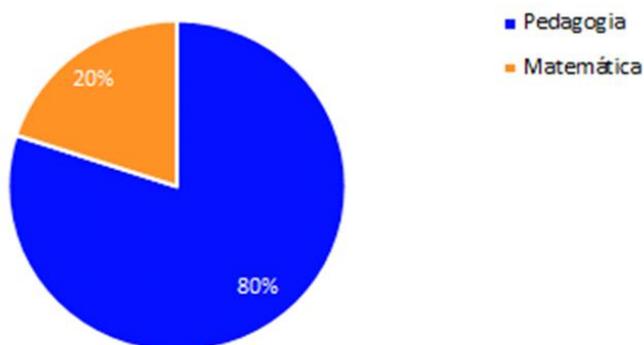
10 respostas



A grande maioria (90% dos pesquisados) lecionam na UNIRIO há mais de 2 anos e os demais de 3 meses a 2 anos.

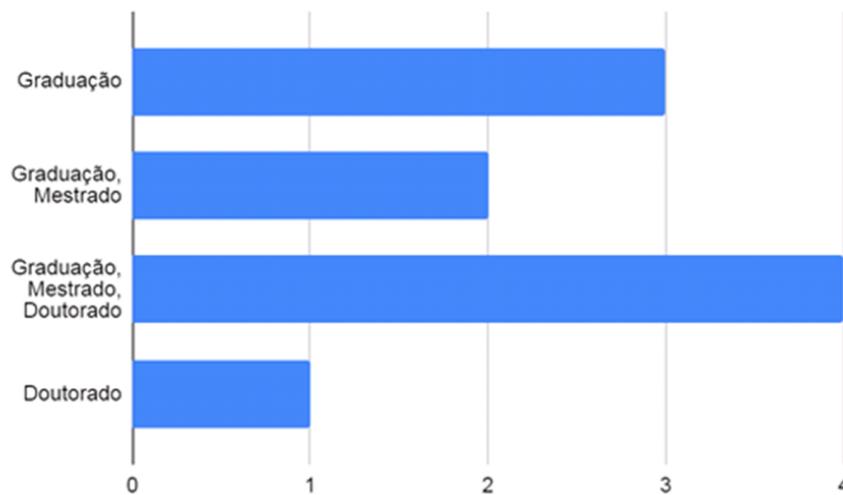
Vinculado a qual instituto?

10 respostas



Dos pesquisados, 80% são vinculados ao Instituto de pedagogia e os demais (20%) ao instituto de matemática. Além disso, dos os pesquisados são do quadro permanente da UNIRIO.

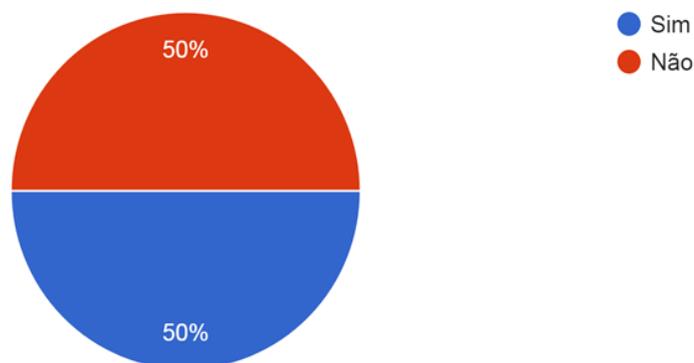
Nível de cursos que ministra



A maioria dos docentes leciona para os três níveis, seguidos pelos que só lecionam exclusivamente para a graduação e depois pelos que lecionam para a graduação e mestrado, por último os que lecionam para o doutorado.

Houve alguma mudança na carga horária de seu trabalho durante a pandemia?

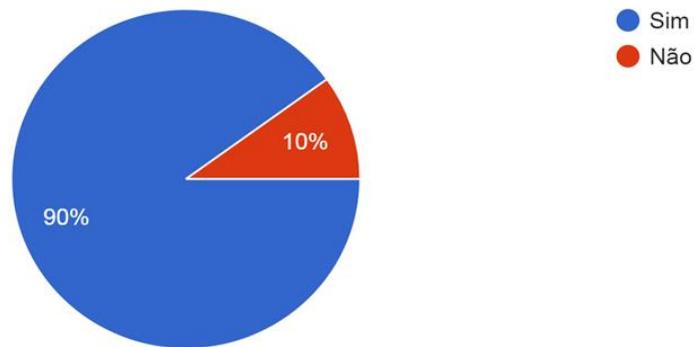
10 respostas



Para metade dos pesquisados houve mudança da carga horária de seu trabalho durante a pandemia.

Houve alguma mudança no arranjo das disciplinas durante a pandemia?

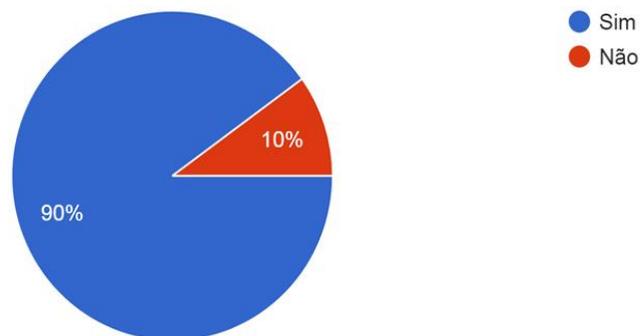
10 respostas



Para 90% dos pesquisados houve mudança no arranjo das disciplinas durante a pandemia.

Houve alteração de carga horária dedicada ao planejamento de aula?

10 respostas

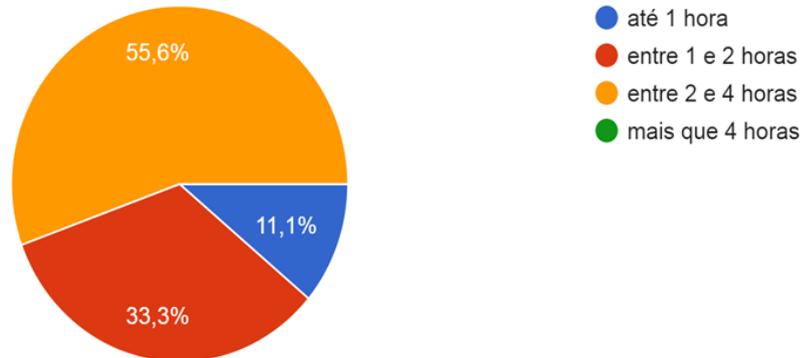


Para 90% dos pesquisados houve mudança na carga horária para planejamento de aula. Dos que relataram mudanças na carga horária de suas disciplinas, nem todas foram para maior. As com maior carga tiveram um aumento enquanto as de menor carga tiveram uma redução.

Das modificações relatadas no número de alunos antes e durante a pandemia, verificamos uma leve tendência para um aumento.

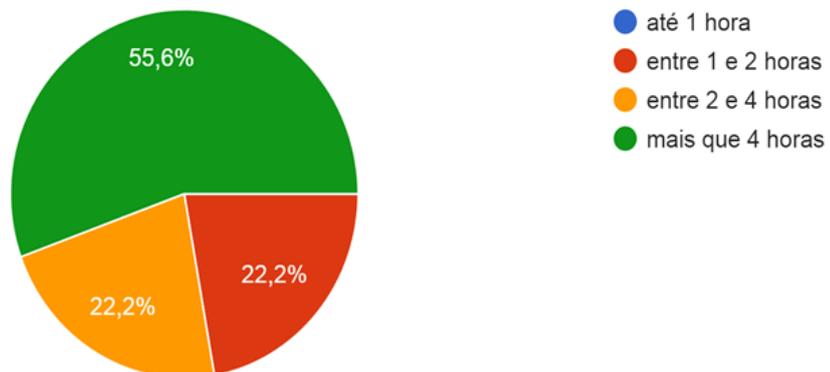
Quantas horas de dedicação ao planejamento de aula antes da pandemia?

9 respostas



Quantas horas de dedicação ao planejamento de aula durante a pandemia?

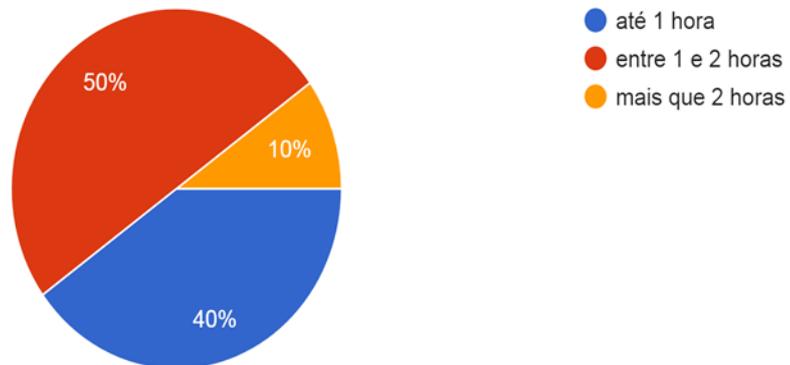
9 respostas



O número de horas dedicado ao planejamento das aulas aumentou durante a pandemia em relação ao momento anterior.

Quanto tempo levava antes da pandemia para chegar ao local de trabalho?

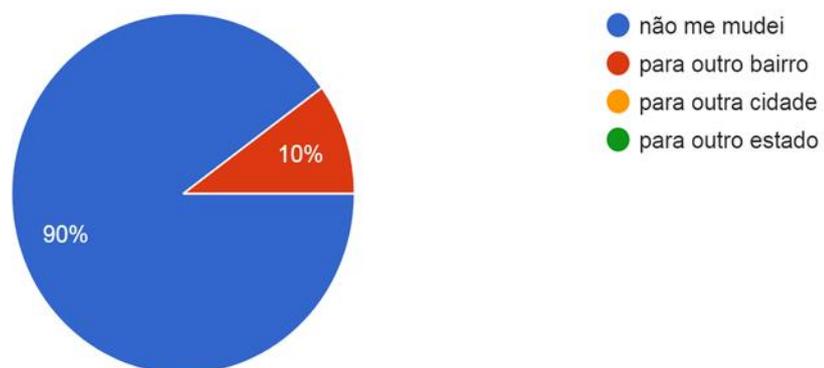
10 respostas



Várias faixas de gastos diferentes para locomoções, em sua maioria entre 1h e 2hs de traslado. O gasto médio mensal individual para transporte foi de 270 reais.

Mudou de residência durante a pandemia?

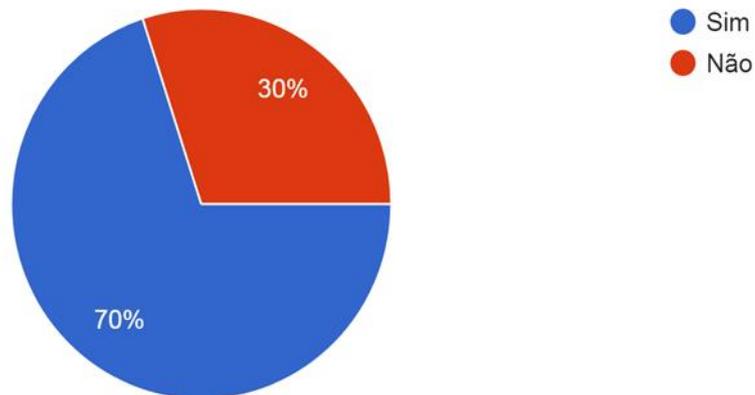
10 respostas



Dos 10% que se mudaram de casa durante a pandemia, todos foram para o mesmo bairro.

Em algum momento se sentiu inseguro com o uso das ferramentas digitais?

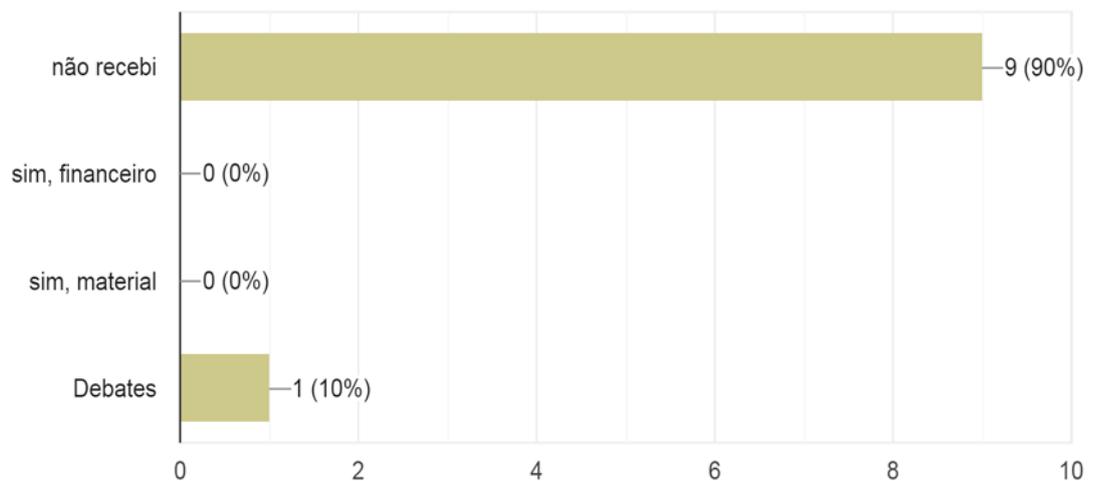
10 respostas



A maioria (70%) considera difícil e muito difícil o uso de ferramentas para o ensino remoto.

Recebeu algum apoio institucional com recursos?

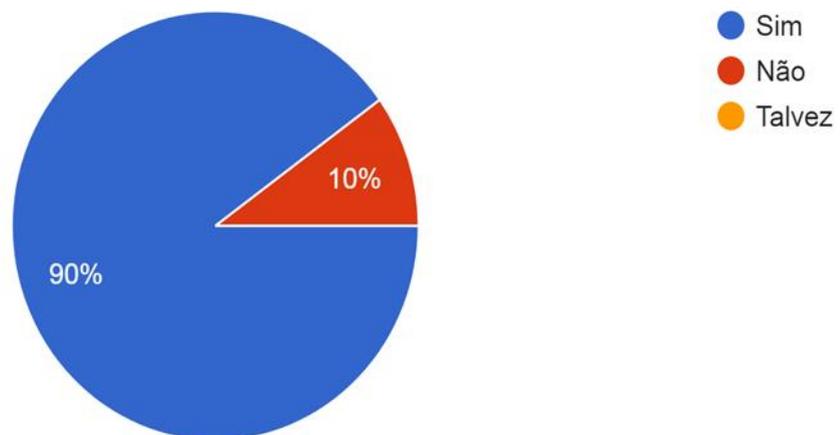
10 respostas



Dos pesquisados, 90% não receberam nenhum apoio institucional. Todos os pesquisados se sentem mais cansados após uma aula on-line.

Observou problemas relacionados à concentração?

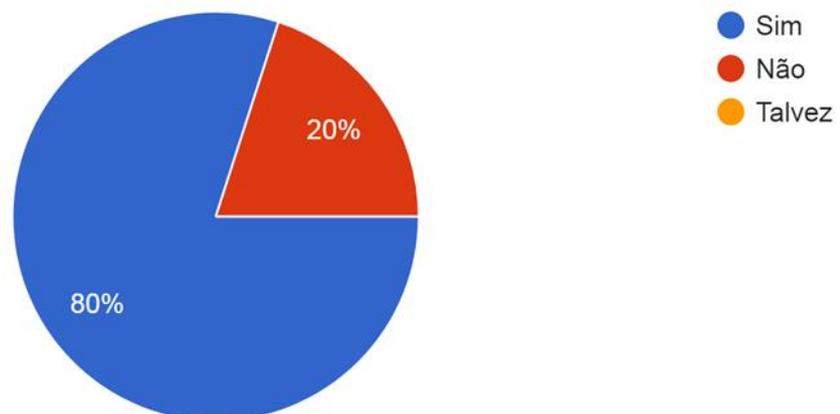
10 respostas



Importante notar que 90% dos pesquisados observaram problemas relacionados à concentração.

Observou problemas relacionados ao sono?

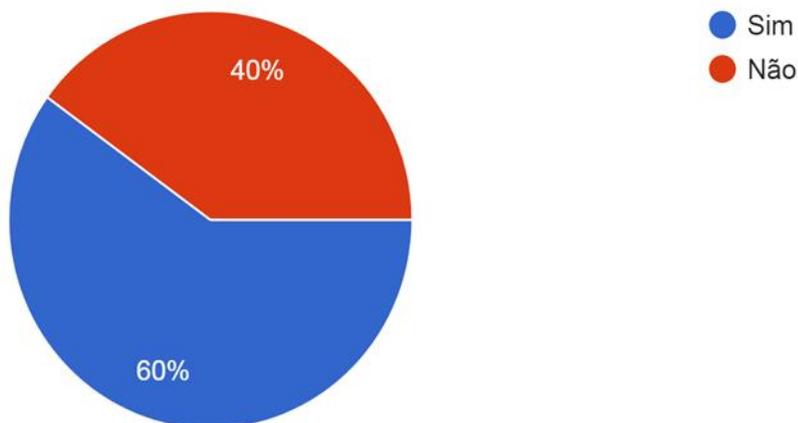
10 respostas



Além de problemas de concentração, 80% dos pesquisados observaram problemas relacionados ao sono.

Buscou algum tipo de assistência para saúde mental?

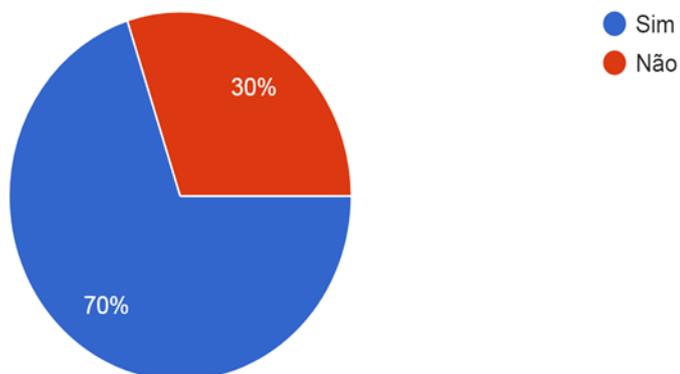
10 respostas



Dos pesquisados, 60% buscaram algum tipo de assistência para saúde mental.

Buscou algum outro tipo de assistência médica devido aos impactos da nova rotina?

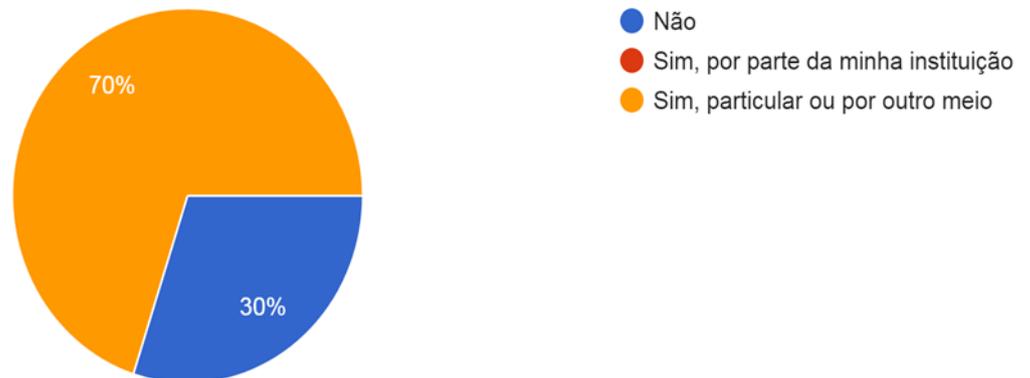
10 respostas



Verificamos que 70% dos pesquisados buscaram assistência médica devido ao impacto da nova rotina.

Recebeu algum tipo de apoio psicológico?

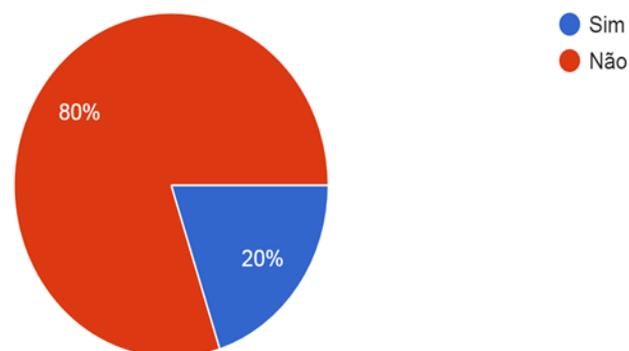
10 respostas



Dos 70% dos pesquisados que buscaram algum tipo de apoio psicológico, todos foram por conta própria, sem apoio institucional.

Em algum momento teve que se ausentar de suas aulas por motivos emocionais ou dores antes não sentidas?

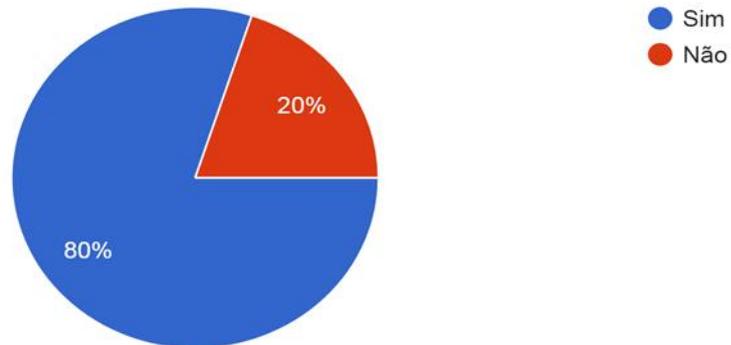
10 respostas



Motivos emocionais ou dores antes não sentidas foram os motivos de 20% dos pesquisados se ausentar de suas aulas.

Teve alguma perda de ente próximo devida a Covid?

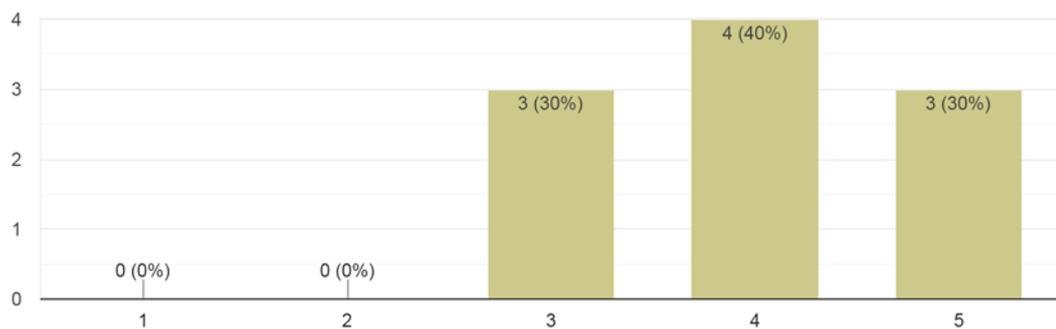
10 respostas



Dos pesquisados, 80% tiveram perda de algum ente próximo devido a Covid19.

...pelos discentes?

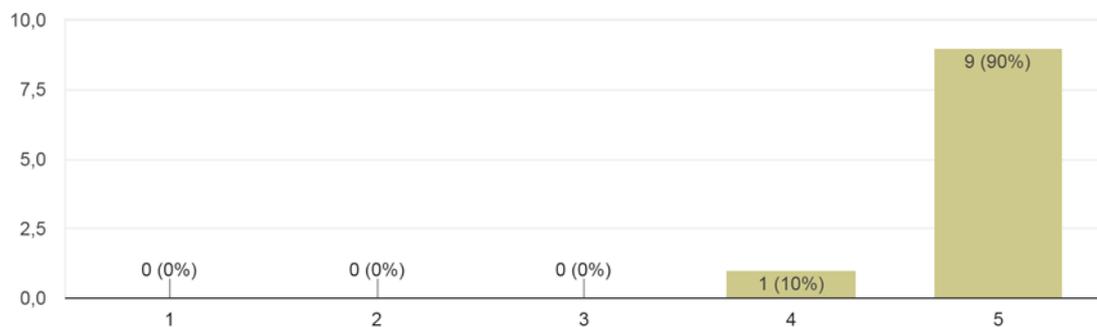
10 respostas



O acolhimento entre os discentes esteve entre médio, bom e ótimo.

...pelos colegas docentes?

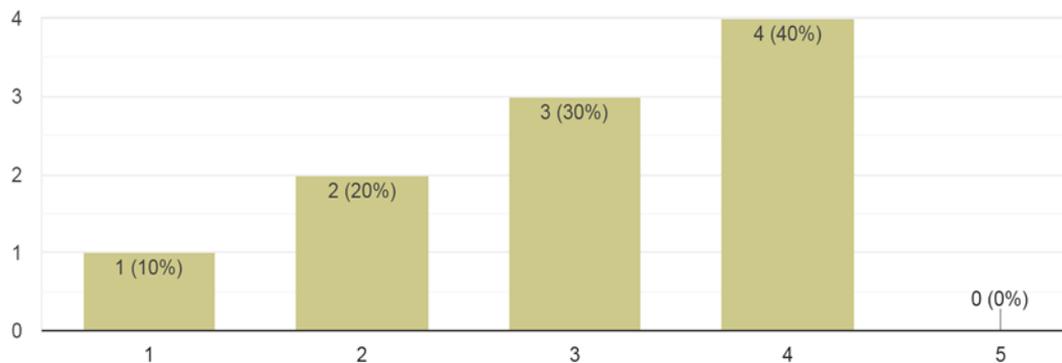
10 respostas



O acolhimento entre seus pares, os docentes, foi ótimo.

...pela sua instituição?

10 respostas



As respostas de 60% distribuíram-se de médio para baixo, enquanto 40% encontraram acolhimento bom pela instituição.

Considera que houve algum ponto positivo da rotina remota na sua qualidade de vida? Por exemplo, mais tempo com a família, tempo para fazer outras atividades, não pegar engarrafamento, etc. Qual foi o que mais se destacou para você?

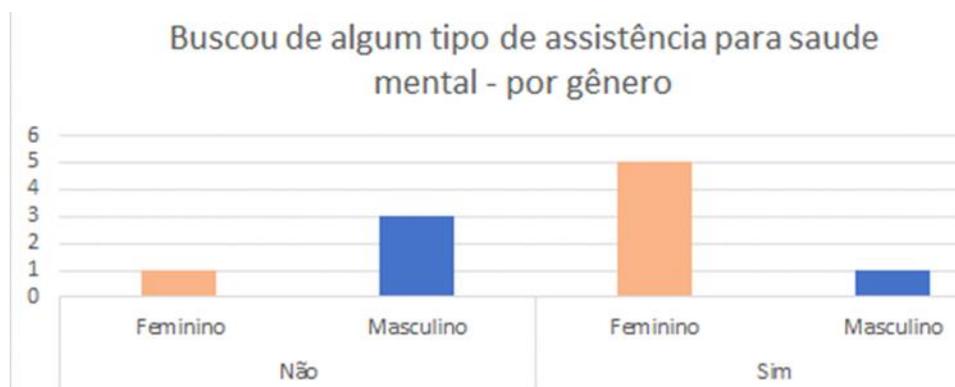
DE NO
OUTRAS NAS TRANSPORTES CHANCES
OUTRO MELHOR
FAMÍLIA
DESLOCAMENTO

Dentre os pontos positivos mais destacados pelos pesquisados estiveram o tempo ganho com a ausência de deslocamento e a maior proximidade da família. Fique à vontade para escrever sobre algo mais que considere relevante e que não esteja neste questionário.

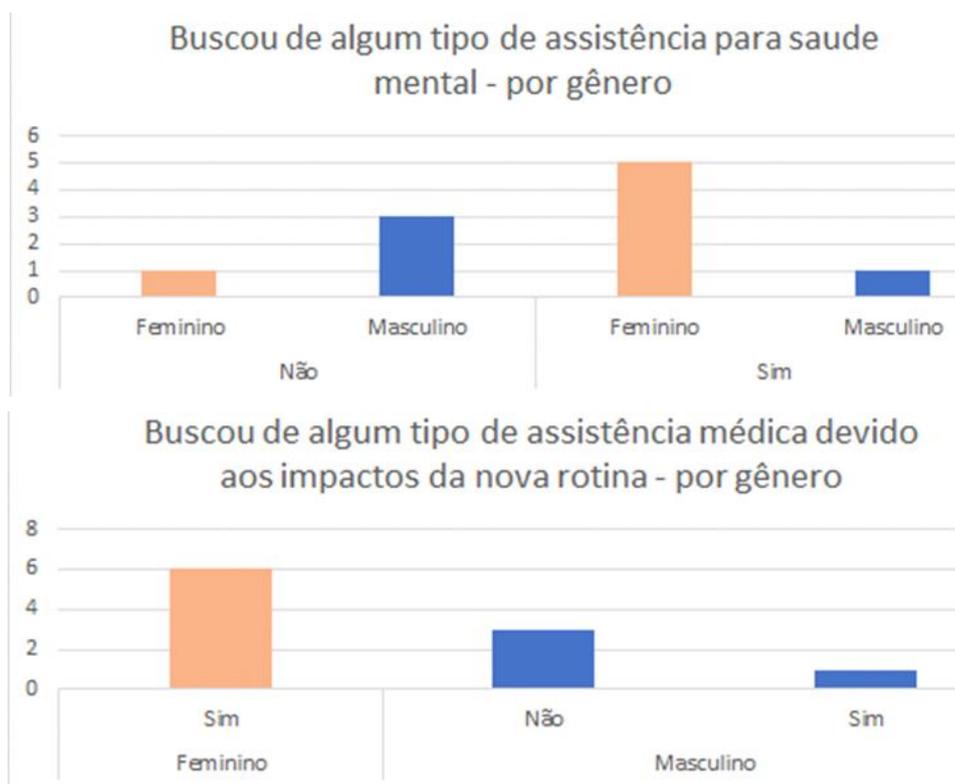


Quando estimulados a complementar assuntos ao questionário foram citadas as relações entre o remoto e o presencial como complementares assim como a quantidade de problemas decorrentes da pandemia e a oscilação da quantidade de alunos efetivamente presentes nas classes nesse momento.

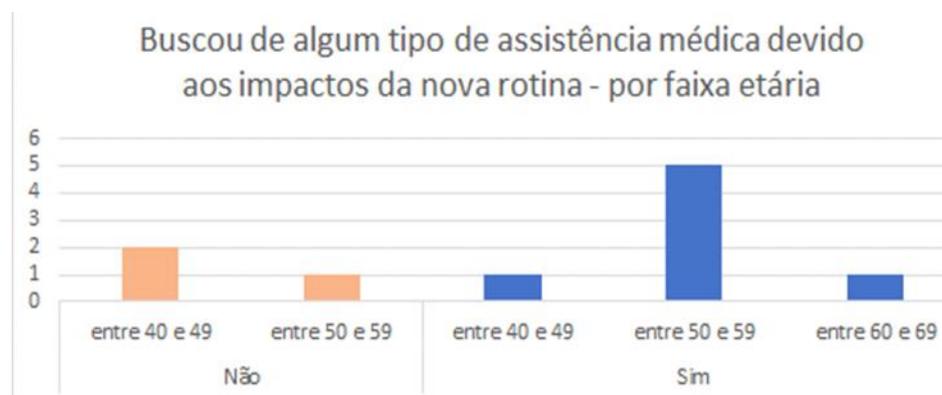
Do cruzamento de dados:



As mulheres buscaram mais assistência para a saúde mental



Todas as mulheres buscaram algum tipo de assistência por conta da mudança na rotina. A maioria dos homens não buscou.



A maioria dos que recorreram à assistência médica devido aos impactos da nova rotina estão na faixa etária entre 50 e 59 anos.

Conclusão e recomendações

Precisamos entender melhor o motivo da pequena participação do nosso público-alvo. Algumas hipóteses apontam para um momento realmente de descrença com pouca esperança de se obter avanços do ponto de vista dos trabalhadores. Outra hipótese é de que os contatos com os órgãos de classe, para que uma pesquisa como essa tenha mais adesão, precisa ser mais efetivo e frequente. Ou então, um trabalho que tenha como predecessores

alguns artigos publicados pelo órgão de classe com antecedência para preparar a distribuição da pesquisa.

Apesar da pouca adesão, a partir dos dados coletados, levantamos as informações importantes a respeito do impacto da pandemia na qualidade de vida dos docentes da UNIRIO.

O perfil dos pesquisados é de maioria feminina, sem filhos em idade escolar e de idade entre 40 e 59 anos. Todos os participantes relatam sentir-se cansados após uma aula online e 80% relataram sentir problemas de concentração e de sono. A maior parte dos pesquisados buscou assistência médica para saúde mental (60%) desses, a maioria entre 40 e 59 anos, em sua maioria, mulheres e outros tipos de assistência médica devido aos impactos da nova rotina (70%) destes todas as mulheres e a grande maioria na faixa etária entre 50 e 59 anos.

Apesar dos sintomas de cansaço, falta de concentração, problemas de sono, necessidade de acompanhamento médico e perdas próximas devido ao Covid-19, esta última informação relatada por 80% dos entrevistados, somente 20% afirmaram ter precisado se ausentar das aulas por motivos emocionais ou dores antes não sentidas. Um fato interessante observado é que, embora 90% dos profissionais tenham confirmado que a nova rotina de pandemia provocou mudanças na carga horária destinada ao planejamento das aulas, apenas a metade, ao serem questionados sobre mudanças na carga horária de trabalho, confirmaram que foi alterada. Podemos inferir que os profissionais não consideram o planejamento de aulas como parte efetiva de suas cargas horárias de trabalho.

Levando-se em consideração que as disciplinas de maior carga horária tiveram um aumento maior de carga horária na pandemia, vale a pena observar a saúde dos docentes das turmas com maiores cargas horárias. Outra observação interessante é apoiar a saúde das mulheres pois a totalidade foi em busca de ajuda por conta de problemas advindos das mudanças provocadas pela pandemia.

Referências

ANDES, 2021. A situação dos professores no Brasil durante a pandemia. Disponível em: <https://www.andes.org.br/diretorios/files/renata/junho/ne-pesquisa-professor-final-1.pdf>. Acesso em: 16 jul.2021.

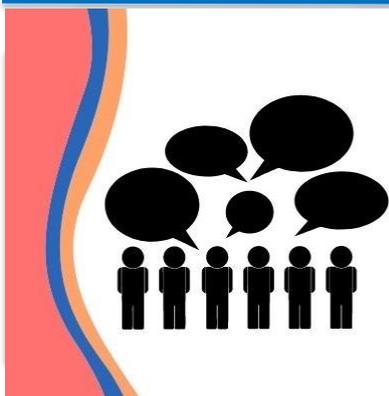
FIOCRUZ, 2021. Agência FioCruz de Notícias. Observatório Covid-19 aponta maior colapso sanitário e hospitalar da história do Brasil. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/observatorio-covid-19-aponta-maior-colapso-sanitario-e-hospitalar-da-historia-do-brasil>. Acesso em: 25 ago.2021

IBGE, 2021. Agência IBGE Notícias. Desemprego mantém recorde de 14,7% no trimestre encerrado em abril. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/31050-desemprego-mantem-recorde-de-14-7-no-trimestre-encerrado-em-abril>. Acesso em: 25 ago.2021.

BRASIL, 2020. Decreto lei nº 13.979 de 6 de fevereiro de 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2020/lei/l13979.htm. Acesso em 25 ago.2021.

NEPSO, 2021. Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor /. 3. ed. São Paulo: Editora Global, 2010. 102 p. Disponível em: <http://www.nepso.net/download/478>. Acesso em: 09 jul. 2021.

NOVA ESCOLA, 2020. disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/19401/ansiedade-medo-e-exaustao-como-a-quarentena-esta-abalando-a-saude-mental-dos-educadores>. Acesso em: 09/jul/21.



PESQUISA DE OPINIÃO SOBRE O AUXÍLIO DE INCLUSÃO DIGITAL (MODALIDADE SIM CARD)

Giulia Simões da Costa

Introdução

Devido à crise sanitária do COVID-19, o primeiro semestre letivo do ano de 2020 da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) foi adiado.

Só no dia 14 de julho do mesmo ano, foram convocados o 418º Consepe e 501º Consuni (os primeiros após alguns meses de adiamento do período letivo do primeiro semestre de 2020), para discutir o retorno das aulas, planejamento orçamentário, período letivo e como o alunado da Universidade cursaria essa etapa remotamente.

Após muitas sessões de conselhos e assembleias, com a participação efetiva dos estudantes pautando assistência estudantil ao público mais vulnerável e vulnerabilizado em decorrência da pandemia, ficou condicionada a implementação do ensino remoto à assistência estudantil de caráter tecnológico. A partir daí, as Pró-reitorias de Assistência Estudantil e de Graduação da UNIRIO lançaram editais de: Auxílio Universitário Emergencial, Auxílio Inclusão Digital em Caráter Emergencial Modalidade SIM CARD e Auxílio Inclusão Digital (valor de R\$1.000,00), sendo este último dado em valor para compra de notebook ou tablet para os contemplados e comprovando a compra do produto.

Nessa pesquisa, voltou-se apenas aos estudantes contemplados pelo Auxílio Inclusão Digital em Caráter Emergencial Modalidade SIM CARD para acesso à Internet, que mesmo assistidos não conseguiram concluir o período de 2020.1.

Justificativa

Entendendo que, mesmo com a concessão do auxílio, os discentes favorecidos com algum tipo dos auxílios emergenciais enfrentaram dificuldades para cursar o primeiro período letivo remotamente.

O início do semestre letivo remoto estava condicionado ao Auxílio Digital ao discentes que, visando a distribuição dos SIM CARD's para que os estudantes cursassem o período, acessassem as aulas e não fossem excluídos desse novo formato.

Inicialmente, buscou-se os editais lançados pelas Pró-reitorias (PRAE e PROGRAD), com a finalidade de examinar as normas exigidas para concorrer ao edital e ao modelo de questionário e perguntas feitas. Infelizmente ao longo dessa busca, os endereços dos links para acessar os editais estavam fora do ar, ou seja, não estavam disponíveis para qualquer

consulta. Nenhum deles foi encontrado para fortalecer a pesquisa, o que auxiliaria definindo com mais precisão o perfil do público-alvo.

Objetivos

Objetivou-se compreender se a política estudantil de inclusão digital alcançou o que fora pautado pelos estudantes no período de planejamento do semestre letivo através dos Conselhos Superiores Consuni⁴ (Conselho Universitário) e Consepe⁵ (Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CONSEPE) e qual foi o impacto desse auxílio no primeiro semestre remoto dos discentes.

Procedimentos Metodológicos

A metodologia aplicada foi a pesquisa de opinião e amostragem para coletar dados sobre a eficácia de um dos auxílios oferecidos em período emergencial pela Universidade, no primeiro período remoto dos discentes da UNIRIO, por meio do formulário do Google.

Uma pesquisa quantitativa de amostragem contendo nove perguntas estruturadas e objetivas, após definir o perfil do público e do tema a ser pesquisado, de acordo com o Manual NEPSO (Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião), disponibilizado como material referência na disciplina de Estatística.

Nessa pesquisa, voltou-se apenas sobre estudantes contemplados pelo Auxílio Inclusão Digital em Caráter Emergencial Modalidade SIM CARD para acesso à Internet, que mesmo assistidos não conseguiram concluir o período de 2020.1

População

Definiu-se como público-alvo discentes da UNIRIO que foram contemplados pelo Auxílio de Inclusão Digital, independente de já serem beneficiados por algum programa de bolsa da Universidade.

⁴ Compete ao Consuni deliberar sobre: proposta orçamentária da UNIRIO e suas alterações; prestação de contas anual da UNIRIO e de suas Fundações de Apoio; taxas e emolumentos; aquisição, alienação, cessão, locação e transferência de bens imóveis; concessão de prêmios, distinções e dignidades universitárias; mérito administrativo para criação, extinção e modificação de órgãos e funções; mérito administrativo para criação, modificação e extinção de projetos intercentros; critérios para ingresso nas carreiras docente e técnico-administrativa; ato do Reitor praticado ad referendum do Consuni; e casos omissos. O Consuni é responsável também por julgar recursos às decisões do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, do Conselho de Centro Acadêmico e da Reitoria. Disponível em: <http://www.unirio.br/conselhossuperiores>. Acesso: 29/08/2021

⁵ Cabe ao Consepe deliberar sobre: mérito acadêmico para criação, modificação e extinção de Cursos de Educação Superior, programas e projetos intercentros; mérito acadêmico para criação, modificação e extinção de órgãos e funções; critérios para ingresso nas carreiras docente e técnico-administrativa; normas complementares sobre matéria acadêmica; ato do Reitor praticado ad referendum do Conselho; e casos omissos. O Consepe é responsável também por julgar recursos das decisões proferidas pelo Conselho de Centro Acadêmico, em matéria acadêmica. Disponível em: <http://www.unirio.br/conselhossuperiores>. Acesso: 29/08/2021

Visto que o início do semestre letivo remoto estava condicionado ao deferimento do Auxílio Digital ao discentes que, visando a distribuição dos SIM CARD's para que os estudantes cursassem o período e acessassem as aulas.

Amostra e Técnica de Amostragem

Bolsistas que foram contemplados pelo Auxílio de Inclusão Digital Caráter Emergencial Modalidade SIM CARD. A pesquisa de opinião técnica de amostragem simples foi feita pelo compartilhamento do formulário por meio do WhatsApp e pelos grupos de Facebook.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

O instrumento utilizado por nós foi um questionário elaborado através do Google Formulário para coleta dos dados e informações. Devido à crise sanitária que perdurou por esse ano, as perguntas foram enviadas e respondidas de forma online, através do compartilhamento pelos grupos de Facebook e WhatsApp.

Os grupos de Facebook foram: os discentes de pedagogia geral e do grupo dos discentes da UNIRIO. Os grupos de WhatsApp foram os seguintes: grupo Frente estudantil de bolsistas, grupo cotistas e trabalhadores (FEB-CT), grupo de pedagogia da turma 2017.2, grupo “Bora organizar”, grupo geral dos discentes de pedagogia, grupo dos discentes de pedagogia geral e grupo dos discentes da UNIRIO.

O questionário ficou disponível no período do dia 6 até o dia 30 de agosto.

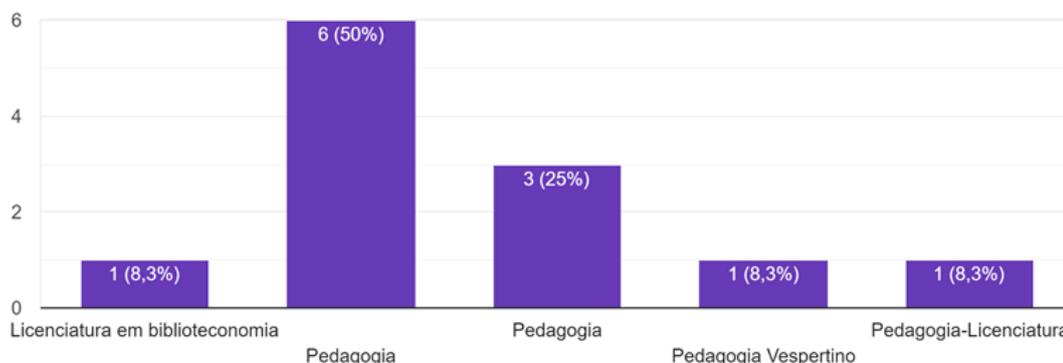
Apresentação e Análise dos Dados

Após o fechamento do formulário, analisei as respostas e o perfil de cada participante através do questionário.

A maioria dos respondentes (91,6%) foi do curso de Pedagogia. Observa-se que, apesar do formulário ter sido compartilhado pelos grupos de Facebook e o grupo geral da UNIRIO, os participantes foram pessoas do CCHS, dos cursos de Pedagogia (noturno e vespertino) e Biblioteconomia.

Em qual curso está matriculado atualmente?

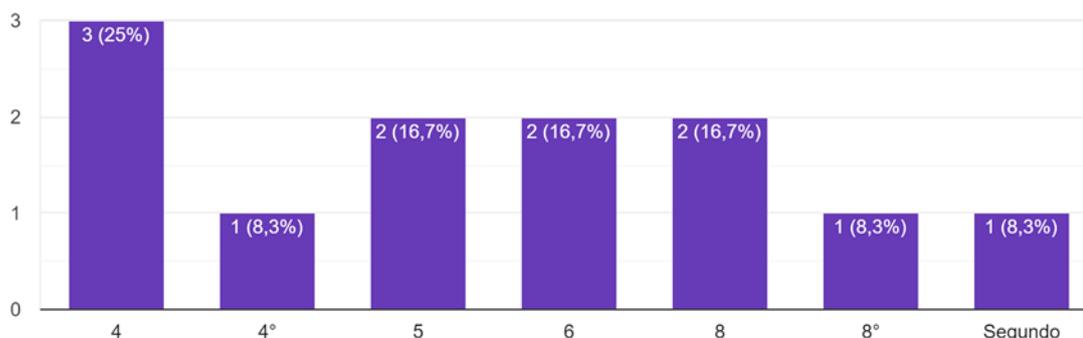
12 respostas



Decidiu-se por perguntar em qual período o discente estava, para precisar se o respondente já era contemplado ou não com algum programa de bolsa.

Qual período está cursando atualmente?

12 respostas

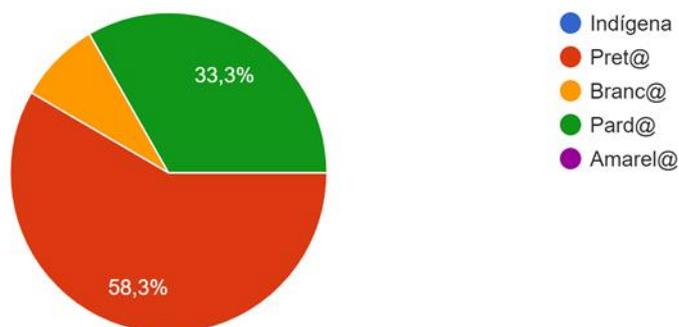


Como pode-se inferir, 33,3% estão no quarto período, enquanto 25% estão no oitavo período, 16,7% estão no quinto e sexto período e só 8,3% no segundo. Assim pôde-se especular que no início do ensino remoto o maior grupo estava no segundo período. Muito provavelmente não tiveram a oportunidade de conhecer a universidade, suas Pró-reitorias, as bolsas que são ofertadas, o Diretório Acadêmico e o funcionamento interno da comunidade acadêmica.

Consciente sobre o abismo das relações raciais no ensino superior, trouxemos para a pesquisa a abordagem de raça sob os parâmetros do IBGE, que é feita a partir da autodeclaração, ou seja, como o indivíduo se vê e se auto apresenta.

Como você se autodeclara?

12 respostas

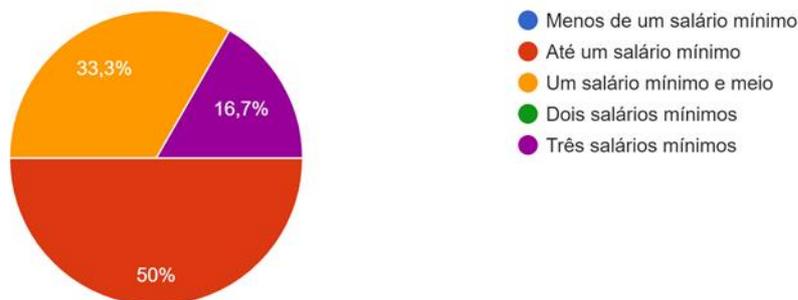


Mais da metade dos constituintes autodeclararam-se “pretos” 58,3%, sendo que nem dez por cento de brancos, apenas 8,3% e um pouco mais que 33% veem-se como pardos.

Outrossim, a renda per capita foi uma das características importantes para saber quem foi beneficiado pela bolsa, visto que este quesito frequentemente aparecia nos editais das bolsas oferecidas pela Pró-reitoria de Assistência Estudantil.

Qual a renda familiar per capita ?

12 respostas

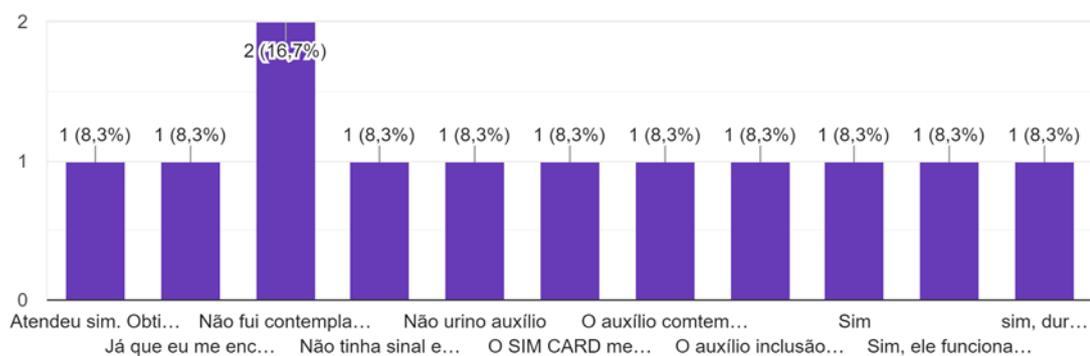


Como foi verificado, a maioria de 50% dos respondentes possui renda familiar de até um salário-mínimo, enquanto 33,3% de até um salário-mínimo e meio e o restante, 16,7% de até três salários-mínimos. Assim, são metade dos participantes desta pesquisa, com renda familiar per capita de um salário-mínimo, o que os enquadraria num dos pré-requisitos do perfil de concorrentes dos editais lançados.

Por se tratar de uma pesquisa de opinião com a temática “Pesquisa de opinião sobre Auxílio de Inclusão Digital (Modalidade SIM CARD)”, cogitou-se uma pesquisa que fosse além do “sim” ou “não”, relatasse objetivamente a experiência do dia a dia de quem sobreviveu e ainda sobrevive ao ensino remoto com o modém concedido pela UNIRIO. Seguem abaixo os relatos.

O Auxílio de Inclusão Digital atendeu o que esperava? Conte brevemente a sua experiência com o SIM CARD, por favor.

12 respostas



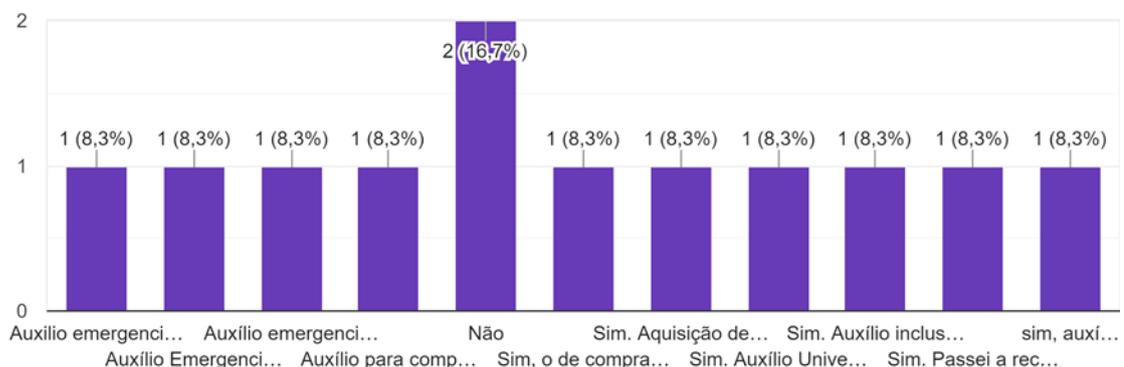
Abaixo, as respostas de cada participante para leitura, pois entende-se a importância do auxílio ofertado e sua verdadeira eficácia.

- *“O auxílio inclusão digital não atendeu minhas expectativas no ano passado pq um notebook eficiente é muito mais caro do que 1000 reais. Não peguei o SIM card.”*
- *“O auxílio contemplou as minhas necessidades. Não tive problemas com internet, estou gostando muito.”*
- *“Sim”*
- *“Não tinha sinal em casa, só na rua.”*
- *“Sim, ele funciona bem só oscila um pouco, mas atende bem em questão de internet e velocidade.”*
- *“O SIM CARD me ajuda bastante porém muitas vezes ele para de funcionar ou a internet fica muito lenta, mesmo não utilizando os 50gb então não dá para contar só com o SIM CARD, é preciso ter acesso a wi-fi.”*
- *“Não urino auxílio.”*
- *“Não fui contemplada”*
- *“Atendeu sim. Obtive menos gastos relacionados a acesso a internet. Apesar de apenas o chip não suprir toda a demanda.”*
- *“Não fui contemplada”*
- *“Já que eu me encontrava com dificuldades para acessar às aulas remotas, a experiência com o SIM CARD foi de extrema importância para que eu pudesse acompanhar aulas e ter acesso aos materiais disponibilizados, embora tivesse dias de acesso limitado, foi de extrema ajuda.”*
- *“Sim, durante o período em que utilizo atende bem a todas as minhas necessidades durante as aulas se estivermos em ocais e boa cobertura para a operadora Tim.”*

Já que o presente trabalho trata apenas de uma das bolsas criadas no período pandêmico, a enquete trouxe a pergunta se o indivíduo tinha sido contemplado por outro auxílio e qual era esse.

Você foi contemplado por outro auxílio no período de atividade remoto ? Qual ?

12 respostas

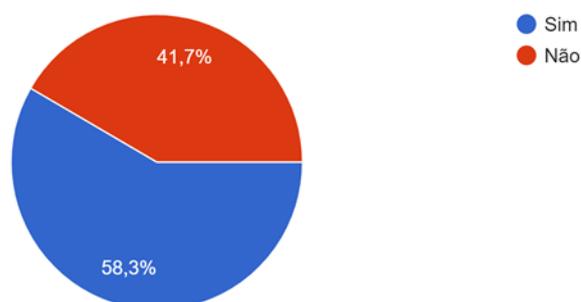


Fiquei surpresa ao analisar que algumas pessoas conseguiram duas das modalidades de bolsas concedidas em caráter emergencial e aquelas que não foram recompensadas com a modalidade proposta aqui, conseguiram pelo menos uma das modalidades de bolsa.

De acordo com as respostas obtidas, as pessoas que não tinham nenhuma bolsa foram contempladas, se não pelo Auxílio Inclusão Digital, em um outro edital de bolsa do período emergencial para o semestre remoto.

Você já era bolsista de alguma modalidade de bolsa na Unirio ?

12 respostas

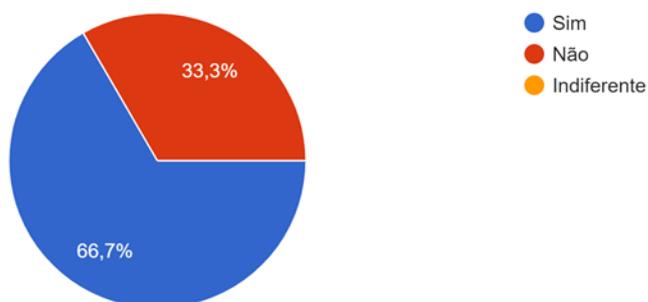


Segundo essa interrogação, pode-se afirmar que o número de procura por bolsas de assistência estudantil aumentou. Mais de cinquenta por cento dos partícipes já eram bolsistas de alguma modalidade concedida pela UNIRIO, esses foram 58,3% e 41,7% ainda não eram bolsistas.

Segundo Coll (2021) o número da procura por assistência estudantil cresceu na Universidade de Campinas e assim também podemos afirmar sobre a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Agradecemos a sua colaboração ao trabalho! Caso queira receber o resultado final dessa pesquisa quantitativa sinalize aqui que em breve e...os gráficos das respostas coletadas (caso queira).

3 respostas



Essa foi uma questão de resposta facultativa, pensada para ser uma devolutiva àqueles que contribuíram com o tema proposto, com a orientação do trabalho da disciplina.

Conclusão e recomendações

As bolsas são indispensáveis para permanência e conclusão de cursos nas universidades públicas. Conclui-se isso visto que discentes que não recebiam nenhum tipo de assistência estudantil foram contemplados. Neste momento de pandemia, os estudantes pesquisados precisaram de alguma das modalidades de auxílio para manterem-se nos cursos que foram matriculados.

Constata-se que a via para diminuição da evasão no ensino superior é a política de assistência estudantil que assegure a permanência dos discentes.

Entende-se que as ações afirmativas tiveram papel decisivo na entrada de alunos pobres, negros e indígenas nas universidades públicas, porém a inserção pura e simplesmente não garante a transformação social.

Políticas públicas de assistência para permanência e conclusão nos cursos é a sugestão e a conclusão que posso apresentar a partir da elaboração, investigação e conclusão deste trabalho. Não apenas a inserção das camadas populares nas Universidades públicas, urge garantir a permanência perspectivando a conclusão, evitando os altos índices de evasão por motivos financeiros ou psicossociais. A instância responsável pela conclusão de um curso ofertado no Ensino Superior deve ser de responsabilidade das IES – Instituições de Ensino Superior.

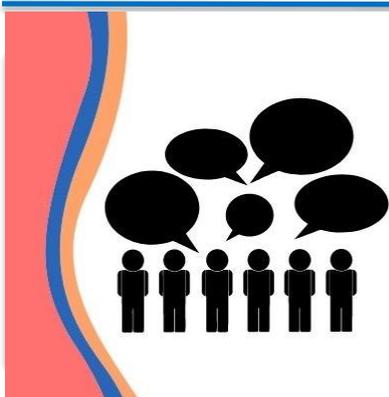
Referências

COLL, Liana. O desafio da permanência estudantil durante a pandemia. 02, jul, 2021. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2021/07/02/o-desafio-da-permanencia-estudantil-durante-pandemia>. Acesso: 30/08/2021

Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor / editores. Ana Lucia D’Império Lima... [et al.]. – 3. ed. – São Paulo: Global, 2010. Outros editores: Fabio Montenegro (in memoriam), Marilse Araujo e Vera Masagão Ribeiro. ISBN 978-85 -260 -1513-5

PROGRAD UNIRIO, 501ª Sessão Remota Ordinária do Conselho Universitário (CONSUNI), Youtube, 22/07/2020, 4 horas e 38 minutos 10 seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PMML5aPhcVY>. Acesso em 04/10/2021

UNIRIO. Sessão CONSEPE 14/07/2020, Youtube,14/07/2020, 2 horas e 47 minutos 19 seg, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nCWSwHH0Dc0>. Acesso em 04/10/2021



RELACIONAMENTOS ENTRE A JUVENTUDE: UMA PERSPECTIVA PARA ALÉM DA MONOGAMIA

Ingrid Peixoto, Jaqueline Lopes e João Vitor Jardim

Introdução

As relações sempre fizeram parte da sociedade, independente de qual seja o momento das nossas vidas. A partir disso, pensamos em entender melhor as possíveis dinâmicas entre os relacionamentos amorosos da juventude desta geração, visto que, um dos debates em ascensão nos últimos anos vem sendo os relacionamentos fora do padrão monogâmico, nos parece que os jovens têm se questionado cada vez mais por diferentes motivos.

Alguns podem levar em consideração a questão da liberdade de si e do outro, mas isso engloba também os movimentos sociais que rechaçam o heteropatriarcado e, portanto, a monogamia, esta que surgiu como função de assegurar a hereditariedade “sua finalidade expressa é procriar filhos cuja paternidade seja indiscutível, porque os filhos, na qualidade de herdeiros diretos, entrarão, um dia, na posse dos bens de seu pai.” (ENGELS, 2019, p.74) e a propriedade privada, sendo a mulher um objeto de posse para o homem e de troca com valor monetário entre as famílias (LERNER, 2019).

Hoje em dia existem muitas páginas em redes sociais, livros e textos questionando a monogamia, apontando justamente esta a dinâmica como socialmente construída e não natural que seria, portanto, pré-estabelecida devido sua origem histórica.

O relacionamento romântico entre duas pessoas é baseado em um contrato social de exclusividade sexual, mas não em uma realidade biológica. (ANNA E, 2018).

Entende-se por monogamia o ato de se relacionar afetivo e sexualmente com uma única pessoa por vez no decorrer de sua existência. Isso se dá desde o começo da sociedade privada, onde os homens por medo de deixar as suas terras para o filho de outro homem, passou a exigir exclusividade em seu relacionamento com a mulher. (JORNAL TRIBUNA)

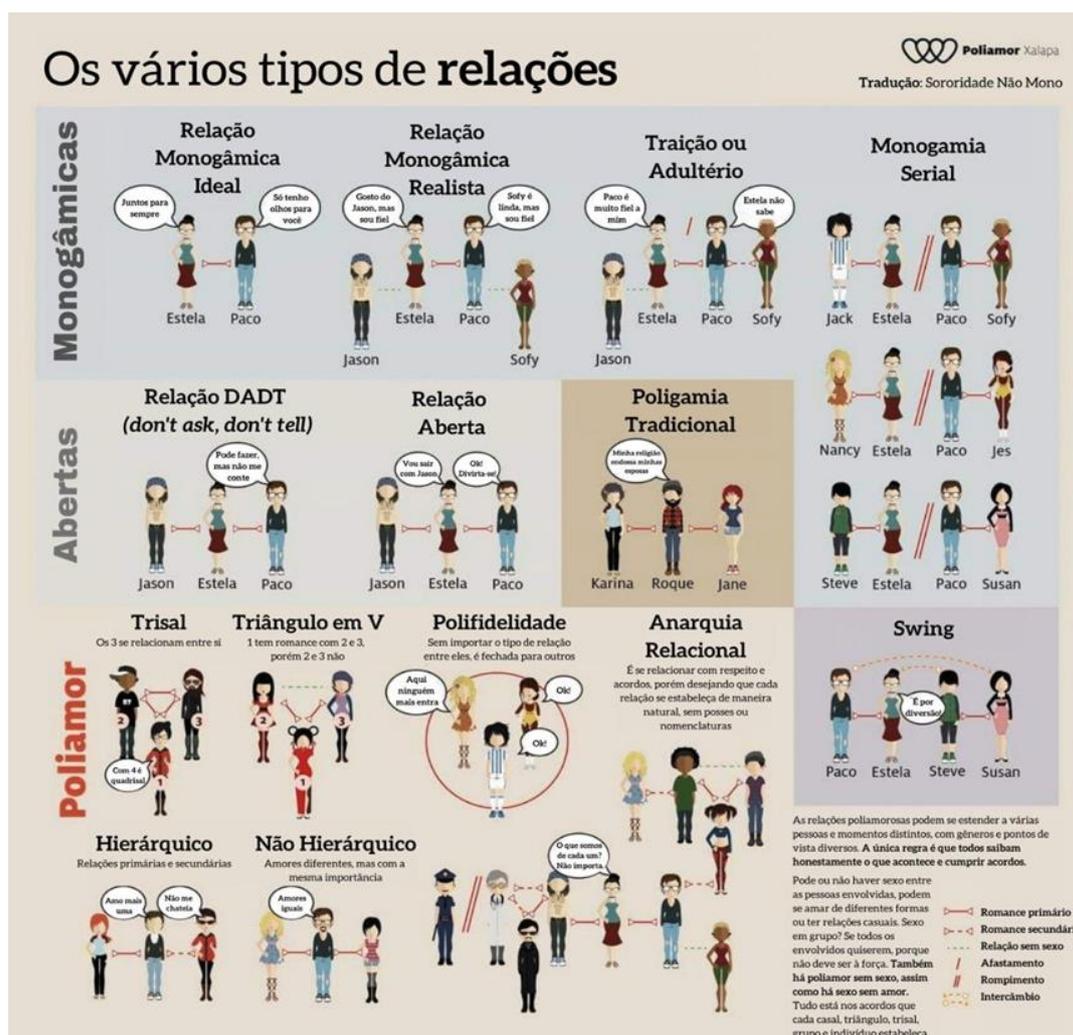
Assim, fizemos esta pesquisa em busca de compreender a atual dinâmica vivenciada pelos jovens, e o quanto as relações monogâmicas foram, ou não, deixadas de lado, se estão sendo questionadas e quais seriam estas novas formas de relacionamento presente entre os jovens.

As relações poliamorosas podem se estender a várias pessoas e momentos distintos, com gêneros e pontos de vista diversos. A única regra é que todos saibam honestamente o que acontece e cumprir acordos. Pode ou não haver sexo entre as pessoas envolvidas, podem se amar de diferentes formas ou ter relações casuais. Sexo em grupo? Se todos os envolvidos quiserem, porque não deve ser à força. Também há poliamor sem sexo, assim como há sexo sem amor. Tudo está nos acordos que cada casal, triângulo, trisal, grupo e indivíduo estabeleçam. (POLIAMOR XALAPA)

Justificativa

Levantados os questionamentos, gostaríamos de entender melhor como os jovens estão se relacionando amorosamente hoje em dia, buscando analisar se de fato estão deixando de lado a monogamia para experimentar a diversidade das relações dispostas na não monogamia⁶.

Sendo assim, esta pesquisa pode ajudar a ampliar o debate acerca deste tema, trazendo novas perspectivas e ampliando horizontes, visto que as relações podem ser configuradas de formas muito diferentes “pessoalmente, acredito que todas as relações que quebram algum ponto da expectativa monogâmica (seja a exclusividade sexual ou afetiva) estão inclusas no guarda-chuva da não monogamia, porém dentro de um espectro de autonomia frente a relação” (ANNA E, 2019), podemos observar isto na imagem abaixo⁷.



Fonte: Poliamor xalapa, traduzido por sororidade não mono.

⁶ <https://veja.abril.com.br/brasil/jovens-estao-trocando-a-monogamia-por-relacionamentos-abertos>. Acesso em: 21 de Julho de 2021.

⁷ Os vários tipos de relações. Fonte: <https://medium.com/sororidade-nao-mono/a-n%C3%A3o-monogamia-%C3%A9-um-caminho-com-muitas-possibilidades-983f791b99f0>, 2021.

Objetivos

Temos como objetivo coletar dados para um melhor entendimento das relações entre o grupo pesquisado e observar se existem tendências para algum modelo específico relacional, compreendendo que existem diferentes formas de se relacionar dentro do padrão monogâmico e diversas possibilidades em um padrão não monogâmico.

Procedimentos Metodológicos

Leitura do material proposto para a disciplina Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião: manual do professor NEPSO (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2002), criação do formulário no Google Forms para a obtenção dos dados, “divulgação por bola neve”, desenvolvimento de gráficos para uma melhor visualização dos dados obtidos e leituras no que diz respeito à temática do trabalho escolhida pelo grupo.

População

Definimos como público-alvo o grupo de jovens na faixa etária dos 15 a 29 anos que já experienciaram ou não um relacionamento, pois assim podemos identificar alguma mudança no padrão amoroso geracional.

Amostra e Técnica de Amostragem

Para alcançarmos as respostas necessárias, fizemos o envio de um formulário on-line para a população selecionada.

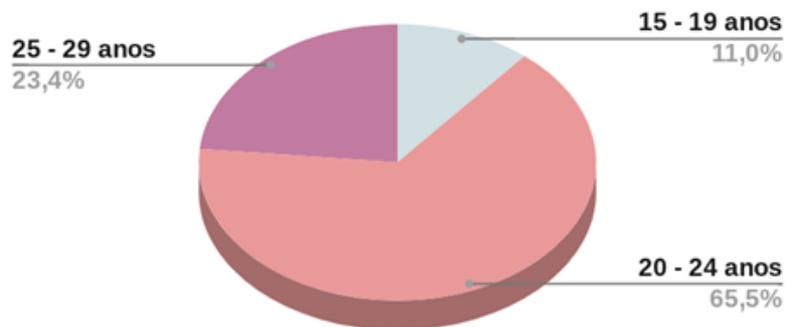
Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

Em decorrência da pandemia da Covid-19 e do isolamento social, a amostra foi coletada por meio digital, a partir da criação de um formulário pela plataforma Google Forms com perguntas desenvolvidas pelos estudantes do grupo.

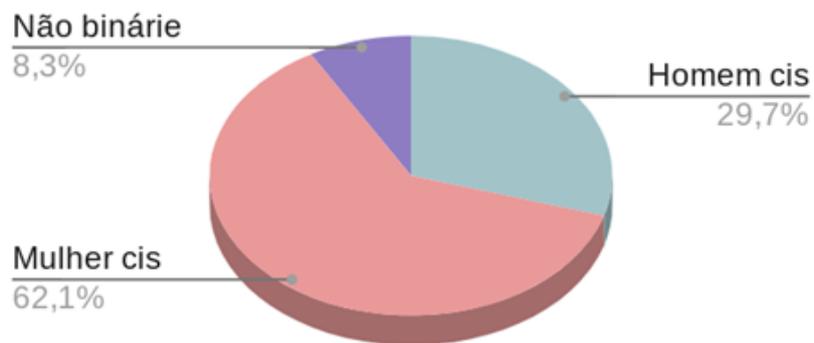
Iniciamos com um teste de aplicação com o grupo da turma. Após isso, testamos o questionário com pessoas próximas e por fim compartilhamos o link de acesso em nossas redes sociais pessoais. Utilizamos o WhatsApp para pessoas próximas, redes sociais (Twitter e Instagram) para alcançarmos um grupo maior e finalizamos o compartilhamento em grupos no Facebook.

Apresentação dos Dados

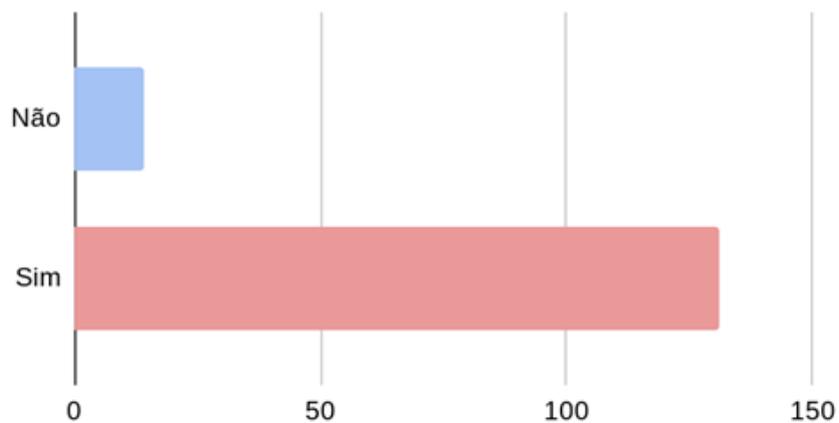
Faixa etária



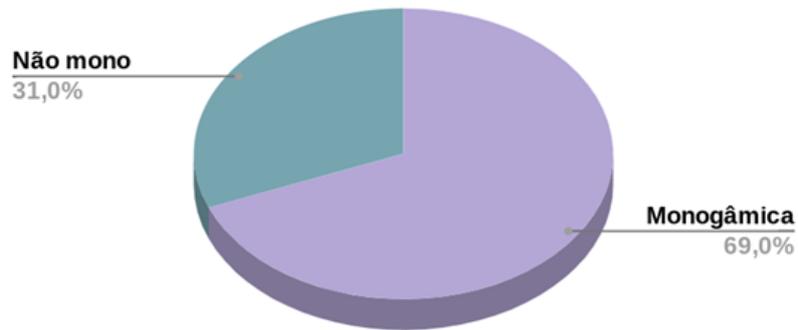
Gênero



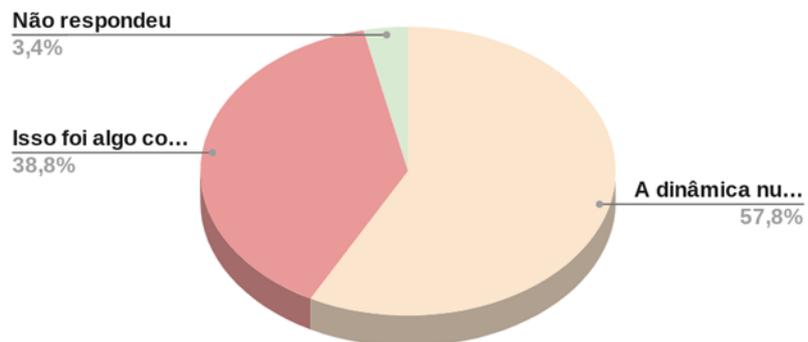
Você já esteve em um relacionamento ?

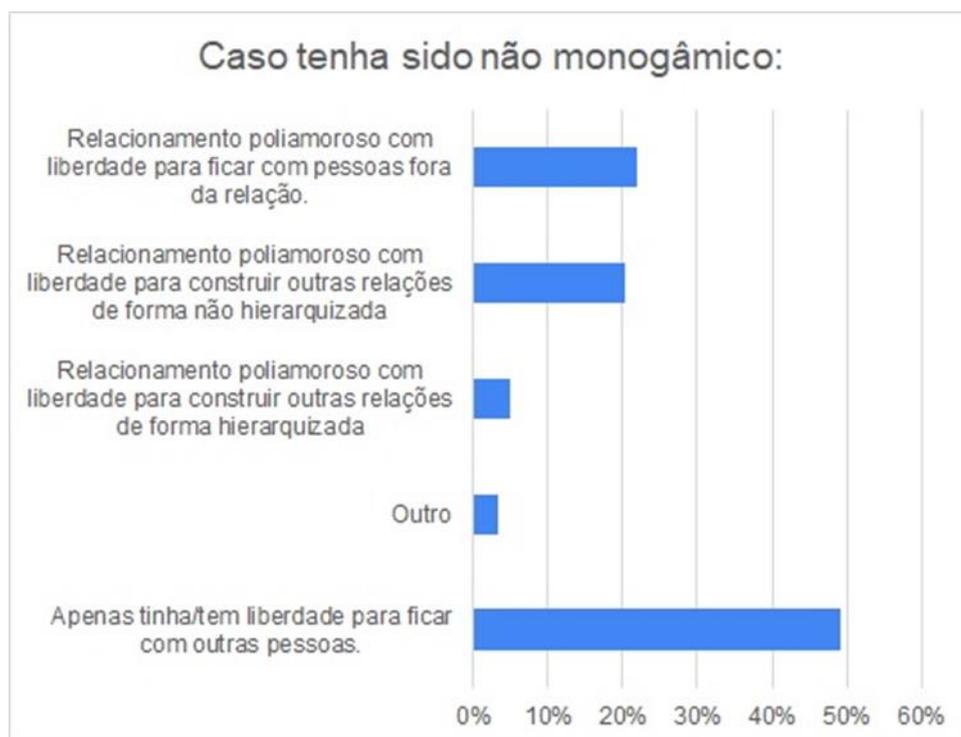


Identificação relacional.



Dinâmica de relacionamentos Monogâmicos





Conclusão e recomendações

A maior parte das respostas ao formulário foram de mulheres cis e de jovens de 20 a 24 anos. Dentre estas pessoas, aproximadamente $\frac{2}{3}$ adotam a monogamia como forma de se relacionar, no entanto é possível analisar o crescimento da não monogamia tendo em vista que 31% dos entrevistados já vivenciaram relações não monogâmicas.

Chamamos a atenção para o fato de que cerca de 38% dos monogâmicos chegaram a conversar sobre isto com o seu parceiro, por outro lado, os 57% responderam que a dinâmica nunca foi questionada. Neste ponto, é importante retomarmos o que apresentamos na introdução: já que a maioria de nossas respostas foi de mulheres cis, devemos considerar a origem da monogamia e sua relação com a opressão de gênero, entendendo a monogamia como um estilo de relacionamento já pré-estabelecido, é uma questão social e histórica que não há questionamento por grande parte dos casais monogâmicos.

Obtivemos respostas muito interessantes, pois em uma parcela, os respondentes falaram sobre suas dificuldades em confiar no próximo, inseguranças ou lidar com os ciúmes dos seus parceiros.

Na pergunta sobre não ser monogâmico, percebemos que as opções não foram bem formuladas, assim decidimos somar duas opções por entender que “poder ficar com outras pessoas” (49% e 22%) significava não poder criar vínculos com outras pessoas fora da/das relações principais, ou seja, a variante estudada era a mesma nas duas práticas em questão.

Outro dado apresentado foi que uma parcela de cerca de 30% das pessoas monogâmicas, estariam abertas a tentar a possibilidade de vivenciar relações abertas. Infelizmente esse dado não pode ser tão conclusivo, uma vez que, cerca de 25% dos respondentes não responderam esta pergunta; por outro lado, aproximadamente 30% das pessoas não monogâmicas estão abertas a experimentar relações fechadas.

Desta forma concluímos que os respondentes que afirmam viver relações não monogâmicas ainda carregam com si padrões das relações monogâmicas (não poder criar vínculos) que ainda é uma forma de ter posse sobre o outro, podendo ter algum controle sobre as decisões da pessoa com quem você se relaciona. Com esses dados, conseguimos perceber que existe uma possível abertura para as práticas não monogâmicas entre os jovens, ainda que a maior parte dos respondentes afirmaram ser monogâmicos.

Recomendamos a todos, e não apenas os jovens, que continuem e se questionem cada dia mais acerca de suas relações e não apenas amorosas; é importante que haja diálogo e que questionem a dinâmica relacional levantando os pontos de opressões sociais carregados pela monogamia.

Referências

ALMEIDA, André. Contribuições da psicologia social acerca da monogamia compulsória. In: Contribuições da psicologia social acerca da monogamia compulsória. [S. l.], 18 jun. 2021. Disponível em: <https://jornaltribuna.com.br/2021/06/contribuicoes-da-psicologia-social-acerca-da-monogamia-compulsoria/>. Acesso em: 27 ago. 2021.

ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade privada e do Estado; tradução Leandro Konder; aparecida Maria Abranches. -4ª edição Rio de Janeiro: BestBolso, 2019

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor. 2 ed. São Paulo: Global, 2002.

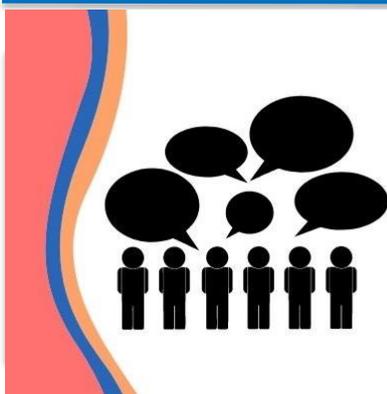
PÉCHY, Amanda; BRAUN, Julia. Jovens estão trocando a monogamia por relacionamentos abertos. Revista VEJA, 19 fev. 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/jovens-estao-trocando-a-monogamia-por-relacionamentos-abertos/>. Acesso em: 21 jul. 2021.

LERNER, Gerda. A Criação do Patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens; Tradução Luiza Sellera São Paulo Cultrix, 2019.

ANNA E. Manifesto Sororidade Não Mono. Medium, 2020. Disponível em: <https://medium.com/sororidade-nao-mono/manifesto-sororidade-nao-mono-4245d272edc8>. Acesso em: 21 jul. 2021.

ANNA E. O mito da monogamia: estudos sociobiológicos em humanos e animais. Medium, 2018. Disponível em: <https://medium.com/sororidade-nao-mono/o-mito-da-monogamia-estudos-sociobiologicos-em-humanos-e-animais-d4e512f9103f>. Acesso em 27 jul. 2021

PEREZ, Tatiana Spalding; PALMA, Yáskara Arrial. Amar Amores: O Poliamor Na Contemporaneidade. Psicologia & Sociedade [online]. 2018, v. 30 [Acessado 21 Julho 2021] , e165759. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30165759>. Epub 07 Jun 2018. ISSN 1807-0310. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30165759>.



TEMPO: O RELACIONAMENTO ENTRE UNIVERSIDADE E ATIVIDADE FÍSICA EM TEMPOS DE PANDEMIA

*Ayend Hammad, Larissa Araujo,
Maria Eduarda Marsal e Raphaella Motta*

Introdução

Tendo em vista todo o contexto do ano de 2020 que se estende, a princípio, até 2021 num cenário pandêmico, nós que somos discentes da disciplina Estatística Aplicada à Educação concluímos que seria de extrema relevância exprimir sobre o tempo na pandemia. Como universitárias, decidimos que para realizar nossa pesquisa iríamos coletar dados de uma amostra de universitários da UNIRIO e, então, expor as mudanças notadas através dos dados que levantamos. Conseguimos alcançar o objetivo do trabalho com as 44 respostas que obtivemos entre os dias 06/08/2021 e 20/08/2021.

Segundo um estudo coordenado pela Fundação Oswaldo Cruz, encontrado na reportagem “Jovens relatam mudanças de rotina e de humor em estudo sobre a Pandemia” publicada no site da Agência Brasil e outro estudo realizado com uma amostra de 1.679 alunos dos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Uberlândia, sendo este publicado no portal da universidade chamado COMUNICA UFU, é fato que as rotinas mudaram o humor, o cuidado com a saúde e a vida acadêmica. Houve aumento do sedentarismo, do tempo de uso de equipamentos eletrônicos e problemas relacionados com as aulas on-line. A partir daí, nos indagamos com algumas questões como: será que está sobrando ou faltando tempo para os universitários na realização de atividades físicas e seus estudos, considerando o contexto de pandemia?

Sem dúvidas, levantar e analisar os dados com universitários da mesma faculdade que nós, foi uma ótima escolha, pois nos aproximou dessa realidade apresentada em ambos os estudos e nos possibilitou compreender essa situação com um olhar mais próximo.

Justificativa

Pelas redes sociais, os universitários da UNIRIO sempre estiveram conectados. Em março de 2020 era início de período e as interações entre os grupos estavam intensas para receber os calouros, quando todos foram surpreendidos pela Covid-19. A partir de então, todos se depararam com uma nova realidade e foi identificada uma grande dificuldade para administrar o tempo. Nesse cenário, os universitários encontram-se perdidos em relação à realização das tarefas do ensino remoto, assim como, à prática de exercícios físicos. É fundamental identificar a quantidade de alunos que conseguem administrar seu tempo e

aqueles que não conseguem, para debater os resultados com a finalidade de compreender o atual contexto dos universitários frente à pandemia.

Objetivos

Compreender o tempo em que os alunos da UNIRIO gastam com o Ensino Remoto e com atividade física, pois é muito importante equilibrar os dois para uma boa saúde mental.

Procedimentos Metodológicos

Realizaremos uma pesquisa por amostragem aleatória que busca entender e vislumbrar a saúde mental dos alunos da UNIRIO durante a Pandemia, determinando o tempo que é gasto entre o Ensino Remoto e as atividades físicas.

A pesquisa será quantitativa, utilizando um questionário com perguntas claras e objetivas para um público previamente definido, com relatório e conclusões que serão apresentados posteriormente. Esse tipo de pesquisa foi escolhido pois no Nepso é a que tem maiores impactos podendo promover e envolver maior número de pessoas, tanto entrevistadores quanto entrevistados.

Com o intuito de identificar uma questão que afeta a todos; formular e apresentar ideias com clareza; prever resultados; discutir ideias e produzir argumentos.

População

Definimos como público-alvo desse projeto os estudantes da UNIRIO. Mais especificamente os cursos de Pedagogia, Nutrição, Biologia, Arquivologia, Medicina e Museologia.

Amostra e Técnica de Amostragem

Para os alunos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) cursos de Pedagogia, Nutrição, Biologia, Arquivologia, Medicina e Museologia. A identificação de amostragem será através do Google Formulários e será disponibilizada pelas redes sociais Facebook e WhatsApp.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

O instrumento utilizado para coletar dados será um questionário on-line, feito no Google Formulário. Devido às condições de isolamento social que estamos vivenciando, a coleta de dados será feita totalmente à distância.

O endereço eletrônico do formulário será compartilhado com pessoas previamente identificadas como público-alvo da pesquisa, através de grupos nas redes sociais, como WhatsApp e Facebook dos pesquisadores.

A aplicação do formulário será realizada através dos meios eletrônicos, disponibilizado para o público-alvo em grupos de WhatsApp e Facebook.

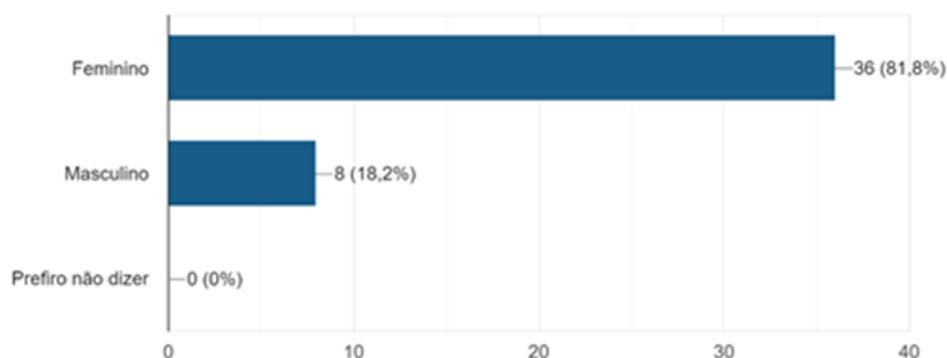
Apresentação e Análise dos Dados

Para a realização da nossa pesquisa, quarenta e quatro discentes da UNIRIO responderam ao questionário online. Com ela quisemos saber como os alunos estão conciliando o tempo das atividades físicas com o tempo de estudo.

Foi identificado que a maioria dos entrevistados se identifica com o gênero feminino, contabilizando 81,8%, enquanto 18,2% se identificam com o gênero masculino.

Com qual gênero você se identifica?

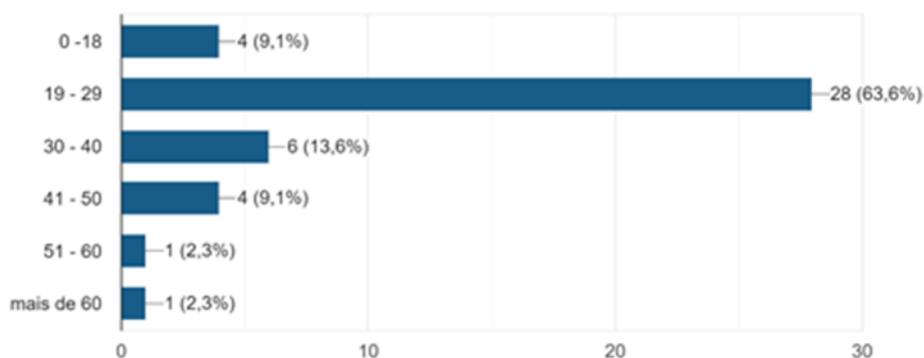
44 respostas



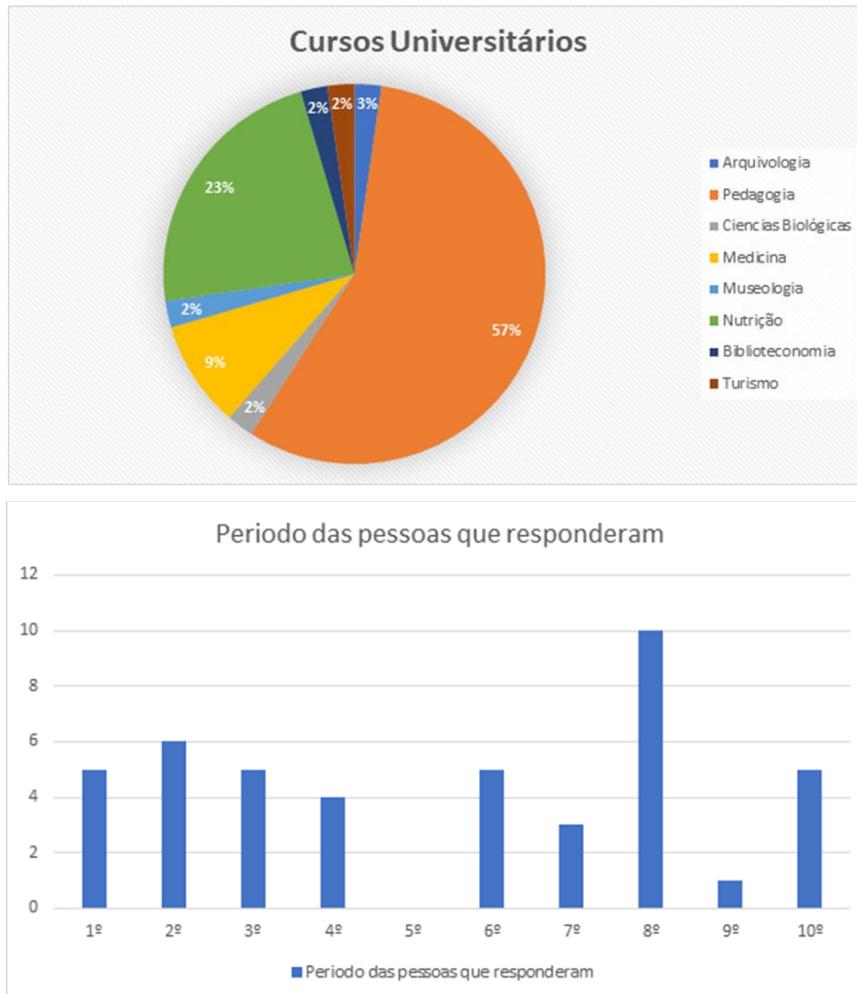
Assim como identificamos a grande maioria das pessoas que responderam se encontram na faixa etária de 19 a 29 anos, contabilizando 63,6% do total.

Qual a sua faixa etária

44 respostas

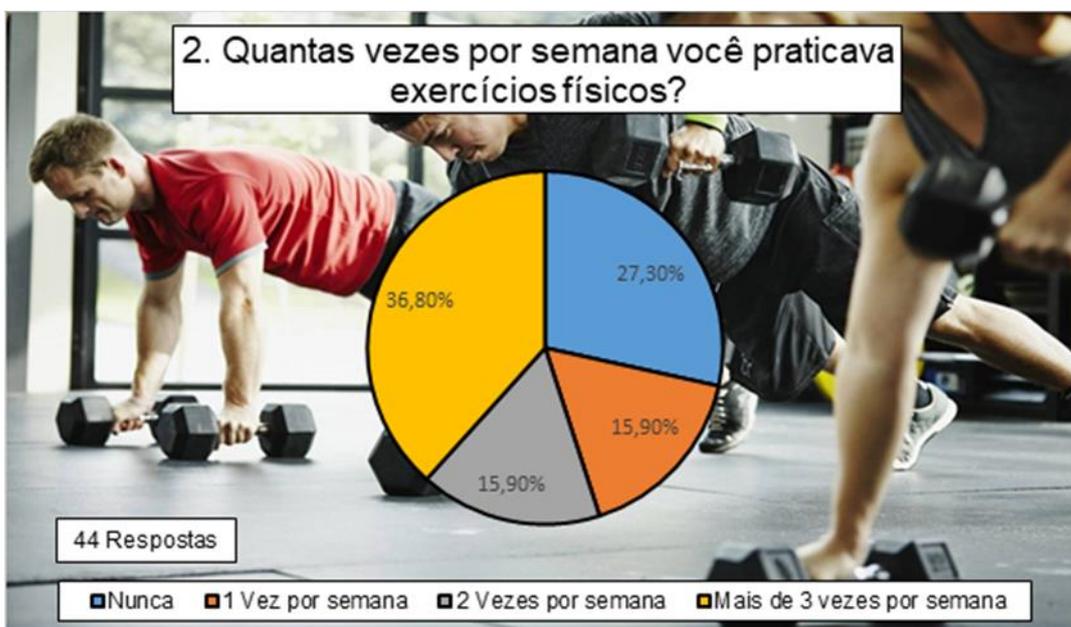


Como nossa pesquisa se deu por divulgação entre os grupos do WhatsApp e grupos do Facebook, conseguimos alcançar diferentes discentes, dos mais variados cursos de graduação e de períodos distintos, como podemos ver nos gráficos abaixo:

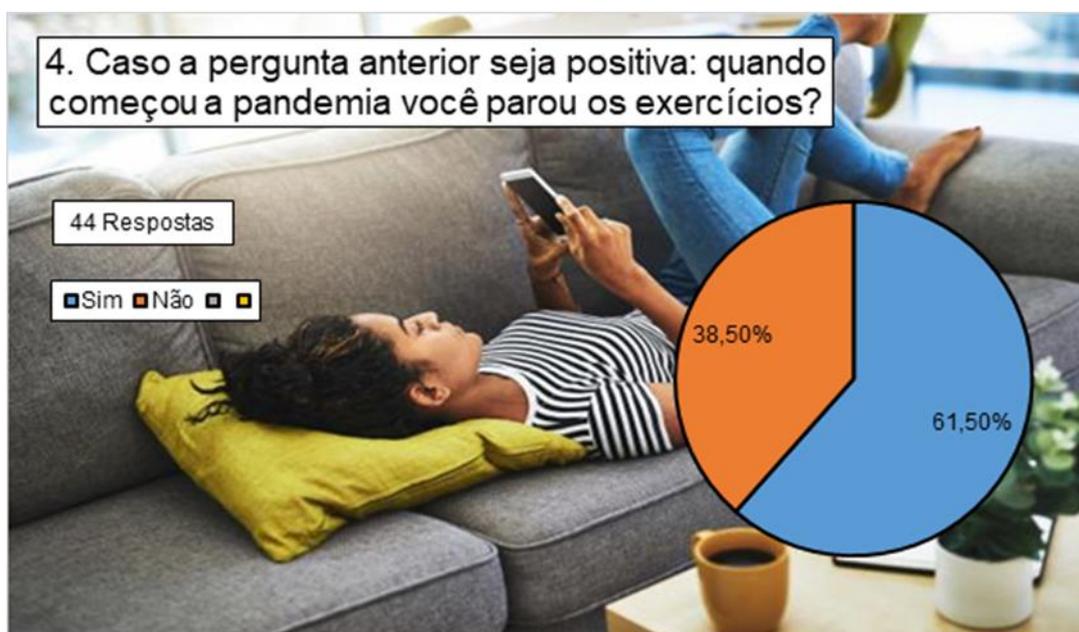


Sabemos que o período remoto tem sido difícil para que as pessoas pudessem se organizar, pois quando estamos em casa acabamos por fazer várias tarefas ao mesmo tempo, às vezes até mesmo sem nos darmos conta de que estamos tão sobrecarregados não só fisicamente como mentalmente.

Acontece que com a Pandemia e essa sobrecarga advinda dela, acabamos por negligenciar muitas vezes os exercícios físicos que estavam presentes em nosso cotidiano, algumas vezes por não poder fazer os exercícios ao ar livre e outras vezes porque o cansaço com a rotina é tanto que acabamos por optar por deixarmos para depois e nem sempre conseguimos retornar com facilidade. Nota-se que antes da Pandemia, 43% dos nossos entrevistados tinham tempo para praticar as atividades físicas e 59% praticavam exercícios entre uma e três vezes na semana.



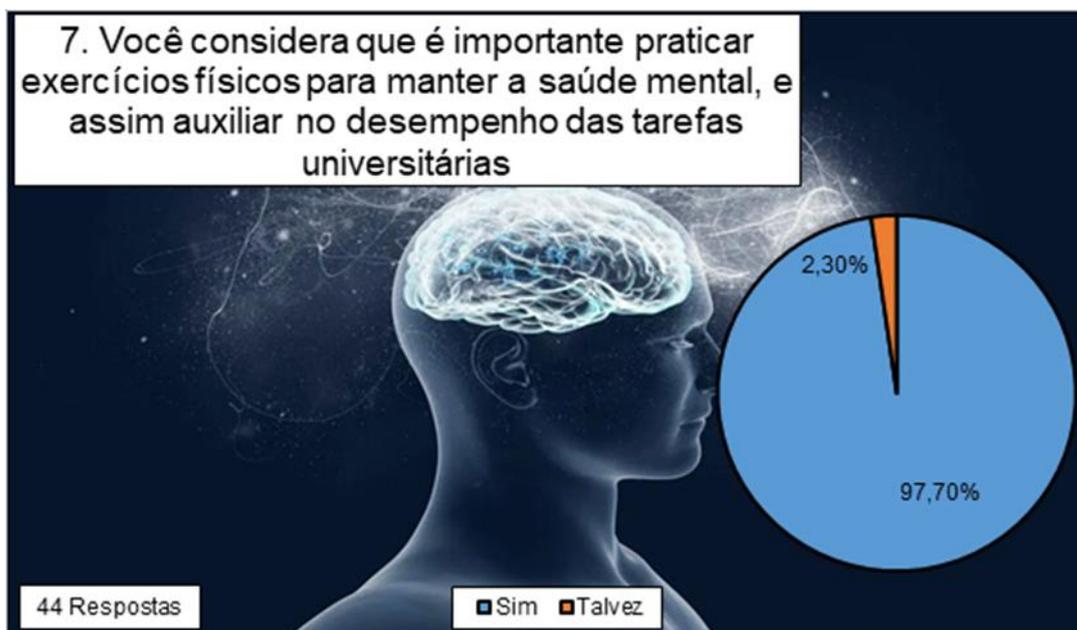
Podemos perceber também, analisando o próximo gráfico, que 50% das pessoas não costumam treinar tanto ao ar livre, embora das 26 pessoas que praticam seus treinos em lugares abertos, 61% pararam de fazer os exercícios após a Pandemia. Obtivemos respostas para essa pausa nos exercícios, alguns deles como: insegurança, medo da contaminação, dificuldades em se exercitar em casa e desânimo.



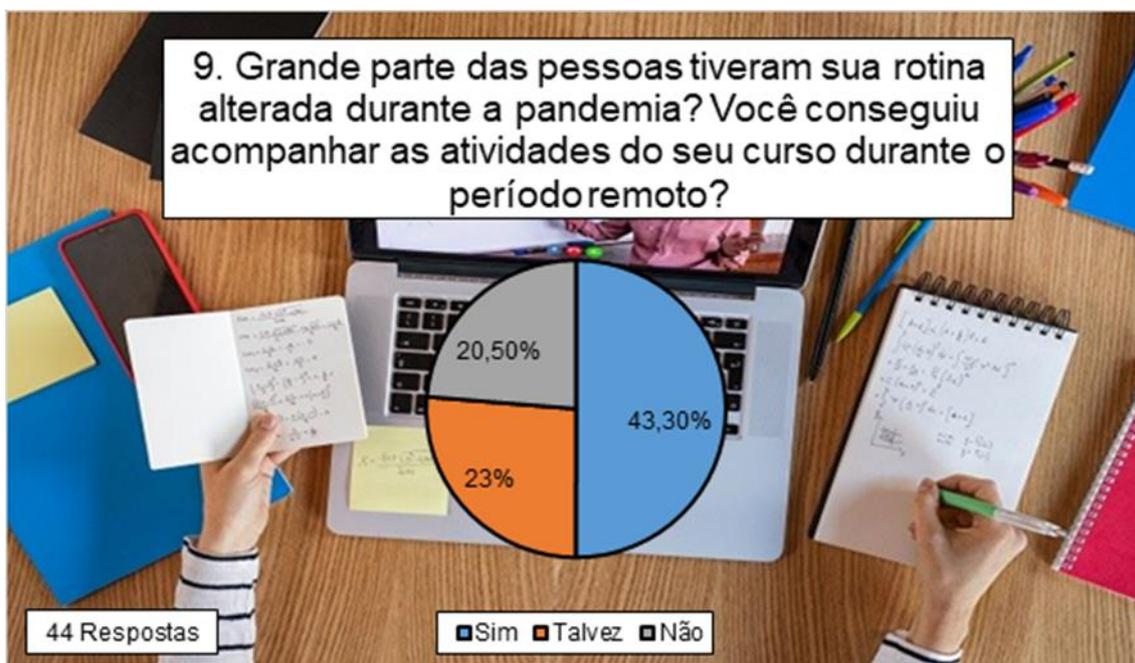
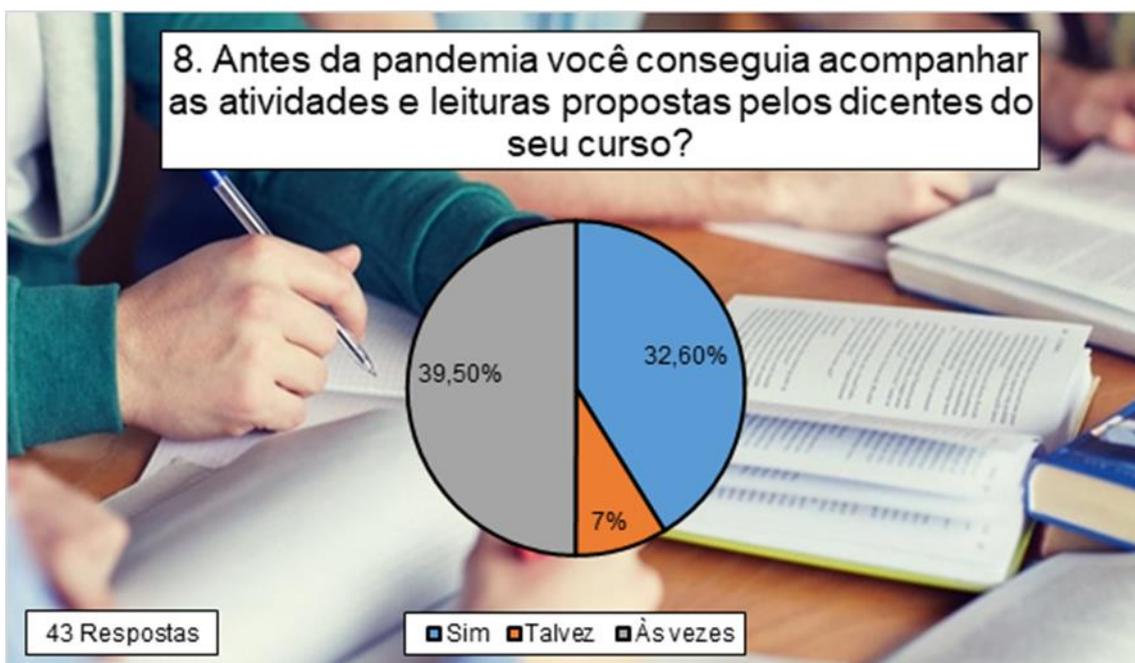
De fato, essa Pandemia alterou nossos ritmos de vida e toda nossa rotina. Mas com a reabertura dos espaços públicos e privados de treinamento, cerca de 67,6% das pessoas entrevistadas conseguiram voltar a treinar.



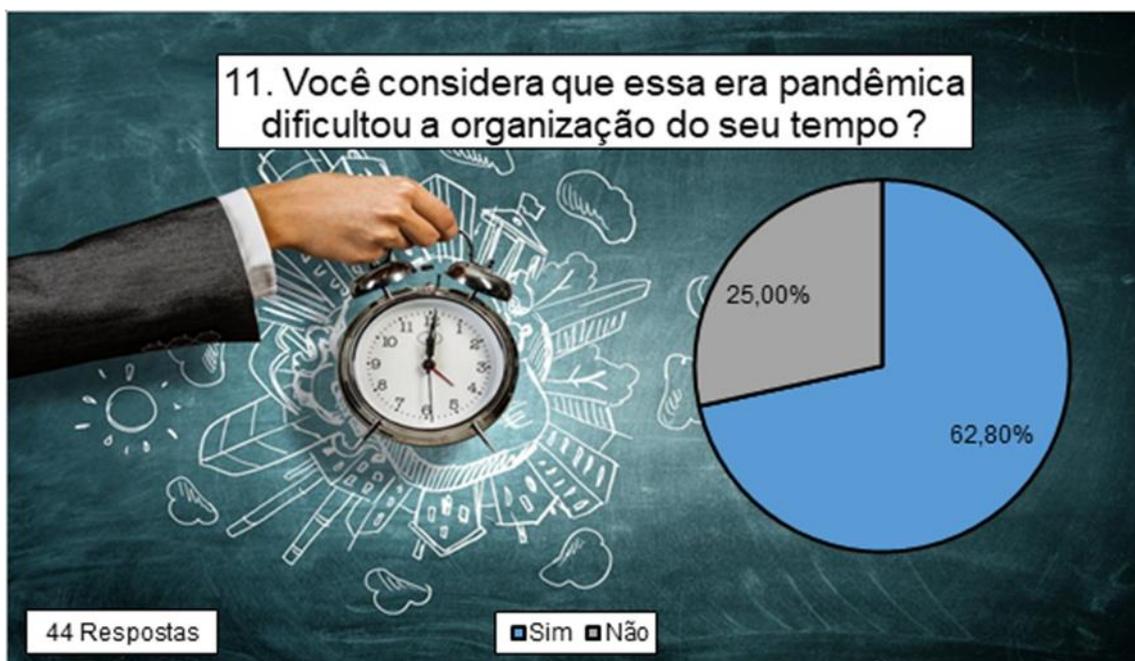
Ao falarmos no âmbito educacional, vemos que 97% concordam que com a prática dos exercícios físicos é possível manter uma boa saúde mental e assim conseguir um melhor desempenho nas tarefas vinculadas à Universidade.



Tentamos pôr em perspectiva a situação anterior a pandemia, das atividades e leituras propostas pelos docentes e apenas 32% acompanhavam as aulas/leituras que eram passadas com facilidade. Ao passo que, durante a Pandemia mesmo com algumas dificuldades esse número teve um crescimento de 11% chegando a 43%.



Com a retomada dos exercícios, muitos discentes tiveram que reorganizar sua rotina a fim de que tivesse um equilíbrio entre as atividades físicas e as tarefas universitárias, uma vez que houve uma dificuldade em um primeiro momento em organizar o tempo, haja vista que os estudantes do período remoto ficaram um bom tempo de “férias”, então foi difícil conciliar a volta dos estudos online no auge da primeira onda pandêmica, como podemos perceber com a ajuda dos gráficos a seguir.



Conclusão e recomendações

Tendo em vista os dados levantados, tivemos maior participação feminina na pesquisa e a maior parte dos entrevistados encontram-se na faixa etária de 19 a 29 anos, que é típica do ambiente universitário. Entre os entrevistados, 57% são graduandos em Pedagogia, que é o mesmo curso que o nosso e depois, 23% são graduandos de Nutrição, enquanto os outros cursos ocupam quase o mesmo percentual de participação.

Antes da pandemia 43,2% praticavam exercícios físicos e 25% responderam que praticavam às vezes, com a pergunta 2 do nosso questionário pudemos observar que a maioria praticava

exercícios físicos mais de 3 vezes por semana e esse resultado é extremamente satisfatório, pois é o mais recomendado pela ciência. Assim, é possível considerar que nossos entrevistados, em sua maioria, tinham esse hábito fundamental e compreendiam a sua importância para corpo e mente saudáveis.

Mais uma percepção interessante é que 50% dos entrevistados não tinham, antes da pandemia, o hábito de praticar exercícios físicos ao ar livre e que após o início da pandemia quem tinha esse hábito precisou parar. Principalmente, com as recomendações iniciais de isolamento e uso de máscaras é possível entender a pausa no hábito de praticar exercícios físicos, visto que as pessoas se viram numa situação de crise sanitária.

Satisfatoriamente, com a pergunta 6 pudemos perceber que a maioria dos entrevistados conseguiram voltar a praticar os exercícios físicos no último ano. Esse resultado, juntamente com o levantamento da pergunta 7, reforça que a compreensão de resultados positivos para a saúde com tal prática está, de fato, presente na vida dos entrevistados.

Nossa pesquisa também vinculou a prática dos exercícios físicos com as práticas universitárias e, houve uma contrapartida do que foi concluído com os resultados da prática dos exercícios físicos. Após o início da pandemia, os resultados demonstraram um aumento da participação dos discentes nas tarefas propostas pelos docentes.

Com certeza, gerenciar o tempo entre atividades acadêmicas e físicas não é uma tarefa fácil, mas há dicas que mudam significativamente a rotina, podemos observar algumas dessas dicas na publicação sobre a gestão de tempo no dia 14 de Julho de 2021 no site Inteligência da Vida, como por exemplo: anotar as tarefas acadêmicas com as respectivas datas de entrega e gerenciá-las e autoconhecer os melhores horários para que cada atividade seja realizada, se ainda houver dificuldade, é possível também procurar um profissional que auxilie nessa organização.

Por fim, é possível concluir que, mesmo diante deste cenário de crise sanitária e um vírus circulando, os entrevistados, que reconhecem a pandemia como fator que dificulta a organização do tempo, conseguiram reorganizar a rotina para exercer cada atividade. Não restam dúvidas de que acompanhar as atividades acadêmicas e praticar exercícios físicos são ações que se auxiliam entre si e que desenvolvem um melhor desempenho pessoal e acadêmico na vida do universitário.

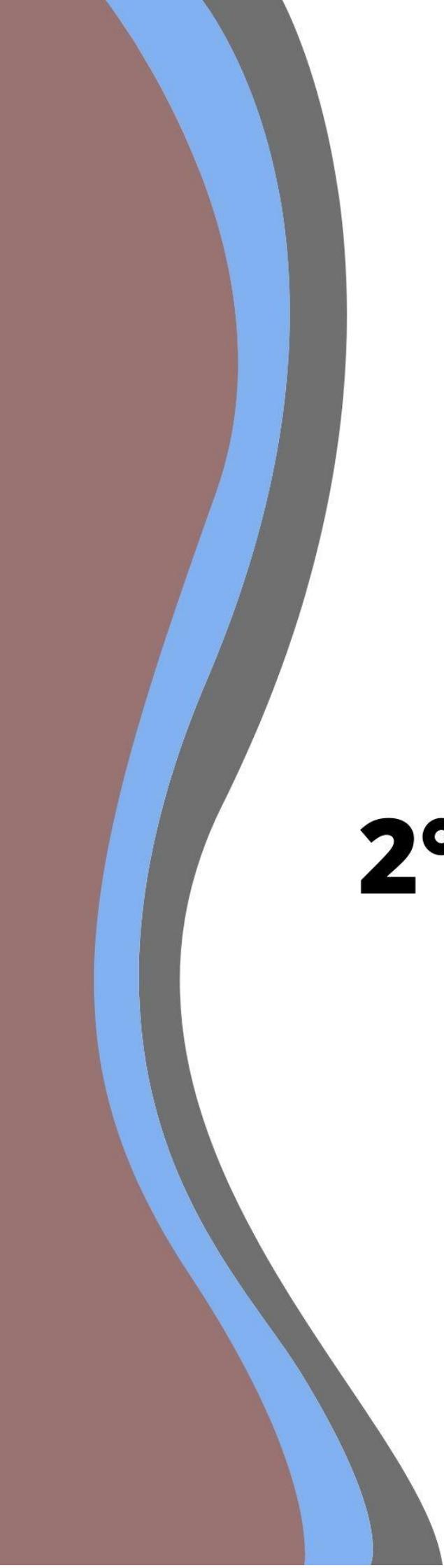
Referências

Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor/.3.ed. São Paulo: Editora Global, 2010. 102 p. Disponível em: <http://www.nepso.net/doawload/478>. Acesso em: 18 de Jul. 2021

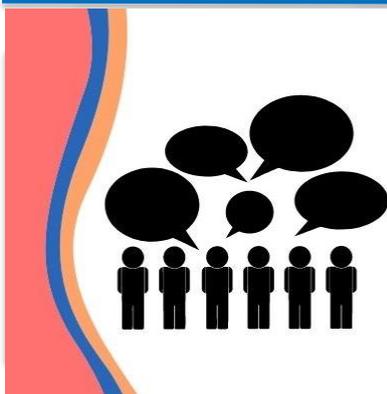
PSICOLOGIA VIVA. Gestão de tempo: como lidar com o trabalho e a família em tempos de pandemia?. Rio de Janeiro. 2021. Disponível em: <https://www.inteligenciadevida.com.br/pt/conteudo/gestao-de-tempo-pandemia/>. Acesso em 28 ago. 2021

RODRIGUES, Léo. Jovens relatam mudanças de rotina e de humor em estudo sobre pandemia. Agência Brasil. Brasília. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-12/jovens-relatam-mudancas-de-rotina-e-de-humor-em-estudo-sobre-pandemia>. Acesso em: 25 ago. 2021

TAVARES, Giselle Helena. Impactos da Covid-19 na saúde e bem-estar de estudantes universitários. Comunica.ufu.com.br. Minas Gerais. 2020. Disponível em: <https://www.comunica.ufu.br/noticia/2020/07/impactos-da-covid-19-na-saude-e-bem-estar-de-estudantes-universitarios>. Acesso em: 25 ago. 2021



Parte II: 2° Semestre



ACESSO À CULTURA E LAZER NO RIO DE JANEIRO

*Ana Beatriz Salles Santana Barros,
Herika Marques Barcelos Lima,
Larissa Beatriz Ribeiro Torres,
Nicole Costa Papa Mangia*

Introdução

O objeto de pesquisa do grupo é o acesso à cultura e ao lazer dos residentes do estado do Rio de Janeiro. Utilizamos do artigo 215 da Constituição Federal de 1988 como referencial teórico e legal para tal pesquisa.

O Artigo 215 da Constituição de 1988, diz que o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização.

Embora exista um artigo na Constituição que garanta o acesso a tais direitos, sabemos que na prática não é exatamente assim. Fatores como renda, gênero, classe social e raça, por exemplo, podem determinar a qualidade deste acesso.

Buscando entender como a acessibilidade de tais direitos se dá na prática, elaboramos um Google Forms como forma de questionário com o intuito de representar através de uma amostra da população fluminense, como se dá o acesso à cultura e ao lazer no Estado do Rio de Janeiro.

Justificativa

A cultura sempre foi um fator determinante para o processo de transformação e evolução da sociedade. Além da sua importância para a sociedade, a cultura é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e social do indivíduo.

Vygotsky (apud REGO, 2008, p. 42) afirma que a cultura é uma “parte constitutiva da natureza humana, já que sua característica psicológica se dá através da internalização dos modos historicamente determinados e culturalmente organizados de operar com informações”.

Entendendo o papel fundamental que a cultura e o lazer exercem na vida dos cidadãos, o Governo Federal versou na Constituição Federal de 88 a garantia do acesso à cultura e ao lazer como um direito constitucional de todos os brasileiros.

Objetivos

O nosso objetivo foi buscar compreender como é a aplicabilidade de tal direito no Estado do Rio de Janeiro, se há fatores que determinam o acesso e a qualidade em usufruir esse direito.

Utilizamos fatores como raça e renda, por exemplo, como recortes sociais para entender tal eficácia.

O objeto da pesquisa foram os residentes do estado do Rio de Janeiro, um lugar heterogêneo que por si só já reflete diversas desigualdades sociais, por este motivo podemos fazer diversas contestações.

Procedimentos Metodológicos

Realizamos uma pesquisa de opinião utilizando o programa NEPSO (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2009) como referencial metodológico.

Utilizamos os dados do SIIC (Sistema de Informações e Indicadores Culturais) do IBGE, como objeto de comparação com os resultados obtidos por meio da nossa pesquisa de opinião e a partir disso compreendemos que o acesso à cultura é desigual, tanto quanto em 2018.

População

O único critério que foi exigido para responder ao nosso formulário, era ser residente do Estado do Rio de Janeiro. Aceitamos respostas vindas de qualquer faixa-etária, independente do gênero.

Amostra e Técnica de Amostragem

Nossa pesquisa utilizou uma amostra de forma aleatória por meio de um questionário via Google Forms divulgado nas redes sociais, estruturado com 15 perguntas claras e objetivas. O questionário contou com 76 respondentes (76 de 17.463.349 habitantes que há no estado do Rio de Janeiro, segundo o IBGE). Como se trata de uma pesquisa de opinião e devido às dificuldades encontradas para coletar respostas de uma grande participação dos habitantes do Rio de Janeiro, consideramos essa amostra obtida no formulário.

Aceitamos todas as respostas de forma aleatória, contanto que fossem de residentes do Estado do Rio de Janeiro. O formulário ficou disponível durante 20 dias para que os respondentes pudessem acessá-lo.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

As informações foram obtidas a partir das respostas de um questionário via Google Forms contendo 15 perguntas. A escolha de tal plataforma se deu devido a sua crescente popularidade neste momento, visto que, muitas instituições de ensino utilizam da mesma para suas pesquisas e realizações de avaliações, por isso acreditamos que não seria uma plataforma desconhecida pelos respondentes.

Nossa estratégia de divulgação e recolhimento de dados foi de forma totalmente online, pois o estado do Rio de Janeiro encontra-se com problemas sanitários devido ao agravamento de casos da COVID-19. O formulário foi divulgado em grupos do Facebook e WhatsApp. Buscamos grupos abertos e públicos de discentes de instituições de ensino, fazedores/articuladores e produtores culturais do estado e grupos de associações de moradores.

Apresentação e Análise dos Dados

Optamos por dividir as perguntas do nosso questionário em três blocos com o propósito de organizar as respostas que recebemos e analisar melhor os dados recebidos.

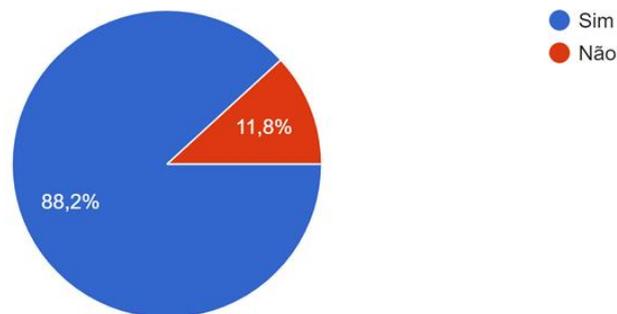
- BLOCO I: Dados pessoais (questões 1 a 7)
- BLOCO II: Renda (questões 8 e 9)
- BLOCO III: Acesso (questões 10 a 16)

As perguntas do Bloco I levantaram informações a respeito da faixa etária, lugar e características da zona em que reside, gênero e raça, por exemplo. Já as perguntas do Bloco II sobre renda levantaram informações sobre empregabilidade e as do Bloco III questões sobre o acesso de fato à cultura e ao lazer de fato, como por exemplo a frequência de visitação a espaços destinados para estes fins.

Obtivemos 76 respondentes no nosso questionário. A maioria dos respondentes (34,2% o que equivale a 26 respondentes) estão na faixa etária de 16 a 20 anos.

2. Você mora no município do Rio de Janeiro?

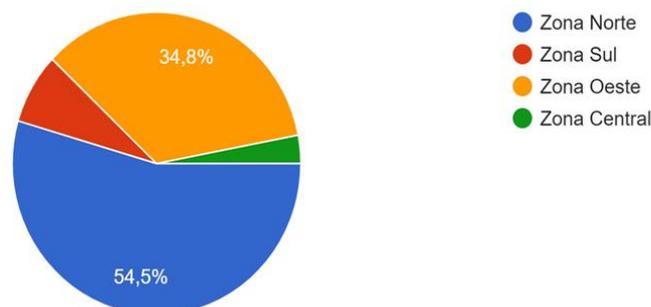
76 respostas



Sobre a região que residem, a maioria é residente do município do Rio de Janeiro.

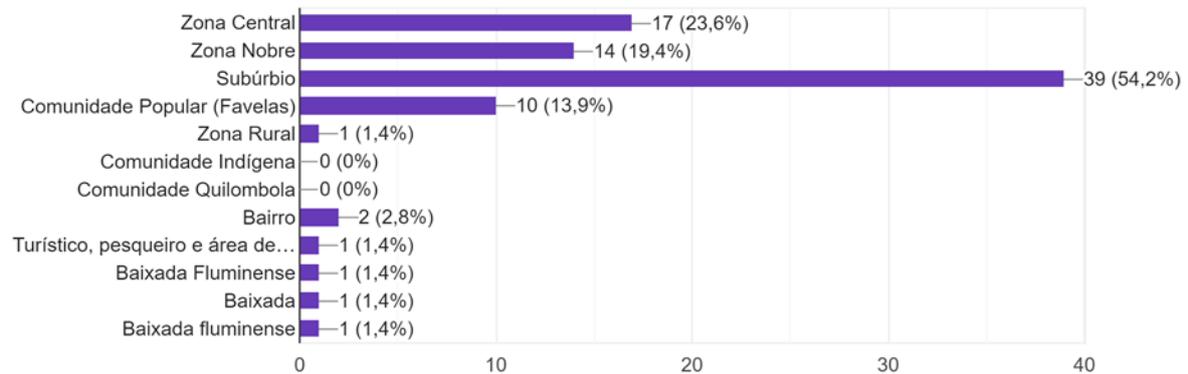
3. Caso a resposta anterior seja "Sim", em qual região do município você mora?

66 respostas



Desses 88,2% de respondentes, cerca de 54,5% são moradores da Zona Norte do Rio de Janeiro.

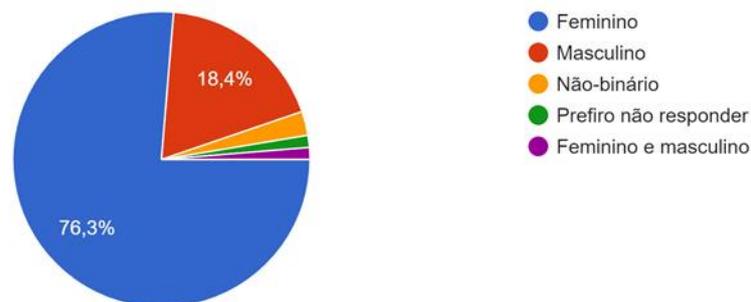
4. Como você caracterizaria o lugar onde mora? Marque mais de uma resposta se for necessário
72 respostas



Sobre as características do local em que residem, tivemos uma pluralidade de respostas, porém 54,2% responderam que moram no subúrbio.

5. Como você se define em relação ao seu gênero?

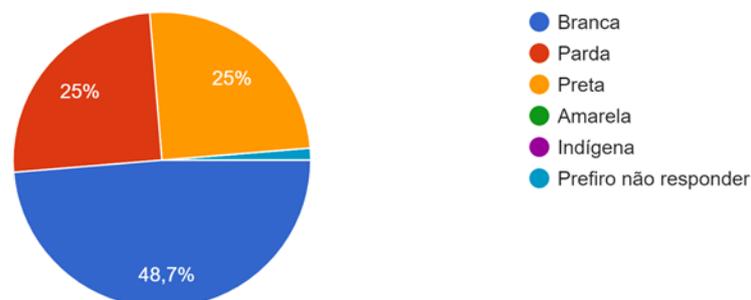
76 respostas



Em relação ao gênero, a maioria (76,3%) dos cidadãos que responderam são do gênero feminino.

6. Dentre as opções, qual identifica melhor sua cor ou raça?

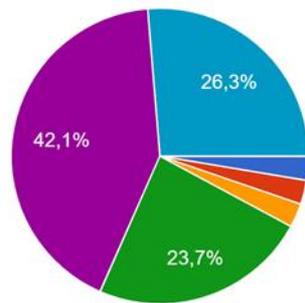
76 respostas



A respeito da cor ou raça, a maioria da população (48,7%) se identifica como branca.

7. Qual é a sua escolaridade?

76 respostas

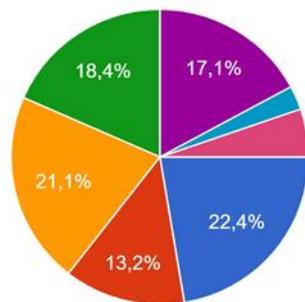


- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo
- Lê e escreve (não escolarizado)
- Prefiro não responder

Acerca da escolaridade, 42,1% possuem ensino superior incompleto.

8. Qual é a sua faixa de renda?

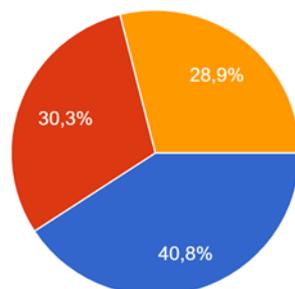
76 respostas



- Não possui renda
- Até meio salário mínimo (R\$550,00)
- Até 1 salário mínimo (R\$1.100,00)
- De 1 a 2 salários mínimos (R\$1.100,00 a R\$2.200,00)
- De 2 a 5 salários mínimos (R\$2.200,00 a R\$5.500,00)
- Mais de 5 salários mínimos (R\$5.500,00)
- Prefiro não responder

10. Você separa algum valor do seu salário para cultura e lazer?

76 respostas

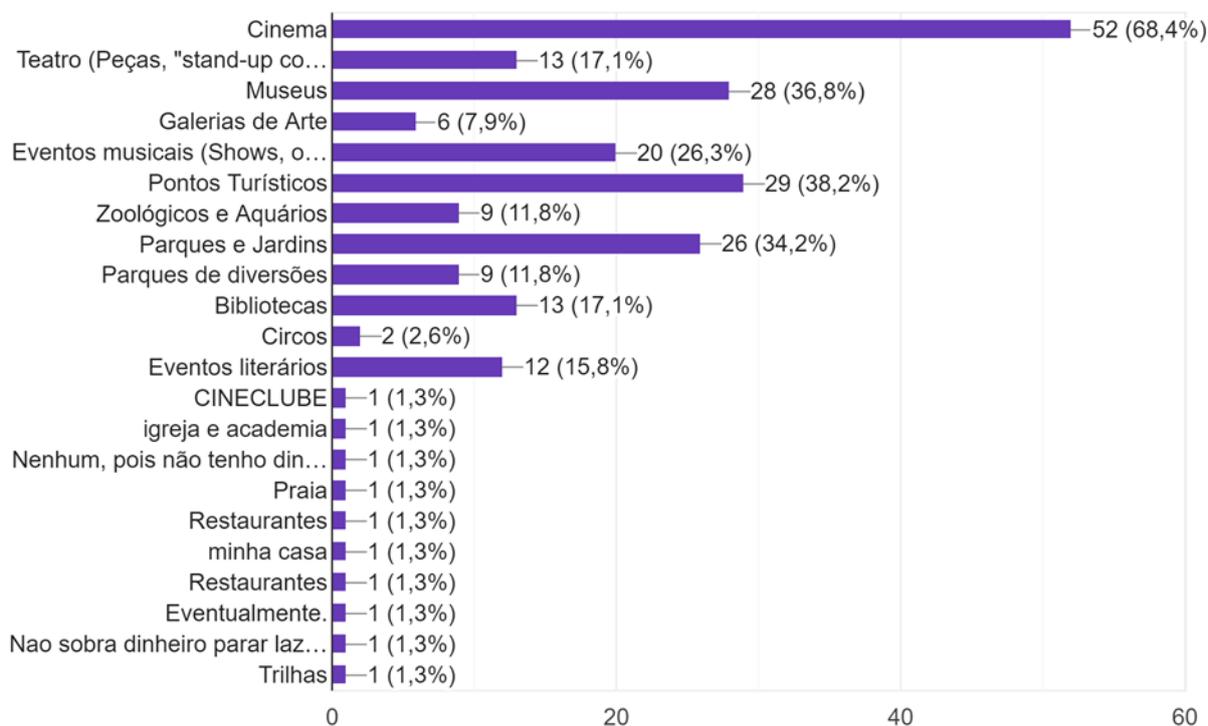


- Sim
- Não
- Não possui salário

Sobre renda, a maioria (22,4%) não possui renda; porém 21,1% dos que possuem, sobrevivem com até um salário-mínimo. Questionados se há algum valor destinado a gastos com cultura e lazer, 40,8% afirmaram que sim.

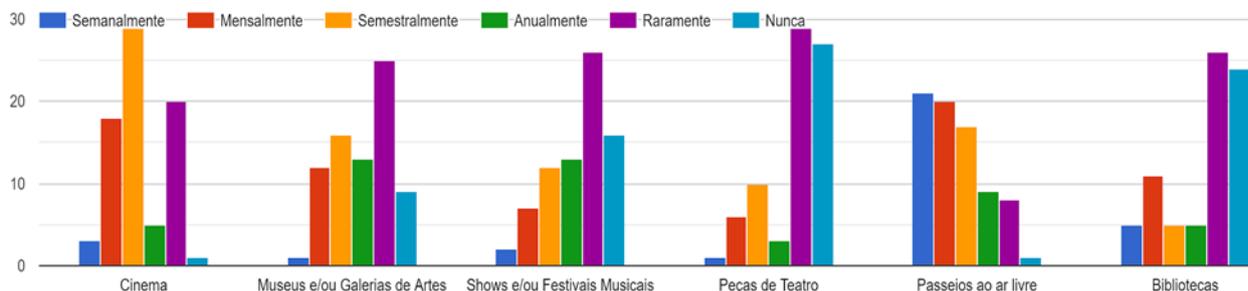
11. Dentre as opções abaixo, quais lugares você mais frequenta? (Marque até 3 opções)

76 respostas



Questionados sobre quais aparelhos culturais e de lazer os respondentes mais frequentam, as principais respostas foram: Cinema (68,4%), Pontos Turísticos do estado do Rio de Janeiro (38,2%) e Museus (36,8%).

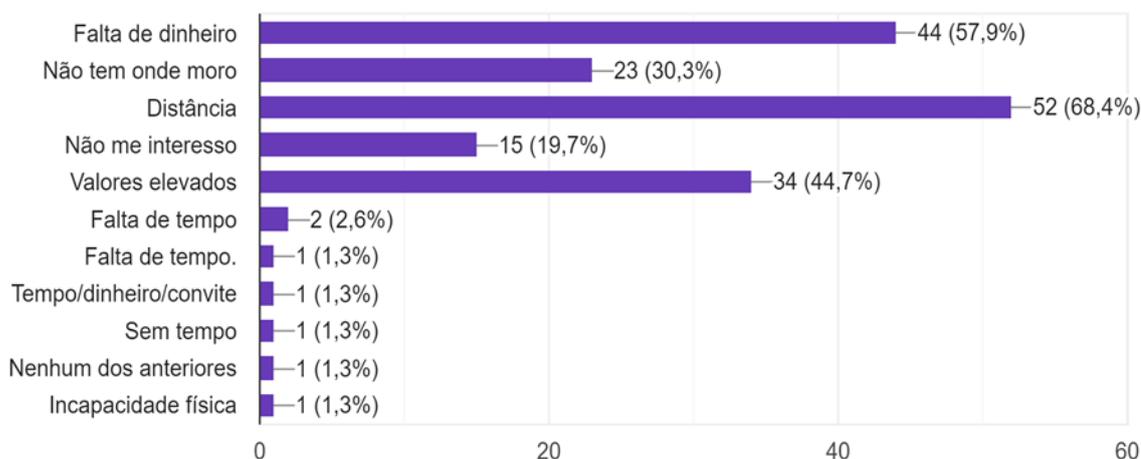
12. Com qual frequência você frequenta os locais abaixo?



Utilizando os três aparelhos culturais mais respondidos (cinema, pontos turísticos e museus), a maioria dos respondentes afirmaram que vão ao cinema semestralmente, a passeios ao ar livre (neste caso vinculamos aos pontos turísticos, visto que a maioria dos pontos turísticos do estado são em ambientes ao ar livre) semanalmente e a museus/galerias de arte raramente.

13. O que impede seu acesso a esses lugares? (Marque até 3 opções)

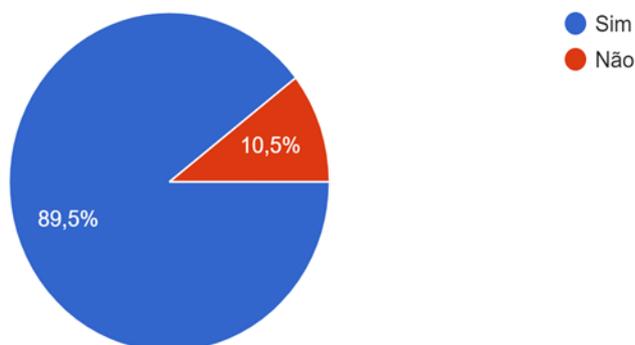
76 respostas



Sobre impedimentos de acesso a esses lugares, fatores como dinheiro, distância e alto valor dos ingressos foram os mais respondidos pela população.

16. Você gostaria de receber algum benefício/auxílio que facilitasse o seu acesso à cultura e ao lazer?

76 respostas



Quando questionados sobre a existência de algum auxílio ou benefício social de apoio ao acesso à cultura, 81,6% afirmaram que não conhecem. Refletindo sobre a necessidade de receberem um auxílio com tal finalidade, 89,5% afirmaram que gostariam de receber tal auxílio.

Conclusão e Recomendações

A partir da apresentação dos dados obtidos pela pesquisa, torna-se evidente que a aplicabilidade de tal lei não é de forma homogênea em todo o Estado do Rio de Janeiro. A partir da amostra da nossa população, podemos considerar que a renda é um fator que determina não só a frequência em que os indivíduos são capazes de frequentar os espaços,

mas quais espaços são frequentados, visto que, os 3 espaços mais respondidos (cinema, pontos turísticos e museus) são aparelhos em que possuem ingressos mais baratos (meia entrada para diversos tipos de grupos) ou serviços de gratuidade, facilitando assim o acesso a estes serviços e por isso, são considerados ambientes mais populares.

Outro fator de grande relevância também em relação a renda, foi que a maioria dos respondentes são da faixa etária de 16 a 20 anos, o que afetou diretamente a resposta sobre empregabilidade, já que a maioria dos cidadãos desta faixa etária ainda não estão inseridos no mercado de trabalho.

Consideramos também as informações sobre cor e raça. Observamos que a maioria dos cidadãos que frequentam estes espaços se autodeclararam como brancos, evidenciando como a população preta, parda e indígena são negligenciados e afastados pela falta de acesso a esses espaços.

Torna-se evidente como diversos fatores como renda e raça podem determinar o acesso à cultura e ao lazer em nosso estado, mostrando a desigualdade sobre a aplicabilidade do 5º artigo da Constituição. É entendível que o Governo Federal embora tenha destinado um artigo que versa sobre tal acesso, não traçou maneiras de fazer com que o direito constitucional seja garantido na prática, realçando a ineficácia na aplicabilidade da lei.

Como proposta de chegar até as camadas que não conseguem ir aonde o Artigo não consegue se fazer presente, ressaltamos a importância da valorização dos articuladores e produtores culturais locais, que através de suas produções (cineclubes, saraus, bibliotecas comunitárias, festivais e etc.) atingem estas pessoas. Salientamos como o Governo Federal através do Ministério do Turismo em parceria com a Secretaria Especial da Cultura do Ministério e com as Secretarias de Cultura dos Estados e Municípios brasileiros podem criar incentivos fiscais para a realização de tais produções, além de investir em benefícios/auxílios sociais com a finalidade de acessar espaços de lazer e cultura.

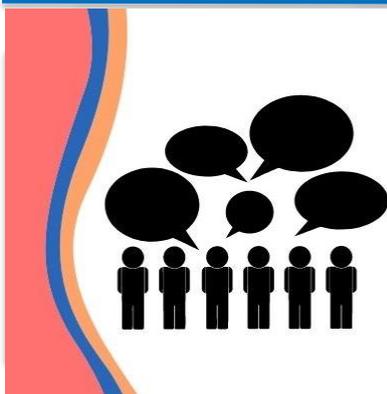
Referências

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

IBGE INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. População. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/panorama>. Acesso em: 08 fev. 2022.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor. 2 ed. São Paulo: Global, 2002.

REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 19 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p.42



ACESSO À LITERATURA

Jefferson de Oliveira Soares, Kellen Dias

Introdução

O tema foco da nossa pesquisa foi “Acesso à Literatura”, em específico, entre o público universitário. “Existem bibliotecas em sua Universidade?”, “Se sim, você encontra os títulos que precisa nelas?”, “E quanto acesso a livros em momentos de lazer?”. Esses foram alguns dos questionamentos lançados em nossa pesquisa que, juntamente às cinco perguntas referentes ao perfil dos respondentes, corroboram em nossa análise, tendo em vista os objetivos que foram traçados no Projeto de Pesquisa. Além disso também foram abordadas temáticas que vão desde a primeira leitura autônoma até uma discussão sobre a leitura enquanto lazer ou obrigação, tendo em vista o contexto da demanda universitária.

Justificativa

A pesquisa se justifica a partir da discussão sobre o movimento de que os livros poderiam perder a isenção tributária sob argumento de que, segundo a Receita Federal (FERNANDES, 2021), “só ricos leem”. Então, com base nessa afirmação surgiu no grupo a curiosidade de saber se isso era realidade na prática e se fosse quais seriam os motivos. A escolha dos respondentes serem alunos universitários é pelo simples motivo que nas universidades encontramos facilmente os dois extremos, pessoas que podem focar apenas nos estudos e pessoas que vivem em jornada dupla (as vezes tripla) tendo que conciliar, muitas das vezes, um emprego para se manter estudando.

Objetivos

Nosso grupo buscou responder à seguinte questão de pesquisa: o acesso à literatura se dá, em sua maioria, através de momentos de lazer ou por questões de demandas acadêmicas? Trabalhando em cima dessa questão, tendo como referencial as disparidades de raça, gênero e o período da graduação, foi possível ter uma compreensão do motivo das pessoas lerem ou não lerem.

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa de opinião se deu através de um questionário do Google Forms voltado a estudantes universitários e foi realizada com base no método Nossa Escola Pesquisa Sua

Opinião (NEPSO). O formulário foi divulgado em grupos em redes sociais e entre conhecidos que eram o público-alvo da pesquisa.

População

Estudantes de Universidades Públicas e Privadas.

Amostra e Técnica de Amostragem

A pesquisa foi respondida por 15 universitários. Trata-se de uma amostragem não probabilística onde a seleção se deu de forma acidental, a análise se deu com base nos dados recebidos.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

Se deu por meio de formulário do Google Forms composto por 16 questões sendo 6 delas questões referentes ao perfil do respondente. Foi criado o folder abaixo sobre a pesquisa em questão, que auxiliou na sua divulgação nos grupos onde ela era compartilhada.



Descrição dos Dados e Análise dos Resultados

Após uma profunda análise do questionário, iremos apresentar os principais dados da pesquisa realizada.

O único referencial citado no projeto de pesquisa que não foi contemplado foi o de classe, tendo em vista a falta de questões do campo socioeconômico no questionário e foi acrescentado o referencial de análise de períodos dos respondentes pois, no momento de estudos, percebemos um característica muito curiosa que julgamos pertinente compartilhar.

Antes de mais nada nós precisamos conhecer um pouco sobre os respondentes do questionário. O método adotado foi o de criar gráficos usando como referência recortes de gênero e raça, como vocês podem ver a seguir:

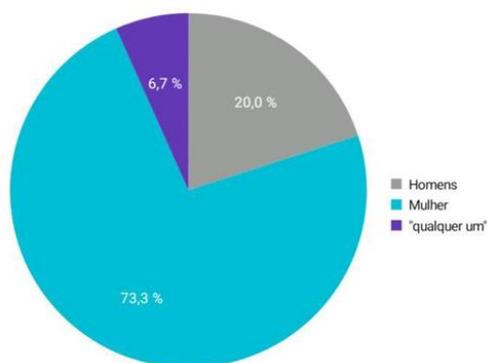


Gráfico 1

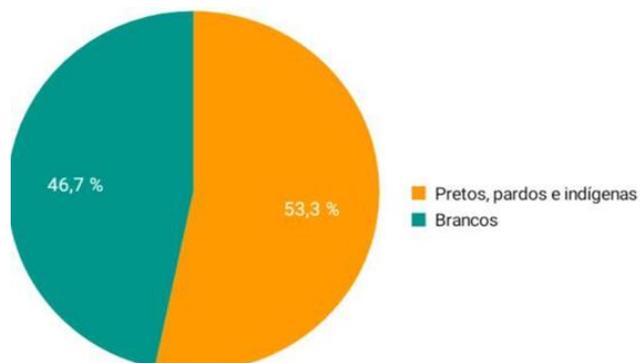


Gráfico 2

Ao analisar o Gráfico 1, fica evidente que as mulheres são maioria nessa pesquisa, mas o mais interessante é encontrar a presença do gênero “qualquer um”. Não era uma opção do formulário, porém essa questão em específico tinha a caixinha “outro”, que permite às pessoas que não se sentem contempladas pelas opções apresentadas poderem expressar sua individualidade. Já no Gráfico 2, decidimos unir as cores/etnias “preto, pardo e indígena” a fim de fazer comparações mais proveitosas, tendo em vista o quantitativo de respostas.

Agora que já conhecemos um pouco sobre os respondentes, iremos, inicialmente, analisar o que se refere ao acesso a obras literárias. A primeira questão referente ao tema no formulário trata sobre com que idade o respondente leu seu primeiro livro de forma autônoma. É de suma importância o enfoque na palavra “autônoma” pois significa que a pessoa não sofreu pressão de nenhum meio para fazer determinada leitura, ela o fez porque quis. Segue abaixo a tabela com as respostas recebidas em nosso formulário:

Com que idade você leu o seu primeiro livro de forma autônoma?

3-4 anos	2 pessoas
5-7 anos	5 pessoas
8-9 anos	3 pessoas
10-14 anos	5 pessoas

Tabela 1

Nessa tabela vemos que 1/3 dos respondentes só se interessaram por leituras a partir dos 10 anos, idade em que, na teoria, as crianças estão saindo do Ensino Fundamental I e entrando no Ensino Fundamental II, momento em que a escola assume o papel de maior influenciadora à leitura dos seus alunos. Até os 5 ou 6 anos aproximadamente, esse papel de maior influenciador à leitura é da família daquela criança. Ler histórias antes de dormir é um grande exemplo do papel dos responsáveis no acesso à literatura, porém é de conhecimento geral que nem todas as crianças têm ou tiveram oportunidade de usufruir de momentos como esses, seja por conta da(s) jornada(s) de trabalho dos responsáveis, seja pelos próprios responsáveis também não terem acesso à literatura, enfim.

Então surge o nosso interesse em saber como se deram as leituras em 2021:



Gráfico 3

Porém essas leituras foram de livros que eles queriam ler ou de livros que eles precisavam ler, tendo em vista que os respondentes são todos universitários? Nesse contexto, iremos começar uma série de exposições de gráficos e análises tendo como referência principal a questão de número 8 do formulário: são leituras em momentos de lazer ou são leituras acadêmicas obrigatórias?

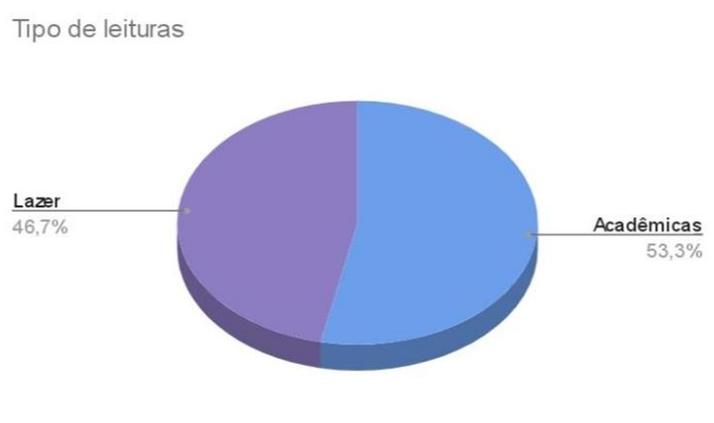


Gráfico 4

A partir de agora iremos analisar como se dá essa mesma questão, porém tendo como referencial os recortes. O primeiro é de raça e vai falar especificamente sobre como a leitura se dá para as pessoas pretas, pardas e indígenas:

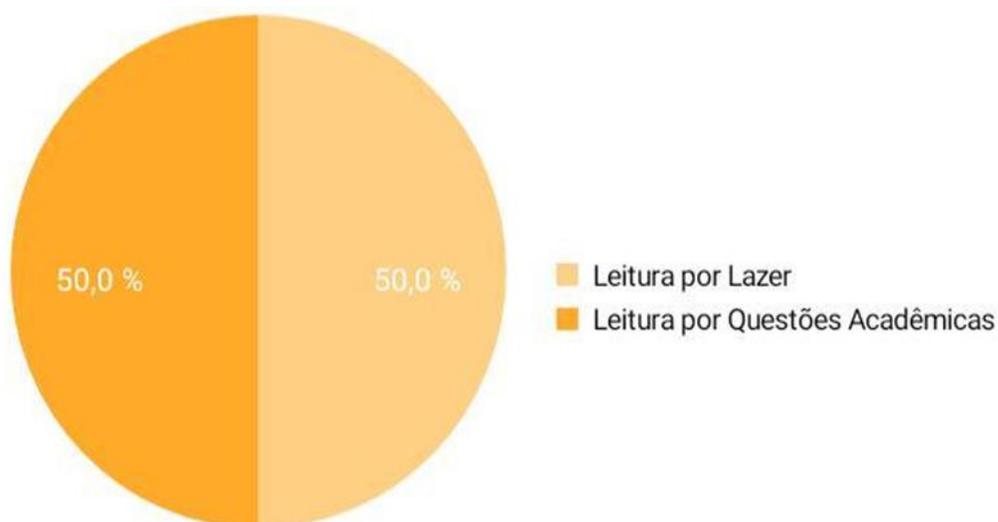


Gráfico 5

Já o segundo vai falar especificamente de como se dá a leitura com os respondentes brancos:

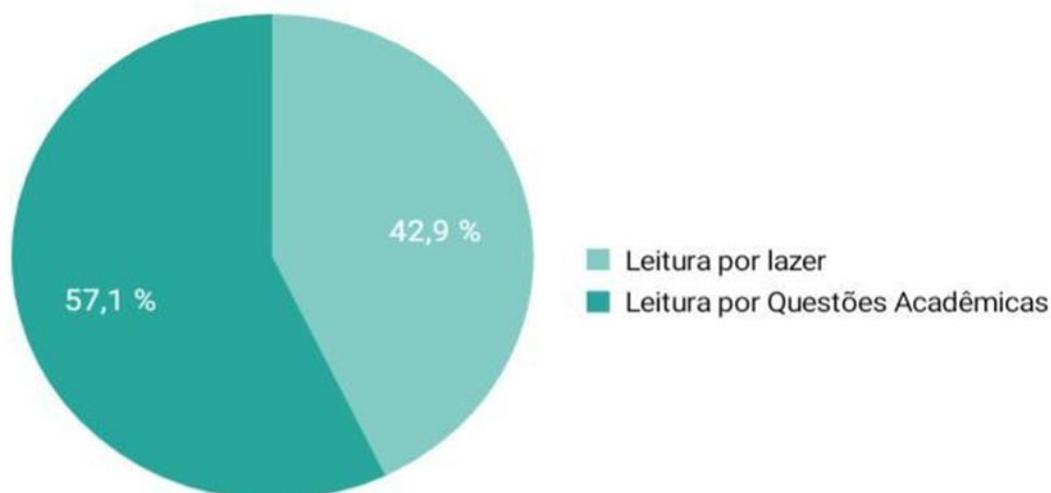


Gráfico 6

O equilíbrio parcial nos dois gráficos nos mostra que, no caso desta ótica analisada em específico, a questão racial não interfere no que se refere a ofertas de lazer e sobrecarga desigual. Porém quando paramos para analisar os motivos pelos quais os negros, pardos e indígenas e os brancos NÃO leem em momentos de lazer, as questões começam a ficar claras.

Primeiro iremos analisar os principais motivos pelos quais esses 50% de pessoas pretas, pardas e indígenas não leem em momentos de lazer:

Dentre as pessoas pretas, pardas e indígenas que não lêem por lazer esses são os principais motivos:

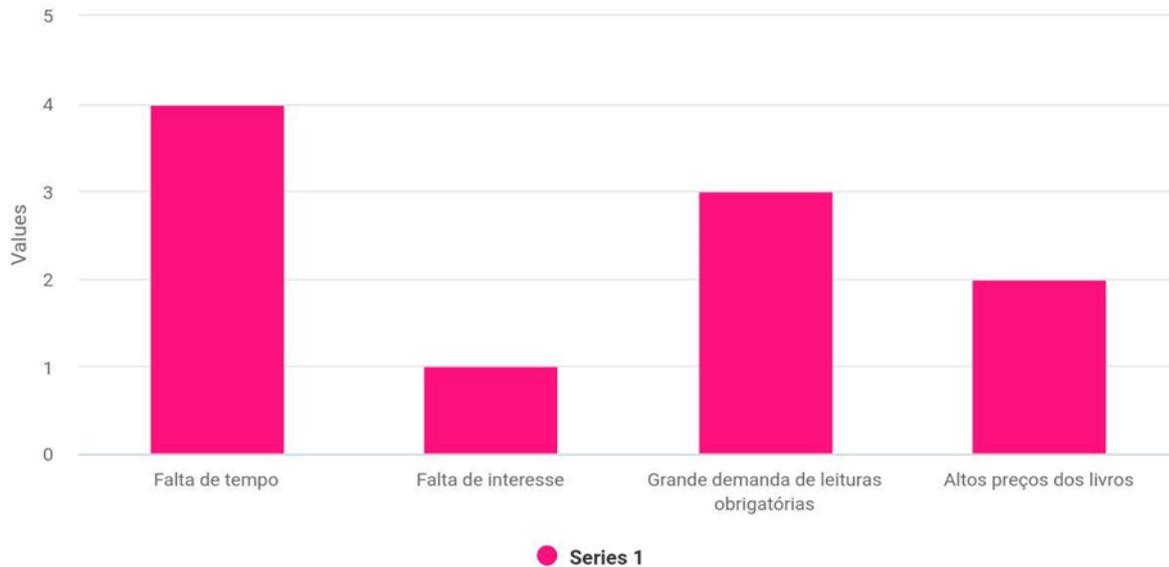


Gráfico 7

Vemos claramente que o principal motivo para não ter a leitura como uma atividade de lazer é a falta de tempo, seguida da grande demanda das leituras obrigatórias. Em seguida, nós analisamos o gráfico com os principais motivos para que esses 57,1% de pessoas brancas não tenham a leitura como uma atividade de lazer:

Dentre as pessoas brancas que não lêem por lazer esses são alguns dos principais motivos:

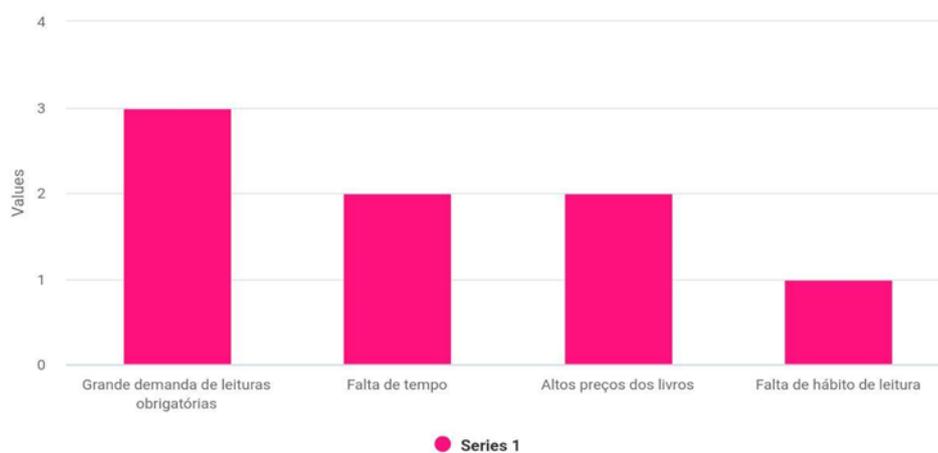


Gráfico 8

Vemos então que enquanto o principal empecilho para as pessoas de cor é a falta de tempo, muito provavelmente por conta da dupla jornada que é realidade de muito, o principal empecilho das pessoas brancas são as demandas da faculdade, ou seja, a maioria, nesse caso, tem a universidade como sua principal ocupação de tempo.

Agora passando do recorde de raça para o recorte de período na graduação. Enquanto nós estudávamos as respostas do formulário, percebemos algo que antes não tínhamos nos atentado: se levarmos em consideração que uma graduação dure 10 períodos e pegarmos este número como referência, é justo assumir que os cinco primeiros períodos correspondem a uma fase inicial da graduação e os cinco períodos restantes correspondem a uma fase final da graduação. Se dividirmos nossos respondentes entre os que estão cursando a “fase inicial” e os que estão cursando a “fase final”, temos o seguinte gráfico:



Gráfico 9

Teremos oito respondentes para o lado da fase final e sete para o lado da fase Inicial. Agora se nós analisarmos como se dá o acesso a literatura de cada um dos grupos, ou seja, analisar quem tem acesso à leitura por lazer ou por obrigação acadêmica, nós chegamos a dados muito interessantes:

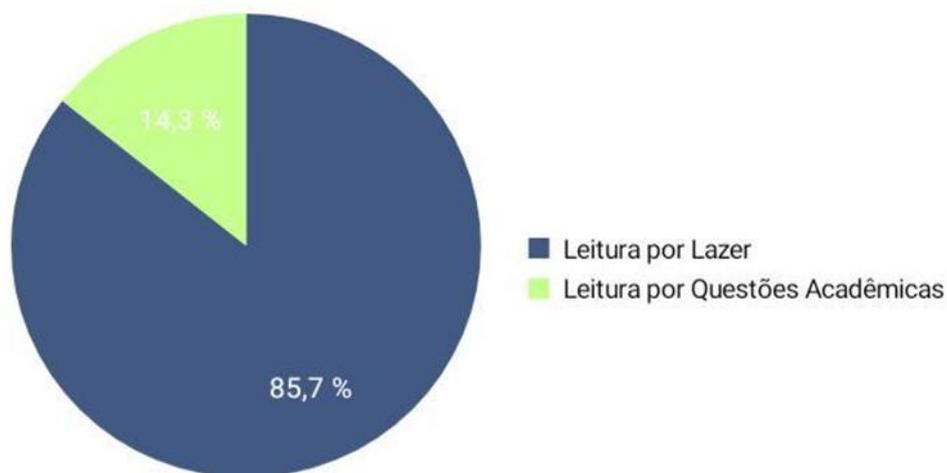


Gráfico 10 – Fase inicial

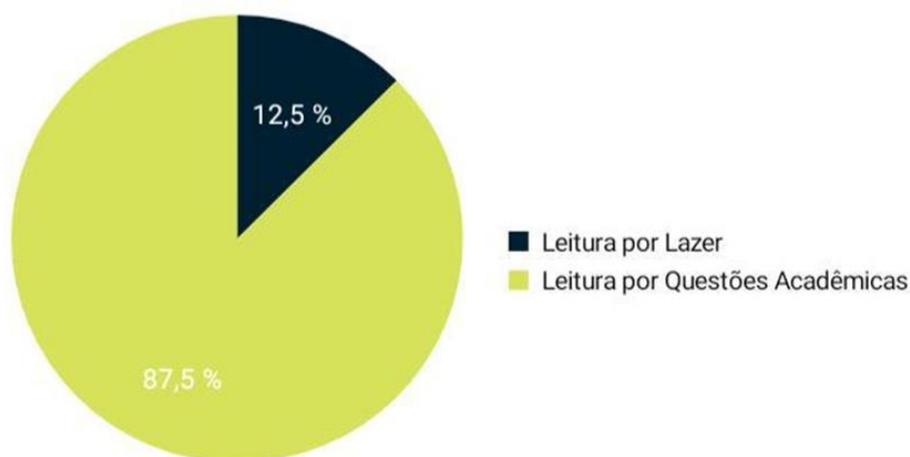


Gráfico 11 – Fase final

Ou seja, de acordo com esse comparativo, ao passo que nós avançamos nos períodos da graduação, menos tempo nos resta para viver momentos de lazer, como ler um livro.

Conclusão e Recomendações

Conclui-se então que muitos desses leitores tiveram acesso à obras literárias de forma autônoma antes dos 10 anos, o que deixa claro o papel da família ao influenciá-los à prática da leitura. Isso provavelmente não foi realidade pra 1/3 dos respondentes, os quais tiveram acesso à leitura autônoma a partir dos dez anos, que corresponde ao 5º ano do Ensino Fundamental I, quando a escola estimula fortemente os alunos à leitura.

Outra coisa que é importante pontuar é que quando analisamos o recorte de raça não há uma discrepância quanto ao acesso à literatura e o diferencial está nos motivos pelos quais os respondentes brancos e os respondentes pretos, pardos e indígenas NÃO leem. Para os

brancos, as grandes demandas de leituras obrigatórias são o principal empecilho para aproveitar leituras de lazer. Já para os pretos, pardos e indígenas, a falta de tempo é o principal empecilho, que pode ser decorrente da dupla jornada que muitos enfrentam (estudos-trabalho).

E o último ponto de reflexão é a questão que, dentre os respondentes, o principal fator que influencia se a leitura será por lazer ou por questões acadêmicas, é o período em que se encontram na graduação: na medida em que o estudante avança nos estudos, maior será a demanda e menor serão os momentos de lazer.

Fica claro através dessa exposição que, conforme o tempo passa, mais mecânica fica nossa vida. Algo como a leitura, que era vista como prazeroso e relaxante, hoje é visto como cansativo e maçante por muitos alunos. Nosso papel, enquanto professores, é tentar ao máximo contextualizar nossas conversas com o mundo dos nossos alunos; não adianta ter anos de bagagem profissional se a sua aula não agrega em nada ao aluno porque a língua não é convidativa.

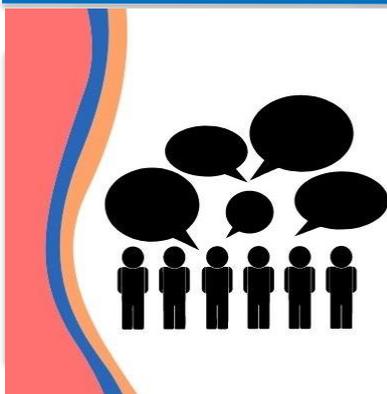
Recomenda-se que projetos de leitura sejam estimulados nas escolas nos anos iniciais, sempre levando em consideração o nível de desenvolvimento dos alunos, para que esses momentos sejam prazerosos e não tediosos.

Outra recomendação é para que a interdisciplinaridade seja realidade nas graduações. Muitos textos, temas e conceitos seriam muito melhor aproveitados se houvesse diálogos entre diferentes disciplinas, compartilhando as referências e possibilitando assim uma visão mais ampla sobre determinada temática. Com referências em comum, os tempos de leitura e as demandas de referências obrigatórias seriam menores, fazendo com que mais tempo pudesse ser aplicado ao entendimento das temáticas e sobrasse mais tempo para momentos de lazer entre os graduandos.

Referências

FERNANDES, Adriana. Receita afirma que só ricos leem, e livros podem perder a isenção tributária. Estadão Conteúdo, 07, abr. de 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/receita-afirma-que-so-ricos-leem-e-livros-podem-perder-a-isencao-tributaria/>. Acesso em: 28 de jan. 2022.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor. 2 ed. São Paulo: Global, 2002.



ADULTIZAÇÃO PRECOCE: A INFÂNCIA SENDO ROUBADA

*Ana Clara Aguiar, Gabriela Rosa, Isabela Martinho,
Luisa de Valois, Marina Rezende*

Introdução

Ainda que popularmente naturalizado, o entendimento geral de infância que temos no século XXI é uma construção social da idade moderna. Antes desse recorte temporal, não existiam crianças: nascia-se adulto (NASCIMENTO, BRANCHER, OLIVEIRA, 2013). Nessa configuração, meninos e meninas eram sujeitos às mesmas situações que homens e mulheres, trabalhando desde muito cedo, sendo expostos a cenas de violência, sexo, dentre outras atividades que hoje em dia compreendemos como incompatíveis com a moralidade ligada à defesa da infância.

Ainda que tenhamos, num passado recente, criado a compreensão da infância como uma fase diferenciada da adolescência e da vida adulta, ainda há controvérsias e dificuldades em relação à garantia do direito pleno a uma infância sólida e duradoura.

Chamamos de Adultização⁸ Precoce o mecanismo através do qual crianças são estimuladas a reproduzir comportamentos que não são coerentes com suas idades. Trata-se de um processo que desrespeita o tempo das descobertas da criança, acelerando as fases vividas por elas e desconsiderando marcos importantes de um crescimento saudável. A adultização precoce prejudica inclusive a propriocepção do sujeito, uma vez que lhe confere uma identidade que está distorcida em relação à realidade.

Por conta dos típicos padrões de beleza e comportamento socialmente impostos a meninas e mulheres do mundo capitalista, acredita-se que a problemática da adultização precoce atinge majoritariamente esse grupo. Existe a crença geral de que mulheres amadurecem mais cedo, tendo seus corpos objetificados desde a mais tenra idade e sendo obrigadas a lidar com responsabilidades que não lhe cabem em suas infâncias. A adultização e erotização precoce também tornam nossas meninas mais vulneráveis em relação a assédios e exploração sexual.

É difícil apontar culpados para essa problemática. A ideia da criança como alguém que está se desenvolvendo com a finalidade de tornar-se adulto é, de fato, força motriz para que o indivíduo sinta frustração em relação à sua condição de criança, entendendo-se como um “produto inacabado”. A não valorização da criança enquanto sujeito é prática comum dentre

⁸ JOHN, D. R. Consumer socialization of children: a retrospective look at twenty-five years of research. *Journal of Consumer Research*, Chicago, v. 26, n. 3, p. 183-213, 1999.

os adultos, que teimam sempre em perguntar “o que você quer fazer quando crescer?”, ao invés de “o que você gosta de fazer agora?”.

O advento da internet e das redes sociais, sem dúvidas, também contribui muito para a naturalização dessa adultização⁹. Filtros nas imagens das redes sociais reproduzem antigos padrões de beleza: narizes afinados, maçãs do rosto proeminentes, magreza extrema, cílios compridos, peles sem manchas, sobrancelhas arqueadas, cinturas finas... são tantas as exigências sociais, que chegamos a quase esquecer que é, de fato, impossível cumprir com todas elas. O que os filtros das redes sociais fazem é cunhar imagens artificiais e criar projeções de como acreditamos que deveríamos parecer. Apesar de ser pouco lógico, nos sentimos inadequados por não termos na realidade aquela aparência inventada por uma máquina. Adultos conseguem, com dificuldades, discernir imagens reais de imagens com filtros e entender os limites e as pluralidades dos corpos reais. Crianças, não. Ainda assim, são constantemente expostas às redes sociais.

Além disso, é importante lembrarmos que, num mundo capitalista, é imprescindível que mulheres (ainda que muito jovens) acreditem que o que mais importa em sua existência é ser bela, acima de qualquer outra virtude que possa existir. É igualmente importante para o capital que meninas e mulheres estejam sempre insatisfeitas com sua aparência, para que empresas de diversos setores obtenham lucro. Logo, todo esse mecanismo é articulado por uma série de estruturas complexas que foram criadas com o objetivo de garantir a insatisfação pessoal o mais cedo possível na vida das meninas, e vender produtos que se dizem soluções para essas insatisfações¹⁰.

Imagem 01 - Anúncio de conjunto de lingerie para meninas: calcinhas com babados e sutiãs com bojo e aro. O tamanho P é indicado para meninas a partir de 2 anos de idade.

INFANTIL > CONJUNTOS > Conjunto infantil de bojo em cotton

Conjunto infantil de bojo em cotton

Conjunto infantil de bojo , confeccionado em cotton estampado e liso, super confortável e macio. Soutien com bojo estampado e aro , com um franzido com uma fita de cetim ... ler mais [+]

Atacado por: R\$

Varejo por: R\$

COMPRAR

Escolha a cor, tamanho e selecione a quantidade desejada.

P M G

Fonte: Virtualfashion (2015)

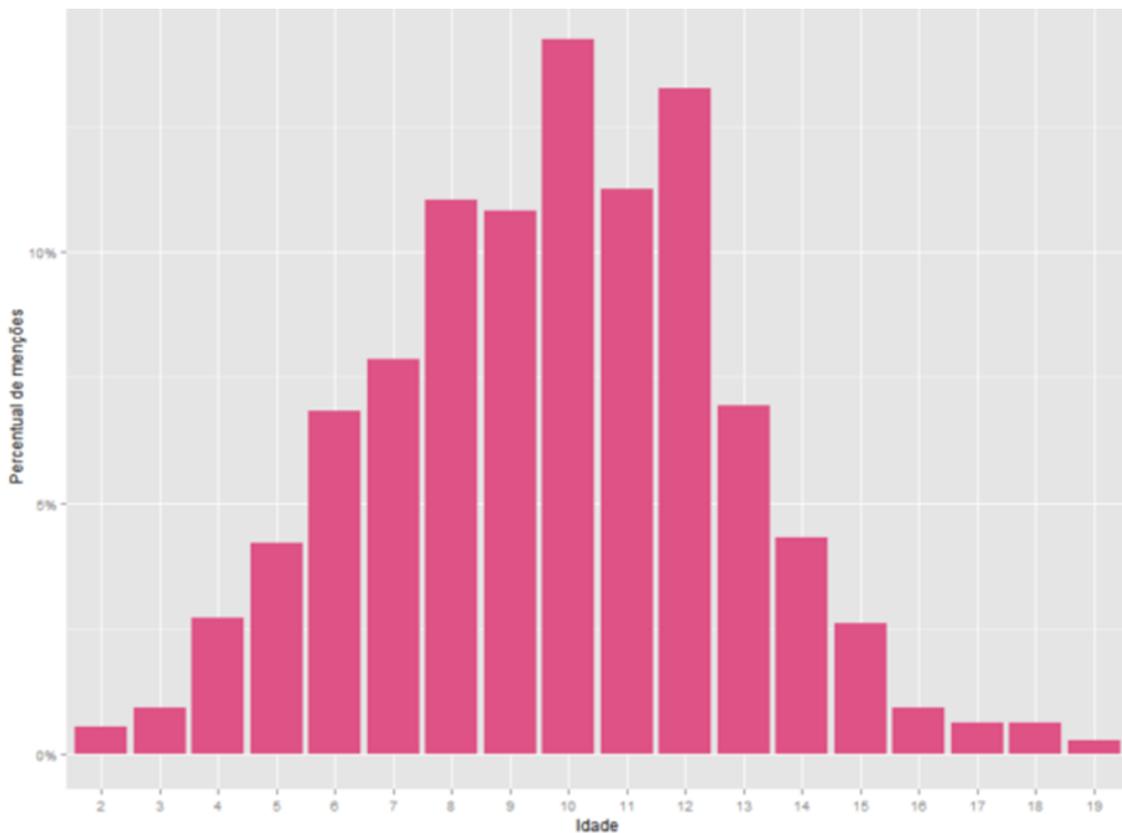
⁹ [Pais e especialistas criticam adultização precoce nas redes sociais \(uol.com.br\)](http://pais.e.especialistas criticam adultização precoce nas redes sociais (uol.com.br))

¹⁰ [A INFLUÊNCIA DO DISCURSO PUBLICITÁRIO UTILIZADO PARA A MODA INFANTIL NO PROCESSO DE ADULTIZAÇÃO PRECOCE DE CRIANÇAS DO SEXO FEMININO – Mestrado Unihorizontes](#)

Vemos, portanto, que a mídia cria e reforça concepções, comportamentos e ideologias que se entranham na nossa percepção da realidade e do convívio social. A adultização e erotização infantil contribui diretamente para a manutenção de estruturas que normalizam a pedofilia e desresponsabilizam estupradores por seus atos. Estatísticas divulgadas pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) revelam que aproximadamente 63% das vítimas de violência sexual são crianças ou adolescentes.

Além disso, é muito comum que meninas vivenciem experiências assustadoras de assédio sexual desde muito novas. Em 2015, uma menina de 12 anos foi alvo de comentários de cunho sexual após ser exposta na televisão no programa *Masterchef Junior*. Foi quando a ONG “Think Olga” lançou a hashtag #meuprimeiroassédio, que teve mais de 80 mil menções nas redes sociais¹¹. Após análise dos relatos, foi constatado que a idade média em que meninas passam pelo primeiro episódio de assédio é de 9,6 anos.

Gráfico 01 - percentual de menções a #meuprimeiroassedio por idade



Fonte: Think Olga

¹¹ [#PrimeiroAssédio - Think Olga](#)

Justificativa

Modelos, celebridades e pessoas de influência são utilizadas constantemente como parâmetro de beleza e comportamento em nossa sociedade. Crianças são bombardeadas continuamente por esse tipo de publicidade através dos meios de comunicação, publicidade essa que dita o que é bonito e feio, e o que é bom e ruim, resultando na constante busca por produtos e serviços que levam o indivíduo a se sentir dentro dos padrões exigidos.

Nesse contexto, é necessário deixar claro que a intenção do tema não é isolar a criança de sua sexualidade, mas evitar que todos esses fatores externos influenciem negativamente na forma como uma criança, que ainda está em processo de desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, enxerga o próprio corpo, desenvolve valores e cria suas concepções até mesmo sobre o que é amor e afeto.

Tudo que envolve a infância é um processo, e faz-se necessário respeitar esse caminho, uma vez que a antecipação de certas vivências pode suceder na vulnerabilização das crianças frente a situações incompatíveis com a idade delas. Tais situações desgastam o indivíduo de maneira profunda, representando uma ameaça à saúde física e mental, bem como à sua integridade e segurança. Como bem disse o professor Vergílio Ferreira, “Coitados daqueles que amadurecem cedo. Quando é altura de amadurecerem já estão podres.”

Com o objetivo de atrair atenção para o tema, pesquisamos e analisamos como o discurso publicitário em conjunto com outros fatores provoca essas reações e quais efeitos produzem no que se refere à adultização precoce das meninas.

Objetivo da pesquisa

A pesquisa se propunha a analisar qual a percepção da ocorrência, da adequação e a problemática que as jovens e adultas têm em relação a tais estímulos de adultização de crianças com a intenção de explorar questões sobre descaracterização a infância, o desconforto enfrentado pelas entrevistadas durante sua vida, opiniões sobre este fenômeno e quais são as associações negativas que se resultam deste acontecimento.

Procedimento Metodológico

Por conta da atual pandemia do vírus Covid-19, a pesquisa foi realizada de maneira online através da ferramenta Google Forms, divulgado nas redes sociais na esperança de obter um grande alcance. A amostra desejada era de mulheres de faixa de idade a partir dos 14 anos. Na nossa pesquisa usamos como procedimento metodológico, inicialmente, dados quantitativos e demos um grande destaque aos dados qualitativos para um melhor resultado.

Buscando analisar e codificar as respostas dos respondentes, utilizamos de início algumas perguntas fechadas, porém de acordo com o desenvolvimento das perguntas e tendo em vista o público-alvo de nossa amostra, aplicamos perguntas filtros para afinar e direcionar corretamente as perguntas seguintes, que eram abertas amplas, que deveriam ser respondidas pelos entrevistados alvos, considerando as propostas de perguntas sugeridas pelo NEPSO (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2010).

População, Amostra e Técnica de Amostragem

A pesquisa tinha a meta de atingir no mínimo 80 pessoas como respondentes voluntários, mas conseguimos atingir o número total de 76 pessoas na faixa etária entre os 16 e 60 anos. Anteriormente, o foco dos respondentes eram moradores do Rio de Janeiro devido ao fato de que iríamos divulgar em nossas redes sociais e ciclo de conhecidos, mas ocorreu que conseguimos alcançar pessoas de outros estados do Brasil.

Buscamos que nossos respondentes fossem predominantemente do sexo feminino, pois entendemos que a problemática da adultização precoce atinge majoritariamente a esse grupo, mas mantivemos o formulário aberto para todos os sexos em razão de um melhor resultado. No fim, alcançamos um número de 63 respostas do sexo feminino que corresponde a amostra que é atingida pela temática, 11 do sexo masculino e 2 respondentes que preferiram não identificar seu gênero. As perguntas que foram propostas no formulário encontram-se no anexo deste documento.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

Foi desenvolvido um questionário pela plataforma do Google Forms, que resultou em dados que geraram gráficos, tabelas e respostas discursivas. Divulgamos o formulário através das redes sociais, em grupos e conversas individuais no WhatsApp, no feed e em grupos do Facebook, no Instagram, na esperança de alcançar mais respondentes. Alcançamos pessoas de outros estados. Acreditamos que nossa imagem de divulgação também tenha ajudado no alcance e chamando a atenção dos respondentes que faziam parte do grupo alvo.

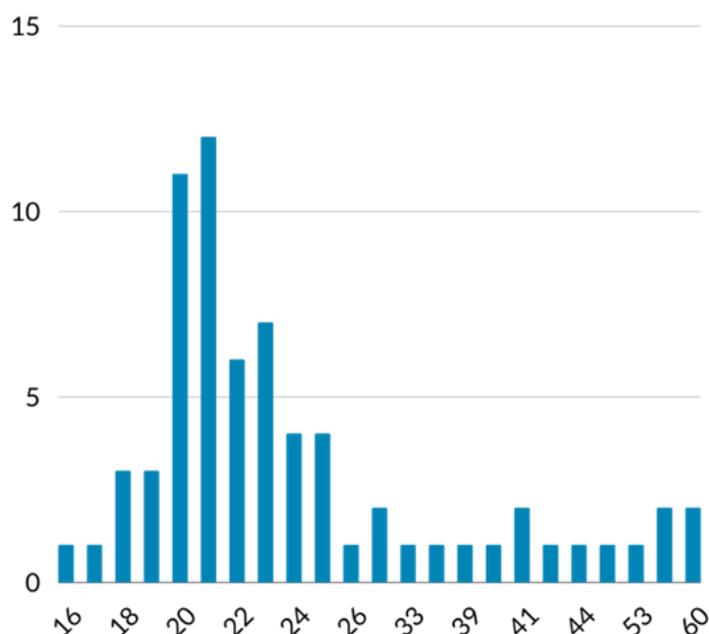
Imagem 02 - Cartaz de divulgação da pesquisa



Descrição dos Dados

Iniciamos o nosso formulário determinando a faixa de idade dos entrevistados, certificando se vai de encontro com o que era esperado. De acordo como os dados obtidos, tivemos um respondente com 16 anos e dois com 60 anos, tendo sido essas, respectivamente, a idade mais baixa e a mais alta na nossa pesquisa.

Gráfico 02: idade dos pesquisados

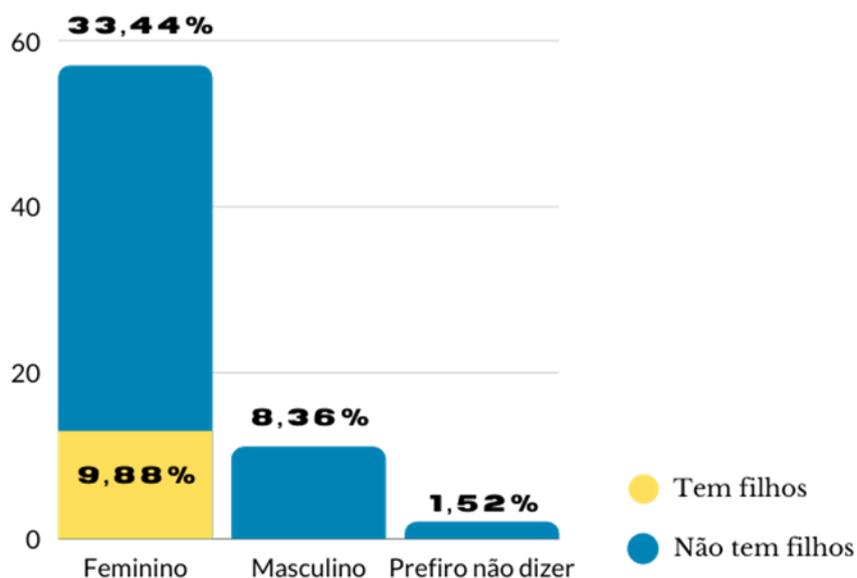


Com a identificação do sexo dos respondentes, constatamos que como esperado e desejado pelo projeto de pesquisa, a grande maioria dos entrevistados eram do sexo feminino. Porém, cerca de 33,44% destas mulheres não são mães.

Tabela 01 - sexo e quantidade dos entrevistados.

SEXO	QUANTIDADE DE PESSOAS
Feminino	63
Masculino	11
Prefere não dizer	2

Gráfico 03 - maternidade/paternidade dos entrevistados.



Então, avançamos buscando entender sobre as experiências da maioria dos respondentes pelas perguntas fechadas “Alguma vez já foi considerada madura demais para sua idade?” e “Alguma vez foi assediada quando era criança? Ou somente durante a adolescência?”. Suas respostas apontaram que, desde a infância, o tratamento é completamente distinto do que deveria ser.

Tabela 02 - “Alguma vez já foi considerada madura demais para sua idade?”

OPÇÕES	QUANTIDADE DE PESSOAS
Sim, várias vezes	50
Não tenho certeza	13

Tabela 03 - “Alguma vez foi assediada quando era criança? Ou somente durante a adolescência?”.

OPÇÕES	QUANTIDADE DE PESSOAS
Sim, também durante a adolescência	30
Não, somente durante a adolescência	20
Não tenho certeza	11

Em seguida, mesmo que 61,9% das pessoas do sexo feminino tenham afirmado terem aproveitado sua infância, na pergunta “Você sente que aproveitou sua infância como deveria?”, os padrões da sociedade exerciam forte influência para que fossem feminizadas, que crescessem antes do tempo, de acordo com a pergunta “Alguma vez já se sentiu forçada em agir de forma mais "feminina" pelos padrões da sociedade, mesmo sendo uma criança/adolescente?”.

Tabela 04 - “Você sente que aproveitou sua infância como deveria?”

OPÇÕES	QUANTIDADE DE PESSOAS
Sim, fui criança quando deveria ser	39
Não, senti que cresci antes do tempo	24

Tabela 05 - “Alguma vez já se sentiu forçada em agir de forma mais "feminina" pelos padrões da sociedade, mesmo sendo uma criança/adolescente?”.

OPÇÕES	QUANTIDADE DE PESSOAS
Sim, várias vezes	37
Sim, somente durante a adolescência	8
Não tenho certeza	6
Não	4

Ao aplicar perguntas abertas, tratamos somente da opinião dos respondentes, na questão a seguir “Você acha que as influências das redes sociais hoje em dia deixam as crianças mais abertas a conteúdos adultos facilitando o assédio de menores de idade? Se sim, por quê?”, obtivemos quase todas as respostas afirmativas, ou seja, quase todas concordavam com o que estava sendo questionado. Destacamos algumas que expressam sobre isso.

- “Sim, o acesso hoje é muito mais facilitado, músicas, plataformas digitais”
- “Sim, porque as redes sociais possibilitam contato com pessoas desconhecidas, e apesar de haver restrições, elas são facilmente burladas, possibilitando o acesso das crianças à conteúdos inapropriados”
- “Sim. Muitos pais não fiscalizam, porque não tem tempo, não enxergam os perigos, ou não sabem como, e isso deixa as crianças vulneráveis a situações ruins. Além disso, as crianças têm acesso cada vez mais cedo às redes sociais o que as expõem a qualquer tipo de pessoa e conteúdos que não são adequados para a idade delas.”

Seguindo a ordem das perguntas aplicadas, a próxima pergunta aberta, “Como você acha que isso influencia no seu desenvolvimento e na infância da criança?”, tratou-se apenas do ponto de vista dos respondentes a partir de sua resposta e da pergunta anterior.

- *“Isso pode influenciar deixando a criança vulnerável, por ter a facilidade de se expor, e também pela absorção do conteúdo que consome (se for impróprio para sua idade), o que pode influenciar seu comportamento de forma negativa.”*
- *“Apressa um desenvolvimento que deveria ser mais natural e orgânico.”*
- *“A criança fica exposta à um ambiente que não é saudável e seguro pra ela o que acaba prejudicando seu desenvolvimento psicológico. Isso pode ter consequências pra toda vida porque é durante a infância que boa parte da personalidade e caráter da criança é moldada.”*

As respostas a pergunta “Você alguma vez já reparou que meninas mais novas se vestem como se fossem mais velhas, enquanto pessoas do sexo masculino não sofrem tanto essa pressão?”, seguem como afirmativas e assertivas direcionadas ao caminho da temática da pesquisa.

- *“Realmente, a sociedade tem uma cobrança maior sobre a mulher. Começa ainda na infância, a pressão para ser uma mulher bonita e atraente, se não "homem nenhum vai querer ela" e as redes sociais só compactuam com essas ideias. Por um outro lado, os homens são menos cobrados nessa questão, pra pq será kkk..”*
- *“Sim! No Instagram. Eu acredito que as crianças estão tendo comportamentos mais adultos para chamar atenção de seus responsáveis e se encaixar nos conteúdos que em maioria tem sido a graça popular, como roupas, gostos músicas alguns tipos de dança...”*
- *“Sim. E as meninas são cobradas para amadurecer mais cedo e são sexualizadas desde criança também, o que não ocorre com tanta frequência com os homens.”*

Alguns, além de apenas responderem “Sim.”, justificaram com surpresas por terem começado a notar este fato com o uso das redes sociais, principalmente, recentemente, e outros reforçaram como a pressão da sociedade influencia neste caso.

Delineamos então, com as perguntas “Você sabe o que é adultização precoce? Como você a definiria?” e “Você entende a adultização precoce como uma problemática da sociedade, ou acha que é besteira?”, o entendimento acerca da problemática pelos entrevistados, para analisar a percepção, o discernimento deles a partir do tema.

- *“Sim, um estímulo a um comportamento adiantado a faixa etária da criança, ou seja, acelerar o processo de desenvolvimento da criança para que esta se torne rapidamente adulta.”*
- *“Quando uma criança tem aceleração das fases da vida, sem dar espaço para que a criança viva esse período e, depois, a adolescência, como deve ser. É dar a ela uma estimulação inadequada, levando-a a entrar no mundo adulto, antes de estar com o desenvolvimento físico e psicológico completos.”*

- *“Saber, saber eu não sei. Mas eu acredito que seja quando uma criança é exposta e age/toma atitudes que um adulto tomaria. Quando a mesma tem traços, como, conversa, comportamentos e atitudes, uma mentalidade com conteúdos avançados para a idade.”*

É importante notar em algumas respostas, que contém em seu conteúdo certos apontamentos provocados pela pesquisa em que estamos analisando. Como os respondentes foram capazes de ultrapassar, em alguns casos, as expectativas para certas respostas que o grupo não imaginava receber.

- *“é um problema sério, enraizado na cultura de estupro e pedofilia. Além de servir de exploração laboral-mantendo crianças como responsáveis pelo trabalho doméstico e por cuidar de irmãos mais novos.”*
- *“Considero uma problemática pois, logo cedo, a criança é bombardeada de responsabilidades e deveres que corroboram para o desenvolvimento de um cidadão com graves problemas psicológicos e bloqueios sociais.”*
- *“Já é um problema social.”*

A pergunta seguinte foi considerada mais interessante pois os entrevistados precisavam dar como exemplo alguma personalidade conhecida que passa/passou pela Adultização Precoce. As respostas evidenciam o nome mais recorrente e escancarado na sociedade brasileira através das redes sociais, além de outros nomes brasileiros e internacionais.

Imagem 03 - “Você tem em mente algum exemplo de caso de alguém famoso que tenha passado por uma adultização precoce? Exemplifique.”



A repetição do nome da Mc Melody, uma criança de 14 anos, uma cantora mirim que está exposta na internet desde seus 8 anos de idade cantando funk, vestindo-se e sendo tratada

como adulta, sofrendo uma sexualização excessiva até hoje, nos comprova que este é um caso bastante influente e chamativo. Mas nos levanta uma questão: será que este caso foi somente dado como exemplo por ser o único que conseguem reconhecer como Adultização Precoce por ser muito famoso e muito criticado na internet?

Imagem 04 - Notícia sobre a sexualização excessiva de Mc Melody¹²



Mãe de Mc Melody diz que sempre foi contra sensualização da filha: "Reclamava das roupas"

Giória Severino deu uma entrevista ao jornal Extra

No último bloco de perguntas, as respostas seguem exatamente o objetivo esperado pela pesquisa: distinguir os fatores externos que influenciam negativamente e como o conjunto dessas situações desgastantes sucedem na Adultização Precoce das meninas, e crianças em geral.

Em sua opinião, quais as consequências negativas que a adultização precoce pode provocar nas crianças?

- *"Conflitos em seu desenvolvimento, pois o brincar, a liberdade de ser criança, de agir de maneira infantil é benéfico ao seu desenvolvimento. A criança precisar agir de forma mais adulta pode gerar angústias e tristezas, além de dificuldade de aprendizado"*
- *"Surgimento de hormônios da puberdade precocemente e problemas psicológicos"*
- *"Sobrecarga mental. Pois a mente da criança não acompanha mesmo raciocínio do adulto e nem tem objetivos de vida ainda. Para alguns momentos escutam "você não é mais criança", e em outros, "você ainda é criança para isso". Isso confunde a criança e adolescente."*
- *"Vejo alguns problemas, como propensão ao alcoolismo, exposição a procedimentos estéticos, perda da fase de formação do pensamento crítico."*

¹² [Mãe de Mc Melody diz que sempre foi contra sensualização da filha: "Reclamava das roupas" - VAGALUME](#)

Você acha que plataformas como o Facebook e Instagram poderiam fornecer funções mais práticas e rápidas para a luta contra esse problema? Tem alguma sugestão?

- *“Não, a responsabilidade tem que ser dos pais de educar”*
- *“Infelizmente, seria muito difícil as plataformas fornecer essas funções, mas a melhor forma de prevenir ou lutar contra é na conscientização dos pais e responsáveis.”*
- *“Sim! Acho que as denúncias feitas em ambas as redes sociais passam muito batido. Muitos posts que já denunciei de exposição ou algo do tipo não caem, pois o Instagram não vê como um problema. Acredito que um melhor monitoramento nas denúncias seria bom.”*
- *“As crianças, inicialmente não teriam acesso a estes aplicativos. A própria família “permitiu”. Crianças começaram a criar seus perfis, adulterado idade. O problema perpassa por muitas questões familiares/sociais. Falta ou mudança de valores inerentes ao ser humano foram abandonados. É o dar um jeitinho, burlar leis e esquemas, tirar vantagem...”*

Encerramos o questionário com uma pergunta, “Você consegue pensar em alguma solução para o problema da adultização precoce?”, que não existe uma resposta certa, que não existe uma solução, mas que no intuito da pesquisa de apresentar, de expor a problemática, de incomodar, instigar uma procura e construir uma luta para combater a Adultização Precoce, recebemos respostas que nos surpreenderam e alcançaram nossas expectativas.

- *“Não acho que tenha uma solução por enquanto sobre o assunto pois não é uma discussão mais formal com orientações sobre o assunto”*
- *“Conscientizando os adultos sobre o assunto. Eles são as pessoas responsáveis pela criação das crianças. As pessoas mais próximas delas”*
- *“De imediato não, por ser um problema do machismo estruturado na sociedade”*
- *“Para as classes mais humildes, é necessário um Estado que estimule um desenvolvimento saudável do menor. Ofertando boas escolas e poder de compra de mantimentos para as famílias com crianças que compõem tal setor da sociedade.”*
- *“Bom, soluções são difíceis, mas nunca impossíveis, e na minha visão a conscientização e a limitação de idade para o uso das redes sociais seria uma forma boa de ajudar no combate à adultização, fiscalização as nossas crianças.”*

Conclusão e Recomendações

Concluimos que nosso objetivo proposto foi alcançado, principalmente com as respostas do último bloco de questões, que era o foco da pesquisa. Destacamos que neste último bloco de respostas, muitas não seguiram um padrão positivo, não concordavam e não eram em um sentido otimista e nem passivas as perguntas.

Estas respostas indicam que o tema proposto conseguiu incomodar e fez com que os respondentes problematisassem a fundo, causando desconforto diante da temática. O que é bom, pois significa que a problemática alcançou seu ponto, para os entrevistados de ambos os sexos.

Devemos ressaltar aqui um ponto muito interessante levantado em algumas respostas no formulário, que foi sobre como a Adultização Precoce pode afetar biologicamente as crianças, fazendo com que produzam hormônios antes da idade biológica adequada. Achamos incrível terem tomado como direção de resposta para o lado biológico, além do social.

Podemos destacar também, que nos agradecimentos de participação, alguns entrevistados apontaram como não haviam parado para refletir sobre o tema da pesquisa, outros agradeceram por estarmos fortalecendo e apontando como o assunto é importante e problemático, como deveria ser debatido atualmente e aconteceu de agradecerem por estarmos estudando algo que o pesquisado passou em sua infância.

Como recomendação, podemos ver com as respostas da última pergunta levantada pelo questionário que não há, de forma concreta, uma solução para um problema social como a adultização precoce. Claro que podemos tentar combater, chamando atenção para a questão, conscientizando pais e crianças sobre o uso seguro e saudável da internet e redes sociais e, indo além, instigando o Estado para uma proteção maior com as nossas crianças e garantia dos seus direitos de ter sua infância preservada.

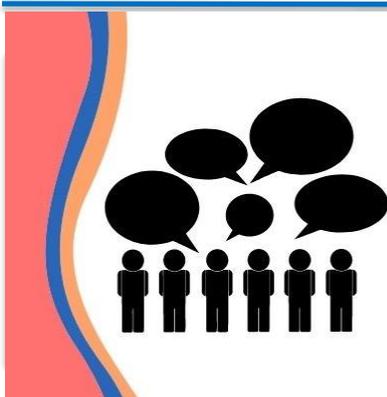
Contudo, vivemos num mundo capitalista voltado para a obtenção de dados e informações todo o tempo, e a internet auxilia na potencialização dessas práticas, manipulando as imagens, os conteúdos inclinados a surtir efeitos referentes a distorção, agressão, sexualização e minimização de todas as consequências causada nas crianças de todos os gêneros.

Referências

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor. 2 ed. São Paulo: Global, 2002.

Nascimento, C. T. do, Brancher, V. R., & Oliveira, V. F. de. (2013). A Construção Social do Conceito de Infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. *Revista Contexto & Educação*, 23(79), 47–63. <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2008.79.47-63>. Acesso: 03 dez 2010.

Silveira Netto, Carla Freitas, Brei, Vinícius Andrade e Flores-Pereira, Maria Tereza. O fim da infância? As ações de marketing e a "adultização" do consumidor infantil. *RAM. Revista de Administração Mackenzie* [online]. 2010, v. 11, n. 5 [Acessado 1 fev 2022], pp. 129-150. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-69712010000500007>. Acesso: 03 dez 2010.



BULLYING NOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO

*Camilla Silva, Kaio Jorge,
Maria Eduarda de Oliveira, Victória Vaz*

Introdução

Pretendemos neste trabalho, apresentar resultados do projeto: Bullying nos anos iniciais da educação. O projeto foi desenvolvido por discentes do curso de pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, visando o estudo da influência da violência durante a primeira infância nos anos escolares até a vida adulta. Sendo assim, nós discentes buscamos analisar tal problemática dos participantes do meio interno e externo da universidade através do uso da ferramenta Google Forms.

Justificativa

Analisando o cenário mundial, indo na vertente do crescimento da violência pós-pandemia dentro das escolas e massacres voltados a estudantes, feitos por internos ou até mesmo aqueles que frequentaram as instituições, buscamos um maior entendimento da influência e importância da temática em cima do combate ao bullying dentro e fora de sala de aula. Todavia com a leitura de Artigos como de PROFINO, André Nunces : “ BULLYING: UM DESAFIO ÀS ESCOLAS DO SÉCULO XXI” , podemos compreender como o bullying é recorrente nos ambientes escolares e como afetam diretamente os alunos e suas respectivas vidas e, portanto, utilizamos desse tema para nossa pesquisa de opinião.

Objetivos

Compreender e analisar como o bullying, nos anos iniciais, gera consequências a longo prazo, afetando no lado psicossocial durante a vida adulta.

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa de opinião, segundo o método NEPSO foi (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2010) realizada por amostragem de conglomerado buscando maior entendimento sobre a violência na infância e suas influências. A pesquisa foi quantitativa, sendo utilizado um questionário com perguntas objetivas para um público definido, seguido do relatório de conclusões que serão apresentados posteriormente.

População

Definimos que o público-alvo da coleta de dados seriam estudantes da UNIRIO e público externo.

Amostra e Técnica de Amostragem

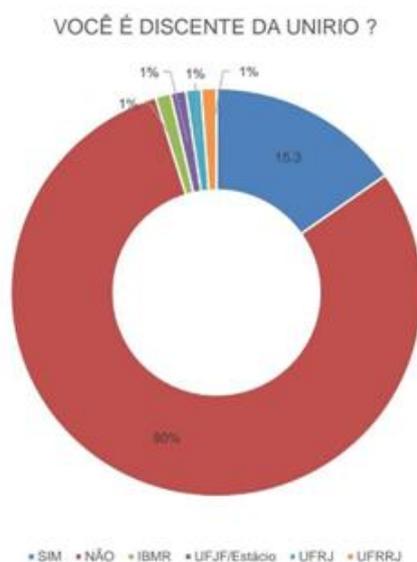
A amostragem foi feita por conglomerados e o grupo alvo desta pesquisa foram jovens de 21-30 anos, Pessoas próximas aos pesquisadores e discentes da UNIRIO e demais universidades, moradores do Estado do Rio de Janeiro, que tenham vivenciado atos de bullying durante a vida escolar. Além disso, que possuam lembranças sobre esses atos até os dias atuais e não obtiveram ajuda profissional em relação aos traumas recorrentes sobre tais acontecimentos de violência psicológica. A estratégia de coleta foi através das redes sociais Facebook e WhatsApp.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

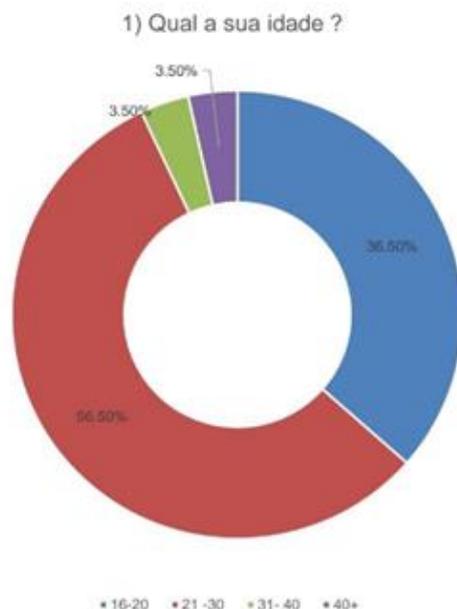
O instrumento utilizado para coleta de dados foi um questionário on-line, feito no Google Forms. Devido ao atual cenário de evolução da variante do Covid-19 e Gripe Influenza, decidimos manter a coleta de forma remota. O formulário foi compartilhado através de grupos de redes sociais.

Descrição e Análise dos Dados

Na primeira pergunta buscamos descobrir se os votantes eram, ou não, discentes da UNIRIO. Verificamos que 80% declararam sim, 15,3% declararam não e outros 4,7% acrescentaram outras instituições.

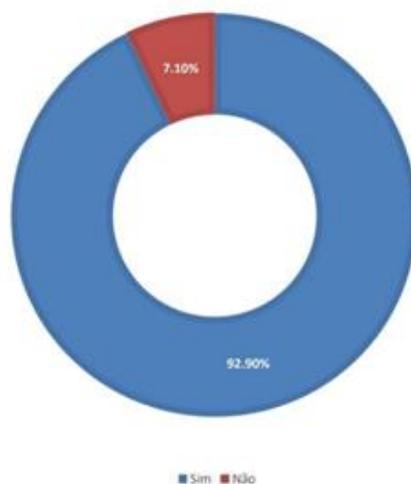


Perguntamos a faixa etária dos votantes e 56,5% estavam entre 21 e 30 anos, 36,5% entre 16 e 20 anos, 3,5% entre 31 e 40 anos e 3,5% dos votantes se encontrava com 40 ou mais. Analisamos que a maior parte dos votantes que realizaram a pesquisa são jovens, conforme o gráfico abaixo.



Na terceira pergunta indagamos se os votantes já haviam sofrido bullying nos ambientes escolares. Descobrimos que 92,9% haviam sofrido, enquanto 7,1% declararam que não. Esse resultado demonstra como o ato do bullying é tão recorrente e presente em algum momento da vida escolar para a maioria das pessoas.

2 - VOCÊ JÁ SOFREU BULLYING NOS AMBIENTES ESCOLARES?



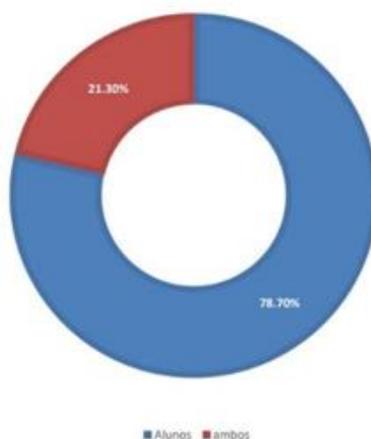
Perguntamos em qual segmento da educação ocorreu o bullying e 83,5% votaram no ensino fundamental, 7,9% no ensino médio, 5,3% disseram que não haviam sofrido e 3,3% afirmaram que sofreram tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Os dados mostram, de forma expressiva, que há um primeiro contato com o bullying que ocorre nos anos iniciais, no Ensino Fundamental. É interessante observar esse primeiro contato, já que é no Ensino Fundamental que os alunos começam a moldar sua personalidade e percepção de certo e errado. Concluímos que no caráter psicológico, as crianças absorvem algo do seu meio e, se não forem mediadas, podem reproduzir e se tornam futuros provocadores de bullying.



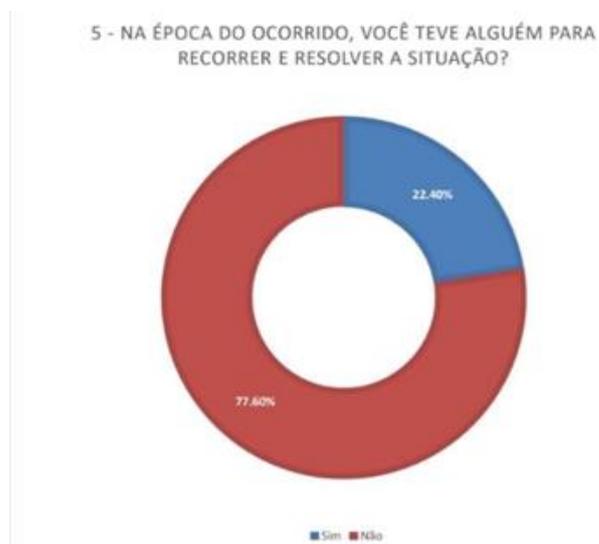
*RESPOSTAS SIMILARES FORAM ADICIONADAS A UMA MESMA CATEGÓRIA AFIM DE SIMPLIFICAR A LEITURA DO GRÁFICO

Indagamos se o bullying sofrido veio por parte dos professores ou dos alunos e 78,7% disseram que por parte dos alunos, enquanto 21,3% disseram por parte dos professores. Em muitos casos, é comum o aluno denunciar o comportamento vindo de um colega de turma ou da escola. Com esses dados notamos que os educadores também podem ser os agressores. Inclusive, em nossa pesquisa, a grande maioria foi alvo de seus professores.

4 - O BULLYING SOFRIDO VEIO POR PARTE DE ALUNOS OU PROFESSORES?

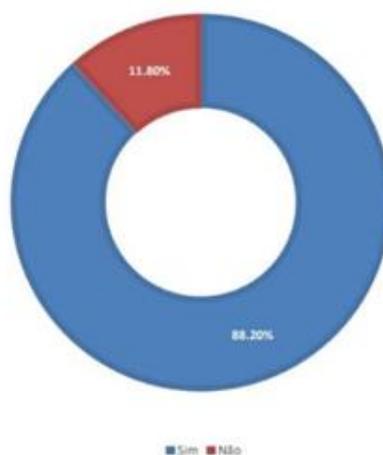


Questionamos se os votantes tiveram a quem recorrer para resolver a situação e 77,6% disseram que sim, contra 22,4% que disseram não ter a quem recorrer. Os entrevistados relataram que procuraram ajuda, podendo vir por parte de colegas, família, professores ou até mesmo profissionais. É importante observar que a minoria não procurou por ajuda. Muitos podem ter tido medo ou vergonha de procurar ajuda, podem ter minimizado a importância da violência, ou até mesmo ter sido desencorajados.



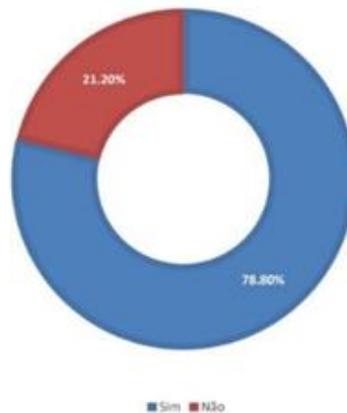
Perguntamos se os votantes ainda se lembram do bullying sofrido, mesmo tendo ocorrido a anos, sendo que 88,2% disseram que sim e 11,8% disseram que não. Os dados mostram uma discrepância grande entre as opções, mostrando como o bullying é marcante para a maioria daqueles que o sofrem.

6 - VOCÊ AINDA SE LEMBRA DE ALGUM BULLYING SOFRIDO, MESMO QUE TENHA OCORRIDO ANOS ATRÁS?



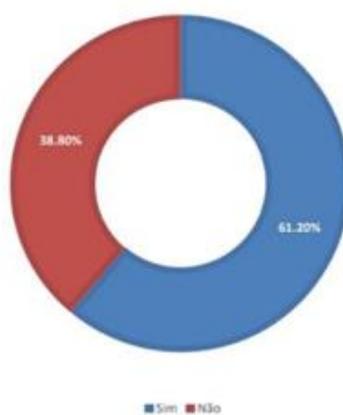
Perguntamos se os votantes acreditam que o bullying desencadeou inseguranças carregadas até os dias atuais e 78,8% declararam que sim, contra 21,2% que declararam que não. É surpreendente como ter sofrido o bullying fez com que a pessoa eternizasse os ataques sofridos, modificando até sua personalidade.

7 - ENTENDENDO O BULLYING COMO UMA VIOLÊNCIA TRAUMÁTICA E BASTANTE MARCANTE, VOCÊ ACHA QUE TER O EXPERIENCIADO DESENCADEOU INSEGURANÇAS QUE VOCÊ CARREGA ATÉ HOJE?

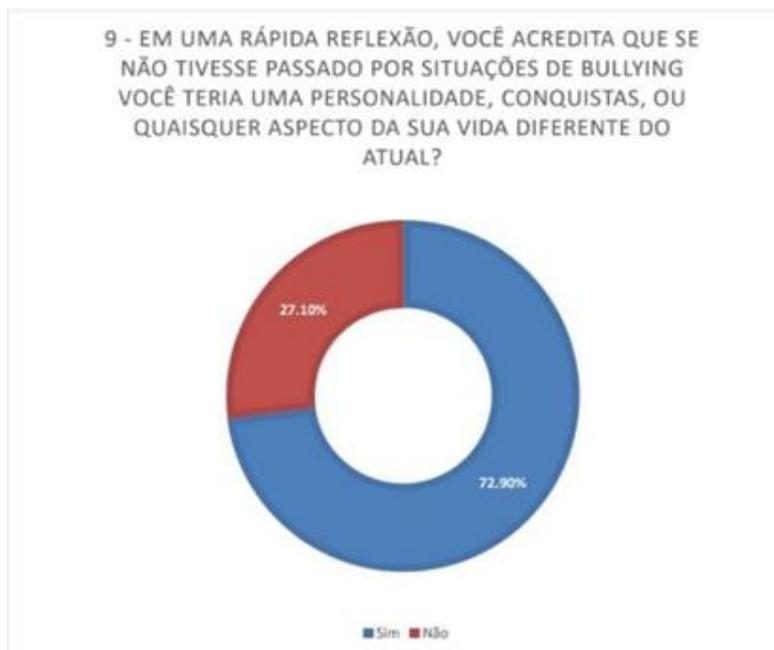


Indagamos se os votantes acreditam que o bullying afetou seu desenvolvimento acadêmico e 61,2% disseram que sim e 38,8% disseram que não. Diferente das outras, vemos que aqui a diferença não é tão desigual ou discrepante, o que nos leva a perceber que o bullying afeta mais o lado emocional que o acadêmico.

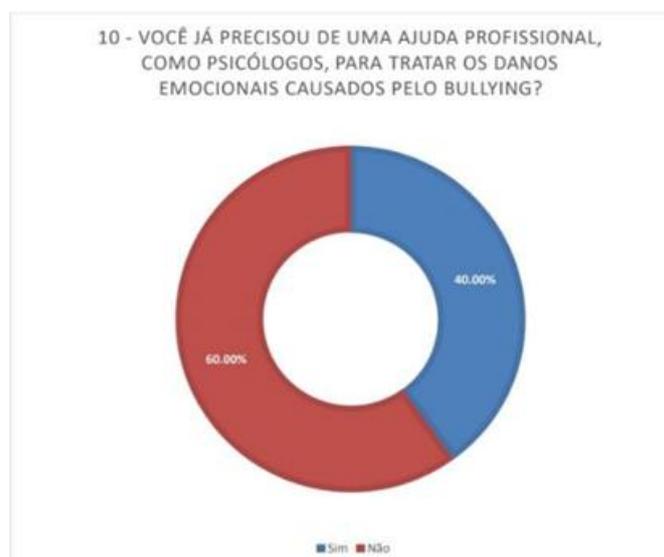
8 - VOCÊ ACREDITA QUE O BULLYING, PROVINDO TANTO DE ALUNOS QUANTO PROFESSORES, IMPLICOU DIRETAMENTE NO SEU PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO ACADÊMICO?



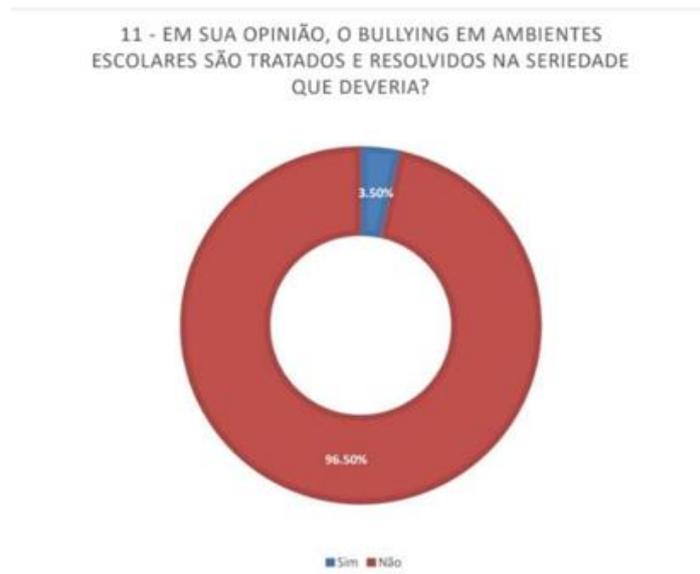
Perguntamos se os votantes achavam que caso não tivessem experienciado o bullying teriam vidas diferentes da atual, Verificamos que 72,9% declararam que sim, e 27,1% declararam que não. Analisando juntamente com a pergunta do gráfico acima, podemos deduzir que a experiência ruim traz sequelas. Ao pensar em uma vida sem sofrer esses ataques, muitos poderiam não ter problemas no quesito psicossocial.



Perguntamos se os votantes buscaram ajuda psicológica para tratar os danos do bullying e 60% disseram que não, enquanto 40% disseram que sim. Em suma, podemos inferir que o tratamento psicológico ainda é visto de maneira incorreta, já que não falamos muito sobre a importância do cuidado com a saúde mental.



Em nossa última pergunta, indagamos se os votantes acreditam que o bullying era tratado e resolvido com a seriedade que deveria e 96,5% disseram que não e 3,5% disseram que sim. Podemos observar, a partir desses resultados, que existe falta de Psicopedagogos nas escolas, que seriam os profissionais da Educação adequados a dar o suporte e auxílio necessário para as vítimas de bullying.



Conclusão e Recomendações

Iniciamos essa pesquisa de opinião com o objetivo de compreender e comprovar o quão nocivo o bullying pode ser. Limitamos a pesquisa ao campo da Educação e percebemos, ainda mais, o quanto ele se tornou comum em parte dos ambientes escolares, uma vez que, dos 85 votantes, 92,9% afirmaram ter sofrido um número muito significativo e expressivo de situações em que havia bullying.

Quando perguntamos sobre em qual segmento da Educação ocorreu tal violência, os números são ainda mais chocantes. A maioria de 83,5% dos respondentes disse que sofreu bullying no Ensino Fundamental, logo nos anos iniciais. Isso mostra como a conscientização sobre o bullying deve começar desde cedo nos ambientes escolares, visto que nesse período inicial as crianças estão passando por grandes transformações gerais, sejam elas físicas, sociais ou psicológicas. Além de ser um período de autodescobertas e onde elas se encontram emocionalmente instáveis e frágeis. Por isso é importante obter uma rede de apoio e conversa sobre o peso das nossas falas e ações na vida dos outros.

Apesar de a maioria ter sofrido bullying por parte dos alunos, uma quantidade considerável de 21,3% afirmou ter sofrido bullying de professores. Com isso, as instituições escolares deveriam estar mais atentas ao time de profissionais que ela emprega, pois uma figura de poder, como um professor, que pratica bullying, tem um peso e uma influência enorme na vida dos alunos. A conscientização deve ser feita para ambos os lados.

Quando perguntamos sobre a assistência recebida quando sofreram bullying, a maioria dos votantes, 77,6%, disseram que não tinha a quem recorrer e isso é extremamente preocupante

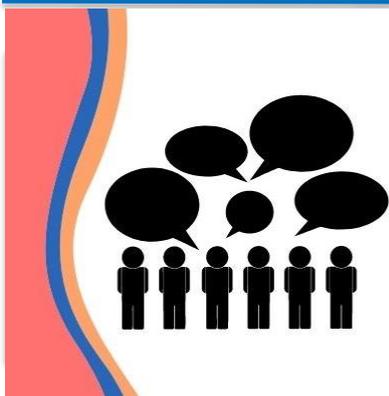
uma vez que nas perguntas seguintes, nas quais buscamos entender o quão profunda são as raízes do bullying e como ele pode mudar o curso da vida das pessoas, vimos que uma maioria expressiva ainda sofria psicologicamente, tinha sequelas e lembrava de uma violência ocorrida há anos. Esses dados nos fazem refletir como algo que afeta a tanta gente, de uma forma extremamente negativa, pode ser tão negligenciado. Os votantes também afirmaram, em uma maioria quase absoluta, que não acham que o bullying ocorrido nos ambientes escolares é tratado com a seriedade que deveria.

Sendo a escola a maior instituição de socialização, depois da família das crianças, é extremamente importante que esse seja um ambiente de total cuidado com as suas diferenças e peculiaridades, e que ela seja libertadora e acolhedora. Com os dados dessa pesquisa, vimos que estamos um pouco distantes disso, visto que tantos eventos de bullying podem ter desencadeado muitas inseguranças. Diversos respondentes afirmaram ter tido seu percurso e vida alterados pela falta de instrução e organização dos ambientes escolares na luta contra o bullying.

Acredita-se que o apoio psicológico se torna essencial para essa luta. O psicopedagogo precisa estar presente nos ambientes escolares cada vez mais, para ouvir e auxiliar todos aqueles que precisam de amparo. Na nossa pesquisa, vimos que 40% dos votantes não procuraram ajuda psicológica para tratar os danos do bullying, mesmo tendo ficado evidente, devido às outras perguntas, que a maioria ainda carrega sequelas da violência sofrida, mesmo após anos. Então, percebemos existir uma certa relutância em buscar ajuda profissional e acreditamos que isso, talvez, se deva ao fato da banalização do bullying e também devido à falta de uma cultura, na qual seja valorizado um acompanhamento psicológico frequente.

Referências

- INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor. 3 ed. São Paulo: Editora Global, 2010. 102. Disponível em: <http://www.nepso.net/download/478>. Acesso em 8 de dezembro de 2021.
- PROFINO, André Nunces. Bullying: Um desafio às escolas no Século XX. In. <https://m.meuartigo.brasilecola.uol.com.br/amp/educacao/bullying-um-desafio-as-escolas-seculo-xxi.htm>. Acesso em 6 de dezembro de 2021.



EDUCAÇÃO ESPECIAL: O QUE A LEI DIZ SOBRE ESSE TEMA NAS ESCOLAS E O QUE AS ESCOLAS REALMENTE FAZEM?

*Ester Vazquez, Julia Felizardo,
Marcelle Silva, Pedro Almeida*

Introdução

Sobre o que trata a pesquisa? O grupo pesquisou sobre a Educação Especial nas escolas com base no que a Lei diz e o que de fato as escolas vêm fazendo. De início, deve-se perguntar, o que é Educação Especial? E qual é o papel da escola nessa educação?

Educação Especial, ou inclusiva para ser mais correto no termo, tem por objetivo principal incluir no processo educativo todo e qualquer aluno visando, principalmente, garantir que os alunos que apresentem algum tipo de necessidade especial possam garantir acesso ao ensino regular, seja em que nível for, do fundamental ao superior. A Educação Inclusiva tem, portanto, papel fundamental na diversidade das instituições de ensino, no entanto não é só a instituição apresentar diversidade entre os alunos que fará dela inclusiva, ela tem que fazer com que essa inclusão seja, de fato, uma inclusão, gerando nas pessoas daquele ambiente um sentimento de pertencimento e de participação, desenvolvendo uma consciência social acerca das diferenças, necessidades e limites de cada indivíduo¹³.

A escola terá, dessa forma, um papel de importância essencial no desenvolvimento da socialização dessas crianças, assim como a democratização do ensino e seu acesso. Sabe-se, entretanto, que a inclusão - a Educação Especial, Inclusiva - não é uma tarefa fácil de rápida implantação e realização, é um processo longo e com muitos obstáculos que, felizmente, nos últimos anos vem sendo mais bem aplicada. Assiste-se hoje que as pessoas com deficiência vêm tomando maior consciência de seus direitos e indo atrás deles de forma mais ativa e este fato é um importante fator para que as escolas e instituições de ensino no geral busquem se adequar, não somente a essa realidade que vem se apresentando, mas como também as Leis que já existem e que garantem esse direito de inclusão as pessoas com deficiências no âmbito educacional e em outras áreas da sociedade.

A pesquisa teve a intenção de mostrar que essas Leis já existentes para o meio educativo vêm ou não sendo implementadas, de forma lenta e gradual, e que quando estão, em sua maioria, são de forma precária e incipiente, não atendendo o objetivo de ser realmente inclusiva.

¹³ Educação inclusiva: saiba como preparar sua escola. Lyceum. 2018

Justificativa

Por que pesquisamos esse tema? As leis existem, entretanto não assistimos que os direitos dessas pessoas sejam respeitados, criando barreiras para as pessoas com deficiência. Em 2009, cerca de 20 mil pessoas com deficiência cursavam o ensino superior. Em 2019 esse número chegou a 50 mil, segundo o resumo técnico do censo de educação superior do ano citado divulgado no ano de 2021, resultado de políticas públicas. No entanto, essas mesmas políticas não criaram mecanismos eficazes para garantir a permanência desses estudantes. Muitos desses alunos encontram barreiras que os fazem desistir. O acesso evoluiu, mas não basta. O aluno precisa permanecer, ter êxito, precisa ser incluído sem restrições em todas as atividades que a instituição de ensino oferece¹⁴. Por essa razão, a pesquisa visa estimar de acordo com o universo que foi pesquisado quais as condições oferecidas pelas instituições de ensino para que haja na prática uma educação inclusiva.

O tema é de interesse, para conseguir, portanto, entender quais medidas as escolas têm tomado para cumprir seu dever, de acordo com Leis existentes, de fazer da escola um lugar inclusivo, possibilitando aos alunos com deficiência ter um ensino proveitoso, que considere e respeite suas necessidades. Quais medidas são utilizadas para que esses alunos se mantenham no espaço escolar e tenham nele um ambiente adequado, possibilitando sua autonomia e respeitando suas particularidades.

Objetivos

Para que pesquisar esse tema? A Convenção¹⁵ sobre os direitos das pessoas com deficiência feita pela Organização Mundial da Saúde (ONU) em 2006 – objetivando garantir à pessoa com deficiência seus direitos ao respeito e a dignidade – passa a ser, no Brasil em 2008, um documento equivalente a uma emenda constitucional, a Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva, garantindo com maior respaldo em lei os direitos da pessoa com deficiência em solo nacional, e dentre eles o direito à educação. A Convenção em 2006 trará consigo grandes marcos para a educação inclusiva, como em 2015 com a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) que finalmente é aprovada, trazendo garantias como a proibição da negação de matrícula e da cobrança de taxas adicionais para a pessoa com deficiência, podendo resultar em multa ou reclusão a gestores que neguem ou então que dificultem o acesso dessas pessoas a educação. Tais garantias em Lei irão expressar consequências claras como o aumento do número de matrículas de pessoas com deficiência na educação básica (cerca de 70% em dez anos). Além disso, a Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva estabeleceu o primeiro marco regulatório de garantia de matrícula das pessoas com deficiência em escolas comuns e fez também com que essa modalidade passasse a ter caráter complementar, integrando a proposta pedagógica.

¹⁴ ROCHA, Janicy. 1 vídeo (1 hora e 42 minutos). Inclusão e Acessibilidade. Publicado pelo canal de BiblioUFRN. 2021.

¹⁵ Educação Inclusiva, Diversa Instituto Rodrigo Mendes, [s.d], São Paulo.

No entanto, cabe ressaltar que esse caminho não é simples, não se deu de forma gradual e regular, veio através de incontáveis contradições e retrocessos na maioria das vezes. A Declaração de Salamanca destaca que: “educação para todos efetivamente significa para todos”, e apesar disso, ainda é muito comum que se note escolas e professores que, sob o pretexto do “preparo necessário”, neguem esse direito a educação para aqueles com alguma deficiência, uma educação que seja, de fato, inclusiva vai requerer esforço, vai requerer dedicação e vai contra a lógica excludente que é predominante nas escolas, ela – a educação inclusiva – vai exigir que o meio se transforme para que os direitos sejam respeitados, para que haja a participação de todos e para que ela seja realmente inclusiva e para todo¹⁶.

A pesquisa tem o objetivo, portanto, além de conscientizar, expor a problemática a respeito da falta de acessibilidade nas escolas. Pois, mesmo que existam Leis, para que as escolas cumpram com esse dever de inclusão, muitas delas ainda não estão preparadas da maneira necessária. Para além do direito ao ingresso dos estudantes com deficiência nas escolas, a legislação brasileira vai garantir transporte acessível para esses estudantes, facilitando o acesso à escola; O atendimento educacional especializado (AEE) em dias e horários determinados; O acesso ao currículo e participação em todas as atividades da escola em condição de igualdade; Na escola, para que os direitos estejam sendo validados, se faz necessário um conjunto de serviços que complementam a escolarização, por exemplo: Equipes multidisciplinares; Profissionais de apoio; Profissionais com especialização em recursos de acessibilidade, como intérprete de Libras, entre outros. Porém, para que as instituições de ensino tenham como implementar um modelo de ensino inclusivo, é necessário financiamento. Também é preciso de Leis e políticas que destinem parte do orçamento público para garantir recursos que forneçam acessibilidade aos alunos que precisam.

Todos os direitos que são previstos em Leis para os alunos com deficiência precisam ser cumpridos para que esses estudantes possam de forma igualitária, ter acesso a uma educação de qualidade. Esses direitos precisam ser cobrados, quando não respeitados, para que a acessibilidade e a educação inclusiva estejam de fato sendo praticadas e esses estudantes sendo respeitados, com suas necessidades atendidas e mostrando prontamente que os direitos desses estudantes são inegociáveis e indispensáveis.

É importante também a ciência de que caso essas pessoas enfrentem casos de desrespeito à legislação brasileira, como no caso de negação de matrícula de alunos com deficiência, elas recorram ao Ministério Público (MP), para que tenham seus direitos assegurados.

Objetivo da pesquisa, portanto, é fomentar o debate sobre esse tema e fazer com que os resultados da pesquisa alcancem a maior quantidade de pessoas que for possível. Com o intuito de conscientizar universitários, professores, a sociedade no geral, sobre as barreiras existentes que impossibilitam que as pessoas com deficiência possam exercer direitos que já são garantidos por Lei.

¹⁶ ABREU, Paulo. Direito à Educação Especial: A Educação faz Diferença. 2015, Jusbrasil.

Procedimentos Metodológicos

Como esse tema foi pesquisado? Por meio de instrumentos online foi possível a coleta de dados relevantes para a construção da pesquisa de opinião, seguindo o método do programa NEPSO (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2010).

População, Amostra e Técnica de Amostragem

A população que se quis alcançar através dessa pesquisa foi todo aquele indivíduo que já estudou/frequentou ou estuda/frequenta alguma instituição de ensino no território nacional em diferentes estágios da vida, em diferentes anos e de diferentes classes sociais. A pesquisa adotou caráter quantitativo, uma vez que se tinha interesse em alcançar o maior número de pessoas, e para isso adotou os critérios que foram citados acima que estão grifados. Usando da metodologia de pesquisa descritiva para buscar as respostas levantadas no objetivo da pesquisa.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

O grupo utilizou como forma de coletar os dados um questionário na plataforma do Google Forms contendo perguntas que foram capazes de definir a população a ser pesquisada e perguntas específicas sobre o tema pesquisado. No que consiste a estratégia de aplicação do instrumento, o grupo utilizou meios como o WhatsApp e o E-mail para aplicá-lo. O grupo seguiu o seguinte cronograma para a realização da pesquisa:

ETAPAS	DATAS
Levantamento Bibliográfico/Fontes	Novembro/2021
Análise das Fontes	Novembro/2021
Fichamento dos Textos	Novembro/2021
Organização do Questionário	Novembro/2021
Aplicação do Questionário	16/12/2021-07/01/2022
Tabulação de Dados	Janeiro/2022
Organização do Trabalho	Janeiro/2022
Revisão Final e Entrega do Trabalho	28/01/2022
Apresentação do Trabalho	04/02/2022

Descrição e Análise dos Dados

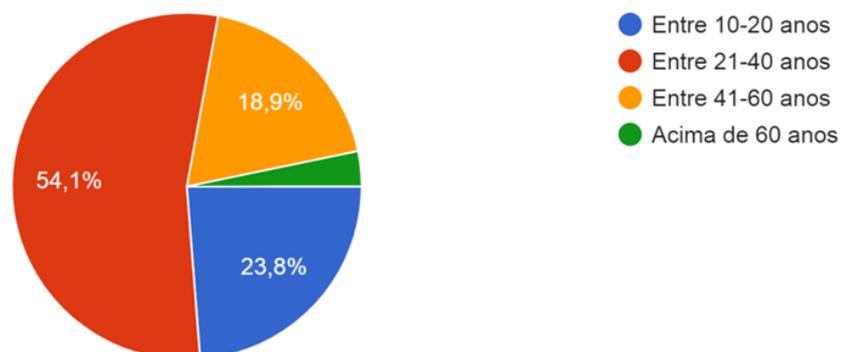
A pesquisa contou com um total de 122 (cento e vinte e dois) respondentes de onze estados do Brasil. O questionário aplicado também teve como objetivo definir a renda, idade, nível de escolaridade e tipo de instituição de ensino frequentadas pelos respondentes, bem como também as perguntas específicas ligadas ao tema pesquisado.

O gráfico abaixo mostra a quantidade de respondentes por Estado, correspondendo, em números percentuais, os Estados da BA, do CE, do ES, do RN, de SC e de SE com 0,8% cada um. Já os Estados do RS e PE com uma contribuição de 2,5% e de MG com 1,6%. O Estado de SP teve um total percentual de 4,1% e o do RJ, que obteve a maior participação, com 84,5%.



A segunda pergunta do questionário teve como objetivo definir a idade dos respondentes, que ficou da seguinte forma: 29 respondentes têm entre 10 e 20 anos; 66 respondentes têm entre 21 e 40 anos; 23 respondentes têm entre 41 e 60 anos; e 4 (3,2%) respondentes possuem idade acima de 60 anos.

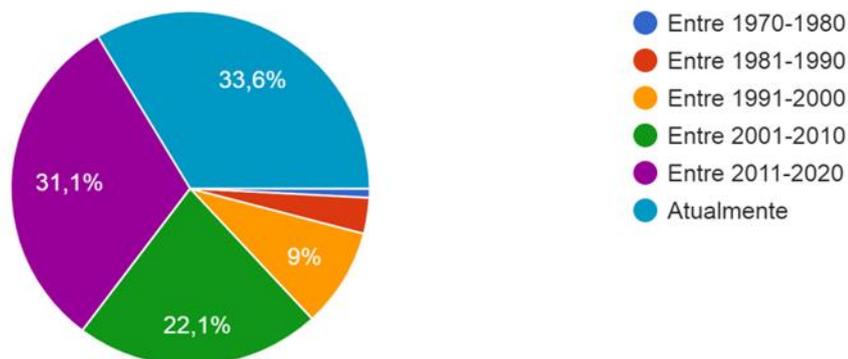
122 respostas



As três perguntas seguintes tiveram o intuito de definir o período, o tipo e o grau de ensino dos respondentes. No gráfico a seguir os percentuais correspondem a: 1 respondente (0,8%) que estudou entre os anos de 1970 e 1980; 4 (3,3%) que estudaram entre 1981 e 1990; 11 que estudaram entre 1991 e 2000; 27 que estudaram entre 2001 e 2010; 38 que estudaram entre 2011 e 2020; e, durante o período analisado de 2021, 41 respondentes alegaram que ainda estavam estudando.

Qual período da última instituição de ensino frequentada?

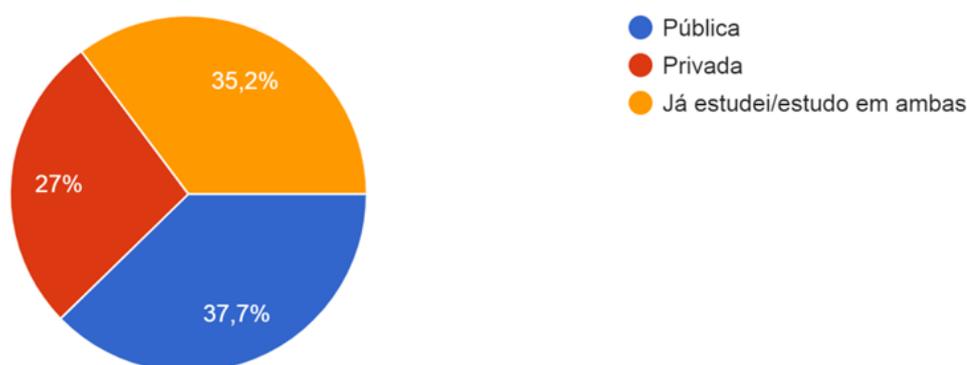
122 respostas



Na pergunta referente ao tipo de instituição, 46 respondentes estudam ou estudaram em instituição pública; 33 em uma instituição privada; e 43 dizem estar estudando ou já ter estudado em ambos os tipos de instituição.

Em que tipo de instituição de ensino você estuda ou estudou?

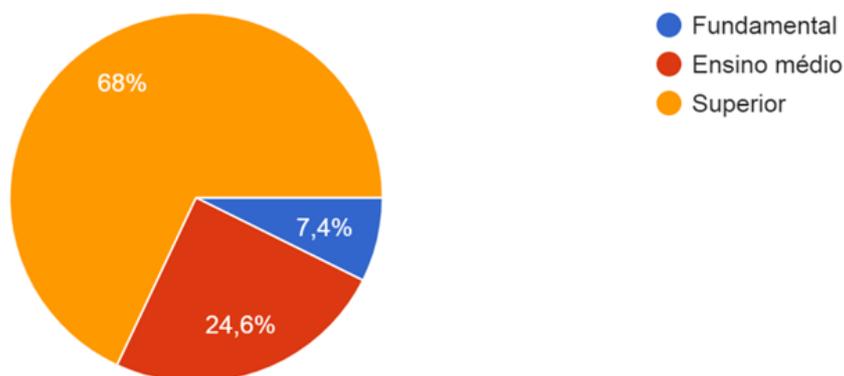
122 respostas



Quanto ao nível de escolaridade, 83 dos respondentes cursou ou estão cursando o ensino superior, enquanto 30 dos respondentes disseram ter o nível de ensino médio e apenas 9 de nível fundamental.

Qual tipo de instituição de ensino você estuda ou estudou?

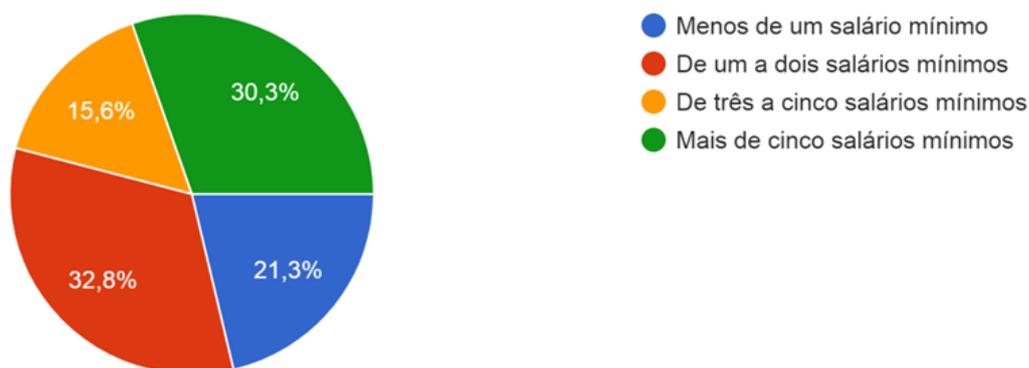
122 respostas



A última pergunta que utilizada para definir o perfil dos respondentes foi em relação a renda mensal, e através dela descobrimos que: 26 dos respondentes possuem menos de um salário-mínimo; 40 possuem de um a dois salários-mínimos; 19 possuem de três a cinco salários-mínimos; e 37 mais de cinco salários-mínimos.

Qual a sua renda mensal?

122 respostas



Como foi definido no tópico Objetivos da pesquisa, buscou-se, por meio das respostas obtidas através das perguntas específicas, comprovar que os direitos à pessoa com deficiência em nível escolar vêm sendo negligenciados em muitos aspectos.

Desse modo, a primeira pergunta específica ao tema feita foi sobre o Atendimento Educacional Especializado (AEE), este foi criado para atender o público-alvo da Educação Especial, que são as crianças com deficiências, transtorno do espectro autista, altas

habilidades e superdotação. Ele é um serviço de apoio à sala de aula comum, para que se ofereça meios e modos que efetive o real aprendizado dos estudantes. 68 dos respondentes alegaram não ter na instituição de ensino que frequenta/frequentou este atendimento, já 20 deles dizem possuir, 34 dizem que talvez tenha.

Tabela: 1 – Atendimento Educacional Especializado (AEE)?

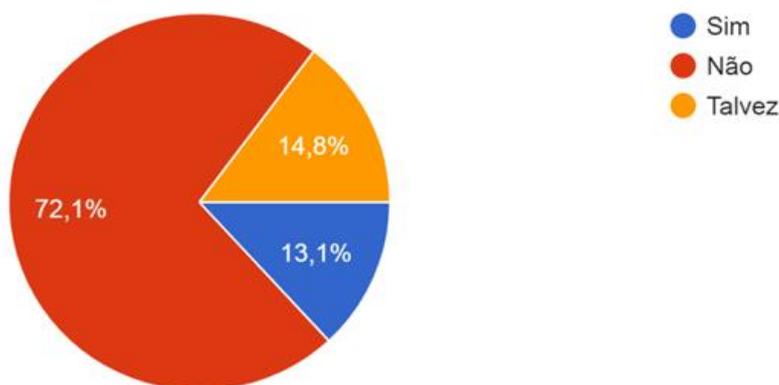
Resposta	Respondentes	Percentual
Sim	20	16,4%
Não	68	55,7%
Talvez	34	27,9%

Total de respondentes: 122 (cento e vinte e dois)

Em relação a intérprete da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), mais uma vez, a maior parte dos respondentes, 88 deles, dizem não possuir na instituição frequentada esse serviço disponível. Enquanto 16 dizem possuir e 18 dizem que talvez tenha.

2 – Intérprete e guias-intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)?

122 respostas

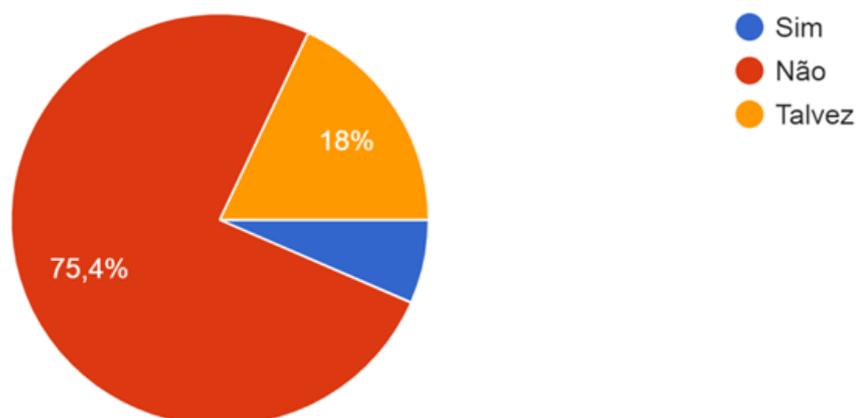


Com relação a um profissional de apoio em sala de aula os dados não se mostram muito diferentes. O profissional de apoio escolar não é um monitor ou um auxiliar do professor, portanto, sua função principal é facilitar a acessibilidade do aluno com deficiência, participando da inserção deles na sala de aula da melhor maneira possível. Mais uma vez o percentual de respondentes que confirmam a presença desse profissional é proporcionalmente baixo, dada a importância de seu papel, com 92 dos respondentes

dizendo que na escola ou universidade que frequenta ou frequentou não possui esse tipo de profissional, 22 dizem que talvez tenha e somente 8 (6,6%) dizem possuir esse profissional no ambiente de ensino que frequenta ou frequentou.

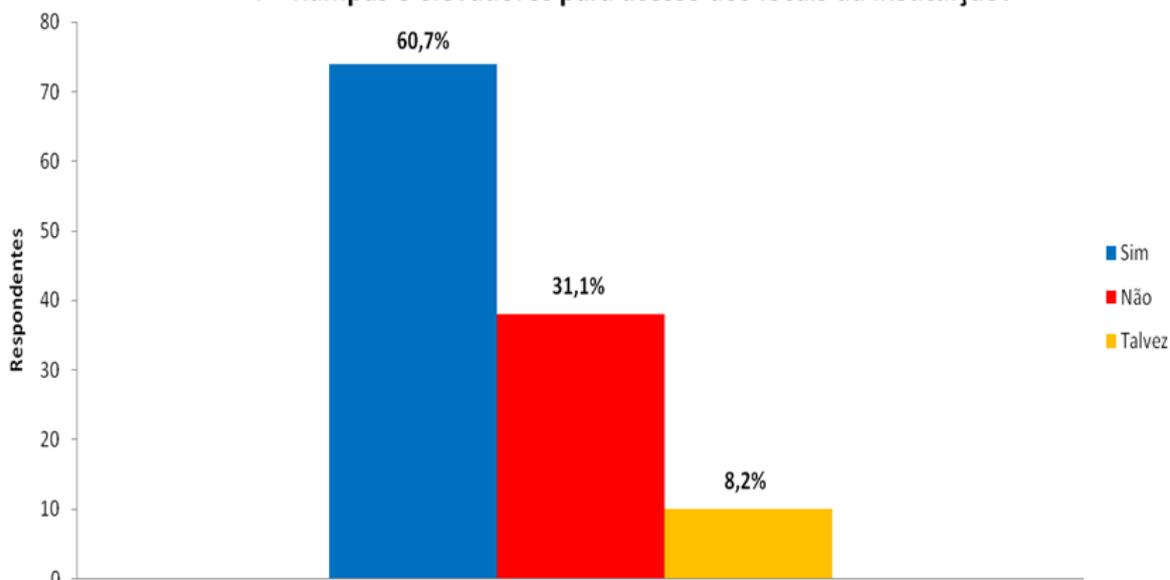
3 – Profissional de Apoio em sala de aula?

122 respostas



No que se refere à acessibilidade por meio de rampas e elevadores os dados obtidos são os mostrados na tabela abaixo:

4 – Rampas e elevadores para acesso aos locais da instituição?

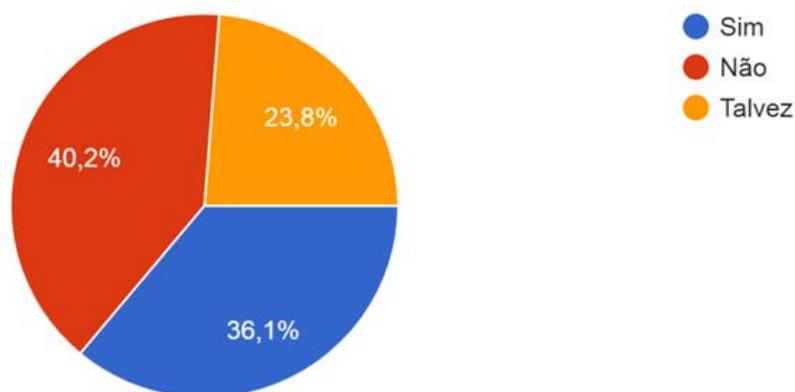


Sobre as ações voltadas para o convívio social e da comunidade, a gestão das instituições de ensino precisa traçar objetivos e metas com o intuito de abraçar os estudantes com deficiência. Entre outros aspectos, a promoção de ações voltadas para o convívio social faz

com que os alunos tenham a sensação de pertencimento àquela determinada comunidade. Os números apontam para 49 dos respondentes que não notaram nenhum tipo de ação nesse sentido, um número desfavorável, enquanto 29 dizem que talvez tenha e 44 que observaram essa prática no ambiente escolar.

5 – A promoção de ações voltadas ao convívio social na comunidade escolar?

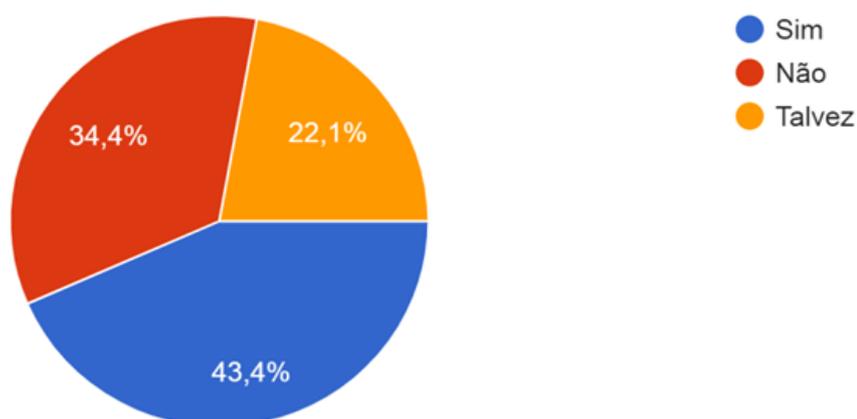
122 respostas



Voltando às barreiras físicas, 53 dos entrevistados relataram que a instituição de ensino que frequenta ou frequentou possui condições adequadas para estudantes com deficiência em suas instalações, como adaptações para cadeirantes em banheiros por exemplo, 42 dizem não possuir e 27 dizem que talvez possua.

6 – A adequação das instalações (salas, banheiros e etc)?

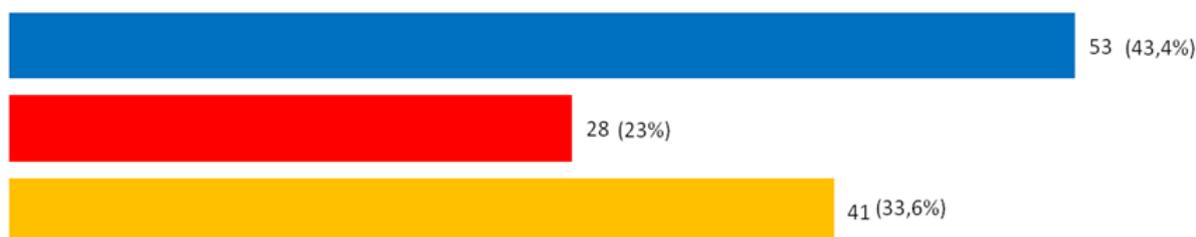
122 respostas



A última pergunta do questionário foi sobre a utilização de recursos multifuncionais e de tecnologia. Recursos como brinquedos e roupas adaptadas, computadores com softwares específicos para questões de acessibilidade, dispositivos para ajuste postural, equipamentos para comunicação alternativa, entre outros recursos foram notados por 53 dos respondentes nas instituições que frequentam ou que frequentaram, 28 não notaram esses recursos e 41 disseram que talvez tenha.

7 – A utilização de recursos multifuncionais e de tecnologia?

■ Sim ■ Não ■ Talvez



Conclusão e Recomendações

Com a pesquisa, primeiramente, foram feitas perguntas para traçar o perfil dos participantes. Foi possível concluir que, entre os respondentes, a maioria mora no Rio de Janeiro, tem entre 21 e 40 anos, está estudando atualmente em alguma instituição de ensino, a mesma maioria, diz que estudou ou estuda em uma instituição pública e também segue em maioria os que cursaram ou ainda cursam o ensino superior. Quanto à renda, estão em maior número pessoas que possuem renda de 1 a 2 salários-mínimos.

Quando chegaram às questões voltadas ao foco da pesquisa, que era saber se as instituições de ensino cumprem suas obrigações quanto às Leis, que impõe deveres com as pessoas com deficiências, para que as mesmas encontrem nas instituições de ensino um lugar inclusivo e adequado quanto às suas necessidades, o que foi concluído é que: a legislação vigente não vem sendo cumprida de forma adequada. A maioria dos respondentes indicou a ausência de profissionais de apoio, de atendimento especializado e de intérpretes de Libras nas escolas e universidades. Além disso, é alto o índice de barreiras físicas relatadas pelas pessoas que responderam, e baixo o índice de instituições que se preocupam com ações voltadas para o convívio social desses estudantes.

Portanto, o intuito da pesquisa, além de fazer o levantamento dos dados sobre a Educação Especial e como ela se apresenta no ambiente escolar, seja em escolas ou universidades, sendo públicas ou privadas, tem o objetivo de conscientizar toda a população de que se faz necessário a busca e capacitação dos profissionais que ajam na área da educação, sejam da educação infantil a universidade dos professores aos técnicos e colaboradores, tornando assim, que todo o ambiente escolar esteja pronto para receber os alunos com deficiências. É

necessário que a escola, a universidade, as instituições de ensino de modo geral, estejam prontos para esses alunos, não só porque é previsto em Lei, mas sim porque é um dever social incluir esses alunos em todo o processo de aprendizagem.

Com todos os dados vistos na pesquisa, é possível então concluir que de fato, as instituições de ensino não dispõem de todos os recursos, aparatos, adequações e profissionais essenciais para suprir as necessidades dos estudantes com deficiência. Em alguns casos, o básico ainda existe, mas em todos os dados é possível ver respostas quanto a não presença dos recursos extremamente necessários. Mesmo com direitos garantidos por Lei, esses estudantes não encontram nas instituições a garantia de inclusão, não encontram facilidade de acesso ou profissionais que possam auxiliar no seu processo de aprendizagem. É visível a falta de preparação e adequação dessas instituições para com os alunos com deficiência. Por essa razão, a Educação Especial, as Leis, as necessidades desses estudantes são um assunto extremamente necessário a ser discutido, compartilhado e debatido, é preciso que cobremos políticas que garantam que esses estudantes sejam respeitados, incluídos e tenham suas necessidades supridas no ambiente escolar. É preciso que tenhamos atitudes para cobrar, iniciando por expor, inclusive com dados, o quanto esses estudantes com deficiência ainda são excluídos e têm os seus direitos negligenciados. Precisamos cobrar que as instituições também tenham apoio, inclusive financeiro, para que obtenham todos os recursos, profissionais e adequações nos seus espaços para que esses estudantes possam ingressar nas escolas e continuarem seus estudos, tendo nas instituições de ensino um lugar de respeito, inclusão e autonomia.

É, portanto, essencial que as instituições públicas e privadas de ensino se preocupem de forma urgente em cumprir a legislação e atender aos direitos das pessoas com deficiência, visto os problemas citados é necessário que o poder público tenha mais controle sobre as políticas públicas implementadas visando garantir que direitos que já são previstos em Lei Federal sejam cumpridos, assim como a necessidade de se pensar em novas políticas que auxiliem e facilitem todo o processo de inclusão e adaptação das instituições de ensino. É preciso também que os responsáveis e a comunidade escolar fiquem atentos, e denunciem abusos ou omissões. Já passou da hora da sociedade e da escola se adaptarem aos estudantes com deficiência, e não ao contrário. O principal desafio precisa ser o desenvolvimento de todos os alunos, sem distinções.

Referências

ABREU, Paulo. Direito à Educação Especial: A Educação faz Diferença. 2015, Jusbrasil. Disponível em: <https://pauloabreu14.jusbrasil.com.br/artigos/215553621/direito-a-educacao-especial>.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. SECRETARIA-GERAL SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: seção única, capítulo IV, Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 23 jan/2022.

BRASÍLIA, Ministério da Educação. Resumo Técnico: Censo da Educação Superior de 2009. Brasília, DF, 2010. Disponível em: https://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2009/resumo_tecnico_2009.pdf. Acesso em jan/2022.

BRASÍLIA, Ministério da Educação. Resumo Técnico do Censo da Educação Superior de 2019. Brasília, DF, 2021. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2019.pdf. Acesso em jan/2022.

Educação Inclusiva, Diversa Instituto Rodrigo Mendes, [s.d], São Paulo. Disponível em: <https://diversa.org.br/educacao-inclusiva>. Acesso em jan/2022.

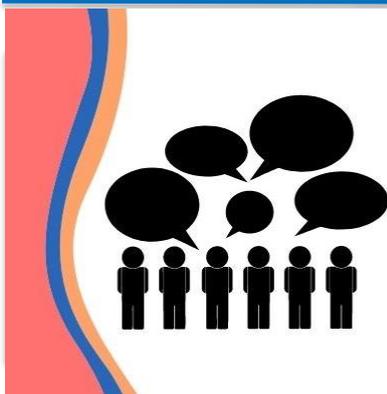
Educação inclusiva: saiba como preparar sua escola. Lyceum. 2018. Disponível em: <https://blog.lyceum.com.br/educacao-inclusiva>. Acesso em jan/2022.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor. 3 ed. São Paulo. Editora Global, 2010.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete Declaração de Salamanca. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em: <https://www.educabrasil.com.br/declaracao-de-salamanca>. Acesso em jan/2022.

ROCHA, Janicy. 1 vídeo (1 hora e 42 minutos). Inclusão e Acessibilidade. Publicado pelo canal de BiblioUFRN. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/zlTbWZ9yzzU>. Acesso em jan/2022.

UNESCO. Declaração de Salamanca e Linha de ação sobre necessidades educativas especiais. [Adotada pela Conferência Mundial sobre Educação para Necessidades Especiais]. Acesso e Qualidade, realizada em Salamanca, Espanha, entre 7 e 10 de junho de 1994. Genebra, UNESCO 1994.



EDUCAÇÃO INCLUSIVA

*Alice Desouza Araujo Soares,
Lorena Azevedo Terto dos Santos,
Sabrina Gomes Gonçalves,
Victória Viana Vivarini da Silva*

Introdução

O presente trabalho objetivou apresentar algumas reflexões decorrentes da pesquisa sobre a Educação Inclusiva e Acessibilidade nas Escolas, pois para fazer a inclusão de verdade e garantir a aprendizagem de todos os alunos na escola regular é preciso fortalecer a formação dos professores e criar uma boa rede de apoio entre alunos, docentes, gestores escolares, famílias e profissionais de saúde que atendem as crianças com necessidades educacionais especiais.

A educação inclusiva é um modelo de ensino contemporâneo que propõe igualdade nas possibilidades de escolarização. Com essa visão, o objetivo é que todos os estudantes tenham direito à educação em um só ambiente. A sua proposta é valorizar as diferenças e permitir uma convivência respeitosa e diversificada no contexto escolar. Em um primeiro momento, pensamos nas pessoas que apresentam necessidades especiais, devido à segregação que antes existia em relação a esse grupo de estudantes¹⁷.

Contudo, contemplar a diversidade também significa reconhecer que há diferentes gêneros, etnias e classes sociais. Enfim, cada indivíduo é único em termos de aparência, cultura, história de vida e capacidade física e intelectual. Dessa forma, a universalização dos direitos educacionais e sociais deve ser respeitada¹⁸.

Justificativa

Pesquisamos sobre a Educação Inclusiva porque ela é importante para a formação de educadores, para a igualdade entre os alunos com e sem deficiência e porque o esforço pela inclusão social e escolar de pessoas com necessidades especiais no Brasil é a resposta para uma situação que perpetuava a segregação dessas pessoas e cerceava o seu pleno desenvolvimento.

¹⁷ EDUCAÇÃO INCLUSIVA: saiba por que ela é tão importante para o ensino - Faculdade Unyleya. Disponível em: <https://blog.unyleya.edu.br/inicie-sua-carreira/educacao-inclusiva>. Acesso em: 25/01/2022.

¹⁸ EDUCAÇÃO INCLUSIVA: saiba por que ela é tão importante para o ensino - Faculdade Unyleya. Disponível em: <https://blog.unyleya.edu.br/inicie-sua-carreira/educacao-inclusiva>. Acesso em: 25/01/2022.

Diante do desenvolvimento da história de nossos ambientes escolares, a instituição escolar, e os profissionais da educação, sempre tem buscado formas de melhorar o aprendizado dos alunos, sejam aqueles que apresentem dificuldades na aprendizagem ou não.

Todavia, a falta de preparo de ambas as partes (Estado e escolas) faz com que a proposta, que é de uma escola inclusiva, seja apenas de uma política integradora, pois o que é visto, é isso: que o aluno que se adeque à escola, e se adapte ao seu sistema, mas o esquema para com esse aluno é o mesmo, não há um plano de recepção para ele.

A educação inclusiva, tem por base que, a escola que se adeque às necessidades dos alunos, com um currículo que possa efetivamente inclui-la, compondo-se de professores e sala de recursos especializados, como dito em lei. Pelos princípios constitucionais, nenhuma escola pode recusar a entrada de um aluno por causa de uma deficiência – nem mesmo as da rede privada.

Objetivos

1. Compreender o perfil dos participantes da pesquisa.
2. Analisar como tem se dado a formação dos professores e estudantes no que diz respeito à inclusão.
3. Avaliar como a educação inclusiva vem sendo implementada:
 - Disponibilidade de recursos e acessibilidade;
 - Trabalho multidisciplinar.

Pesquisamos sobre esse tema para verificar se a Educação Inclusiva - dever do Estado garantido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96 (BRASIL, 1996)¹⁹ - está sendo devidamente implementada, pois os educadores estão reconhecendo, cada vez mais, a diversidade humana e as diferenças individuais que compõem seu grupo de alunos e se deparam com a urgência de transformar o sistema educacional e garantir um ensino de qualidade para todos os estudantes.

Também pesquisamos sobre a formação dos professores na atuação no setor de inclusão. A transformação de paradigma na educação exige professores preparados para a nova prática, de modo que possam atender também às necessidades do ensino inclusivo. O saber está sendo construído à medida que as experiências vão acumulando-se e as práticas anteriores vão sendo transformadas.

Procedimentos Metodológicos

Coletamos dados através de uma pesquisa de opinião, seguindo o método do programa NEPSO (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2010) divulgado em diversas plataformas, feita por meio de um formulário online.

¹⁹ BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 11/02/2022

População, Amostra e Técnica de Amostragem

A população da pesquisa foi professores e gestores de todos os segmentos do território nacional. A amostra foi composta pelos professores e gestores que tiveram ou possuem contato com a educação inclusiva. Selecionamos os respondentes da pesquisa aleatoriamente, aceitando todas as respostas por um determinado período (15/12/2021 - 20/01/2022).

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

Utilizamos como instrumento de coleta de dados um formulário do Google Forms. A estratégia de aplicação do instrumento foi via WhatsApp, postagem nos grupos do Facebook e divulgação na escola de atuação de uma das organizadoras deste trabalho.

Descrição dos dados (com as tabelas e os gráficos) e análise dos resultados

A pesquisa realizada no período de 1 mês e 5 dias, conseguiu atingir 64 profissionais ligados à área da educação, abrangendo 8 estados e o Distrito Federal o que agregou uma variedade socioeconômica-cultural à mesma, enriquecendo nossos resultados com diferentes perspectivas como mostra o gráfico 1 abaixo correspondente à 2ª pergunta presente no formulário:

Reside em qual Estado?

64 respostas



Gráfico 1

Apesar dessa cobertura, 78% dos entrevistados são do Rio de Janeiro, sendo essa a realidade em destaque ao ser trabalhada para análise dos dados. Com base nos gráficos das perguntas gerais da pesquisa, vemos também que 37% dos respondentes têm de 30 a 45 anos; 40% recebem de 2 a 5 salários-mínimos; mais da metade são do sexo feminino; e metade se autodeclararam brancos; têm o ensino superior completo; estão numa instituição de ensino atualmente; e estudaram em uma instituição pública.

Em relação à área de atuação, constatamos no gráfico 2 que em sua maioria os inquiridos são da área da educação, tendo suas ramificações e especificações de área sinalizados; um pouco mais da metade são professores e em algum momento da trajetória no magistério atuaram

em sala de aula e 34% não atuam em nenhum segmento no momento. Dos 43 professores que estão trabalhando em escola, 23% atuam nos anos iniciais do ensino fundamental I, 19% atuam na educação infantil, 12% atuam nos anos finais do ensino fundamental II, 8% atuam no ensino médio e 3% atuam no EJA, como visto nos gráficos 3 e 4.

Qual a sua área de formação?

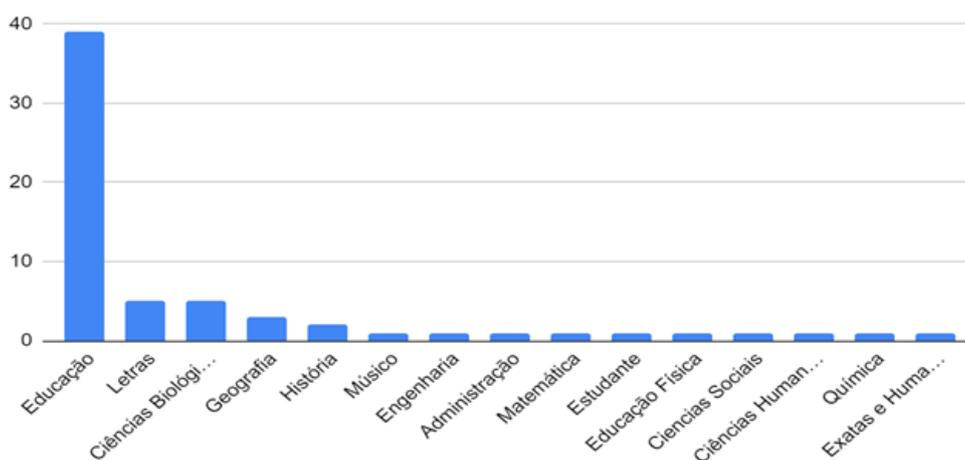


Gráfico 2

Você atualmente trabalha em escola?

64 respostas

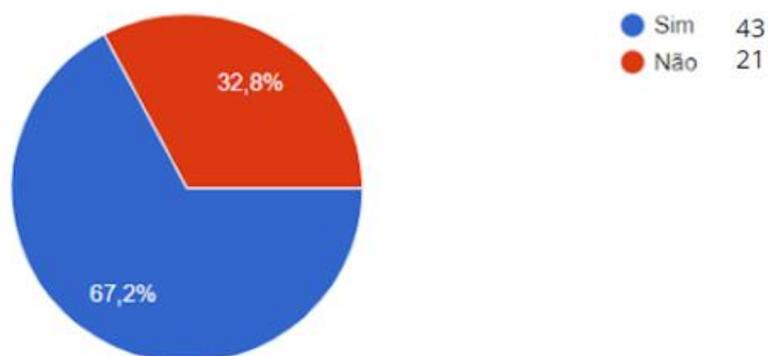


Gráfico 3

Qual o segmento?

64 respostas



Gráfico 4

Das 64 respostas, 67% não receberam formação adequada para atuar com alunos com necessidades educativas especiais, o que corresponde a 43 dos profissionais que responderam à pesquisa (Gráfico 5). Os outros 32%, equivalente a 22 pessoas, tiveram essa formação na pós em Psicopedagogia, 30% nas disciplinas da graduação, 20% em institutos especializados e 10% no Curso Normal.

Você teve formação adequada para atuar com alunos com necessidades educativas especiais?

64 respostas

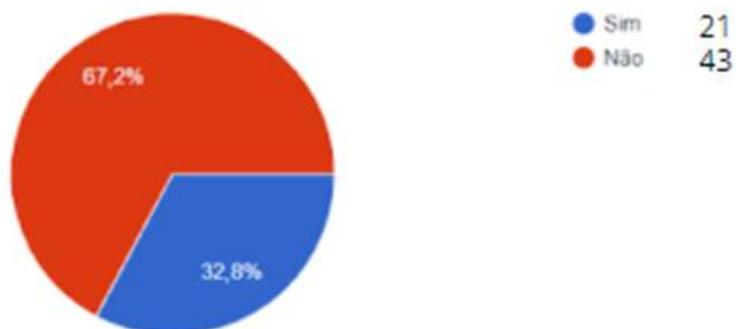


Gráfico 5

Você teve formação adequada para atuar com alunos com necessidades educacionais especiais?

64 respostas

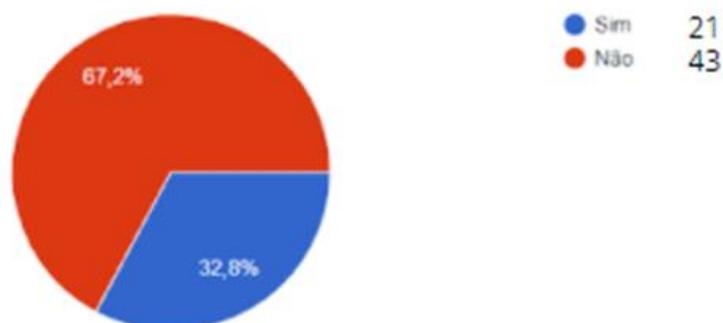


Gráfico 6

Esses dados demonstram a necessidade de aumentarmos a quantidade de disciplinas sobre esse tema nas grades curriculares das graduações, principalmente nas licenciaturas. Quando questionados sobre a participação em disciplinas sobre o tema de forma obrigatória, 37% responderam que tiveram em algum momento da sua formação; e mais 30% participaram, mas de maneira vaga (Gráfico 7). Destes, 40% tiveram duas disciplinas, 33% apenas uma e 26% três ou mais. Um pouco mais de 60% participaram de palestras sobre o tema por interesse próprio. (Gráfico 8)

Durante a sua formação participou de alguma disciplina sobre o tema de forma obrigatória?

64 respostas

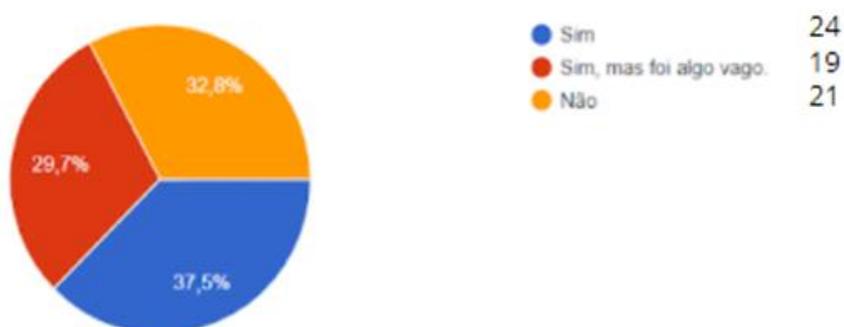


Gráfico 7

Durante a sua formação participou de algum congresso/palestra/seminário que abordasse sobre educação inclusiva por vontade própria?

64 respostas

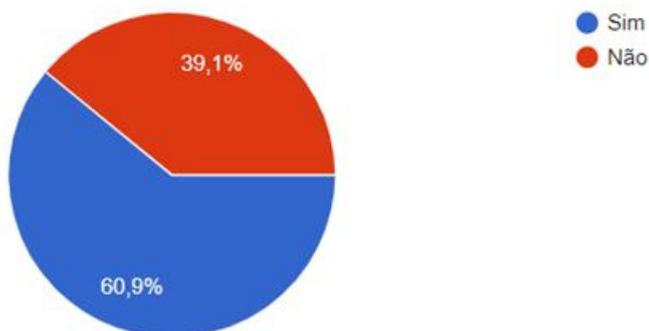


Gráfico 8

Observamos então, que temos uma quantidade interessante de professores que se interessam por educação inclusiva e tiveram contato mais a fundo com a temática por vontade própria, como consta no gráfico 9. Porém, vale ressaltar que 21 educadores nunca, durante toda sua formação, tiveram contato e, em torno de 25, não se interessam em pesquisar mais sobre o tema de forma voluntária.

Se sim, o que te motivou a participar?

38 Respostas

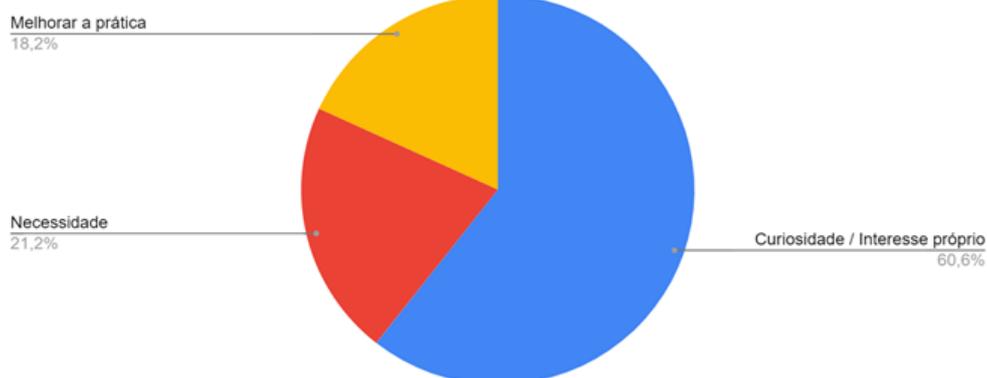


Gráfico 9

Em relação ao trabalho, notamos no gráfico 10 um número expressivo de 75% dos inquiridos disseram trabalhar em uma escola que tem algum aluno com necessidades educativas especiais, e cerca de 65% no gráfico 11 tiveram um profissional exclusivo - monitor, intérprete, auxiliar - para ajudar esse aluno.

Na escola onde você trabalha tem algum aluno com necessidades educativas especiais?

64 respostas

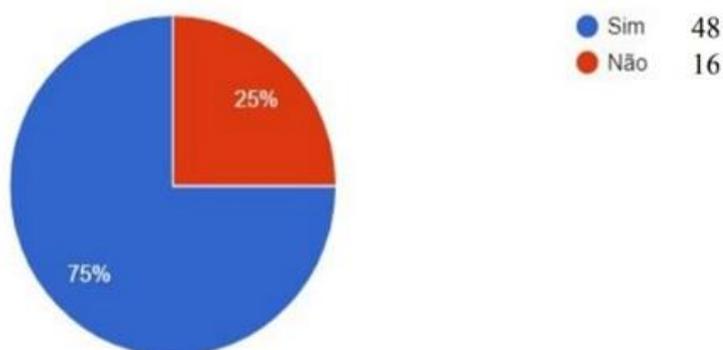


Gráfico 10

Se sim, na sua escola tem algum profissional exclusivo para atender esse aluno (intérprete, monitor, auxiliar)?

51 respostas

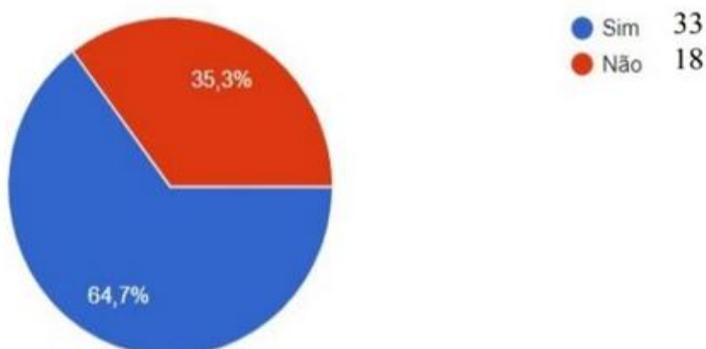


Gráfico 11

Mais da metade dos entrevistados, cerca de 62%, tiveram alunos em situação de inclusão durante a sua trajetória no magistério (Gráfico 12). Ao serem questionados sobre como administraram as aulas com esses alunos: 35% adaptaram a aula para esse aluno e o incluíram na turma, 16% buscaram informações e cursos por vontade própria, 16% não conseguiram

incluir o aluno corretamente, 10% tiveram de auxiliar e 10% fizeram atividades separadas para eles (Gráfico 13).

Durante a sua trajetória no magistério teve algum aluno em situação de inclusão?

64 respostas

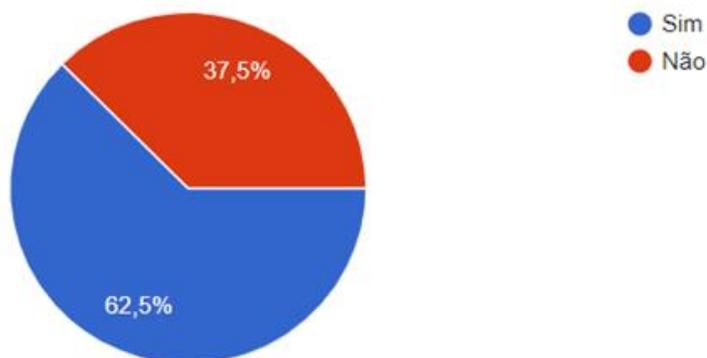


Gráfico 12

Se sim, como administrou a turma na qual esse aluno?

37 Respostas

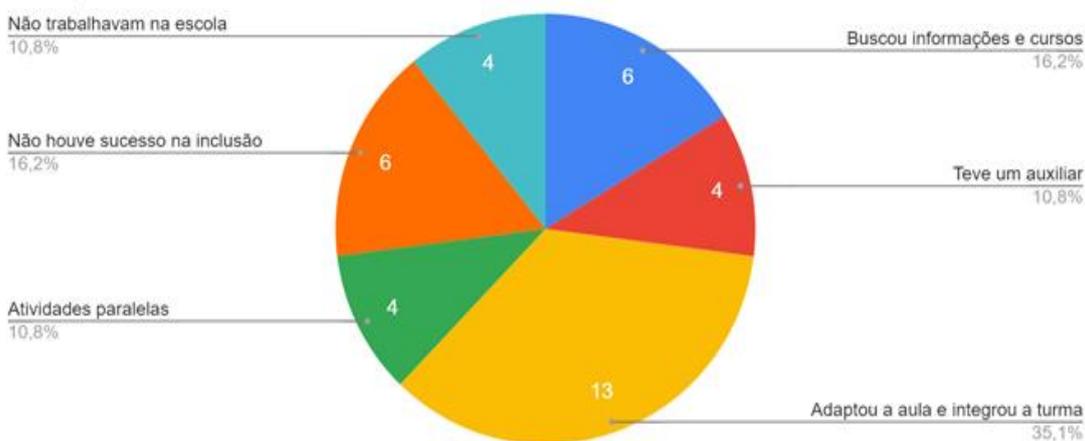


Gráfico 13

Obtivemos 37 relatos nesse momento da pesquisa, dos quais analisamos e destacamos alguns abaixo:

- *“Durante meu estágio tive um aluno diagnosticado com TDAH (transtorno de déficit de atenção e hiperatividade). A professora regente lidava com ele deixando-o com mais liberdades nas aulas, por exemplo, ele pode ir ao banheiro sem terminar a tarefa, podia trocar de lugar, andar pela sala. Ele tinha tarefas e provas adaptadas de acordo com a*

deficiência dele. Nos conselhos de classe os professores praticamente se referiam a ele como "café com leite", ou seja, ele iria ser aprovado não importando os resultados. Durante os momentos em que regi a turma acabei por seguir esse comportamento adotado pela escola e corpo docente em relação a ele." - Estudante de Letras, estado do Rio de Janeiro.

- *"Esta pessoa não é da minha turma, mas fiz algumas disciplinas junto com pessoas com deficiência visual. Os professores procuravam fazer audiodescrição, adaptar os materiais para que pudessem ser lidos em softwares de leitura, e a turma em si procurava acolher da melhor forma. Foram apenas aulas virtuais, então acabamos não tendo tanto contato."* - Estagiária de Pedagogia pela rede municipal, atuando no segmento de Educação Infantil, estado do Rio de Janeiro.
- *"Eram 4 alunos adultos surdos no noturno. Havia uma intérprete de libras que nitidamente não entendia minha explicação e apenas traduzia para eles literalmente, o que gerava o mesmo padrão de erros e acertos nas provas."* - Professor de geografia pela rede estadual, atuando no segmento do Ensino Médio, estado do Rio de Janeiro.
- *"Confesso que não foi fácil, tive dois autistas numa mesma turma. Crianças maravilhosas, mas eu, na ocasião, tinha uma turma com 28 alunos e 1 cuidadora para escola toda, minha atuação para o desenvolvimento das crianças ficou a desejar com certeza."* - Diretora de escola infantil da rede municipal, estado de São Paulo.
- *"Não tive problemas com os incluídos. Tive com alunos que o responsável não queria reconhecer a deficiência."* - Professora de inglês pela rede municipal, atuando no segmento de anos finais do ensino fundamental, estado do Rio de Janeiro.

É visto aqui o carecimento da qualidade do serviço prestado pela falta de formação e conhecimentos adequados relativos aos alunos com necessidades educativas especiais. Alguns relatos expressam também a importância de estarmos sempre atualizados nas plataformas, aplicativos e softwares que cada vez mais vem surgindo em busca de facilitar a vida do aluno NEE e também do docente como mestre detentor do conhecimento acadêmico. Há a necessidade de divulgar e aumentar os programas e/ou projetos a nível governamental sobre educação inclusiva para qualificar esses profissionais tanto no âmbito profissional, e assim administrar as aulas com esses alunos corretamente, quanto pessoal no que se diz respeito a empatia.

Ao que se refere a acessibilidade nas escolas, previsto na lei de acessibilidade espacial - Lei Federal nº. 10.098/2000 (BRASIL, 200)²⁰ - as instalações nas instituições frequentadas pelos educadores desta pesquisa: 58% dos inquiridos trabalharam em escolas com instalações adequadas para alunos deficientes, dessas escolas, 48% tinham rampas e banheiros e 56% não tinham recursos tecnológicos para esses alunos, das que tinham, 65% tinham salas multifuncionais. (Gráficos 14, 15 e 16). Aqui demonstra-se o déficit de infraestrutura física,

²⁰ BRASIL. Lei nº. 10.098, de 19 de Dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm. Acesso em: 22/01/2022

reparo e atualização destas estruturas nas escolas, além da necessidade de proporcionar mais recursos tecnológicos para que haja melhor acolhimentos de todos seus estudantes.

A escola em que trabalha possui instalações adequadas para esses alunos? (rampa, elevador, banheiro e etc.)

64 respostas

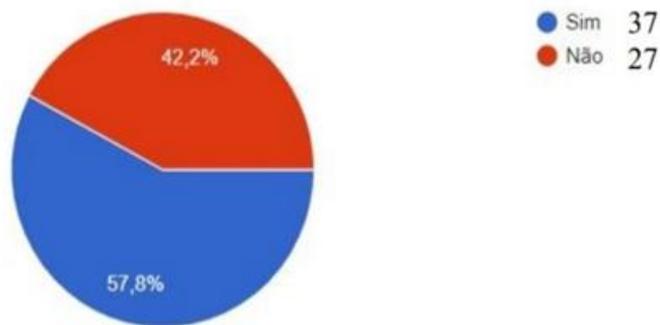


Gráfico 14

A escola em que trabalha possui algum recurso para ajudar esse aluno? (salas multifuncionais, uso da tecnologia e etc.)

64 respostas

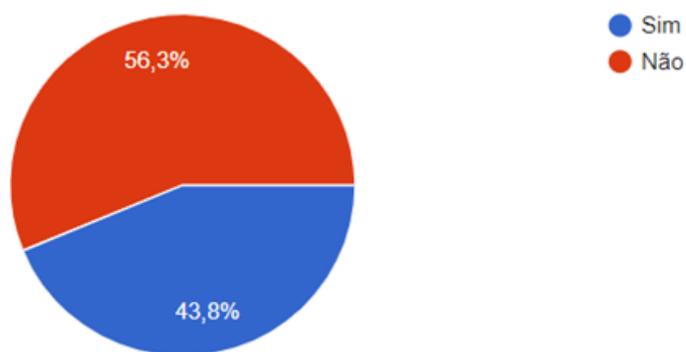


Gráfico 15

Se possuir, qual esse recurso?

26 Respostas

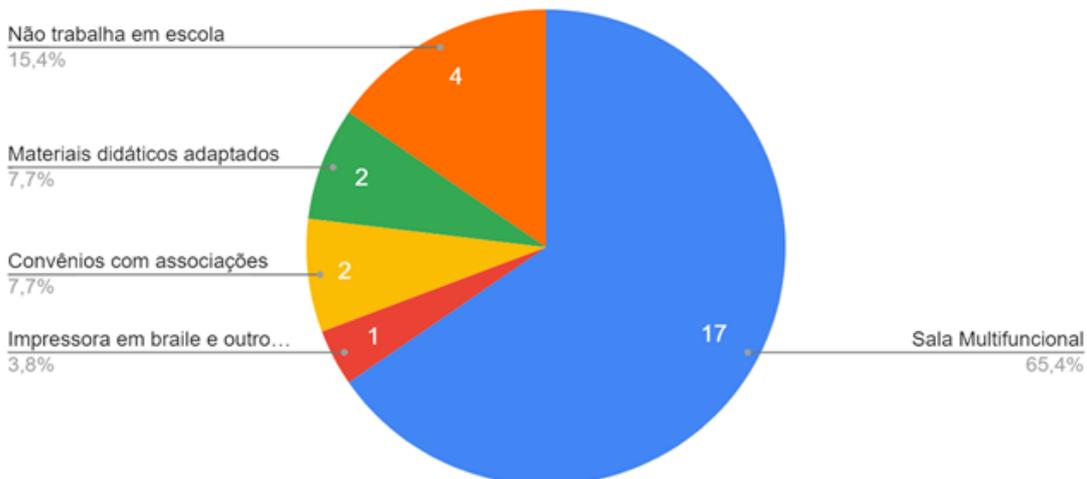


Gráfico 16

Em relação a atuação de profissionais da saúde nas escolas, 66% disseram que não tinham um profissional de saúde na instituição e 62% responderam que eles não tinham por falta de interesse da escola e 60% por falta de recursos, porém 89% acham importante ter um profissional de saúde na escola como vemos no gráfico 17 e em alguns comentários a seguir:

Você acha importante ter um profissional de saúde na sua escola?

64 respostas

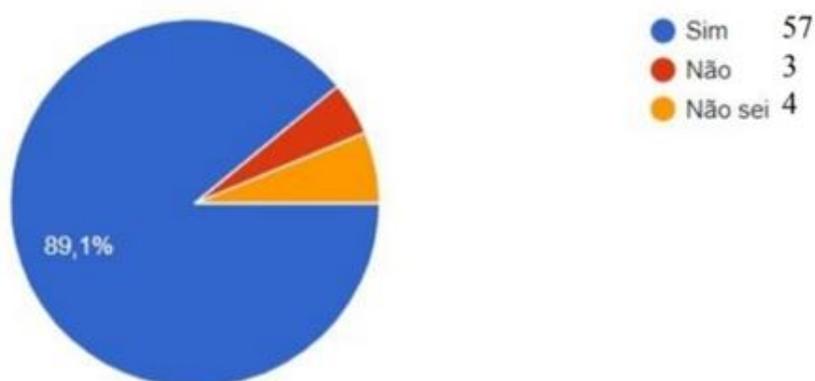


Gráfico 17

- *“É muito importante estreitar as relações educativas que ocorrem na escola com os profissionais da área da saúde. A escola deveria ser o primeiro lugar a dar suporte para que as crianças tenham um pleno acesso aos serviços de pediatria, odontologia das infâncias, e o amplo atendimento à sua saúde mental sendo acompanhada por um profissional psicólogo.” - Pedagogo pela rede municipal, atuando no segmento dos anos iniciais do ensino fundamental, estado do Rio de Janeiro*
- *“Vejo a importância da presença da psicóloga especialmente para os alunos com deficiência e até mesmo crianças sem diagnóstico que, graças à percepção das professoras e ao auxílio dessa profissional, conseguem conversar com a família, ajudar na busca por um laudo que auxilie o início do tratamento necessário àquela criança.” - Estagiária de Pedagogia pela rede municipal, atuando no segmento de Educação Infantil, estado do Rio de Janeiro.*
- *“Durante nosso percurso como professor em muitas situações necessitamos de ajuda e consultorias de outros profissionais, como por exemplo de um psicólogo para conversar sobre saúde mental com os alunos, um pedagogo para procurar saber a melhor metodologia a ser aplicada para um aluno diagnosticado com TDAH, por exemplo, ou qualquer outro caso cujo diagnóstico interfira no modo de aprendizagem.” - Estudante de Letras, estado de São Paulo.*
- *“Em uma escola pública municipal que eu trabalhei por 2 anos e 4 meses, tinham alunos com alguns distúrbios diagnosticados por exame médico, mas a escola não possuía nenhum psicólogo para acompanhar tais alunos. Muitas vezes tínhamos que fazer o papel de psicóloga sem ser.” - Graduada em História, estado do Rio Grande do Norte.*

Assim, se deve providenciar profissionais de saúde nas escolas para que possam oferecer um maior suporte aos professores e estudantes, priorizando não só os cuidados básicos e de primeiros socorros, como também a saúde mental e emocional.

No que tange às redes de apoio, 44% do total dos entrevistados não tem uma rede de apoio na escola e apenas 28% tiveram (Gráfico 18), mas 100% acham que deveriam ter essa rede de apoio, mostrando a relevância e necessidade de criarmos essa rede para fortalecer as relações da escola nos pilares básicos que são o aluno, a família, a escola e a comunidade.

A sua escola tem alguma rede de apoio entre os alunos, as famílias, os docentes e os profissionais de saúde que atendem os alunos com necessidades especiais?

64 respostas

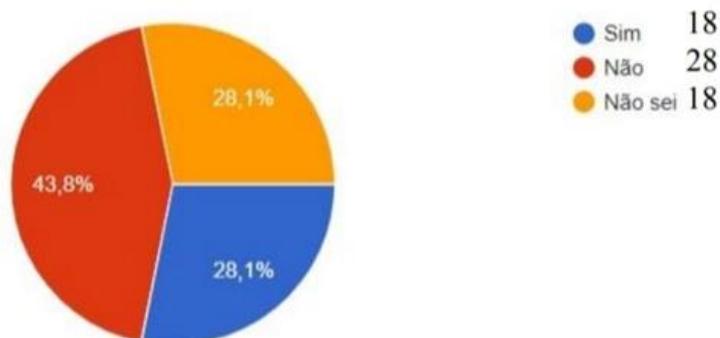


Gráfico 18.

Em seguida, destacamos algumas justificativas dadas ao serem questionados sobre a importância de uma rede de apoio:

- *“Eu possuo deficiência auditiva e sei como é complicado às vezes para pessoas que possuem deficiência assim como eu. Já passei por eventos como não entender o que o professor explicou e ele falar que eu não estava prestando atenção, mesmo sendo uma aluna esforçada. Tenho dificuldade em entender quando a voz não é familiar, eu posso ouvir e não entender.” - Estudante de Pedagogia, estado do Rio de Janeiro.*
- *“A participação de todas as instâncias que têm algum envolvimento com a escola é essencial, pois na escola há muito que se debater, acertar, para que o espaço seja acolhedor para todas as pessoas, tendo elas alguma necessidade especial ou não. Dito isso, é fácil compreender que a inclusão de um aluno PNEE seria muito mais assertiva no espaço da escola se todos os envolvidos, direta ou indiretamente, com as questões da escola colaborassem com o processo.” - Estudante de Pedagogia, Distrito Federal.*
- *“Principalmente nos tempos em que vivemos, estamos esgotados emocionalmente. É extremamente necessário que tenhamos um apoio psicológico para nos mantermos minimamente equilibrados.” - Auxiliar de turma na rede privada, atuando no segmento anos iniciais do ensino fundamental, estado do Rio de Janeiro.*
- *“Muitas vezes o ambiente escolar pode ser o primeiro contato com pessoas fora do ciclo familiar de um aluno portador de necessidade, sendo este um momento em que o aluno em questão, os colegas, os professores e as famílias devem conversar e compartilhar informações e experiências para adaptação e permanência desses alunos.” - Estudante de Letras, estado do Rio Grande do Norte.*
- *“A conexão entre família e escola é um dos fatores principais na educação, principalmente do ensino básico. Sem essa ponte é muito mais difícil entender as necessidades do estudante e promover a melhor adaptação possível, tendo em vista que elas podem mudar ao longo da trajetória escolar por inúmeros motivos.” - Estudante de Ciências Humanas, estado do Rio de Janeiro.*

Conclusão e Recomendações

Ao fazermos a leitura global de todos os dados e gráficos coletados, vemos diversas vivências relatadas por pessoas de diferentes partes do território nacional. Neste relatório nós analisamos as amostras de 64 profissionais e estudantes que atuam ou já atuaram com a premissa da educação inclusiva. Encontramos evidências consistentes de que as configurações inclusivas de ensino — em que as crianças com deficiência são escolarizadas ao lado de seus colegas sem deficiência — nem sempre possuem o aporte e infraestrutura escolar necessária. As evidências também sugerem que, na maioria dos casos, os profissionais de educação em sua formação não recebem uma orientação adequada, e que muitas vezes só conseguem essas informações após a procura por necessidade ou vontade própria ao se deparar com a necessidade de promover a inclusão de alunos com necessidades especiais na prática escolar.

Esse problema é presente no país, e apesar de ser estudado de várias maneiras e apresentar pequenas diferenças com determinadas populações, a grande maioria reporta a mesma situação explicitada neste documento. Ou seja, oferecem uma mensagem clara de que, é necessário repensar a grade curricular de formação dos educadores, devem ser inseridas disciplinas curriculares obrigatórias nos cursos de formação de licenciaturas, conhecimento de práticas pedagógicas inclusivas, técnicas que facilitem o acesso da pessoa com deficiência ao ensino regular. No que diz respeito ao ambiente, com base nos resultados, pode-se inferir, que, quanto à cultura inclusiva nos espaços escolares, ainda há muitos fatores para se desenvolver, a começar pela infraestrutura física. Na maioria dos casos a organização do ambiente escolar não é favorável às aprendizagens entre os pares, existe a necessidade de uma projeção para atender às diferentes características e necessidades dessa população.

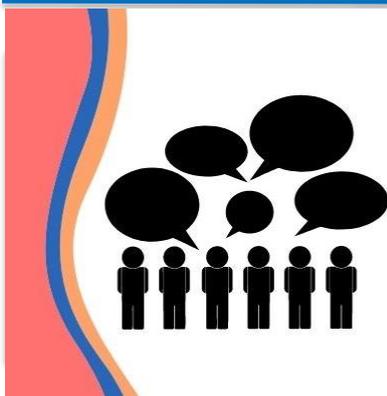
Por todo exposto, visamos fomentar discussões acerca da problemática. Considera-se que os resultados encontrados são significativos sobre o tema em pauta. Em função da pesquisa, almeja-se contribuir para a transformação da conscientização do verdadeiro cotidiano escolar, intencionando à melhoria da escola e educação para todos.

Referências

BRASIL. Lei nº. 10.098, de 19 de Dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm. Acesso em: 22/01/2022.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 11/02/2022.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: saiba por que ela é tão importante para o ensino - Faculdade Unyleya. Disponível em: <https://blog.unyleya.edu.br/inicie-sua-carreira/educacao-inclusiva>.



ESTUDANTES DE PEDAGOGIA E O MERCADO DE TRABALHO

*Gilmar Paulino dos Santos Bosco,
Giulia Dantas Henriques Santiago,
Jaciany Ferreira Honório*

Introdução

Quando se trata da formação acadêmica, há uma grande preocupação, sobretudo nos dias de hoje, em relação ao mercado de trabalho e à empregabilidade. Essa preocupação não afeta apenas os estudantes que estão cursando ou concluindo a graduação, ela pode aparecer em momentos que precedem a escolha do curso, em fatores que influenciam também a expectativa profissional do estudante a longo prazo.

Justificativa

Foi realizada em 2018, por alunos de graduação na USP, uma pesquisa de opinião contando 101 estudantes do ensino médio e cursinho pré-vestibular com idade média de 18 anos, pertencentes a instituições de ensino públicas e privadas do município de Bauru, São Paulo com interesse na área de humanas. De acordo com Margareth Arthur (Jornal da USP, 2018):

(...)os fatores que mais pesam na escolha da profissão são: o apreço pela área, o piso salarial da carreira e a afinidade com disciplinas do ensino médio. Já na escolha do curso de graduação: o desejo de pertencer a uma instituição pública, identificar-se com a área e a situação do mercado de trabalho.

Com relação ao jovem inserido na universidade, seja em contexto de graduandos ou formandos, essa preocupação se torna ainda mais presente. Visto que há altas taxas de desemprego, principalmente na população jovem, que afligem e impactam diretamente a população universitária. Segundo dados do IBGE publicados em 10 de março de 2021, a taxa de desemprego dos jovens de 18 a 24 anos ficou em 29,8% ao final de 2020, com alta de 6 pontos percentuais, tendo a maior taxa anual desde 2012 (PODER 360, 2021).

De acordo com o blog Agência Brasil (2020), referenciando dados do Mapa do Ensino Superior no Brasil 2020 realizado pelo Instituto Semesp, essa faixa etária representa aproximadamente mais da metade das matrículas no ensino superior. 59,2% são feitas em instituições públicas e 53,7% em privadas, de alunos com idade entre 19 e 24 anos.

Pensando nas pessoas que já se formaram; se por um lado em uma pesquisa realizada pelo NUBE (2021) com 8.465 brasileiros, a cada dez profissionais que receberam seus diplomas entre 2019 e 2020, cinco estão sem trabalhar e 28% deles desempregados há mais de um ano (Economia UOL, 2021). Por outro lado, num levantamento realizado pelo Instituto Semesp (2021), referenciado no blog Agência Brasil, entre agosto e outubro de 2021 com 3.086

egressos do ensino superior, 82,2% dos formados relataram melhora na colocação no mercado de trabalho. Outra análise notável, ressaltada no blog, foi que 64,4% dos egressos que ainda não conseguiram o primeiro emprego se formaram entre 2019 e 2021, durante a pandemia de covid-19.

O pensamento dos discentes a respeito de suas pretensões sobre o mercado de trabalho diante deste cenário apresentado parece ser incerto. Tendo em vista esses dados, gostaríamos de compreender o panorama do curso de pedagogia, visto que ele representa um dos 10 maiores cursos em números de matrícula, ocupando 2º posição, atrás apenas do curso de direito, com 815.959 matrículas (INEP, 2019, p.50).

Objetivos da Pesquisa

Os objetivos que contemplam essa pesquisa culminam em compreender a possível relação entre as expectativas profissionais dos estudantes no curso da Pedagogia com o mercado de trabalho. Entendendo que, ao tomarem a decisão de seguir carreira na área, diversos fatores serão agentes influenciadores no decorrer do processo. Que vão desde o ingresso até a formação e inserção no mercado de trabalho.

Com isso, e através disso, conhecer o perfil dos estudantes do curso de Pedagogia, buscando identificar as similaridades e diferenças entre eles, suas expectativas e novas possibilidades sobre o curso, afinal o mesmo se renova o tempo todo (novas aplicabilidades do conhecimento gerado ao decorrer da formação).

Procedimentos Metodológicos

Fizemos uma pesquisa de opinião, segundo o método do programa NEPSO (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2010) através de um questionário no formato Google Forms. A partir desses resultados, refletimos e estabelecemos relações entre as informações pré ingresso (escolha do curso) e as expectativas do estudante (durante e/ou pós curso).

População

Optamos por trabalhar com alunos graduandos de pedagogia do curso vespertino e noturno, em diversas universidades públicas e privadas do Rio de Janeiro, que se disponibilizaram a responder voluntariamente o questionário divulgado.

Amostra e Técnica de Amostragem

Desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, leva-se em conta o período de dezembro de 2021 (pandêmico) e começo de janeiro de 2022, e a probabilidade de alunos que conseguimos alcançar através das redes sociais. Buscamos alcançar em média 100 alunos cursando pedagogia no vespertino ou noturno, em instituições de ensino superior no estado do Rio de Janeiro, porém obtivemos 42 respondentes.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

O questionário foi desenvolvido via Google Formulários dividido em três seções (Estudantes de Pedagogia e o Mercado de Trabalho, Cursando pedagogia..., e Mercado de Trabalho), a fim

de estimular a interação com o entrevistado; imagem retirada do Google imagens com autor desconhecido. Nesse questionário utilizamos perguntas com a opção de resposta de múltipla escolha, caixa de seleção tornando possível mais de uma alternativa, caixa linear e caixa de texto. Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/1Nv9LXlqQfvTxyJv6WyW5sUVth8lw-q2kYd4ljiMKFKg/prefill>.

Atraímos o público por meio de divulgação através das redes sociais como páginas no Instagram, grupos de estudantes universitários de pedagogia no Facebook e no WhatsApp. Com isto, enviamos um link contendo um formulário Google Forms via WhatsApp para os estudantes que se dispuseram a participar da pesquisa voluntariamente.

Descrição dos Dados e Análise dos Resultados

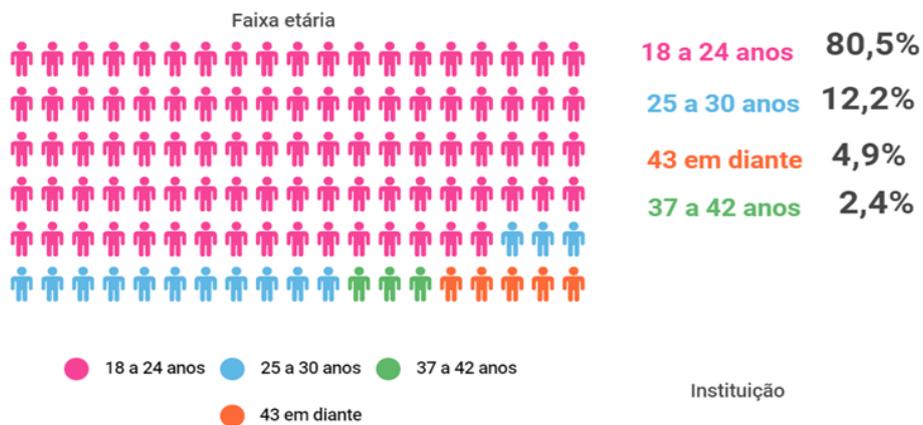


Gráfico 1: Qual a faixa etária dos alunos entrevistados?

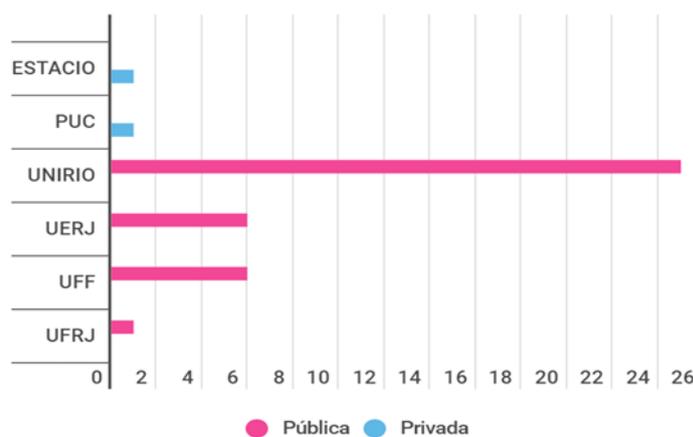


Gráfico 2: Universidade dos alunos respondentes

A grande maioria das pessoas que respondeu ao questionário pertence às universidades públicas, portanto a realidade dos dados coletados equivale dentro desse espectro. Ainda dentro do contexto das universidades, a grande maioria pertence à UNIRIO, logo esse é o primeiro recorte que precisa ser feito ao analisar e correlacionar os dados conseguintes.

Nenhuma resposta pertence aos estudantes da modalidade EAD de ensino, apenas presencial dos estudantes matriculados no presencial, 48,8% (a maioria) pertence ao turno vespertino e 36,6% ao noturno. Por estes dados serem os de maior destaque neste ponto, a conclusão que se tira é justamente a sobreposição da realidade dos estudantes matriculados na UNIRIO, em primeiro ponto, e, também, de questões voltadas a outras demandas dentro da trajetória acadêmica, como não serem necessariamente do grupo de estudantes trabalhadores.

Em qual período estão os respondentes?	
períodos iniciais (1° ao 4° período)	26 estudantes
meio-final do curso (5° ao 8° período)	14 estudantes
respostas inconclusivas	1 estudante

Tabela 1: Período em que se encontram os respondentes.

Demonstrativo dos períodos dos alunos respondentes: 63,41% dos estudantes estão matriculados, no momento da pesquisa, em períodos iniciais, portanto a expectativa em relação ao mercado de trabalho, bem como sua vida acadêmica, depende de outro ponto de vista, em relação a quem está se formando.

"Pensando no começo da sua trajetória, qual desses fatores abaixo motivou seu ingresso na Pedagogia?"

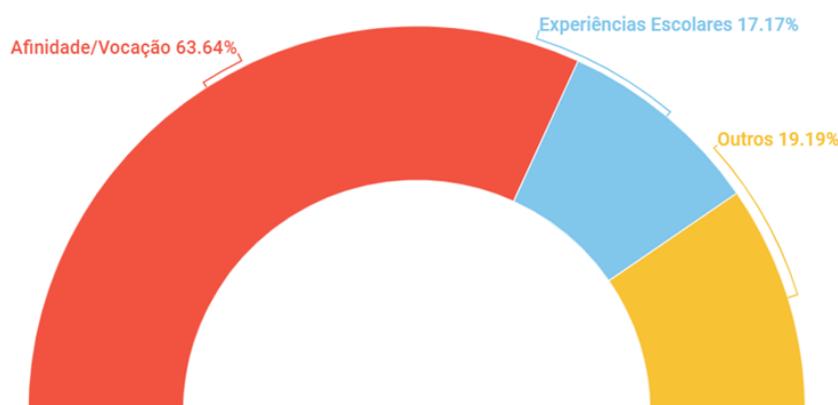


Gráfico 3: Motivo do ingresso

Dentro do espectro das motivações que levaram o estudante ao curso, a maioria (63,4%) foi por afinidade/vocação com a área, seguido das experiências escolares (17,1%), o que leva a crer em um primeiro momento que a decisão não foi tomada principalmente por força familiar, experiência no mercado de trabalho e nem como última opção.

"Dentro das áreas abaixo, selecione 3 quais você possui maior interesse?"

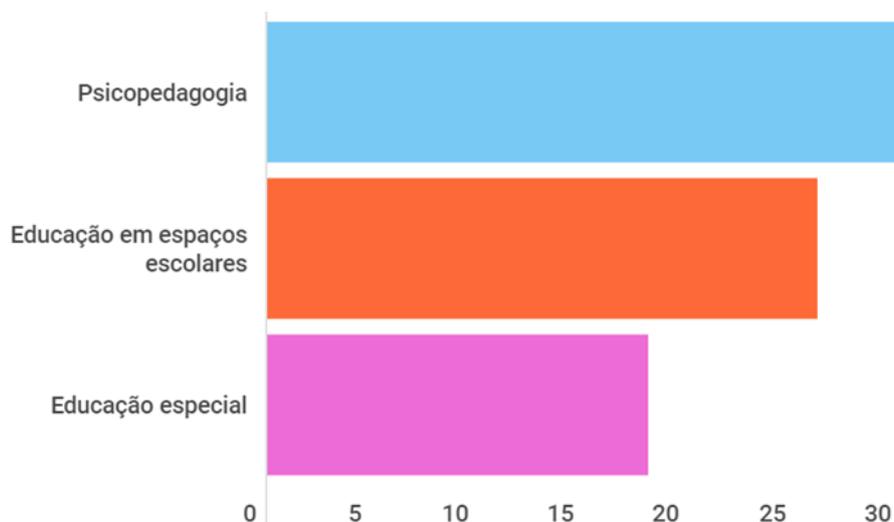


Gráfico 4: Interesse nas áreas

No que se trata da área dentro da Pedagogia que mais lhe interessa, 73% das respostas se direcionaram à Psicopedagogia, 63% à educação em espaços escolares e 43,9% à educação especial, sendo essas as mais pontuadas.

Dos estudantes que desejam aplicar os conhecimentos adquiridos no curso de Pedagogia.

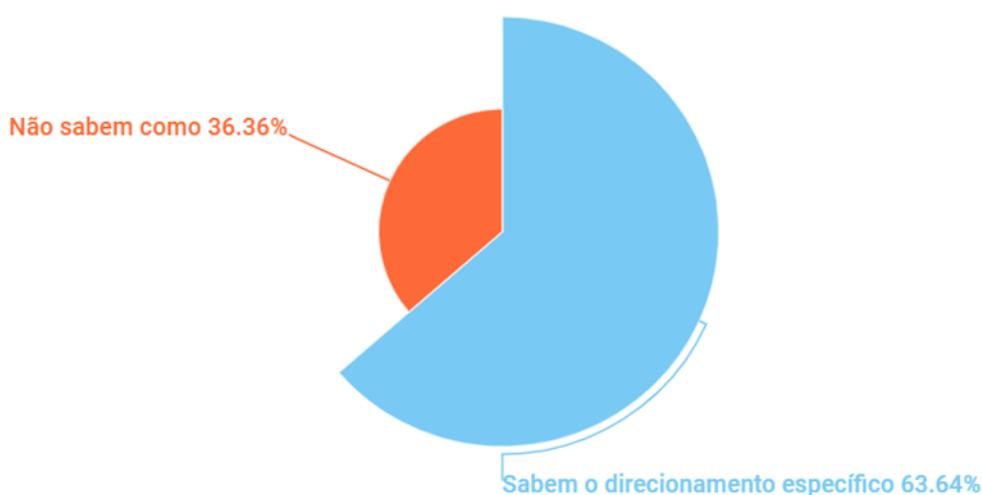


Gráfico 5: Aplicação de conhecimentos pedagógicos

Ainda dentro do ponto das áreas de interesse, 92,6% das respostas pontuaram que querem aplicar o que desenvolveram durante a formação nas suas respectivas áreas de trabalho, onde 63,15% sabem o direcionamento específico para a sua área de atuação, porém há o número alto de respostas (36,84%) que não sabem como fazer isso na prática.

Como estão experienciando o mercado de trabalho? Análise feita a partir das questões da seção 3 do formulário "Mercado de Trabalho".



Gráfico 6: Taxa de empregabilidade entre os respondentes.

Quando questionados sobre sua situação no mercado de trabalho, a maioria respondeu que se encontra desempregada (34,1%), em seguida, 26,8% e 22% se encontram empregado e estagiando respectivamente. Dados obtidos a partir da pergunta "Você se encontra atualmente" com a disposição das opções Empregado, Desempregado, estagiando, Trabalhando de forma autônoma e Outros.

Aqui há uma correlação com a questão do desejo de se estar empregados até o fim da graduação, o que preocupa a maioria não ter um emprego ou até mesmo um ofício dentro da sua área de formação, ainda que a o maior número de respostas sejam referentes aos estudantes em início de formação, essa preocupação com o futuro dentro da Pedagogia e o seu mercado de trabalho se inicia já muito cedo. Todos os respondentes acreditam que até o fim da sua graduação estejam empregados, porém quando se trata de experiência dentro da Pedagogia, 41,5% não obteve até o presente momento, e desse montante 68,4% alegam falta de oportunidade no mercado de trabalho. Ou seja, o problema da baixa expectativa com a Pedagogia por parte dos estudantes equivale a sua recém-chegada à universidade, ou até mesmo à falta de conhecimento na área, ou aqui estamos falando dessa baixa expectativa ser

resultado da falta de oportunidade que o mercado de trabalho apresenta? Os níveis do desemprego em relação ao país têm influência nesses dados?

Nesse sentido, dois pontos se dialogam como consequência deste questionamento: a mudança da expectativa com o mercado de trabalho durante a trajetória acadêmica e o quanto preocupado se encontram no processo. Porém, há dois caminhos a serem considerados dentro das respostas apresentadas.

Primeiro, a maioria (56,1%) respondeu ter modificado sua expectativa com a área durante seu curso, o que leva a crer justamente na perspectiva de quem está desempregado e tem que lidar com o receio do desemprego durante e após a sua formação. Apesar disso, 93,3% dos estudantes desempregados acreditam que sua colocação no mercado de trabalho será melhor ao concluir a graduação.

O segundo ponto é, se tratando que a maioria adentrou na universidade sem ter uma experiência prévia na área, aqui estamos falando sobre a quebra da expectativa com a área na ótica do subjetivo. Logo, quem não se encontra empregado, além de lidar com o medo de não conseguir um emprego, lida com o medo de se iludir com a área escolhida, seja ela em relação ao mercado de trabalho e/ou em relação a si mesmo, na identificação com a área.

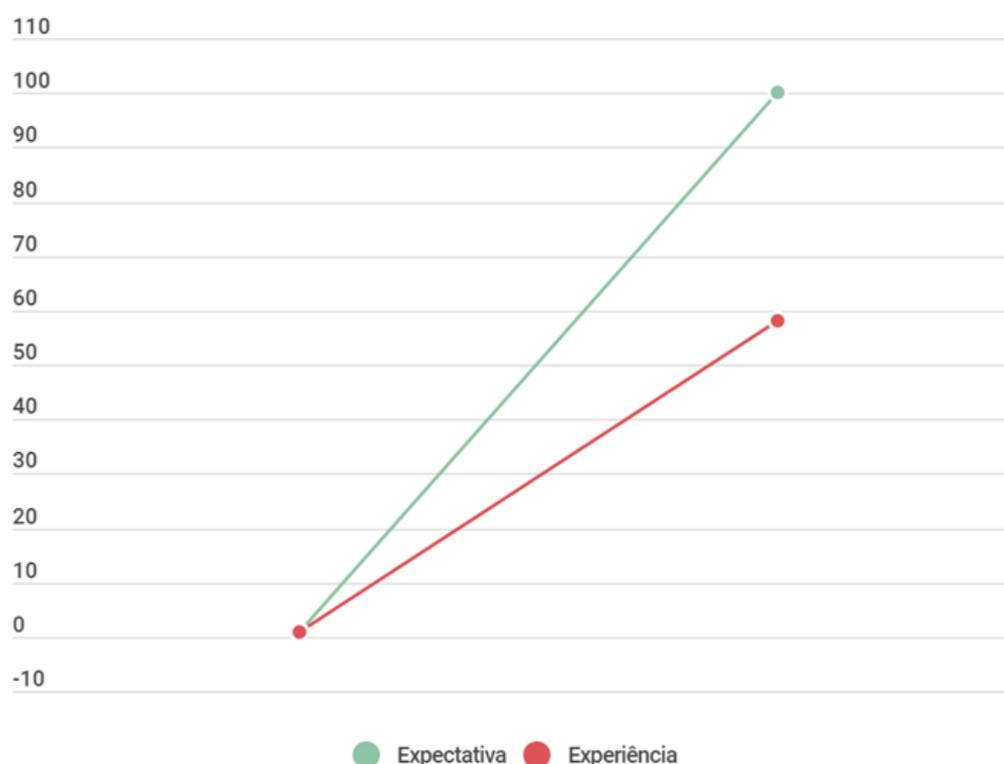


Gráfico 7: Comparação entre os estudantes que esperam estar empregados até o final do curso e os que já tiveram alguma experiência na área.

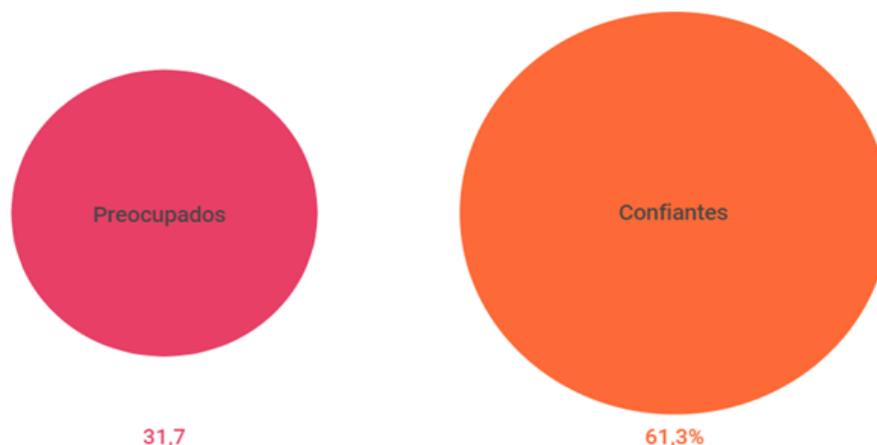


Gráfico 8: Taxa de preocupação com a empregabilidade dos alunos

Na pergunta "O quão preocupado com a empregabilidade após a conclusão do curso você se enxerga" 31,7% dos respondentes (13 pessoas) assinalaram que se encontram preocupados, 4,9% não souberam responder, e aproximadamente 61,3% afirmaram estar confiantes.

Conclusão e Recomendações

Conclui-se que os alunos que buscam a carreira pedagógica ingressam no curso esperançosos da profissionalização, porém a perspectiva sobre o mercado de trabalho tende a diluir-se conforme as dificuldades com o desemprego, acendendo um alerta vermelho na segurança desses jovens a respeito da empregabilidade sobretudo em relação às taxas de oportunidade, de seguridade social e de ascensão na carreira profissional. Por fim, resultando no processo de desilusão com a escolha do curso e o desmantelamento da crença de sua vocação para a área. Recomendamos que haja cada vez mais estudos em escala regional ou até mesmo nacional a respeito da perspectiva desses estudantes e o que pensam sobre o mercado de trabalho, a fim de produzir a partir disso uma percepção mais ampla do que pode ser aperfeiçoado dentro da busca profissional e a produção de políticas públicas que visam a melhoria de oportunidades sobretudo na inserção no mercado de trabalho e reconhecimento profissional.

Referências

ALBUQUERQUE, Flávia. Formados no ensino superior perceberam melhora para conseguir emprego. Agência Brasil. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-11/formados-no-ensino-superior-tiveram-melhora-para-conseguir-emprego>. Acesso em: 29 de jan de 2022.

ARTUR, Margareth. Pesquisa investigou o que estudantes avaliam ao escolher curso superior. Jornal da USP. 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/pesquisa-investigou-o-que-estudantes-avaliaram-ao-escolher-curso-superior>. Acesso em: 29 de jan. de 2022.

Assessoria de Imprensa do INEP. Altos índices de desistência na graduação revelam fragilidade do ensino médio, avalia ministro. Ministério da educação. 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32044-censo-da-educacaosuperior#:~:text=S%C3%A3o%20ofertados%2033%20mil%20cursos,2.364%20institui%C3%A7%C3%B5es%20de%20ensino%20superior>. Acesso em: 29 de jan. de 2022.

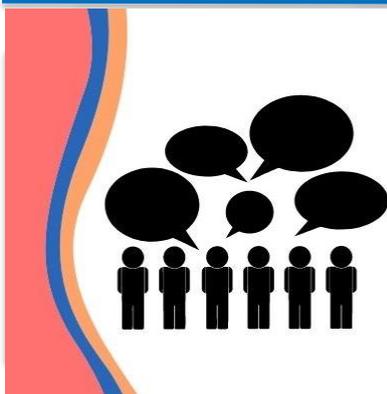
INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Censo da Educação Superior 2019: Divulgação dos resultados. Brasília: INEP, 2020. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Apresentacao_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf. Acesso em: 10 de fevereiro de 2022.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor. 2 ed. São Paulo: Global, 2002.

PEDUZZI, Pedro. Mapa do Ensino Superior aponta maioria feminina e branca. Agência Brasil. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-05/mapa-do-ensino-superior-aponta-para-maioria-feminina-e-branca>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2022.

RODRIGUES, Douglas. Desemprego atinge 29,8% dos jovens no Brasil, diz IBGE. Poder 360. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/desemprego-atinge-298-dos-jovens-no-brasil-diz-ibge/#:~:text=A%20taxa%20de%20desemprego%20entre,s%C3%A9rie%20hist%C3%B3rica%20iniciada%20em%202012>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2022.

SOBRINHO, Wanderley. Empregos e Carreiras: 5 em cada 10 formados entre 2019 e 2020 estão sem trabalhar. UOL. 2021. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/04/18/desemprego-coronavirus-recem-formados-pesquisa-diploma.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 29 de jan de 2022.



EVASÃO UNIVERSITÁRIA

*Beatriz Marinho Gomes Da Costa, Danillo Santana
Gomes, Marcelly Pereira Brandão,
Roberta de Aquino Sandre Pereira Matos*

Introdução

Para a sociedade, ter o ensino superior é considerado importante pois, além da busca pela realização pessoal, o diploma superior em tese facilitaria o ingresso dos indivíduos no mercado de trabalho, oferecendo mais oportunidades para a ascensão profissional. Segundo Severino (2008):

Comprometida com o conhecimento, a Universidade precisa estar comprometida também, por decorrência, com a extensão e a pesquisa, tanto quanto com o ensino. Lugar de produção, sistematização e disseminação do conhecimento, a universidade brasileira precisa ser a mediação da cidadania e da democracia. (SEVERINO, 2008, p. 75)

No entanto, muitas pessoas se veem enfrentando dificuldades para continuar os estudos e, em decorrência disso, a evasão estudantil é um problema que atinge os diversos níveis de ensino, afetando os resultados dos sistemas educacionais, e o ensino superior não escapa dessa realidade. No Brasil este fenômeno preocupa todas as instituições de grau superior, sejam elas privadas ou públicas. Com isso, no ano de 1955 preocupados com essa realidade é criada a Comissão Especial de Estudos sobre Evasão pela portaria MEC/SESU (Brasil,1996) com o objetivo de desenvolver pesquisas sobre o desempenho das instituições federais de ensino superior.

Muitos são os fatores que contribuem para o aumento dos casos de evasão universitária, mas ela não pode ser só entendida apenas como o abandono do aluno. Nessa acepção, a evasão remete apenas a uma decisão pessoal do próprio aluno, o qual decide por algum motivo deixar e desistir de estudar. Segundo Nagai e Cardoso (2017, p. 197), “no âmbito pessoal tais consequências podem ser traduzidas em sentimentos de frustração, incapacidade intelectual, insegurança, medo e fracasso. Também podem afetar áreas na esfera psicológica, física, escolar e interpessoal do discente”. Mas devemos averiguar quais as outras razões para que ocorra este fenômeno como ressaltam Nagai e Cardoso (2017):

(...) universidades enfrentam ineficiência no uso de seus orçamentos, pois se planejam para atender um número maior de alunos, mas mantém a mesma estrutura para atender a um número reduzido de alunos, provocando prejuízos econômicos para a instituição que por sua vez são refletidos na sociedade. (NAGAI e CARDOSO, 2017, p. 197)

Outros fatores podem influenciar, como por exemplo o horário das aulas que entram em conflito com a carga horária do emprego, a responsabilidade que o estudante possui com

outras pessoas do seu núcleo familiar, a dificuldade no acesso às instalações das universidades por carência no transporte público, carência de políticas públicas educacionais, entre outros.

Portanto, o objeto do nosso estudo será a evasão universitária e como esse processo se dá na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, para analisarmos quais os principais motivos que levam a esta situação.

Justificativa

A pesquisa de opinião preocupou-se em estudar o tema da evasão no ensino superior, especialmente na UNIRIO, pois era um tema já muito debatido antes da pandemia, por diversos fatores, como por exemplo de caráter político, institucional. Entre as causas da não conclusão com sucesso dos cursos, podemos afirmar também, que estes fatores se relacionam principalmente com a falta de condições socioeconômicas para que o estudante tenha desempenho acadêmico adequado. São alguns exemplos: o custo do material didático e paradidático; o custo de transporte; o custo de vida representado por alimentação, vestuário, atividades culturais e de lazer. Mesmo que alguns motivos sejam extrínsecos à universidade, eles possuem impacto na permanência dos discentes na universidade. Não podemos ignorar também que alguns dos estudantes são obrigados ou optam por trabalhar durante a sua formação e se deparam com dificuldades por não terem a disponibilização de uma grade de horários mais ampla.

Atualmente, com esse novo cenário, ocasionado pela pandemia, faz-se presente o interesse do grupo em entender como está a permanência dos estudantes nos cursos de graduação: seus contextos, se há adversidades, auxílios etc., e se existem resoluções para essas questões. Dito isso, pode-se dizer que o presente tema será abordado para compreender melhor esse fenômeno.

Objetivos

O objetivo geral do presente trabalho foi mapear os motivos que levam os estudantes a evadirem, analisar as possíveis causas e resoluções para o problema em questão. Foi realizado um levantamento de dados para identificar as possíveis causas que vão desde questões internas das instituições (como a composição curricular e a falta de programa de combate à evasão) como também questões ligadas exclusivamente aos alunos (como opção pelo trabalho e a escolha inadequada de curso).

Procedimentos Metodológicos

População, Amostra e Técnica de Amostragem

Esta pesquisa foi realizada com ex-discentes das universidades públicas da cidade do Rio de Janeiro que se evadiram durante o período de 2019 a 2020, por meio da técnica de amostragem não probabilística intencional, segundo o NEPSO, criado pelo INSTITUTO PAULO MONTENEGRO (2002).

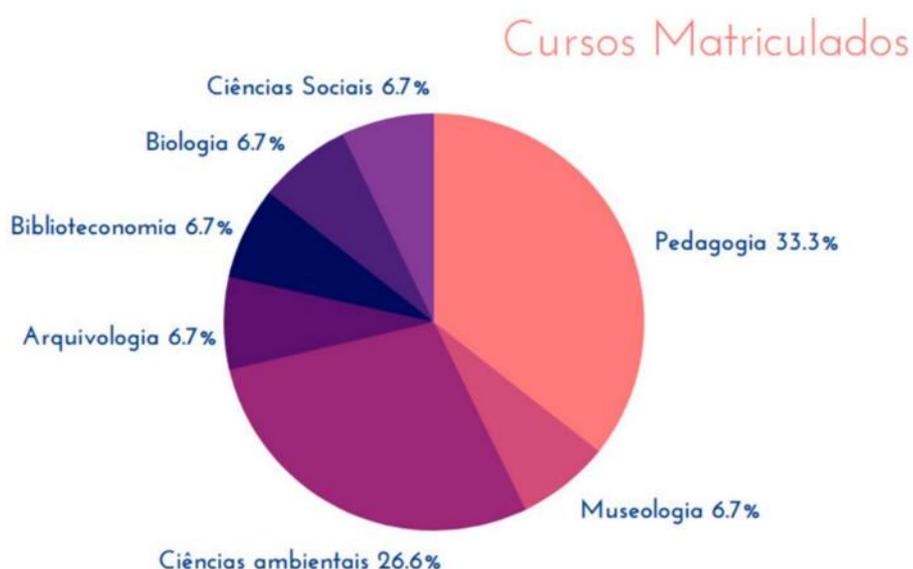
Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário elaborado no Google Forms, no qual foi divulgado em redes sociais como WhatsApp, Facebook e Instagram; em grupos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro além de também ser divulgado nos perfis pessoais dos integrantes do grupo semanalmente. Modelo teste do questionário:

QUESTIONÁRIO		
	SIM	NÃO
1 - Você estuda ou já estudou na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2 - Já abandonou seu curso do ensino superior?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3 - Antes de evadir, quantos períodos cursou na universidade?	Resposta livre	
4 - Caso a resposta da pergunta de nº 2 tenha sido "sim", qual foi o motivo (ou motivos) que fizeram você tomar essa decisão?	Resposta livre	
5 - Levando em consideração o cenário brasileiro em que vivemos. Para você, o diploma de ensino superior é importante? Por que?	Resposta livre	
6 - Pretende algum dia prestar outro vestibular (Enem) para ingressar novamente na universidade pública ?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7 - Para você, os auxílios são importantes para a permanência dos estudantes nas universidades públicas? Se sim, cite no máximo dois que considere importantes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

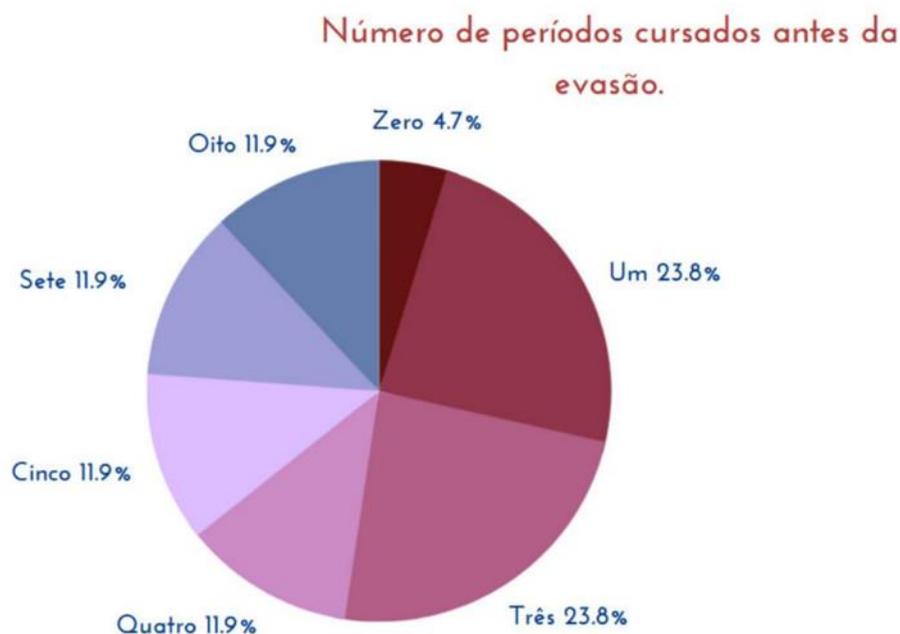
Descrição dos Dados e Análise dos Resultados

Tivemos, ao todo, dezesseis respostas e todas de pessoas que estudaram na UNIRIO e que evadiram de seus cursos. Abaixo está o gráfico que representa os cursos relatados na pesquisa:



Podemos verificar que os cursos que mais apareceram foram os de Ciências Ambientais e Pedagogia.

No próximo gráfico observamos em quais períodos há uma maior ocorrência de evasão universitária:



E percebe-se que a evasão é maior do primeiro ao terceiro período da graduação.

Dentre os motivos listados como causa da saída dos estudantes, observa-se que a distância que mais aparece na pesquisa, em seguida temos a pandemia do covid19 e a falta de organização dos cursos. Logo, há de se refletir que com o início da pandemia houve uma necessidade de readaptação das aulas, uma vez que as mesmas passaram a ser de forma remota, e por ser um evento atípico muitas coordenações encontraram obstáculos para manter as atividades educacionais ativas.

No entanto, apesar das dificuldades encontradas pelos estudantes, a maioria considera importante a conclusão do ensino superior, como podemos observar no próximo gráfico:



Apesar da questão anterior apresentar que 69% da nossa amostra considera importante ter um diploma de ensino superior, apenas 25% afirmaram, na questão 7, que pretende realizar outro vestibular para tentar ingressar na universidade pública novamente. Em contrapartida, 50% dos estudantes disseram na pesquisa que não pretendem ingressar na universidade pública novamente e 19% responderam “talvez”.

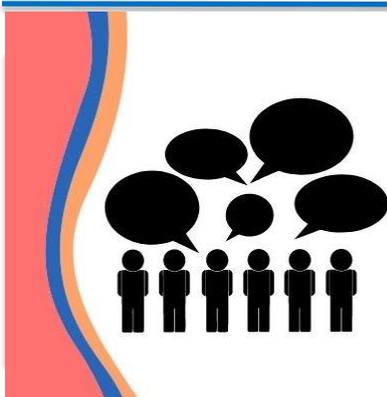
Por último, foi perguntado na pesquisa se eles achavam que os auxílios estudantis são importantes para a permanência na universidade pública e 94% responderam que sim. Com isso, observou-se que uma boa gestão e aplicabilidade das políticas públicas são capazes de garantir a permanência e a conclusão dos estudantes no ensino superior.

Conclusão e Recomendações

Concluiu-se que a evasão dos alunos foi causada por diversos motivos que vão além da vontade própria de se afastar dos estudos e outras questões pessoais até a falta de organização da gestão da universidade pública. Como foi observado, o afastamento pode ser gerado por questões familiares, financeiras, falta de recursos que viabilizem a permanência nos polos de ensino, dentre outras motivações citadas acima. Para a permanência e frequência desses alunos na graduação é necessário que haja uma maior flexibilização tanto dos professores quanto da universidade, como: suporte financeiro, como auxílios, apoio psicológico, RioCard universitário e acesso a alimentação em um valor acessível (bandeirão). Esses recursos viabilizam o retorno presencial e tornam melhores as condições de permanência dos alunos.

Referências

- NAGAI, Nathália Prochnow; CARDOSO, André Luís Janzkovski. A evasão universitária: uma análise além dos números. *Revista Estudo & Debate*, [S.l.], v. 24, n. 1, abr. 2017. Disponível em: <http://www.univates.com.br/revistas/index.php/estudoedebate/article/view/1271>. Acesso em: 25 nov. 2021.
- ANDIFES, A., ABRUEM, A., & SESu/MEC, S. Diplomação, retenção e evasão nos cursos de graduação em instituições de ensino superior públicas: resumo do relatório apresentado a ANDIFES, ABRUEM e SESu/MEC pela Comissão Especial. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, 1(2), 1996. Recuperado de <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/avaliacao/article/view/739>.
- INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. *Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor*. 2 ed. São Paulo: Global, 2002.
- LIMA, Ana Lúcia D’Império (Ed). et al. *Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor*. 3. ed. São Paulo: Global, 2010.
- SEVERINO, A. J. O ensino superior brasileiro: novas configurações e velhos desafios. *Educar*, Curitiba, n. 31, p. 73–89, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/cVhQhXmxJRptyk8jWsNGhm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 nov. 2021.



EXPECTATIVAS PARA O RETORNO DAS ATIVIDADES PRESENCIAIS NA UNIRIO

*Ana Paula Martins dos Santos, Laryssa Moulin Oliveira,
Rafaela Bernardino Oliveira, Rosemary Ramos Gonçalves*

Introdução

Em detrimento da pandemia da COVID-19 as Atividades presenciais nas instituições educacionais precisaram ser suspensas, como sabemos, assim também aconteceu com as Universidades. No entanto, devido aos avanços na vacinação e redução no número de contágios do vírus da COVID-19, muitas escolas e universidades retomaram suas atividades presencialmente, de forma total ou parcial. Portanto, tendo em vista esse momento de incertezas, nós idealizamos essa pesquisa para avaliar as expectativas de retorno às atividades presenciais da comunidade acadêmica da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Essa pesquisa de opinião, foi feita através de um formulário do Google Forms, atingindo o número de 0.49% de respondentes do total de alunos e funcionários da UNIRIO. Em nossos questionamentos, procuramos saber quais são as condições que os estudantes, professores e funcionários necessitam para esse retorno totalmente presencial, quais seus anseios para essa volta e expectativas de melhoras do quadro dessa doença que ainda assola o mundo.

Justificativa

De acordo com informações obtidas no site principal da Fundação Oswaldo Cruz- FIOCRUZ a redução no número de casos de contágio pelo vírus da COVID-19 é expressiva, em detrimento do avanço da vacinação no estado, em função disso, muitas instituições de educação retomaram suas atividades presencialmente, mas as universidades ainda não retornaram suas atividades de forma totalmente presencial.

Algumas notas foram expedidas pela UNIRIO que relatam sobre a liminar que obriga as universidades federais como a UFRJ, da UNIRIO, da UFRRJ, do Cefet/RJ, do IFRJ, e outros, a retomarem suas atividades presenciais até o dia 18 de outubro, mas até onde se sabe, esse pedido foi indeferido pela justiça Federal, com o argumento de que as universidades têm a “autonomia institucional a respeito do calendário acadêmico e o momento e a forma em que se dará o retorno das atividades presenciais.” (OLIVEIRA, 2021). No entanto, os planos para retorno seguem em andamento, os Conselhos Superiores da UNIRIO organizaram a criação de um Grupo de Trabalho- GT para organização das Demandas e propostas de aperfeiçoamento para a retomada das atividades necessárias à ampliação das atividades presenciais.

Algumas atividades presenciais estavam sendo retomadas, para alguns setores ou disciplinas práticas de estudo que necessitam, no entanto, a UNIRIO publicou no dia 10 de janeiro de 2022 uma normativa interrompendo as atividades presenciais que até então tinham sido retomadas, até o dia 31 de janeiro de 2022. A medida se deve ao agravamento do cenário pandêmico no Rio de Janeiro, e ao surgimento da nova variante Ômicron, por isso, ainda segue incerto a volta.

À guisa de conclusão, nossa pesquisa procurou averiguar como os discentes, docentes e funcionários estão encarando essas incertezas e entender sobre as expectativas da comunidade da UNIRIO em relação a volta às aulas presenciais, esta iniciativa pode ajudar no planejamento dessa volta de forma que seja bem organizada e ocorra de forma boa e tranquila para todos.

Objetivos

Objetivo Geral:

Identificar as expectativas da comunidade da UNIRIO em relação ao retorno das aulas presenciais.

Objetivos Específicos:

- Avaliar a participação dos segmentos da comunidade da UNIRIO na pesquisa;
- Quantificar o número de participantes da comunidade da UNIRIO em atividades presenciais;
- Avaliar o nível de vacinação e de comorbidade na comunidade da UNIRIO;
- Analisar a predisposição da comunidade da UNIRIO ao retorno às atividades presenciais ainda em 2021.2;
- Identificar os motivos que levam os entrevistados a desejarem ou não o retorno das atividades presenciais em 2022.2;
- Classificar os requisitos necessários para o retorno das atividades presenciais;
- Levantar as crenças e expectativas em relação ao retorno das atividades/aulas 100% presencial;
- Determinar as atitudes que serão tomadas em relação ao retorno imediato das atividades presenciais;
- Caracterizar o estado emocional e psicológico da comunidade da UNIRIO frente às incertezas do momento presente.

Procedimentos Metodológicos

Essa pesquisa de opinião está integrada ao Projeto NEPSO da disciplina Estatística aplicada à Educação, do curso de pedagogia da UNIRIO. E, para a coleta de dados dessa Pesquisa, confeccionamos um questionário composto por 10 questões de múltipla escolha e 2 questões descritivas, para a análise da última pergunta descritiva, utilizamos o programa de análise qualitativa, o Atlas Ti, este formulário ficou disponível para ser respondido do dia 15 de

dezembro de 2021 até o dia 5 de janeiro de 2022. Esta pesquisa possui, portanto, uma abordagem qualitativa e quantitativa dos dados para nos possibilitar identificar as perspectivas e expectativas dos integrantes da comunidade acadêmica da UNIRIO, no que diz respeito ao retorno das atividades presenciais na instituição. As perguntas utilizadas foram:

4. Você é discente, docente, ou terceirizada/setor administrativo?
5. Qual sua área de estudo (se for discente) e qual sua área de trabalho (se for da administração/manutenção ou docente)?
6. Você já retornou para alguma atividade presencial? Se sim, nos conte sua experiência.
7. Neste momento, você está com seu ciclo vacinal do Covid-19 completo?
8. você é a favor do retorno às aulas presenciais, neste semestre de 2021.2?
9. Se sua resposta anterior foi afirmativa, indique os motivos: (caso necessário, marque mais de uma opção)
10. Se sua resposta anterior foi negativa, indique os motivos: (caso necessário, marque mais de uma opção)
11. Quais destes fatores são os mais importantes para o seu retorno: (caso necessário, marque mais de uma opção)
12. Você acredita que o retorno às atividades/aulas 100% presenciais irá acontecer ainda em 2021.2 ou só no próximo período, em 2022.1?
13. Se as atividades retornarem ao presencial de imediato, você retornaria, trancaria a matrícula ou não saberia dizer?
14. Diante de tantas incertezas, como fica seu estado emocional e psicológico? (caso necessário, marque mais de uma opção)
15. Quais suas expectativas para o retorno às atividades presenciais depois de tanto tempo distante da comunidade acadêmica? Comente:

População, Amostra e Técnica de Amostragem

O público-alvo da pesquisa é a comunidade da UNIRIO, que estão divididos em 3 grupos: Os discentes, docentes e um terceiro grupo que inclui os terceirizados e os profissionais do setor administrativo. Para isso, recolhemos o quantitativo total de cada grupo, que somados representa o número total de pessoas que compõem a universidade.

Nossa técnica de amostragem é não probabilística voluntária. E, para obter essas informações, entramos em contato com a Pró-reitoria de Graduação - PROGRAD em busca desse quantitativo, e nos foi fornecido o número de discentes ativos. Já em relação ao corpo docente e técnicos administrativos nos foi informado que poderíamos conseguir essas informações com a Pró - reitoria de Gestão - PROGEPE, mas por conta da pandemia COVID 19. A própria PROGRAD fez contato com eles solicitando o envio desse quantitativo. E os terceirizados conseguimos as informações com a gestão de contratos é possível encontrar essas tais informações na página da UNIRIO. Os dados foram coletados através do sistema de informação para o ensino (SIE). Segue abaixo os dados total de funcionários:

Docentes :891

Técnicos administrativos: 1308

Terceirizados: 150

Discentes: 11863

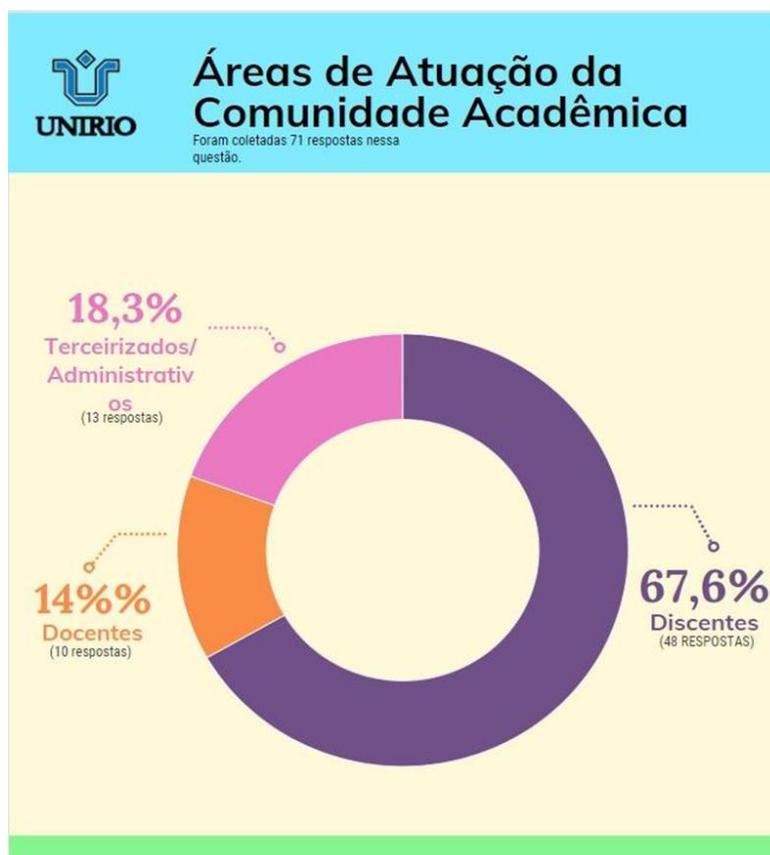
Com isso, considerando que a soma dos docentes, técnicos administrativos terceirizados e discentes totalizam 14.212 pessoas, e sendo que nossa em pesquisa obtivemos 71 respostas, a porcentagem dos respondentes que se dispuseram a responder nosso questionário de perguntas atingiu 0.49% do total de alunos e funcionários da UNIRIO. Do número total de professores, 1,12% são respondentes, do número total de alunos 0.40% são respondentes, e do número total de técnicos administrativos e terceirizados 0.96% foram respondentes. Após esse recolhimento e análise de dados, poderemos dispor publicamente, por meio de gráficos e legendas, para que todos possam obter conhecimento dos resultados obtidos nessa pesquisa.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

Para construir o questionário e, também, para o recolhimento dos dados, utilizamos a plataforma do Google Forms. Nós dispusemos o formulário nas redes sociais da UNIRIO, especificamente, nos grupos do Facebook e WhatsApp, além de alguns contatos pessoais.

Descrição dos Dados

A 1ª e a 2ª questão optativa teve como objetivo separar os participantes do questionário por suas áreas de atuação dentro da comunidade acadêmica da UNIRIO. Foram 71 respostas sendo 48 discentes (67.6%), 13 pessoas do setor administrativo/terceirizados (18.3%) e 10 pessoas são docentes da universidade (14%).

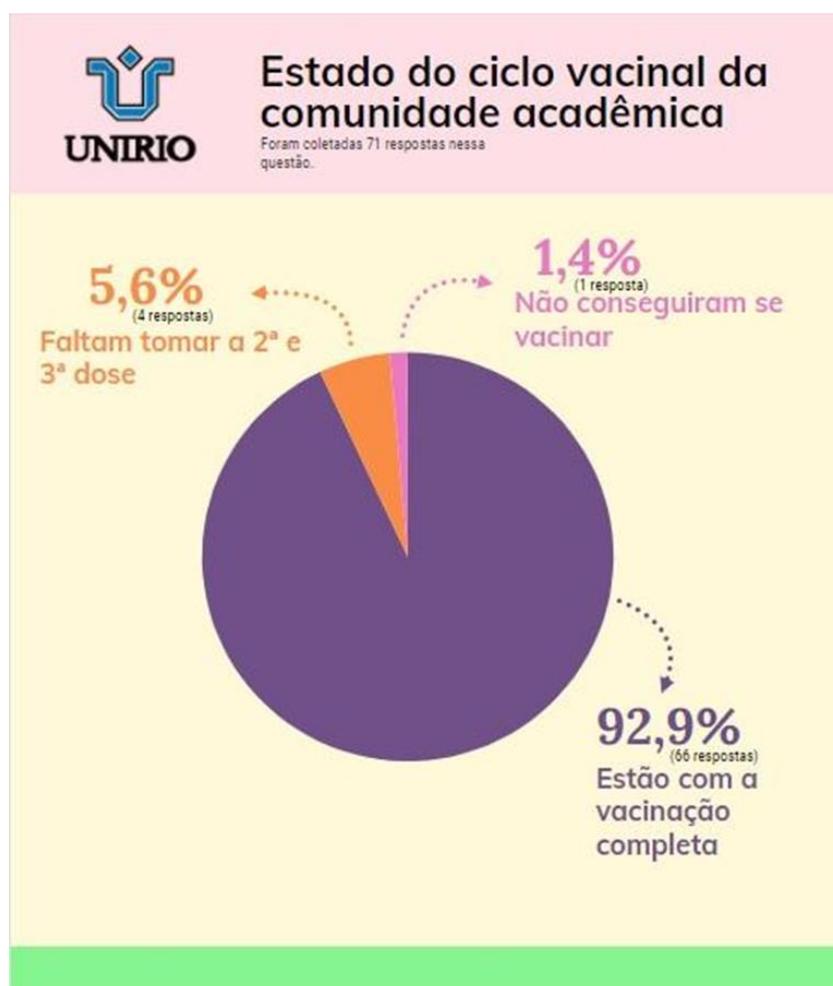


Na 2ª questão, fizemos uma pergunta descritiva, sobre quais as áreas de estudo e de trabalho desempenhados na UNIRIO, por cada respondente. Como não obtemos respostas concretas e precisas, não conseguimos quantificar quais as áreas de estudo e/ou atuação pelas respostas. Mas, ficou claro a maior incidência de resposta dos cursos de Pedagogia, seguidos de administração, biblioteconomia, matemática entre outros... E, dentre as respostas referentes às áreas de trabalho com maior incidência, são os assistentes administrativos, seguidos dos docentes, recepcionista do setor de diplomas, seleção de alunos, TAE- CAEG-PROGRAD, comissão permanente de PAD, e setor de Protocolo. Algumas respostas genéricas como “IBIO”, “administração”, “linguística” e “Imagem” não conseguimos categorizar.

Na 3ª questão optativa/descritiva queríamos ter noção de quantos participantes já haviam retornado para alguma atividade presencial dentro e fora da universidade. Obtemos 71 respostas sendo 41 respostas afirmativas (57%) e 30 respostas negativas (43%). Algumas respostas se referiam ao retorno às atividades presenciais fora da Universidade, mas todas as respostas daqueles que retornaram às atividades presenciais na UNIRIO, relataram que o retorno está sendo “tranquilo” e que a comunidade acadêmica está seguindo os protocolos

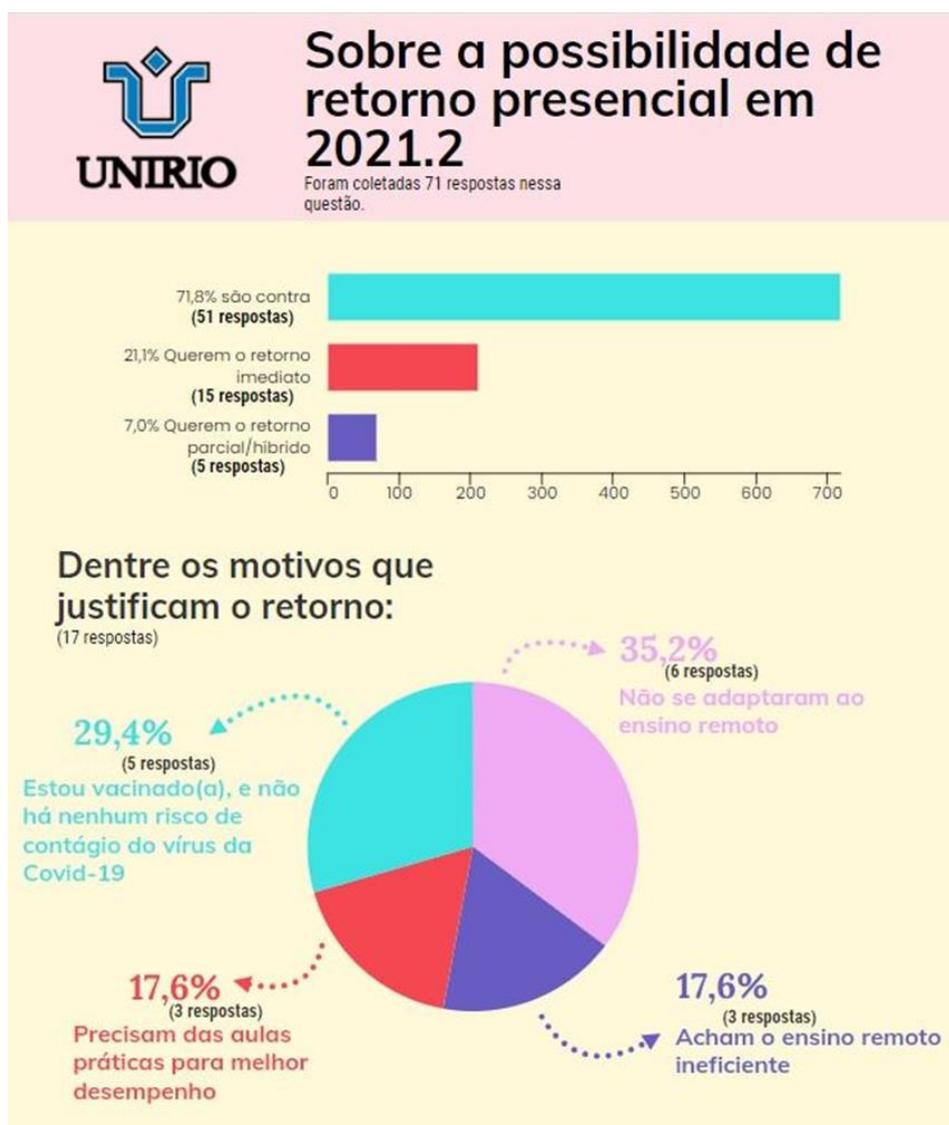
vigentes. No entanto, ainda sentem o risco de contaminação, principalmente, por conta dos transportes públicos. Como podemos ver nas seguintes respostas: “Sim. Estou 100% presencial. A parte mais complicada é a locomoção, pois além da lotação, há pessoas que não usam máscara em aglomeração. Já na UNIRIO, não observamos nada de complicado.” e “Sim. Trabalho. Tranquilo, com máscaras, proteção distância, comportamento relacional distinto”.

A 4ª questão foi optativa e tínhamos a necessidade de pesquisar como se encontravam os ciclos vacinais contra o vírus da Covid-19 dos participantes. Foram 71 respostas dentre quais 66 pessoas estavam com o ciclo vacinal completo (92,6%), 4 pessoas ainda estavam com a segunda e terceira dose da vacina pendente (5,6%) e apenas 1 pessoa não tinha nenhuma dose da vacina (1,4%).

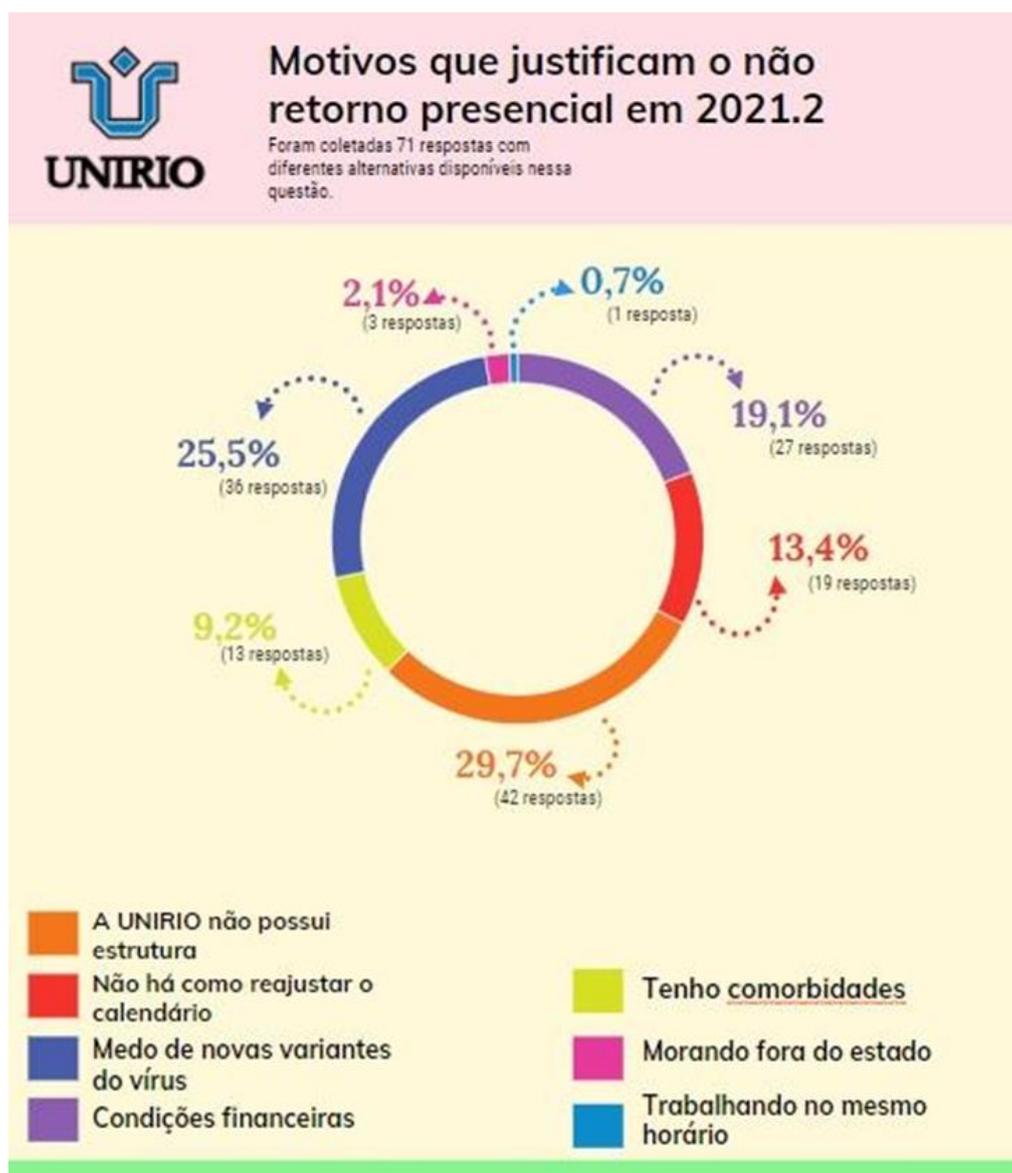


A 5ª e 6ª questão foram optativas e tiveram como objetivos saber a opinião dos participantes sobre a possibilidade de retorno presencial ainda em 2021.2 e o motivos que justificariam esse retorno: foram obtidas 71 respostas na quinta questão onde 51 respostas se mostraram contra o retorno em 2021.2 (71,8%), 15 respostas desejavam o retorno imediato (21,1%) e 5 respostas gostariam do retorno parcial ou híbrido (7,0%).

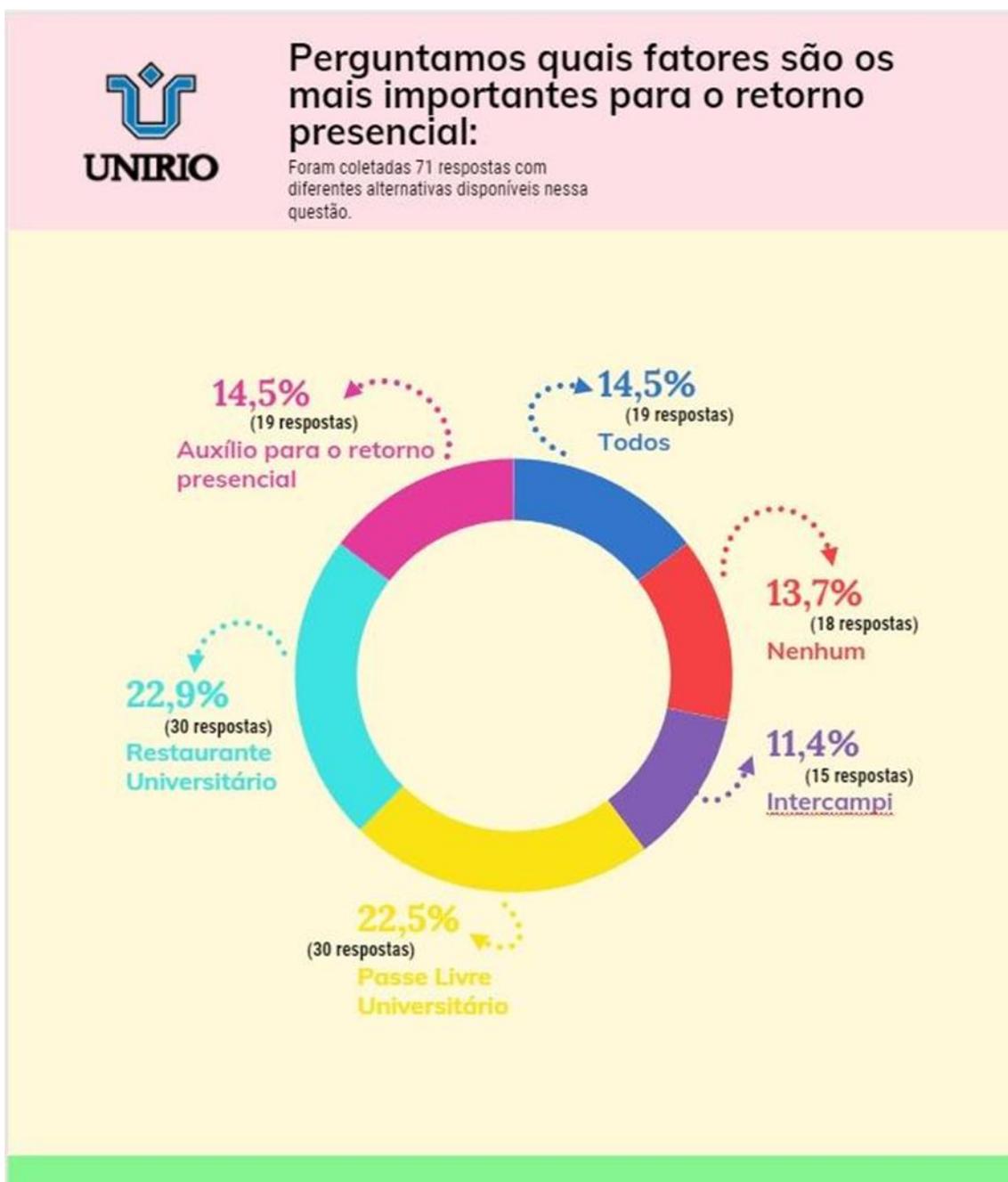
Foram obtidas 17 respostas na sexta questão, onde 6 respostas alegaram não ter se adaptado ao ensino remoto (35,2%), 5 respostas indicam já estarem vacinados, portanto, não haveria risco de contágio pelo vírus (29,4%), 3 respostas alertaram precisar das aulas práticas para melhor desempenho (17,6%) e outras 3 respostas acharam o ensino remoto ineficiente (17,6%).



Foram perguntados os motivos que justificassem o não retorno presencial em 2021.2 na sétima questão onde foram obtidas 141 respostas: 42 participantes concordaram que a UNIRIO não possui estrutura para garantir as medidas de segurança obrigatórias para impedir o contágio do vírus (29,7%), 19 respostas indicando que não haveria como alterar o calendário acadêmico para o retorno em 2021.2 (13,4%), 36 pessoas ainda estavam com medo das novas variantes do vírus (25,5%), 27 respostas alegam não terem condições financeiras para retornarem presencialmente (19,1%), 13 respostas disseram estar com a vacinação completa mas possuem comorbidades que impossibilitem sua volta em modo presencial (9,2%), 3 respostas alertaram não estar residindo no estado do Rio de Janeiro (2,1%) e 1 resposta justificou estar trabalhando no mesmo horário em que cursa a faculdade, ou seja, impossibilitando seu retorno presencial imediato (0,7%).



A 8ª questão optativa, tratou-se em saber quais fatores os participantes considerariam indispensáveis para o seu retorno. Foram coletadas 131 respostas dentre as quais, 30 respostas evidenciaram o Restaurante Universitário como fator indispensável (22,9%), 30 respostas destacaram o Passe Livre Universitário como indispensável (22,5%), 19 respostas relataram precisar de auxílio emergencial para retornar (14,5%), 15 respostas precisariam do Intercampi (ônibus fretado pela UNIRIO) para o retorno (11,4%), 19 respostas alegaram que todas as opções seriam indispensáveis (14,5%) enquanto 18 respostas alegaram que nenhuma das opções seriam necessárias para o seu retorno (13,7%).

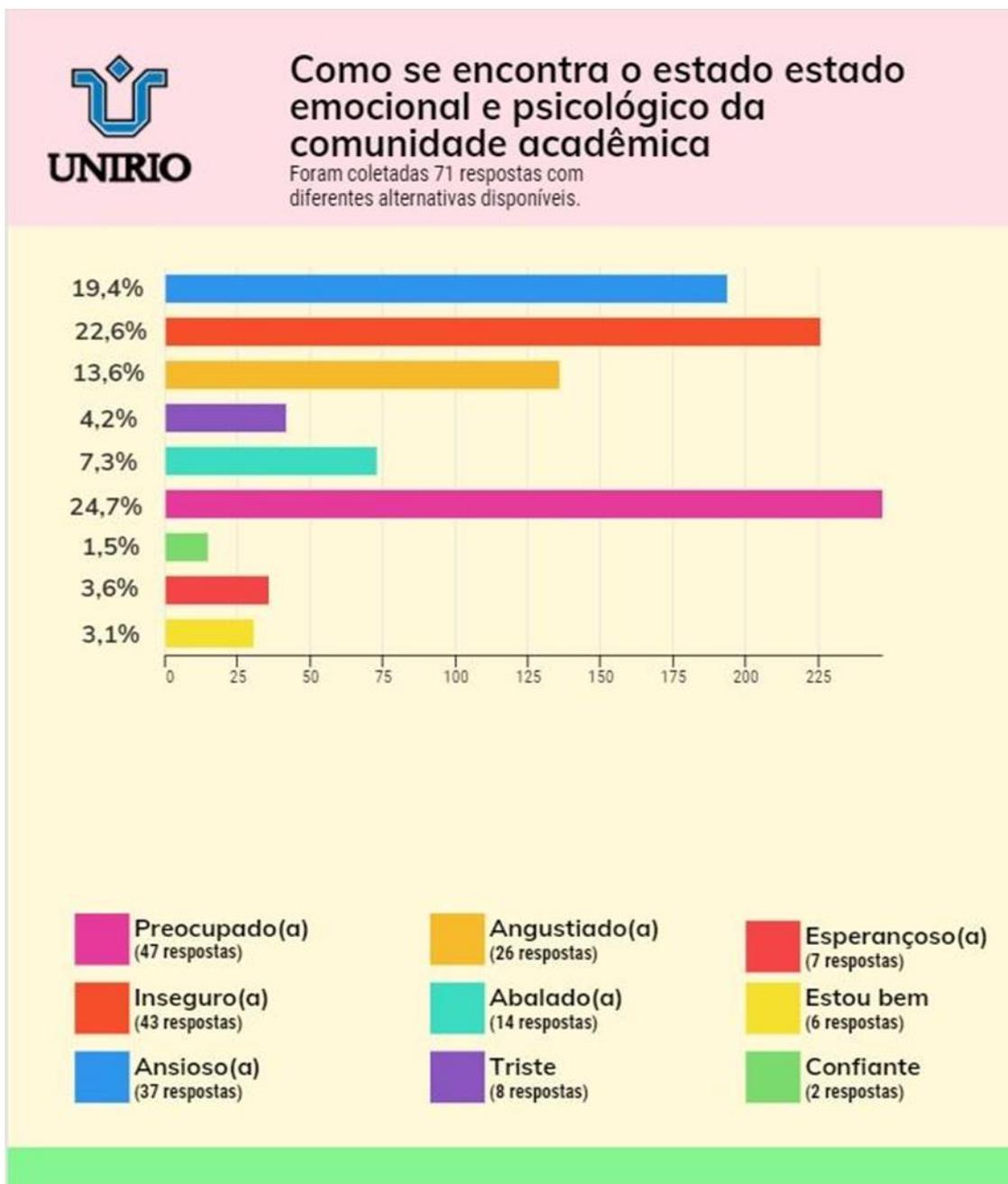


A 9ª pergunta optativa teve como objetivo saber a opinião dos participantes sobre o possível retorno das atividades 100% presenciais ainda em 2021.2 ou somente em 2022.1, foram obtidas 71 respostas que, entre os participantes 52 deles esperam que o retorno presencial aconteça em 2022.1 (73,2%), 18 acham o retorno presencial incerto (25,3%) e 1 pessoa espera o retorno ainda em 2021.2.

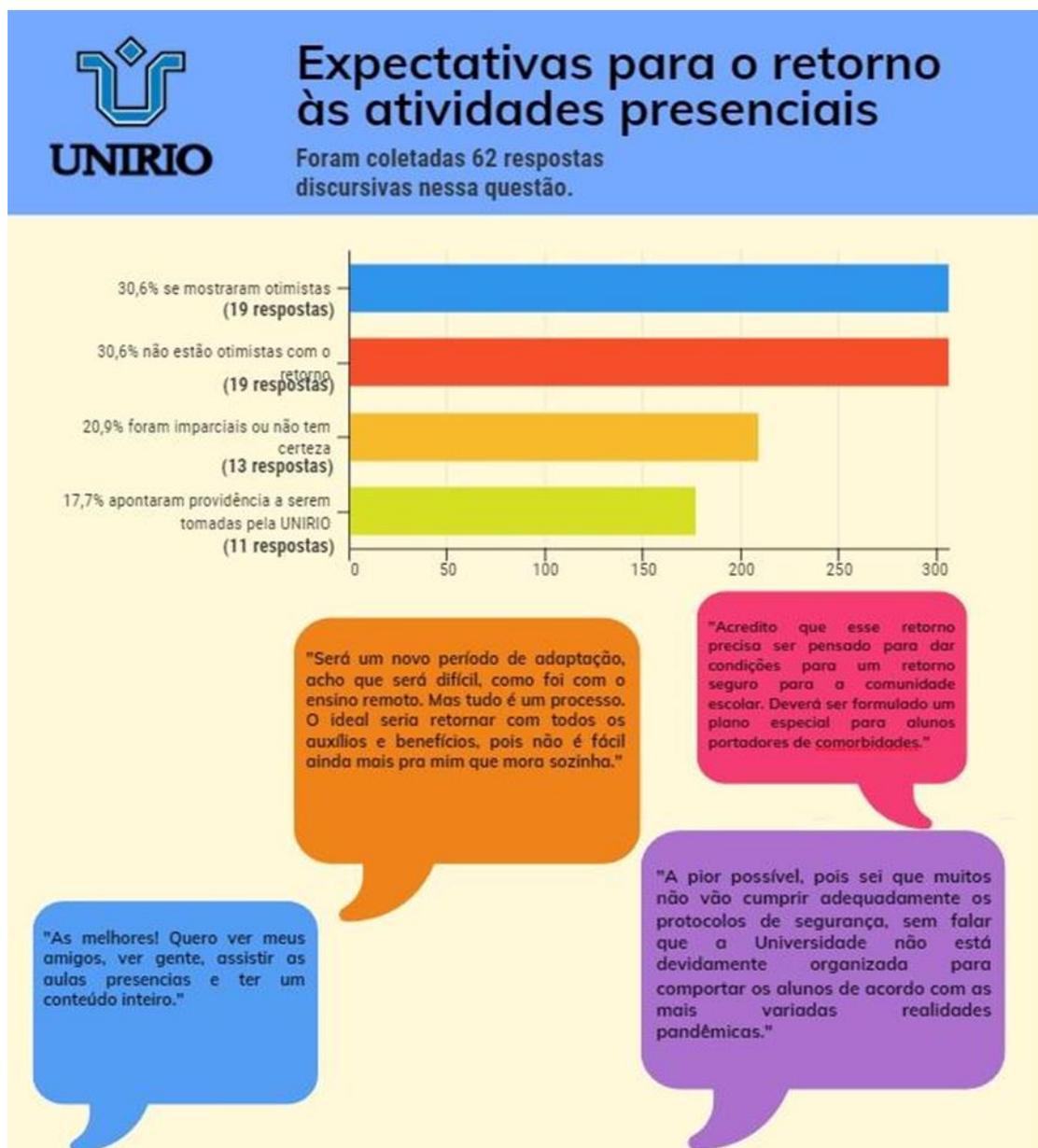
Também indagamos aos participantes na questão 10 o que eles fariam se as atividades presenciais voltassem de imediato, ainda em 2021.2. Coletamos 69 respostas nessa questão, onde 51 participantes tentariam retornar presencialmente (73,9%), 17 pessoas trancariam suas matrículas (24,6%) e 1 pessoa não soube responder à questão (1,4%).



Na décima primeira questão perguntamos, diante de tantas incertezas, como estaria o estado emocional e psicológico dos participantes. Obtivemos 190 respostas sendo elas: 47 declararam estarem preocupadas (24,7%), 43 respostas disseram estar inseguras (22,6%), 37 estavam ansiosos (19,4%), 26 estavam angustiados (13,6%), 14 respostas disseram estar abalados (7,3%), 8 respostas declararam estarem tristes (4,2%), 7 respostas evidenciaram estar esperançosos (3,6%), 6 respostas estavam bem (3,1%) e 2 respostas se encontravam confiantes (1,5%).



Na última pergunta descritiva, na qual indagamos as expectativas para o retorno às atividades presenciais depois de tanto tempo distante da comunidade acadêmica, tivemos 62 respostas, dentre as quais, 19 pessoas se mostraram otimistas (30.6%) e ansiosos pelo retorno, 19 pessoas se mostraram não otimistas (30.6%), e com más expectativas, 13 pessoas optaram pela imparcialidade e/ou incertezas (20.9%), 11 pessoas apontaram algumas providências que esperam que sejam tomadas para o retorno (17.7%).



"A pior possível, pois sei que muitos não vão cumprir adequadamente os protocolos de segurança, sem falar que a Universidade não está devidamente organizada para comportar os alunos de acordo com as mais variadas realidades pandêmicas."

Acho que ainda não é o momento ideal para o retorno presencial. Tenho grande receio dos transportes públicos super lotados e passar tantas horas seguidas de máscara.

não-otimistas

"Sinto muita falta das atividades presenciais, tenho dificuldade em me adaptar ao remoto, mas diante das circunstâncias onde o nosso financeiro está completamente comprometido (o nosso pessoal e o da faculdade), não temos estrutura suficiente pra distanciamento, fora as questões pessoais de cada um nesse momento pra encarar essa mudança agora. não vale a pena arriscar voltar com uma variante a solta e depois ter que mudar a grade completamente de volta pro remoto caso algo ruim aconteça."

"Estou animada para conhecer a universidade mas ainda me sinto muito insegura por conta das novas variantes do Covid-19 e a nova epidemia da gripe."

"As melhores! Quero ver meus amigos, ver gente, assistir as aulas presenciais e ter um conteúdo inteiro rs"

"Espero retomar logo as atividades e o convívio com os colegas. O ambiente acadêmico é muito rico, e ficar tanto tempo afastado tem sido muito triste."

Otimistas

"Penso no retorno gradual. Ele é necessário para o pleno aproveitamento das atividades de ensino. Se não houver piora do quadro epidemiológico, estaremos em 2022/1 de volta aos espaços da Universidade"

"Se as aulas presenciais voltarem em 2022.1, voltarei muito feliz e entusiasmada pra finalmente conhecer o campus, ter um contato real com as pessoas do meu curso, com os amigos que fiz e com os professores."

Conclusão

Após dois anos bem confusos por causa da pandemia, a esperança é que em 2022 todas as universidades, inclusive a UNIRIO, tenham condição de retomar suas atividades presenciais completamente. O progresso da vacinação serviu para a evolução de melhora no quadro da covid-19, porém com o avanço da variante Ômicron, mais contagiosa e junto com o afrouxamento de medidas como o distanciamento social e o uso de máscaras, os números de casos voltaram a subir em todo o país.

Ainda mediante as inseguranças causadas pela pandemia e com a proximidade da volta às aulas, são diversas as dúvidas que circundam a cabeça dos funcionários e alunos da UNIRIO. Neste período tão significativo na vida da nossa comunidade acadêmica preparamos essa pesquisa de opinião para tentar agrupar tais dúvidas e expectativas.

Concluimos e destacamos através da nossa pesquisa de opinião os seguintes pontos mais relevantes:

- A maioria dos alunos e funcionários da UNIRIO se encontra com a vacinação completa.
- Todos aqueles que voltaram a ter algum tipo de atividade presencial alegaram ter sido um retorno tranquilo.
- A grande maioria acredita que o retorno presencial acontecerá em 2022.1.
- Muitos são contra o retorno em 2021.2, pois mas não se sentem totalmente seguros quanto à estrutura oferecida pela UNIRIO para garantir os protocolos de segurança contra o contágio, mas mesmo assim marcaram que retornariam às atividades presenciais, se caso for necessário, mesmo diante das adversidades e temores.
- Quanto aos que desejam o retorno presencial, alegaram que não se adaptaram ao ensino remoto e que não veem risco de voltarmos
- O Passe Livre e o Restaurante Universitário foram os requisitos considerados como sendo os mais essenciais.
- Os principais sentimentos no que diz respeito às incertezas do retorno é o de preocupação e insegurança
- Por último, quando perguntados sobre as expectativas para o retorno, nota-se uma divisão igualitária entre os que estão otimistas e predispostos ao retorno e os que não estão otimistas, ou seja, aqueles que se encontram desfavoráveis ao retorno, algumas pessoas apontaram as questões incertas do atual momento pandêmico e outras colocaram ações que gostariam que fossem concretizadas nesse retorno.

Desse modo, a partir dos resultados da pesquisa de opinião, recomendamos que a UNIRIO, encontre soluções que garantam um retorno seguro tanto para aqueles que não possuem comorbidades, e especialmente, para os que fazem parte do grupo de risco da Covid-19. Com isso, é preciso que seja divulgado previamente tudo o que diz respeito ao retorno presencial seguro, nos meios de comunicação oficiais da universidade, uma vez que, toda a comunidade acadêmica está sofrendo com as incertezas desse retorno, o que traz muita preocupação e insegurança para a maior parte da comunidade. Além disso, se faz estritamente necessário os recursos que auxiliam a permanência dos estudantes como o Passe Livre Municipal e o

Restaurante Universitário. No mais, esperamos que o retorno às atividades em 2022 no modo presencial, não ofereça grandes riscos à saúde de nenhum de nossos componentes, e que possamos recuperar o aprendizado, que de acordo com algumas respostas, está sendo comprometido no ensino remoto, e principalmente, que seja cumprido as exigências de segurança da OMS, obedecendo os protocolos sanitários vigentes de distanciamento seguro, além da garantia de assistências básicas de higiene e assepsia para que tenhamos um retorno organizado e confiável para todos.

Referências

CASTRO, Cláudio. RJ retoma 100% das aulas presenciais na rede estadual nesta segunda-feira. G1 Rio, Rio de Janeiro, 25 de out. de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/10/25/rj-retoma-100percent-das-aulas-presenciais-na-rede-estadual-nesta-segunda-feira.ghtml>. Acesso em: 02 de nov. de 2021.

CASTRO, Regina. Boletim aponta redução da transmissão do Sars-CoV-2. Agência Fiocruz de Notícias, Rio de Janeiro, 21 de out. de 2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/boletim-aponta-reducao-da-transmissao-do-sars-cov-2>. Acesso em 02 de nov. de 2021.

DEMANDAS DAS ATIVIDADES NECESSÁRIAS A AMPLIAÇÃO DAS ATIVIDADES PRESENCIAIS. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 03 de dez. de 2021. Disponível em http://www.UNIRIO.br/arquivos/noticias/Demandas_reitoria_20211125.pdf. Acesso em: 03 de nov. de 2021.

OLIVEIRA, Daniela. Justiça Federal indefere pedido de retorno presencial das aulas na UNIRIO e outras Ifes do Rio de Janeiro. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 07 de out. de 2021. Disponível em: <http://www.UNIRIO.br/news/justica-federal-indefere-pedido-de-retorno-presencial-das-aulas-na-UNIRIO-e-outras-ifes-do-rj>. Acesso em: 02 de nov. de 2021.

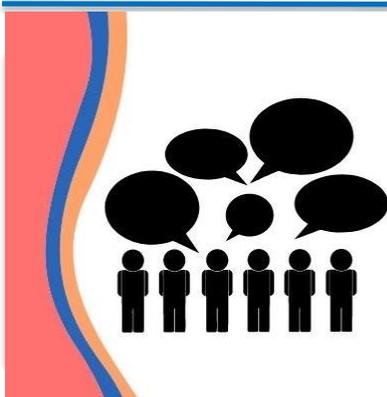
OLIVEIRA, Marcos. MEC recua após obrigar volta às aulas nas universidades federais. Jornal do Comércio, Porto Alegre, 02 de dez. de 2020. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/conteudo/geral/2020/12/768616-mec-recua-apos-obrigar-volta-as-aulas.html>. Acesso em: 02 de nov. de 2021.

PORTARIA GR Nº777. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <http://www.UNIRIO.br/arquivos/noticias/PORTARIAGR777.2021DesigGTresponsvelporelaborarpropostoPlanoInstitucionaldeRetomadadasAtividadesPresenciais.pdf>. Acesso em 03 dez. 2021.

RODRIGUES, Léo. Rio: instituições federais de ensino preparam a volta gradual às aulas. Agência Brasil, Rio de Janeiro, 9 de nov. de 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-11/rio-instituicoes-federais-de-ensino-preparam-volta-gradual-aulas>. Acesso em: 02 de nov. de 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Conselhos Superiores da UNIRIO. Portaria GR nº 77, de 16 de novembro de 2021. Elaboração da proposta de aperfeiçoamento do Plano Institucional de Retomada das Atividades Presenciais da UNIRIO. Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (Prae), 03 de dez. de 2021. Disponível em: <http://www.UNIRIO.br/news/gt-elabora-proposta-de-aperfeicoamento-do-plano-de-retomada-das-atividades-presenciais>. Acesso em: 05 de fev. de 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Comunicação-UNIRIO. Instrução Normativa GR nº 001/2022, de 10 de janeiro de 2022. Interrupção das atividades presenciais na Universidade até o dia 31 de janeiro de 2022. A medida se deve ao agravamento do cenário pandêmico no Rio de Janeiro, conforme indicado pela Secretaria Municipal de Saúde. Disponível em: <http://www.UNIRIO.br/news/UNIRIO-interrompe-temporariamente-as-atividades-presenciais>. Acesso em: 18 jan. 2022.



INADIMPLÊNCIA FINANCEIRA

*Aline Xavier, Anna Victória,
Laura Fernanda e Mariluze Sobrinho*

Introdução

Nosso trabalho focou na relação de jovens e adultos com o dinheiro, tendo a vista a falta de responsabilidade ou perda de emprego. De acordo com o Serviço de Proteção ao Crédito, 46% dos brasileiros com idade entre 25 e 29 anos e 19% entre 18 e 24 anos estão inadimplentes (SPC, 2020)

A pandemia e as demissões recorrentes surpreenderam negativamente milhares de brasileiros que possuíam pendências financeiras e não conseguiram quitar suas dívidas. Nos nossos dados, podemos observar uma grande quantidade de jovens e adultos universitários que perderam o seu emprego nesse período.

Um levantamento feito pelo Serviço Brasileiro de Apoio às micro e pequenas empresas, ao menos 600 mil micros e pequenas empresas fecharam as portas e 9 milhões de funcionários foram demitidos em razão dos efeitos econômicos da pandemia (SEBRAE, 2020).

Justificativa

Conseguimos observar que o inadimplente não necessariamente foi irresponsável e que há outros fatores para se envolver em uma dívida, como o desemprego repentino na pandemia e até começar a lidar com a própria renda muito cedo, mas sem qualquer instrução.

Então, falar sobre educação financeira nas escolas, entender sobre suas limitações, focar em uma alternativa para enfrentar as dívidas realizadas por diversos fatores vai gerar um retorno positivo não só para si, mas para diversas pessoas.

Que tudo o que aconteceu durante a pandemia nos faça compreender que pessoas de baixa renda sempre estão à beira do precipício e uma queda na bolsa, o aumento da gasolina e outros fatores conseguem impactar grandemente essa população.

Objetivos

Nosso trabalho teve como objetivo mostrar a importância da Educação Financeira para jovens que estão em processo de aprendizagem a gerir seus recursos e a prática do consumo consciente. Levamos em consideração a importância da disponibilização de informações claras e didáticas aos jovens referentes a educação financeira a fim de ajudar a melhorar suas

relações com o dinheiro, incentivando-os a se organizarem financeiramente evitando assim endividamentos futuros.

Procedimentos Metodológicos

Utilizamos uma metodologia de pesquisa de opinião, seguindo o método sugerido pelo projeto Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião - NEPSO.

População

Alunos da UNIRIO

Amostra e Técnica de Amostragem

Turmas variadas

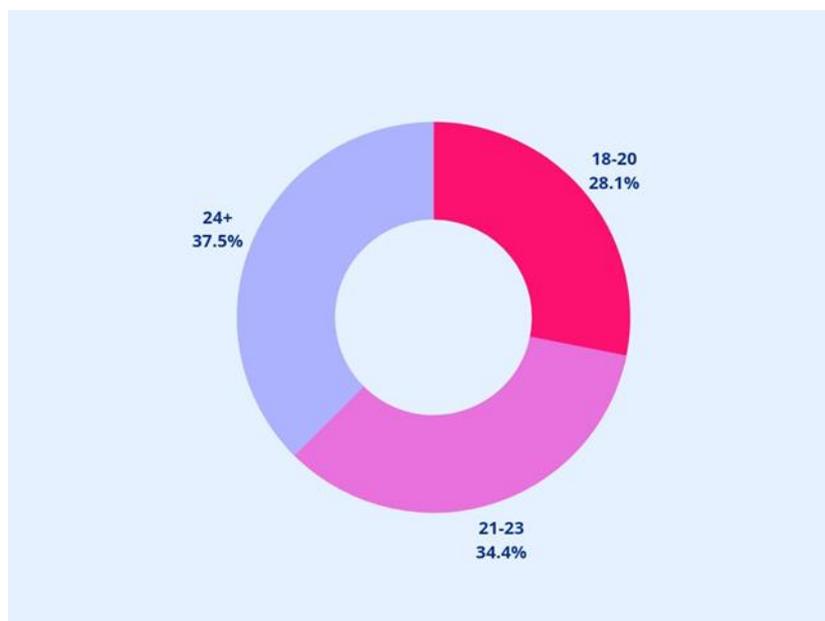
Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

Link do questionário no Google Formulário através do WhatsApp e Facebook

Apresentação e Análise dos Dados

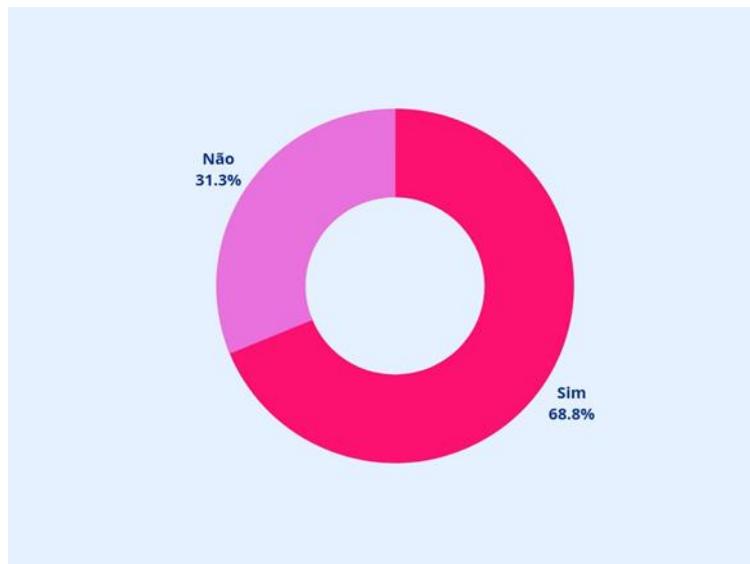
Recebemos respostas de 32 alunos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e todas as respostas foram públicas.

1 – Para realizarmos um levantamento, nos informe sua idade



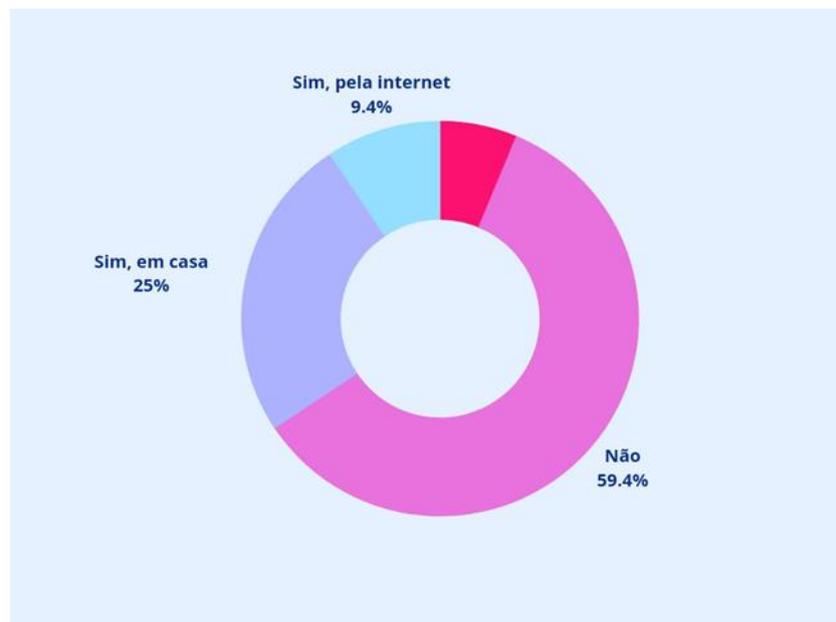
Com o nosso levantamento, podemos ver que a maior parte dos entrevistados possui idade igual ou maior a 24 anos.

2 - Durante a pandemia, muitas pessoas sofreram com o desemprego ou diminuição de renda, você foi uma dessas?



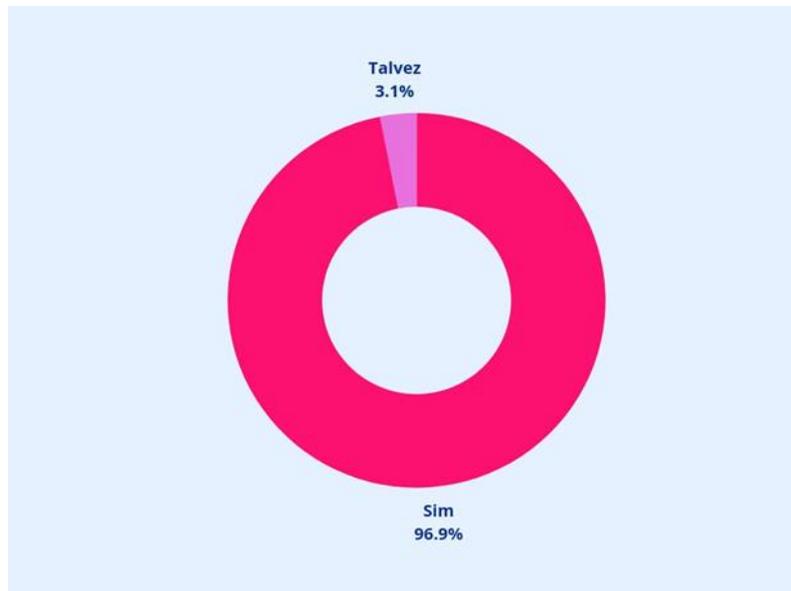
Todas essas pessoas são estudantes universitários, que provavelmente estão ingressando no mercado de trabalho e podem não possuir tantos anos de experiências, ou estarem em estágios, por isso, a taxa de demissões durante a pandemia.

3 - Durante sua adolescência e juventude, você teve algum tipo de instrução sobre como administrar seu dinheiro? Se sim, onde?



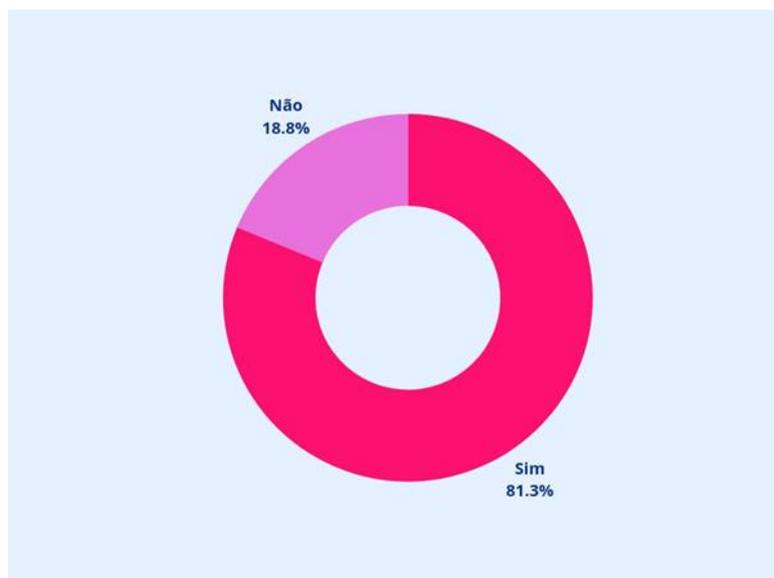
O desconhecimento desses jovens em assuntos financeiros reflete uma realidade maior, a realidade da família popular brasileira. A quantidade de pessoas que não tiveram instruções sobre como lidar com o dinheiro é maior do que todas as outras respostas juntas!

4 – Pelas suas experiências pessoais, você considera importante a disciplina “Educação financeira” ser incluída no currículo escolar durante o ensino médio?



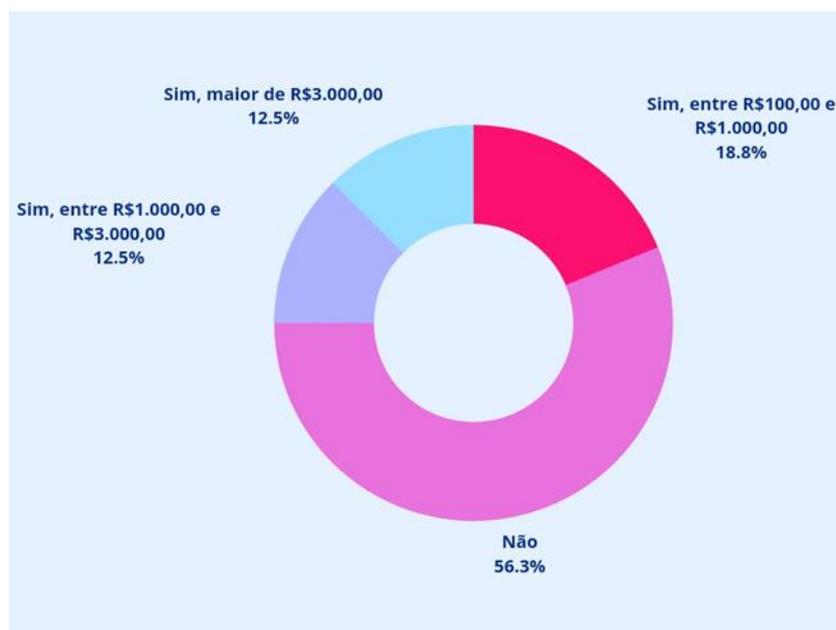
Podemos ver a importância que o conhecimento sobre finanças pessoais tem com esse gráfico, pois cerca de 96,9% dos entrevistados responderam que "Sim"

5 – Possui cartão de crédito?



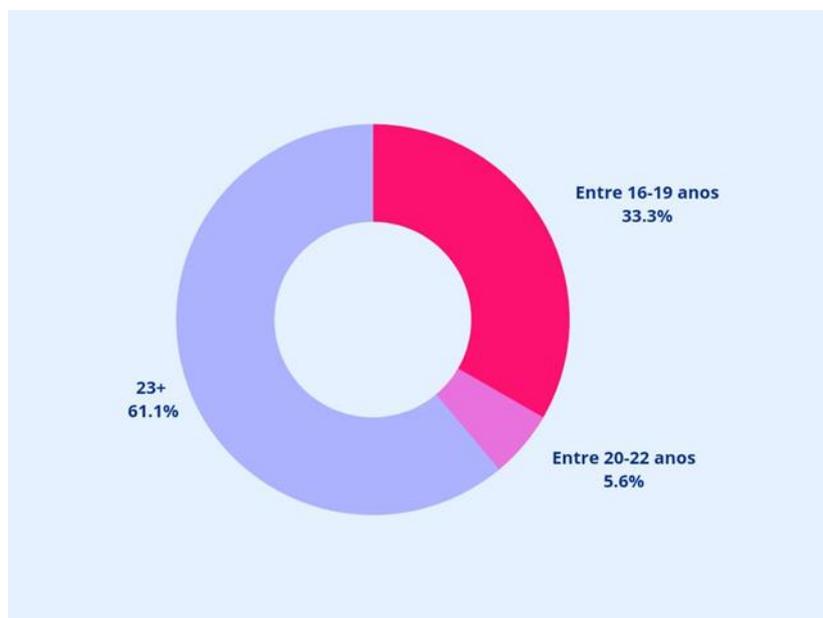
Embora quase 60% dos entrevistados não tenham conhecimentos gerais financeiros, cerca de 81% possuem cartão de crédito.

6 – Se sim, já se envolveu em alguma dívida?



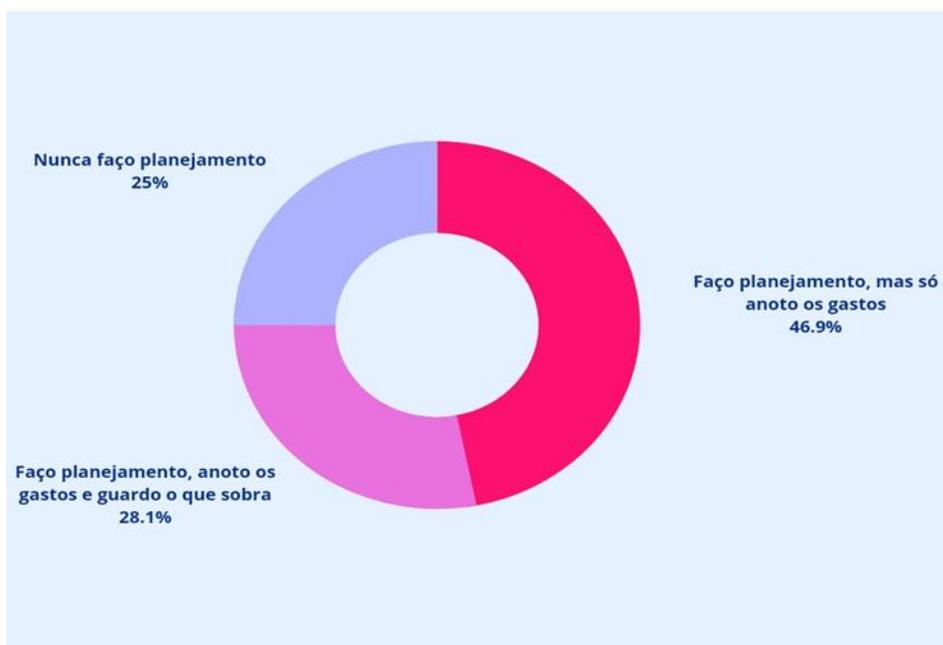
O gráfico anterior explica bem o atual, no qual cerca de 43% dos entrevistados se envolveram em alguma dívida, consequência de vários fatores econômicos: Pandemia, desigualdades sociais e desinformação sobre como funciona a economia, os créditos e financiamentos.

7 - Com que idade você começou a lidar com a própria renda?



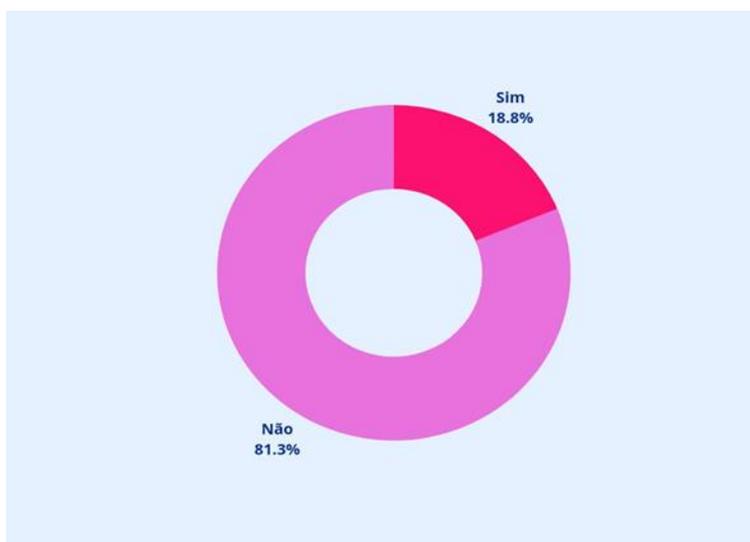
O nível de educação financeira dos entrevistados é baixo e a maioria começou a lidar cedo com as dívidas. Aos 16 anos, muitas vezes nós não temos senso de responsabilidade para saber exatamente o que fazer com o nosso dinheiro, isso torna mais fácil ter o nome sujo logo no início da maioridade.

8 – Em relação às suas compras e uso do cartão, você faz planejamento?



71,9% dos entrevistados não realizam o planejamento corretamente e não dão destino ao dinheiro que recebem. Anotar os gastos é bom para que saiba no que está gastando, porém para que haja efeito satisfatório no planejamento, é necessário pensar antes de gastar, filtrar suas necessidades e poupar para as emergências, e assim que possível, se programar para investir no futuro.

9 – Possui algum tipo de investimento?



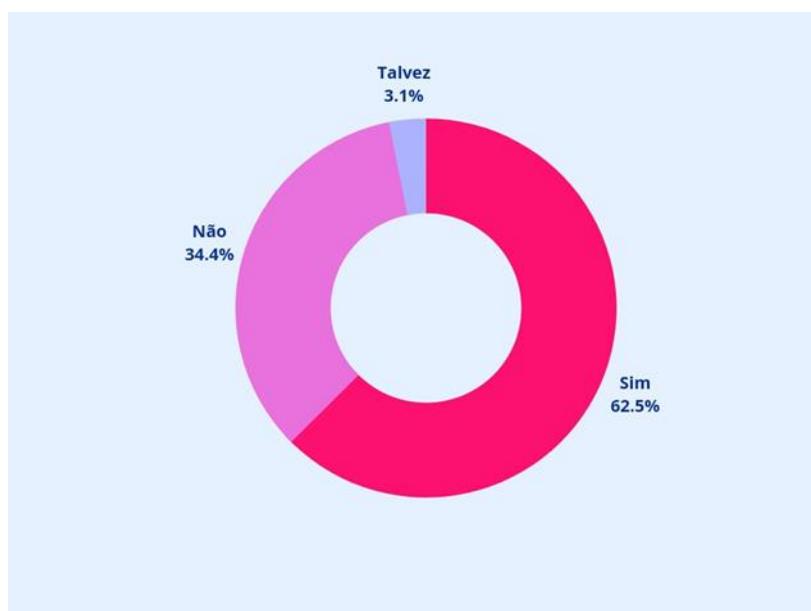
Se sim, qual?

7 respostas

Fundos e Previdência
Popança, invesgimento no tesouro e aplicação no investimento de renda fixa pela C6
poupança
Uma loja virtual no site da shoppe.
Nao possui
Ações , cdb
CDI e CDB, ou seja, atualmente só na renda fixa. Ainda não sinto ter estudo suficiente para investir em renda variável.

Os brasileiros não possuem a cultura de investimentos e podemos confirmar essa afirmação observando esse gráfico pois 81,3% dos entrevistados não possuem nenhum tipo se investimento.

11 – Um estudo realizado pela Sociedade Brasileira de Varejo e Consumo (SBVC), informou que cerca de 61% dos clientes que compram online aumentaram durante o isolamento social. Você se inclui nessa categoria?



O isolamento social mostra como a cultura consumista do Brasil é grande, mesmo sem ter nenhuma base ou instrução financeira e confirmando a nossa teoria, 62,5% dos entrevistados responderam que "Sim".

Conclusão e Recomendações

Com base nos dados da pesquisa podemos observar que um dos grandes fatores da inadimplência financeira é a alta do desemprego, já que muitos por desconhecimento ou falta de organização e planejamento financeiro não tiveram como honrar seus compromissos, pois não possuíam reservas para cobrir seus gastos em uma eventual emergência.

A educação financeira tem por objetivo ajudar jovens a iniciar seu planejamento futuro, aprendendo a lidar com dinheiro e toda sua dinâmica, mostrando-lhes o impacto positivo ou negativo de suas escolhas. Falar sobre a vida financeira é também falar sobre saúde mental, lazer, diversão e bem-estar.

Nós queremos incentivar jovens a buscar o conhecimento financeiro, blogueiras como Jade Picon, onde aos 20 anos são empresárias, muitas vezes cresceram com todo o privilégio de ter um bom professor para ensiná-las. Mas a maioria dos estudantes universitários que responderam nossa pesquisa não obtiveram desse privilégio, então, como recomendação, temos alguns influenciadores para pessoas de baixa renda conseguirem lidar melhor com a sua situação financeira. São eles: Nath Finanças, Graninhas e Boletinhos, que nos ajudam de forma descontraída a distribuir nossos gastos e conseguir ter uma vida prazerosa, mesmo não tendo as melhores condições financeiras.

Referências

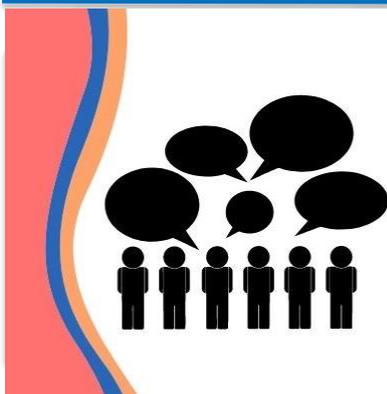
MARQUES, Flávia. Cresce número de jovens inadimplentes. Especialista explica o porquê. Exponencial, 2021

CUNHA, Simone. Estresse financeiro causa problemas na atenção e memória; como gerenciar. Viva Bem uol, 2020

BROTERO, Mathias. Mais de 600 mil pequenas empresas fecharam as portas com coronavírus. CNN Brasil, 2020

PAPP, Anna Carolina, GERBELLI, Luiz Guilherme e MIDDLEJ, Aline. Em um ano de pandemia, 377 brasileiros perderam o emprego por hora. G1, 2021

MELLO, Evandro. Como a educação financeira pode melhorar a vida de jovens brasileiros. Estadão, 2021



LEITORES BRASILEIROS NA ATUALIDADE

*Ana Paula Dias, Larissa Rodrigues da Silva,
Maria Alice Almeida, Renata Evelyn Moraes*

Introdução

“A Leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas por incrível que pareça, a quase totalidade, não sente esta sede.”

(Carlos Drummond de Andrade)

Sabemos que a leitura é muito importante na vida dos indivíduos, independentemente da idade. É através da leitura que construímos conhecimento e por consequência um pensamento crítico sobre todas as coisas. A leitura estimula o vocabulário, o raciocínio, a concentração, a criatividade, o senso crítico, e ainda melhora a habilidade de escrita do leitor. (REDE ICM, 2020). Vale ressaltar que, uma boa leitura engloba todos os livros de todos os tipos, não apenas os acadêmicos e/o de autores considerados como grandes pensadores intelectuais. Livros considerados “bobos” ou com “histórias superficiais de amores impossíveis” podem ser a porta de entrada para que jovens leitores avancem no mágico mundo da leitura.

Apesar de todos os benefícios que a leitura traz para o indivíduo, no Brasil o hábito de ler vem caindo no decorrer dos anos. A 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró Livro em parceria com o Itaú Cultural divulgada em 2020, com dados colhidos entre 2015 e 2019, mostra que a porcentagem de leitores caiu de 56% para 52%, enquanto os não leitores representavam 48% da população, o que equivalia a 93 milhões de brasileiros. (DINIZ, 2020).

Sabendo disso, o grupo resolveu fazer uma pesquisa para saber os motivos e as causas para esse declínio no número de leitores.

Justificativa

Como vimos anteriormente, o número de leitores brasileiros sofreu uma redução nos últimos anos. Então, começamos a nos perguntar o que poderia estar acontecendo para essa queda tão acentuada.

Vivemos numa sociedade onde tempo é considerado dinheiro, todos estão tão atarefados que, às vezes, 24h no dia não dão conta de todos os afazeres. Seria esse um motivo para enfraquecer o hábito de leitura de um indivíduo? Ou por causa da internet? Ou então o motivo seria o preço dos livros?

Foi pensando em todas essas justificativas, que o grupo resolveu fazer uma pesquisa para saber o porquê do declínio ao longo dos anos.

Objetivos

O objetivo principal desse trabalho foi identificar as causas da queda e o que pode ser feito, individualmente por cada leitor que respondeu à pesquisa, para que isso possa ser reversível e o hábito da leitura voltar a crescer.

Quando expressamos possíveis motivos para um “problema”, fica mais fácil de identificar o que pode ser feito para reverter e voltarmos ao que era anteriormente. Às vezes uma pessoa que lia com frequência, acaba perdendo o hábito de leitura sem ser dar conta totalmente dessa perda.

E o objetivo dessa pesquisa e do questionário aplicado foi mostrar para os entrevistados que podem existir mil motivos para deixar de ler, ou ler menos nos dias atuais, mas que com um pouco de planejamento, o livro pode voltar para a vida dessa pessoa gradualmente, e de forma contínua.

Procedimentos Metodológicos

Os procedimentos metodológicos desenvolvidos pelo grupo se deram através do desenvolvimento de um questionário que possibilitasse um melhor entendimento sobre o perfil dos leitores que compõem a sociedade brasileira, visando entender por quais motivos ao longo do tempo houve uma queda no hábito de leitura por parte da sociedade.

Para conseguirmos analisar os dados, foi elaborado um questionário com questões de cunho quantitativo possibilitando observar, através de gráficos, a média de idade em que as pessoas tiveram contato com seu primeiro livro, os ambientes onde geralmente ocorreu algum incentivo de leitura, qual instrumento tecnológico foi mais utilizado para o auxílio da atividade e também se estes se consideravam leitores vorazes ou não. Também foram feitas perguntas de cunho qualitativo, com respostas discursivas, focadas exatamente em saber por quais motivos essas pessoas foram perdendo o hábito de leitura.

Procuramos entender se esse processo se deu por questões econômicas como aumento no preço dos livros, ou se aconteceu de forma gradativa, seja por falta de tempo no cotidiano ou pelo interesse dos indivíduos estar destinado a outras atividades, tais como o uso do celular e redes sociais. Optamos por fazer perguntas diretas, com blocos de opções nas respostas para que o resultado fosse obtido de forma também direta. Além disso, foi questionado de forma mais abrangente o tipo de gênero textual preferido por cada participante e de que forma ele acha que poderia melhorar o seu hábito de leitura, abrindo discussão para várias soluções propostas pelos entrevistados.

Ao fazer esse reconhecimento sobre possíveis soluções, destinamos nossa pesquisa a um grupo amplo de pessoas, sendo o único pré-requisito ser um leitor, não necessariamente um leitor ativo, mas alguém que leia, visando “aprofundar a indagação, envolvendo os estudantes nesse processo – formular questões, aplicar questionários e analisar os resultados,

compartilhá-los com outras pessoas e eventualmente propor ações para incidir sobre as temáticas investigadas”, como previsto no NEPSO (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2009, p.19)

População

Total de 70 (setenta) jovens e adultos maiores de 12 anos que possuíssem qualquer tipo de hábito ligado à leitura.

Amostra e Técnica de Amostragem

Foram obtidas respostas de 54 (cinquenta e quatro) pessoas, possibilitando que a análise fosse concluída. Foi utilizada a técnica de amostragem aleatória simples, num prazo estipulado de dois dias para cada participante responder o questionário.

Instrumentos de coleta de dados e estratégia de aplicação do instrumento

A coleta de dados deste formulário foi desenvolvida via a plataforma digital do Google (Google Forms), através de gráficos e respostas dissertativas.

Os locais de compartilhamento do questionário, devido ao cenário de pandemia, foram feitos por vias digitais, tais como Grupos acadêmicos e relacionados à disciplina de estatística no Facebook e também, grupos de WhatsApp com pessoas do ciclo de convívio de cada integrante do grupo que estivessem dispostas a participar e atendessem ao pré-requisito de ser um leitor.

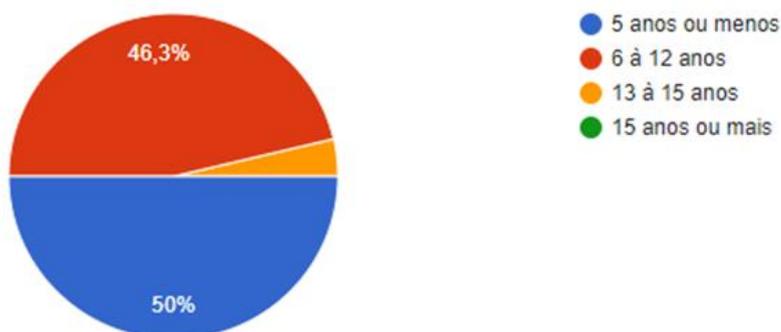


Descrição dos Dados e Análise dos Resultados

Começamos a pesquisa questionando qual havia sido a idade do público-alvo em seu primeiro contato com um livro, resultando assim em um gráfico quase dividido igualmente entre “5 anos ou menos” e “6 a 12 anos”, com somente duas pessoas marcando a opção “13 a 15 anos”.

Com quantos anos você foi apresentado ao seu primeiro livro?

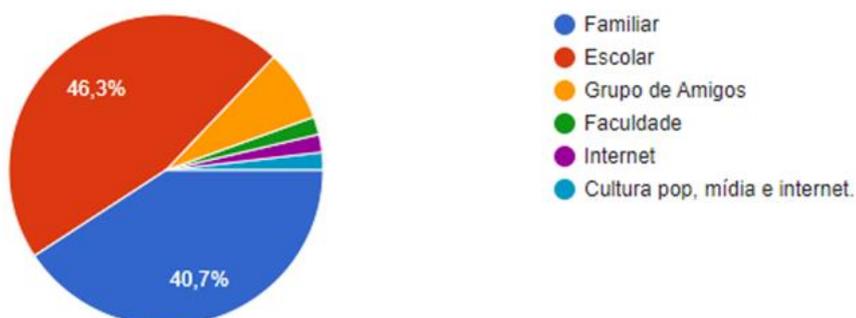
54 respostas



O ambiente em que criamos o hábito de leitura é muitas vezes crucial em como e quanto vai nos impactar, inclusive nos estilos e gêneros literários que seguimos consumindo. Por isso esse incentivo é a segunda pergunta do formulário que resultou novamente em duas respostas predominantes (ambiente escolar com 46,3% e familiar com 40,7%), porém agora com algumas variações, como mostra o gráfico abaixo:

Qual ambiente você considera que houve maior incentivo para a criação do hábito de leitura?

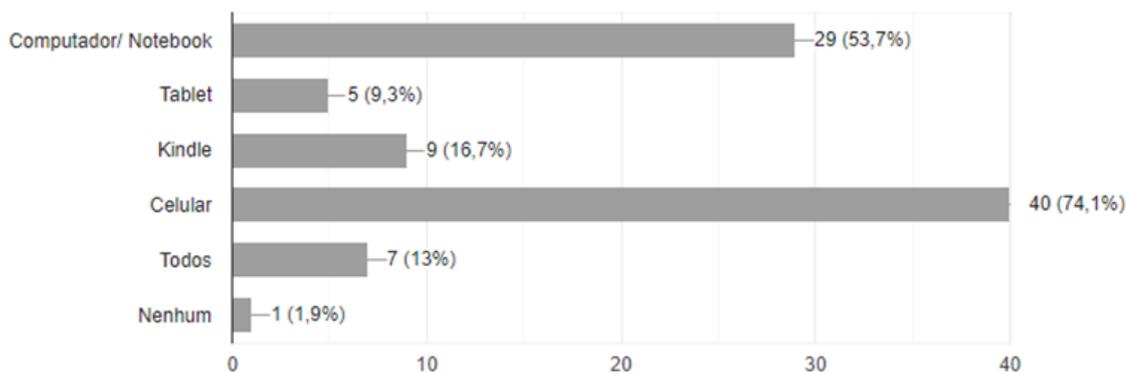
54 respostas



Com a chegada da tecnologia e o fato dela ser cada dia mais avançada, há diversos aparelhos eletrônicos que usamos como alternativa a livros físicos. Na próxima questão pedimos para responder qual seria o mais utilizado para esse auxílio e conseguimos um resultado um pouco mais diversificado, apesar de ter o celular ocupando 74,1% do gráfico:

Marque os aparelhos que te ajudam a ter acesso a leitura:

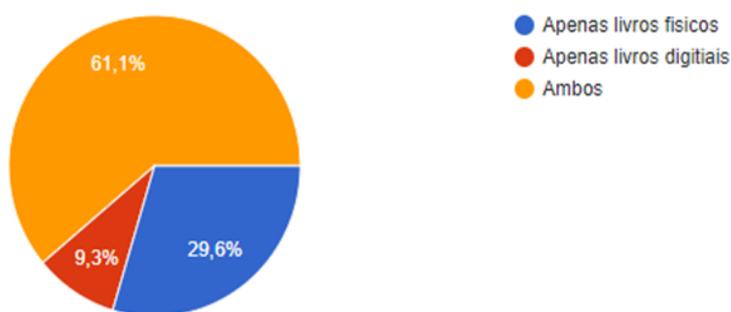
54 respostas



Ainda no debate sobre livros físicos e digitais, 61,1% disseram consumir de ambos os jeitos, porém os livros físicos ainda são predominantes acima dos digitais mesmo na era tecnológica em que vivemos, ocupando 29,6% do gráfico como mostra abaixo:

Você costuma consumir livros físicos e/o digitais?

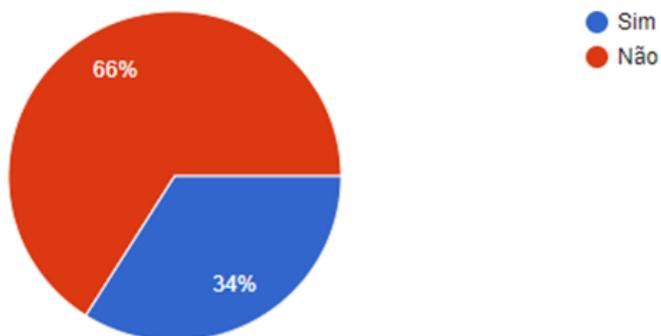
54 respostas



Na pergunta “você se considera um leitor voraz?” a maioria negou. Ao fim a análise do gráfico demonstrou que 66% do público-alvo possui um hábito de leitura mais lento.

Você se considera um leitor voraz?

53 respostas



Sobre gênero literário deixamos as respostas em aberto, sem escolhas para demarcar a preferência do público e assim recebemos diversos gêneros, entre eles os mais citados sendo romance e ficção. Seguem abaixo algumas das respostas recebidas:

De qual(ais) gênero(s) de leitura você mais gosta?

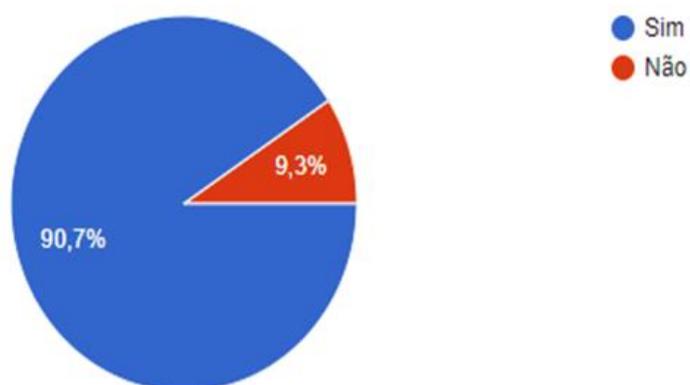
53 respostas

romances e históricos
exotéricos, ficção e aventura
não ficção
Ficção e fantasia
Romance, poesia.
Suspense, policial e romance.
Educacionais e ficção
Suspense, Drama, Romance, Biografias, Investigação, Ficção Científica
Romance, ficção-científica e suspense
Fantasia
romance, infanto juvenil, fanfiction e ficção científica
ficção
sci-fi
Policial
ficção
Romance, terror e ficção distópica
Romance
Fantasia, Drama, Terror e Romance

Com a pandemia e todas as consequências da mesma além de outros fatores como a maior dependência tecnológica, nessa questão resolvemos perguntar sobre a frequência de leitura, obtendo o gráfico abaixo:

Você sente que tem lido menos?

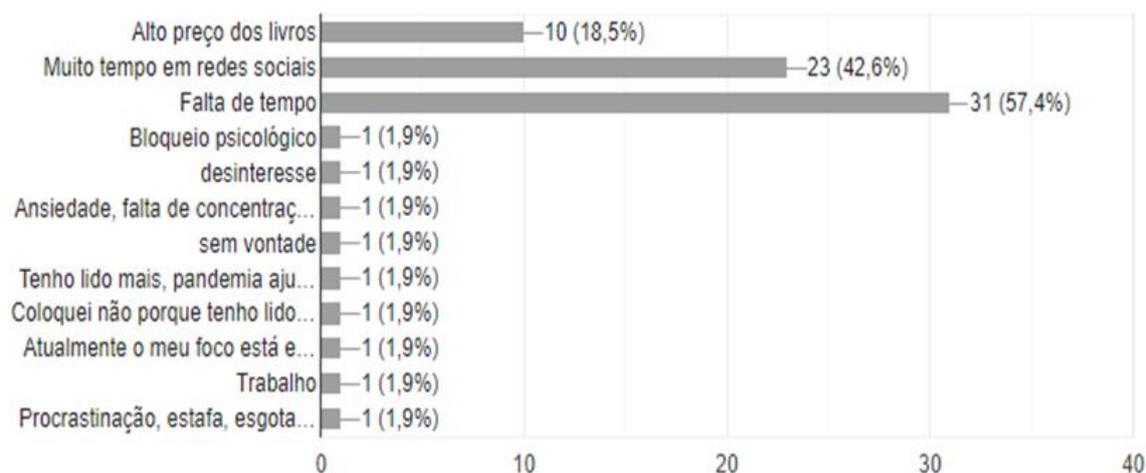
54 respostas



Agora, voltando aos fatores da diminuição desse hábito de leitura, recebemos diversas justificativas, com a falta de tempo ocupando 57,4% do gráfico:

Se sim, por quais fatores?

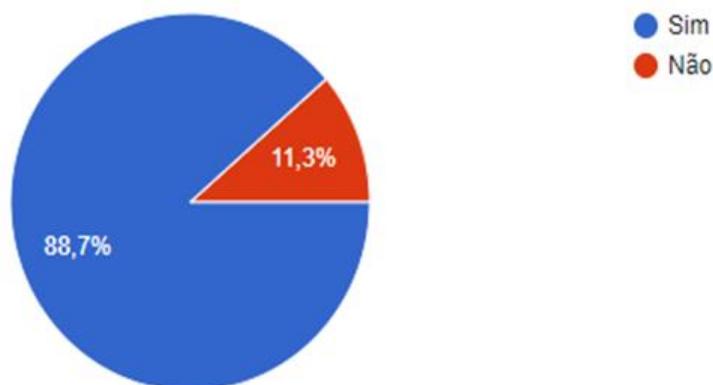
54 respostas



Mesmo com a menor frequência de leitura do público do formulário em debate, pelo menos 88,7% leram algum livro no último ano, como mostra o gráfico abaixo:

Você leu algum livro nos últimos 12 meses?

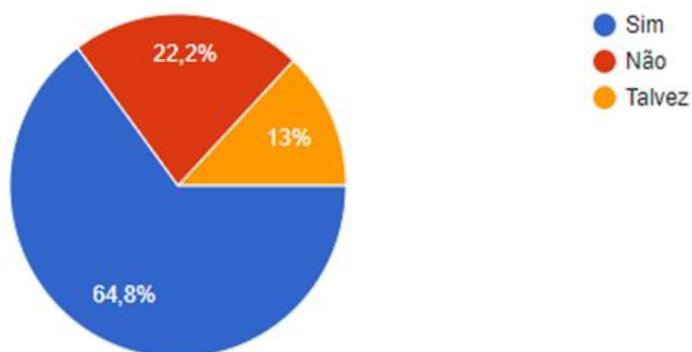
53 respostas



Como vivemos constantemente no celular, esse uso exacerbado impacta em muitas áreas do nosso dia a dia então é apenas lógico que teria sua parcela em nossa concentração e tempo para leitura de livros. E isso foi questionado no gráfico a seguir, no qual 64,8% responderam que sim, o uso do aparelho impactou no hábito de leitura.

Você sente que seu hábito pela leitura diminuiu com o uso frequente do celular?

54 respostas



Como última questão, resolvemos deixar novamente em aberto ao perguntarmos maneiras de aumentar esse hábito e empregá-las em nosso cotidiano. Algumas das respostas se encontram abaixo:

O que você acha que pode fazer para recuperar o hábito da leitura no seu cotidiano?

54 respostas

Primeiro admitir e buscar o motivo pelo qual não estou lendo, depois aos poucos me permitir demorar numa leitura até voltar ao normal.

Disciplina

Organizar melhor o meu tempo, para que tenha mais disponibilidade na semana para ler.

Mais tempo

Gestão do tempo.

Comprar livros físicos

Tentar organizar o tempo para voltar a ler

meter a cara em algum livro que já li

não tenho ideia, talvez diminuir o tempo na internet.

Focar em ler livros digitais me ajuda bastante

Buscar mais variedades de obras

Ter mais tempo livre e procurar indicações de leitura.

Encontrar mais tempo na correria do dia a dia para me dedicar à leitura.

Dar mais atenção e prioridade à esse tipo de lazer. Pois o que mais me tira a concentração é o celular, então deixando ele longe ou desligado, eu conseguiria ler mais frequentemente.

Achar um livro que prenda a minha atenção

Ter mais tempo para ler

empenho

Usar o celular como ferramenta de leitura

A nossa pesquisa teve como objetivo final identificar as possíveis causas para a diminuição do hábito de leitura entre os leitores brasileiros. Porém para identificar essa questão, precisamos primeiro conhecer o perfil dos leitores.

Identificamos que a maioria dos entrevistados, cerca de 50%, teve contato com o primeiro livro a partir dos 5 anos de idade. Isso é um número muito positivo, pois sabemos os benefícios da leitura e o quanto ela pode auxiliar na imaginação das crianças nessa faixa etária de vida. Também foi identificado que, o ambiente que mais impactou para que criasse um hábito de leitura foi a escola, com cerca de 46% das respostas. Porém, não podemos deixar de destacar que grande parte dos entrevistados teve incentivo à leitura em casa, obtendo assim 40% das respostas.

Vivemos em uma era digital, cada vez mais os celulares e computadores estão presentes no nosso dia a dia, então, era de se esperar que o uso da tecnologia auxiliasse no crescimento do hábito de leitura. Mesmo sabendo que, de acordo com os entrevistados, o aumento da leitura não aconteceu na prática, os números mostram que os aparelhos eletrônicos ajudam o leitor a ter mais acesso aos livros. Cerca de 74% das pessoas responderam que o celular ajuda a ter acesso à leitura. Mesmo com a facilidade da leitura pelo celular e/ou computador, 29% dos entrevistados ainda preferem os livros físicos.

Seguimos na pesquisa ainda buscando conhecer um pouco mais da preferência dos entrevistados em relação a sua leitura. Primeiro perguntamos se eles se consideram um leitor voraz, e cerca de 66% responderam que não. No segundo momento foi questionado quais os tipos de leitura que mais gostam de consumir, e a maioria das respostas foram livros de romances, suspenses e ficção.

A partir desse momento a pesquisa visou identificar as causas da queda na leitura. Perguntamos então, se os entrevistados sentem que estão lendo menos com o passar do tempo, e, como era de se esperar, 90% responderam que sim. Apesar disso, 88% dos entrevistados afirmaram ter lido, pelo menos, um livro nos últimos 12 meses. Com o número grande de respostas positivas, foi questionado se, o uso frequente do celular pode ser uma das possíveis causas para a diminuição da leitura, e 64% afirmaram que sim. Em seguida pedimos para que sinalizassem outros possíveis motivos para que essa redução ocorresse, e as respostas mais frequentes foram: falta de tempo (57%), muito tempo em redes sociais (42%), e o alto preço dos livros (18,5%).

Depois de identificar as causas, resolvemos perguntar o que poderia ser feito, individualmente, para que o hábito de leitura voltasse a estar presente no dia a dia do leitor, e as respostas que mais se repetiram foram: organizar melhor o seu tempo, evitar usar o celular e ficar menos em redes sociais.

Conclusão e Recomendações

Com a realização e êxito da pesquisa, pudemos concluir e analisar alguns pontos positivos e negativos existentes na relação entre leitura e tecnologia, a fim de entender as funcionalidades e conseqüências dessas ferramentas no desenvolvimento dos hábitos de leitura atuais.

O uso de novas tecnologias realmente pode propiciar um maior acesso às plataformas de leitura e uma variedade de opções a um clique de distância. Dentre o grupo de pessoas que se consideravam leitores assíduos, a grande maioria afirmava utilizar ambas as opções (livros digitais e físicos) como ferramentas de acesso a leitura, expressando como as novas tecnologias podem ser aliadas para facilitação do acesso às diversas obras literárias.

Porém também foi possível perceber que a grande maioria dos entrevistados sentem que estão lendo menos por conta do uso do celular e os principais fatores apontados por eles são justamente a falta de tempo e a quantidade excessiva gastas em redes sociais.

O celular, por exemplo, oferece milhares de opções que podem distrair o indivíduo e ocasionar um afastamento do hábito de ler: causando dificuldades de concentração e interesse na literatura.

Para a leitura de livros físicos, nossa principal recomendação é manter o celular desligado ou distante durante essa atividade, evitando assim distrações. Quanto aos exemplares digitais, embora a utilização do aparelho como ferramenta de leitura limite a precaução anterior, apenas o desligamento das notificações das redes sociais já será eficiente para a diminuição das distrações.

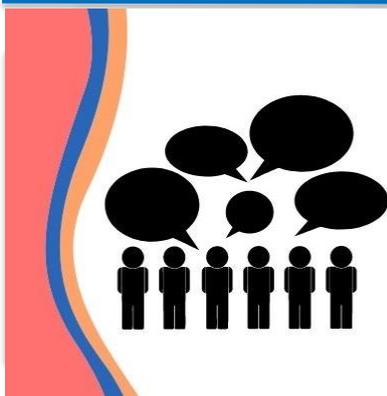
Para quem consome ambas as opções seriam muito interessantes a criação de um momento reservado para o exercício da leitura, reservando e estipulando um tempo diário para tal, inserindo-a como parte efetiva do cotidiano.

Referências

DINIZ, Tatiana. Retratos da cultura: um país que lê menos. Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/noticias/retratos-leitura-pais-le-menos>.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor. 2 ed. São Paulo: Global, 2002.

REDE ICM. A importância de se cultivar o hábito de leitura, 2020. Disponível em: <https://www.redeicm.org.br/purissimo/a-importancia-de-se-cultivar-o-habito-da-leitura/>.



USO DO PRONOME NEUTRO

*Beatriz Passos Guimarães Uzêda,
Isabelle Santos Costa Sgarbi Goulart,
Maria Beatriz Martinez Figueiredo,
Maria Felícia Tavares Lopes*

Introdução

A luta pelos direitos LGBTQIAP+ têm crescido e ganhado grande repercussão nos últimos anos e isso inclui a forma como nos comunicamos. “A língua portuguesa está em mutação a todo momento, mas, diferente de outros idiomas, o nosso segue o padrão binário, ou seja substantivos, adjetivos e pronomes são marcados pelo gênero feminino ou masculino”²¹ (8 de dezembro de 2021). O pronome neutro, assunto do nosso trabalho, busca ser uma terceira opção, fora da binaridade de gênero e que, assim sendo, serviria para aqueles que se identificam fora dos extremos masculino e feminino, indivíduos cujo gênero está contido na não binaridade e que se veem invisibilizados devido a maneira como a binaridade de gênero afeta nossa língua.

Como demonstrado pela reforma ortográfica de 2009, alterações no idioma são algo a ser deliberado extensamente antes de serem consideradas para implementação e, se implementadas, essas mudanças levam anos para serem absorvidas de fato pelos falantes da língua, mesmo que a norma oficial tenha mudado. De fato, se uma mudança oficial da norma ortográfica a respeito do uso de pronomes neutros viesse a ser introduzida, isso não necessariamente se traduziria como implementação e uso cotidiano da língua falada, já que uma quantidade significativa da população não teria acesso à informação sobre pronomes não binários ou não possuiria a necessidade de utilizar a linguagem neutra. Logo, é possível prever como um assunto como a adição de uma nova configuração de pronomes e os detalhes que tal implementação presumem seria um tópico complexo e com uma pletera de perspectivas bem distintas, desde como a língua portuguesa já é neutra o suficiente até como uma mudança gradual seria a melhor maneira de incluir linguagem neutra ao nosso idioma.

A Neo Linguagem, ou Linguagem Neutra, propõe alterações e acréscimos de palavras no idioma, como é o caso de um dos sistemas mais utilizados onde as vogais “a” e “o” no final dos pronomes são substituídas por “u”. Em lugar de dizer “ele” ou “ela”, diz-se “elu”. Já em palavras terminadas em “a” ou “o”, troca-se essas vogais pelo “e”, como em “linde”, “tranquile”, “namorade”. As primeiras tentativas de inserir a linguagem neutra no cotidiano foram usando o “x” ou o “@”, mas deixaram de ser usados porque são difíceis de pronunciar

²¹ Pronome neutro no Enem: ele pode ser usado na redação? Disponível em: <https://vaidebolsa.com.br/blog/enem/pronome-neutro-no-enem/>

e prejudicam a leitura de quem é deficiente visual ou neuro diverso. O Brasil está longe de ser o único ou o primeiro país em que ocorre esse movimento de neutralização da linguagem. Em países como Portugal, Suécia, Argentina, Estados Unidos e Canadá já existem há décadas movimentos direcionados a institucionalização e legitimação da linguagem neutra e outras línguas já possuem os pronomes pessoais neutros como norma, tais como o alemão, o polonês, o servo-croata, o romeno, o bielorrusso, o ucraniano e outros.

Justificativa

Por ser um tema extremamente atual e polêmico, onde até mesmo pessoas que concordam ou discordam com uso do pronome neutro, diferem entre si pelos seus motivos para gostar ou não de sua aplicação, nosso grupo optou por pesquisá-lo sem julgar as opiniões dos respondentes, apenas analisá-las para obter uma melhor informação sobre como docentes, discentes e ambientes acadêmicos recebem a ideia.

Objetivos

Tivemos como objetivo observar e compreender como a rede de discentes e docentes das faculdades públicas e privadas da cidade do Rio de Janeiro estão engajados no tema. Além de perceber como os mesmos pensam e se expressam sobre os impactos de uso e os possíveis desdobramentos dessa nova linguagem neutra nas diferentes regiões/zonas da cidade.

Procedimentos Metodológicos

Buscamos analisar o tema proposto da melhor forma possível e sem que nossas opiniões pessoais trouxessem alguma interferência na pesquisa de opinião. O trabalho foi pautado na análise de textos e falas de especialistas sobre o tema, em notícias e nos dados e opiniões arrecadados dos docentes e discentes por meio do formulário (Google Form), divulgado nas redes sociais (WhatsApp e Facebook) e elaboramos gráficos que podem demonstrar os resultados obtidos e facilitam o estudo sobre o caso.

O método utilizado foi por amostragem de opinião. Diferentemente da qualitativa, nosso objetivo foi a partir das perguntas garantir maior precisão, que representasse a população escolhida. Portanto, podemos afirmar que nossa pesquisa se encaixa no método quantitativo.

População, amostra e técnica de amostragem

A população escolhida foi de docentes e discentes de faculdades públicas e privadas de diversas áreas da cidade do Rio de Janeiro. Como amostra usamos os discentes que trabalham ou trabalharam recentemente em instituições públicas ou privadas, através de amostras não probabilísticas.

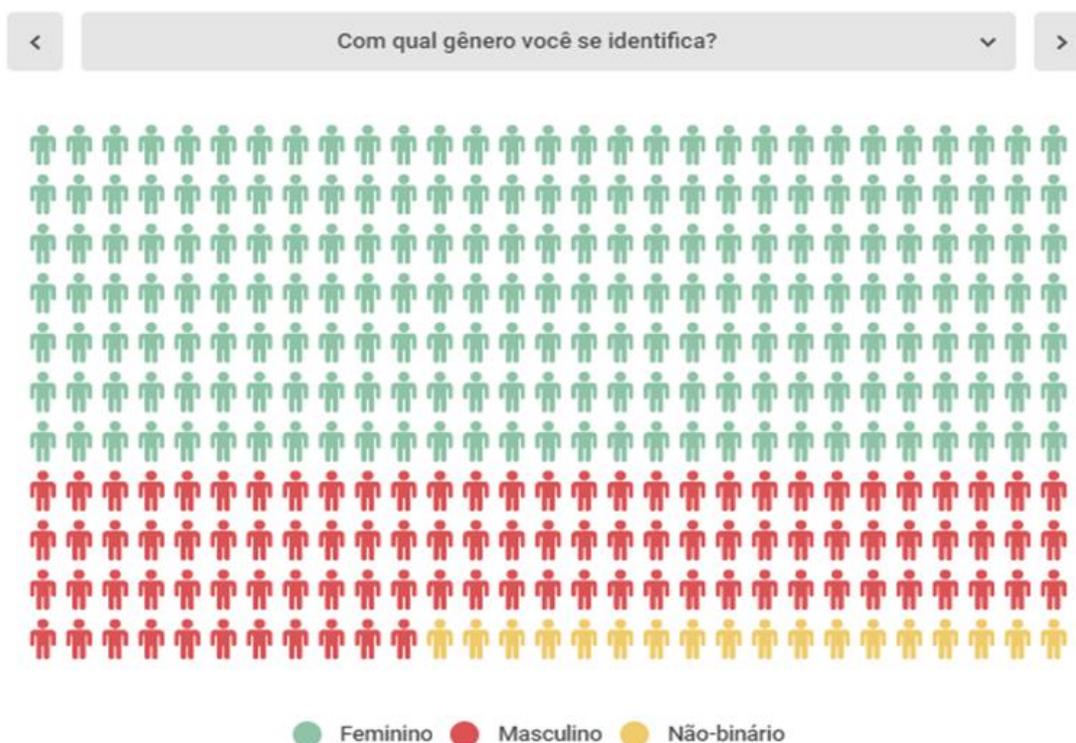
Por ser de caráter exploratório, com finalidade de captar e provocar nos entrevistados um posicionamento sobre o tema trabalhado, a pesquisa é qualitativa. Aceitamos apenas as respostas aleatórias dentro da população estipulada durante o período de 10/12/2021 e 12/01/2022.

Instrumento e Estratégia de Coleta de Dados

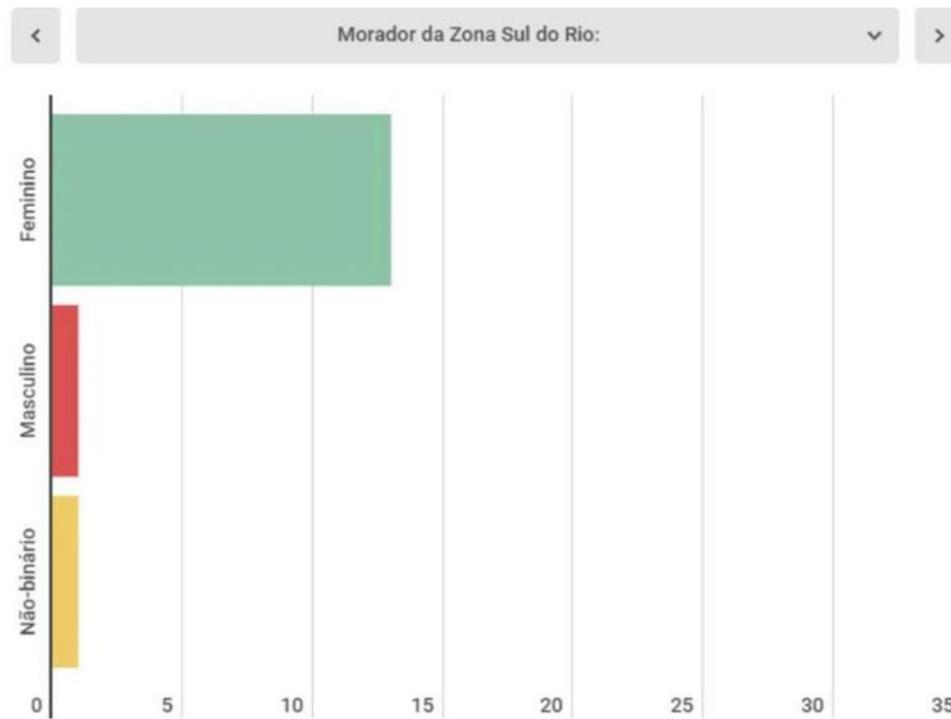
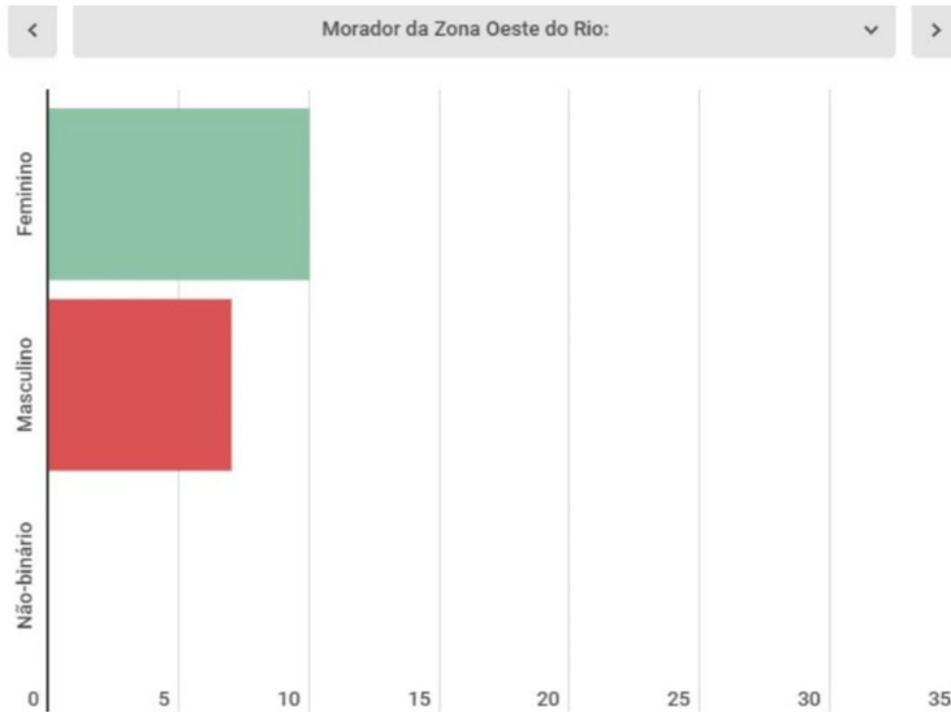
Utilizamos o formulário do Google Forms e, através das divulgações nas redes sociais WhatsApp e Facebook, alcançamos o nosso público-alvo.

Descrição e Análise dos Dados

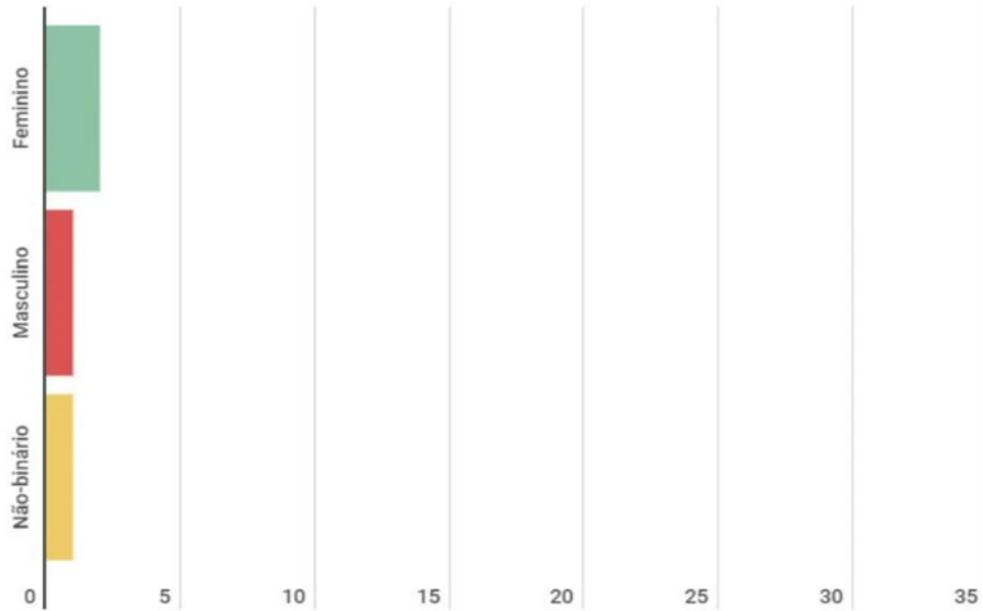
O perfil dos entrevistados foi traçado tomando como base os objetivos da pesquisa. Por meio da primeira pergunta, procuramos abranger a diversidade de gênero, ou seja, as infinitas formas expressão e identidade independente do seu sexo biológico. Sendo assim, algo que parte do entendimento de cada um sobre si mesmo, por isso em nosso questionário colocamos a possibilidade de optar por “prefiro não dizer”.



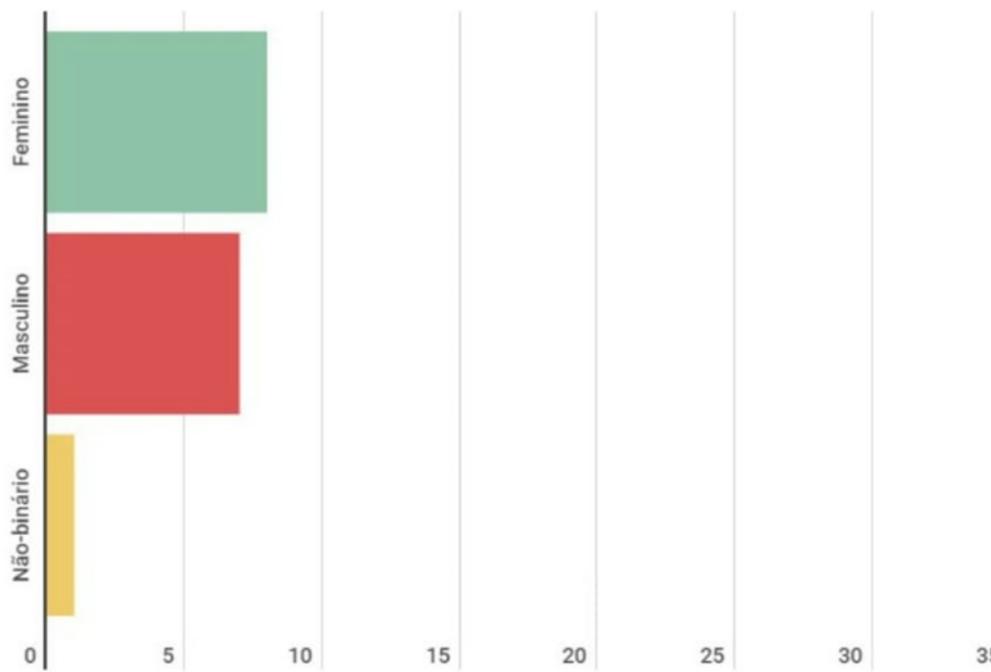
Também procuramos diferenciar os respondentes pelas 4 zonas da cidade do Rio de Janeiro, sendo elas oeste, sul, central e norte. Além de identificar os alunos de faculdades públicas ou particulares e entre eles os que trabalham e os que estudam, tanto em instituições públicas quanto privadas. Dessa forma, conseguimos alcançar pessoas de diferentes realidades sociais e a sua reação a presença ou a falta de procedimentos que sejam considerados inclusivos ao gênero neutro.



< Morador da Zona Central do Rio: ▾ >



< Morador da Zona Norte do Rio: ▾ >



Ao questionarmos se conheciam alguém que se identificasse como não binário, a maioria (51,9%) marcou "não", o que poderia explicar a confusão e o estranhamento relatado nas respostas da pergunta seguinte "Qual a sua opinião sobre o uso dos pronomes neutros?" No geral, as respostas estavam bem equilibradas entre os que são contra, a favor e indiferentes.

"Acho que soa estranho na fala e na língua, mas dá para se acostumar."

"Sinto que preciso me aprofundar mais sobre essa questão. Contudo levando em consideração as disputas colocadas e como é importante as definições, conceitos e nomeação na academia e na sociedade e sobretudo na política é de extrema importância e necessário o debate."

Já nas duas perguntas de opinião seguintes, podemos notar uma polarização um pouco maior nas respostas. Ao questionarmos sobre em quais situações seria válido o uso da linguagem neutra, uma quantia considerável descarta o uso em qualquer situação e outra pensa que o uso deva ter certas restrições, como o ambiente acadêmico ou outras situações e ambientes formais.

Quando a pessoa se identifica como não binário/gênero fluido.

Social

Faculdades, escolas, trabalho

Todas

Em nenhuma

Não vejo necessidade

Situações não formais

Situações que antecedem a escrita do nome.

Em todo tipo de socialização

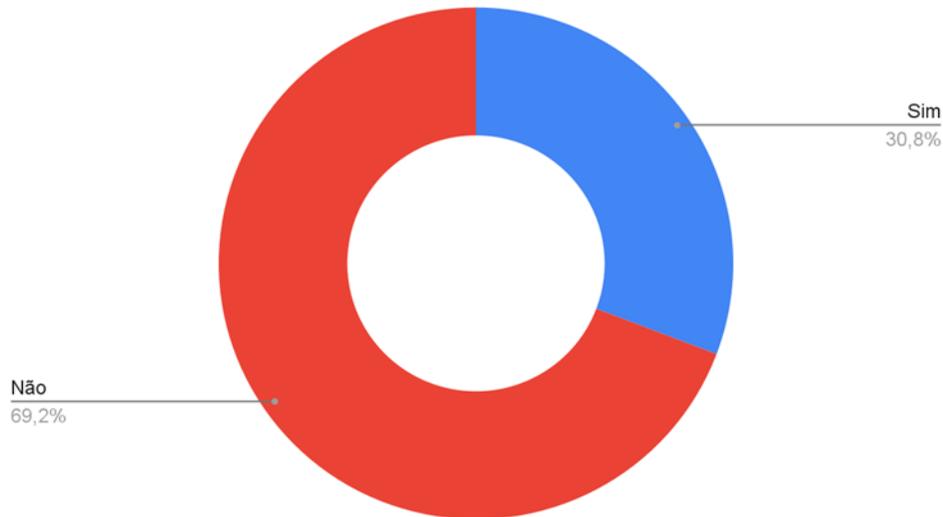
Quando expomos a fala de uma professora de português que se opõe ao uso dessa Neo Linguagem e explica a redundância no âmbito gramatical, a mesma polarização acontece nas respostas.

"Não gosto dos argumentos. Comentar tudo daria uma tese, mas acredito ser radical, conservador apenas, sem argumentos válidos."

"Não vejo nenhum erro na imagem, apenas uma professora de língua portuguesa explicando sobre a maneira correta de falar. O povo que adora ver coisa onde não tem."

Ao final do questionário, perguntamos se os ambientes acadêmicos ou de trabalho que a pessoa frequenta faz uso da "língua neutra" ou adotaram medidas nesse sentido, esse foi o resultado:

Os ambientes acadêmicos ou de trabalho que você frequenta, fazem uso da "língua neutra" ou adotaram medidas nesse



Logo em seguida, caso a resposta fosse "sim", pedimos para que dessem exemplos do que foi feito nesses ambientes:

"Começaram a colocar "e" no final das palavras"

"No ambiente acadêmico, dentre outras práticas, os espaços de reflexão a partir dos docentes e textos que temos acesso disponibilizados por estes são de extrema importância."

"Os professores da minha faculdade começaram a se dirigir aos alunos nos e-mails por pronomes neutros para serem mais inclusivos então tipo "bem vindes todes."

Entre esses 69% que relatam os espaços citados como não fazendo uso da linguagem neutra, na parte discursiva da questão muitos afirmam que os pronomes neutros são usados de forma mais social nas faculdades como em grupos ou outras redes sociais com professores, e poucas vezes de forma institucional, ou seja, em postagens oficiais, e-mails, etc

Conclusão e Recomendações

A partir da análise das respostas adquiridas na nossa pesquisa sobre o uso do pronome neutro, é possível observar que grande parte das pessoas que concordam com tal uso, usaram

a justificativa de que a língua é viva e está em constante mudança, além de gerar uma maior identidade social e incluir esse grupo. Por outro lado, os que discordam da linguagem neutra justificam sua opinião a partir da fala de que a língua portuguesa já inclui, por isso é neutra. Para essas pessoas, essa nova forma de escrever prejudica a língua, já que, no Brasil, temos um índice preocupante de analfabetismo e que muitos cidadãos, principalmente pobres ou do interior, não teriam acesso a esse novo gênero. Outro ponto que também pudemos observar é que a maioria dos que discordaram do uso da linguagem neutra são alunos do gênero masculino. E por último, um ponto importante analisado, é de que a maior parte dos estudantes que concordam com o uso dos pronomes neutros, acreditam que esses devem ser utilizados em qualquer situação, seja ela formal, informal.

Como recomendações para facilitar o entendimento dessa linguagem, nossa sugestão seria a de exibições de vídeos do YouTube que tratam do assunto, especificamente: 'Linguagem Neutra @ELLE Brasil'²², que trata sobre a violência de gênero exercida sobre os não binários pela língua portuguesa e como a linguagem neutra busca a inclusão desse grupo; e 'É errado usar pronome neutro? - Cíntia Chagas'²³, que trata dos desafios inerentes a adoção de todo um novo sistema de pronomes e os adendos relacionados num país com alto índice de analfabetismo, assim como os desafios cotidianos.

É importante lembrar que a não inclusão de uma norma ortográfica que acomode a não binaridade desses indivíduos não implica em sua não-existência ou no não-uso dos pronomes neutros e a linguagem que eles trazem consigo. Pessoas de gênero não binárias que não se sentem confortáveis com os pronomes de tratamento masculinos/femininos existem e se a língua é, de fato, algo que evolui e muda para acomodar a mudança na sociedade, então, em algum momento, a integração de uma linguagem neutra oficial a essa realidade não só deve ser uma possibilidade, mas deveria ser uma eventualidade. Sobretudo, e deixando de lado a discussão sobre as normas oficiais da língua portuguesa, é preciso respeitar a decisão desses indivíduos que escolhem usar pronomes neutros e é preciso provocar discussões sobre o tema com o intuito de disseminar informação e formar opiniões.

Tendo em mente os inúmeros desafios que a reestruturação de uma língua traz, não só para ambientes formais como no campo acadêmico e profissional, mas nas interações cotidianas. No entanto, quase todas as reformas gramaticais da nossa língua começaram no seio da população e o lugar onde vemos o maior uso sobre pronomes neutros e discussão sobre seu papel social na construção da identidade não-binária é com as gerações mais novas e a geração da internet.

²² Linguagem Neutra @ELLE Brasil. <https://www.youtube.com/watch?v=WAzsxxMMIIM>.

²³ É errado usar pronome neutro? - Cíntia Chagas. <https://www.youtube.com/watch?v=A3HCX8i26R0>.

Referências

STARLLES, Wender; DIAZ, Luccas. Linguagem Neutra: bobagem ou luta contra a discriminação? Guia do estudante, 2020. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/linguagem-neutra-bobagem-ou-luta-contra-a-discriminacao/>.

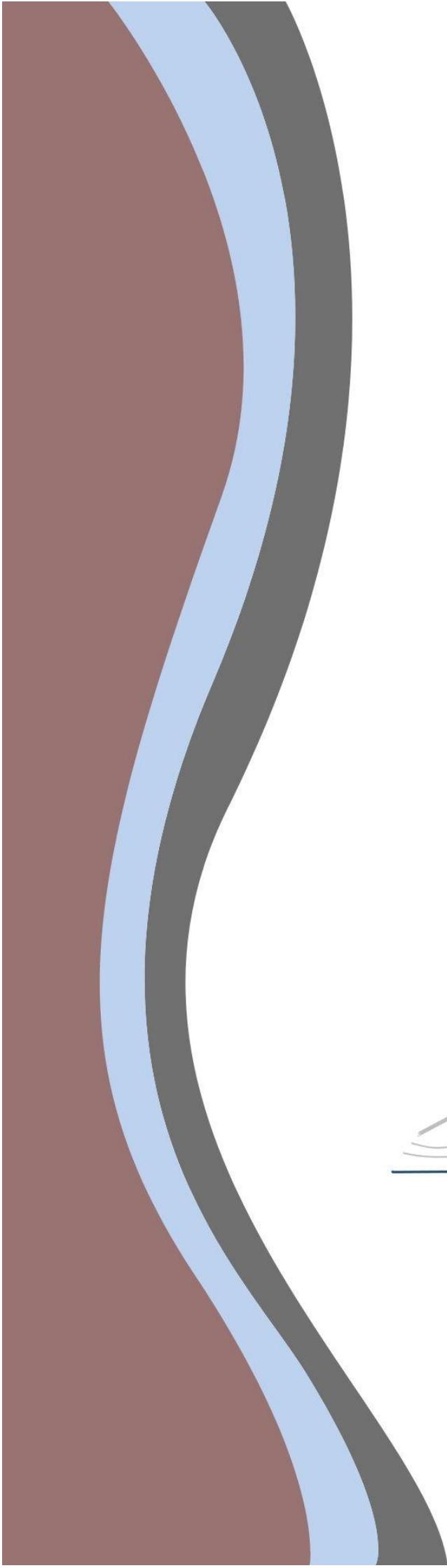
SANTA-BÁRBARA, Filipe. “Comunicação inclusiva.” Governo quer militares a usar linguagem não discriminatória. Portugal: TSF, 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/politica/comunicacao-inclusiva-governo-quer-militares-a-usar-linguagem-nao-discriminatoria-12770652.html>.

SCHWINDT, Luiz Carlos. Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico. Revista da Abralín, 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1709>.

PRONOMES neutros ganham espaço nas ruas, redes sociais e até em empresas. Brasília: Diversity BBOX. Disponível em: <https://diversitybbox.com/pt/pronomes-neutros-ganham-espaco-nas-ruas-redes-sociais-e-ate-em-empresas/>.

“AMBIENTE neutro” e a questão de gênero na escola. Laboratório de Educação, 2017. Disponível em: <https://labedu.org.br/ambiente-neutro-e-questao-de-genero-na-escola/>.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor. 2 ed. São Paulo: Global, 2002.



ESCOLA DE EDUCAÇÃO
30 Anos

